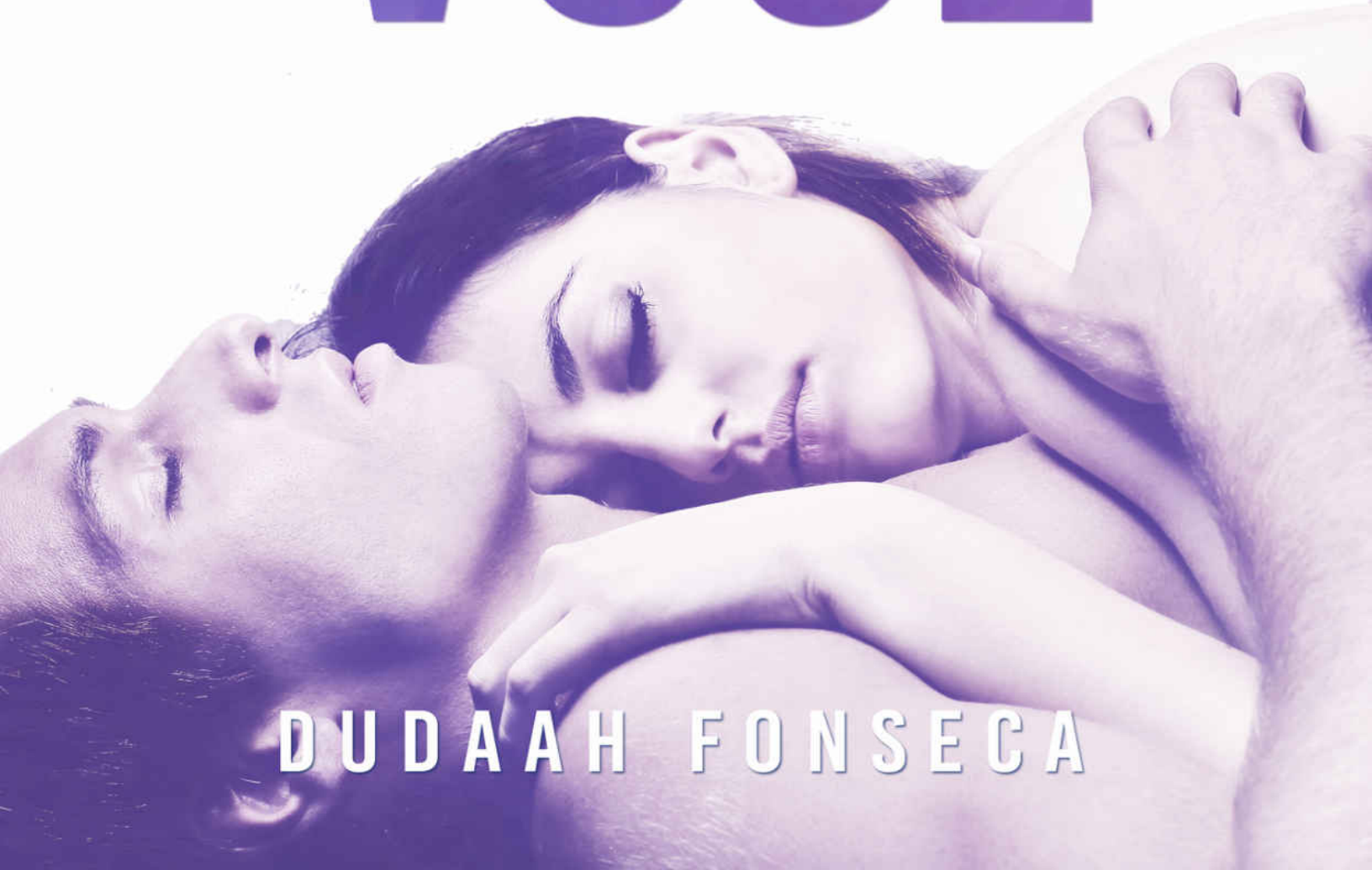


QUERO VOCÊ

A blurred wheelchair is visible in the background, positioned in the upper right quadrant of the image. The image has a soft, purple-tinted aesthetic.A close-up photograph of a man and a woman embracing. The man is on the left, looking towards the woman on the right. They are both smiling and appear to be in a romantic moment. The image is tinted with a soft purple color.

DUDA AH FONSECA



QUERO VOCÊ
Dudaah Fonseca

Copyright © 2020 Dudaah Fonseca

Capa: ML Capas

Revisão: Isabel Ortiz

Diagramação Digital: Dudaah Fonseca

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

CAPÍTULO 1

LAURA GUADALUPE FUAD NAVARRO

No mês passado completei vinte e dois anos. Quando assoprei as velinhas que minha mãe colocou em cima do bolo de chocolate com morango —o meu preferido— fiz o mesmo pedido que faço há dois anos. Pedi a cura da pessoinha mais importante nesse mundo todo: Romeo.

Meus pais e eu sempre vivemos em *El Bolsón*, totalmente longe da cidade. Gosto muito da natureza, aprendi com o seu Vicente explorar os elementos naturais e saudáveis que ela nos proporciona. Nossos dias são rotineiros. Não serei hipócrita ao dizer que não sinto falta de ter convivência com outras pessoas, conhecer lugares novos, participar de eventos populares na cidade.

Nunca fizemos nada disso.

Meus pais decidiram largar tudo que tinham em Buenos Aires para aderirem essa vida pacata. Mesmo assim sempre vejo no olhar deles receio, preocupação, medo. Eles têm seus segredos e escondem a sete chaves. Criaram uma verdadeira redoma ao nosso redor.

—Seu pai irá deixar você no hospital. Hoje não irei te acompanhar, pois preciso terminar de cuidar das duas hortas.

Sorri para a minha mãe, mexendo na panela de carne e queijo que fez para o café da manhã.

Tenho muito dela. Fisicamente somos bem parecidas. Eu sou um pouco mais baixa, contudo, a beleza libanesa veio forte no sangue.

Meu pai adentrou a cozinha limpando as mãos em uma toalha velha, deixando graxa impregnada. Beijou a testa de dona Claudia e piscou para mim. Eles são um casal comum, muito amigos, fazem brincadeiras um com o outro. São tímidos, pois na minha frente só se beijam no canto da boca, na testa e bochecha.

Levantei-me da mesa e abri a mochila que estava em cima do balcão para guardar os sanduíches naturais, garrafa de suco e

barrinhas de cereais que separei para levar. Infelizmente Romeo só pode comer o que está prescrito na sua dieta.

—Os brinquedos e gibis já estão dentro do carro, filha.

—Obrigada, pai. Acho que não estou esquecendo de nada. — murmurei fechando a mochila.

—As roupas novas já lavei e passei. Estão prontinhas. Queria ver a carinha do Romeo olhando suas coisas novas. Principalmente quando ver o casaco de frio do *Homem de Ferro*.

Nos sorrimos. Romeo definitivamente trouxe amor para qualquer espaço vazio que tinha nos nossos corações.

Fui até eles para abraçar os dois ao mesmo tempo.

—Sem vocês eu não teria conseguido.

—Amamos vocês, meu amor. —fechei os olhos para receber o beijo que minha mãe depositou na testa. —Romeo vai ficar bem. Tenho fé.

Tentei ao máximo segurar a emoção.

—Tenho muito que aprender com a senhora.

—Você é uma mãe maravilhosa.

—Bom, agora vamos, querida. Espero resolver tudo na cidade, assim poderei ficar um tempinho com o meu garotinho. — falou o meu pai, animado.

Pus a mochila nas costas e antes de sair abracei forte a minha mãe. Temos o gênio forte, muitas vezes nos confrontamos, embora nunca fiquemos brigadas. Uma acaba cedendo, nossa conexão é surreal.

Durante o caminho para a cidade vamos escutando a rádio local. Normalmente costumo ficar contente quando saio um pouco do casulo que é nossa morada. No entanto, por algum motivo hoje estou me sentindo melancólica.

Passar o tempo com o Romeo sempre alegre o meu dia. Sinto que tenho algum propósito na vida com o meu filho. Meu menininho de seis anos. Ser mãe na adolescência não fazia parte dos planos, principalmente quando eu estava escolhendo concorrer uma das vagas da melhor universidade da Argentina.

Sair de casa era o meu maior objetivo. Queria conhecer pessoas, poder sair, ser livre. Isso assustava muito os meus pais. O

que me deixava furiosa era não saber a razão de tanto cuidado. Mas quando confirmei a gravidez tudo mudou.

Estava no penúltimo ano do colegial quando conheci um cara alguns anos mais velho, que costumava fazer palestra sobre economia na escola. Por algum motivo o jeito misterioso que carregava no olhar e expressão bem marcada foi um prato cheio para a minha imaginação. Arrisquei, paguei para ver e no final o preço foi altíssimo.

Depois da minha primeira vez ser em uma das salas vazias da enorme instituição, me senti usada quando ele simplesmente me deixou sozinha. Sem nenhuma explicação. Dia após dia esperei seu retorno, e nada. Meus pais pensaram que meu breve namoro tinha sido com um colega de classe. Entretanto, quando revelei que era um homem mais velho chamado Ruan Muniz Rangel, ficaram pasmos.

Pediram a verdade. E contei sem grandes detalhes como nos envolvemos. E afirmei que não fui violentada, afinal, tudo aconteceu com o meu consentimento. Agi como uma tola apaixonada, pensando que a primeira vez seria incrível, que ele estaria tão apaixonado tanto quanto eu estava.

Tudo uma doce ilusão. Um grande tapa na cara.

Por questão de orgulho decidi registrar meu filho com ausência de paternidade.

Em uma madrugada quebrei uma das regras dos meus pais quanto ao uso da internet que sempre foi limitada para mim. Pesquisei o nome do pai do meu filho no pesquisador da rede. Choveu de notícias sobre o renomado economista e de seu noivado com uma bela mulher loira chamada Belinda Bolívar, herdeira de uma das famílias tradicionais da Argentina.

Não fui capaz de ler mais nada sobre ele. Ali optei por quebrar qualquer esperança.

—Eu venho buscar você. Nesse final de semana sua mãe quer dormir aqui.

Entortei os lábios fazendo o meu pai segurar a risada.

—Teremos uma pequena guerra lá em casa.

Peguei a mochila e as sacolas que entregou para mim.

—Ela dorme na sexta e você no sábado. Parece bom?
—Negociável. —beije sua bochecha.
—Qualquer coisa nos ligue. Largamos tudo, você sabe.
—Claro que eu sei, pai. Tente relaxar um pouco.
—Fique atenta com o celular. Sua mãe, ou eu posso ligar, qualquer emergência...
—Já sei, pai. Amo você!

Entrei na ala infantil do hospital cumprimentando alguns enfermeiros que passavam por mim. Parei no balcão da recepção da oncologia e entreguei uma barrinha de cereal para a enfermeira chefe Tereza. Ela sorriu em agradecimento com o telefone entre o ombro e orelha. Segui para a internação. Além do Romeo, tinha mais três crianças no quarto.

O espaço era enorme, colorido e muito higienizado.

Romeo estava dormindo abraçado com sua manta de lã azul. Sua preferida. Acenei para algumas mães que estavam com seus filhos, a maioria estão com olheiras enormes. Não estou diferente delas.

Beije a testa do meu anjinho, em seguida coloquei todas as coisas que eu trouxe em cima da cômoda próximo a cama. Encostei a mão na sua testa para verificar a temperatura e afastei a coberta dos seus pés para confirmar se estava usando meias. Sem febre e pés aquecidos.

Sentei-me na cama e segurei sua mãozinha pálida. Acaricie sua cabeça que não tem mais vestígio algum de cabelo.

Ele vai ficar bem.

Deus não o daria para mim, para depois o tirar. Isso iria me dilacerar.

Aos três anos Romeo começou a perder peso, mesmo tendo uma alimentação bem complementar para sua idade. Era um menino esperto, energético, acordava todos os dias animado. Adorava quando a gente saía para explorar algumas áreas que a natureza nos fornecia.

Sorri emocionada lembrando dos momentos em família que tivemos na cachoeira que meu pai descobriu dentro da floresta

alguns metros de distância da localização da nossa residência.

Levamos ele ao médico na mesma semana. O doutor disse que poderia ser uma virose e receitou um medicamento. Desconfiada, pedi para os meus pais para que tivéssemos uma segunda opinião. Então meu pai marcou com outro pediatra. Enquanto aguardávamos o dia da consulta, outros sintomas vieram aparecer no Romeo.

Cansaço— mesmo ficando mais quietinho notamos o quanto estava ficando molinho—, perda de apetite, febre. Quando fui dar o seu banho na banheira, que costumava ser um momento de diversão para nós, fiquei em pânico quando vi algumas manchinhas arroxeadas nas suas costas. Estavam começando, mas eram perceptíveis.

O pior passou pela minha cabeça. Desesperados, fomos para a emergência. Fiz um escândalo, porque a única coisa que eu precisava era ter certeza que meu menininho ficaria bem. E então veio o diagnóstico de leucemia linfóide aguda. Por um momento queria estar presa em um pesadelo, porque perdi as forças das pernas ao ponto de cair no chão.

E desde então meu filho recebe o melhor tratamento do hospital de *El Bolsón*. A princípio questionei os meus pais sobre os valores absurdos do tratamento, não que eu não quisesse e sim porque não somos uma família rica. Estava pronta para buscar as autoridades, ir a público para fazer campanha, tudo para conseguir o tratamento digno que o Romeo e tantas outras crianças nessa condição merecem ter.

Não precisei fazer nada disso, pois meus pais arcaram com as despesas. Quando questionei de onde vinha o dinheiro a única resposta que tive é que era da poupança que começaram a fazer antes de eu completar um ano de idade.

Desde então passo bom tempo no hospital acompanhando o tratamento do Romeo. Em casa tento descansar, mas parece que a qualquer momento vão me ligar do hospital. Sinto que ainda não faço o suficiente para o meu filho.

Acabei adiantando alguns conteúdos das disciplinas do último semestre do curso de Administração, o qual estou fazendo a

distância num programa da universidade que consegui ingressar. Também procuro ajudar minha mãe em casa, principalmente com as hortas, os porcos e as galinhas. Faço o possível para ocupar minha mente.

—Mamãe...

Beije a bochecha do meu menino.

—Estava prestes a te acordar, macaquinho.

Devagar se espreguiçou. Rapidamente ajeitei os travesseiros para apoiar as costas de forma confortável.

—Trouxe os gibis novos? —perguntou olhando para as sacolas em cima da cômoda.

—Estou vendo que fiquei para escanteio faz tempo. —falei humorada indo pegar a sacola.

Eu estava o alfabetizando. Aprendeu a escrever seu nome, faço alguns jogos didáticos educativos. Sem colocar muita carga, tudo no seu tempo. Agora estamos focando mais na leitura, e nada melhor que unir o que ele mais gosta com uma atividade pedagógica. Sentei-me ao seu lado e começamos a ver alguns dos vários gibis novos.

Quando meu pai chegou trouxe mais alegria para as crianças. Como de costume os presenteou com brinquedos —que foram permitidos pela equipe médica e direção do hospital.

Um grupo de cinco pessoas que costumam fazer visitas sociais nas alas do hospital, divertia as crianças. Estavam usando vestimentas coloridas. Um dos voluntários estava com um violão e cantando músicas infantis, além de pedir a colaboração vocal dos internos. Meu pai se uniu ao grupo cantando ao lado do rapaz com violão.

Precisando de cafeína, avisei que iria ao refeitório pegar um café puro. Sentei-me na mesa de frente para a extensa janela e comecei a bebericar o café fumegante. Assustei-me quando tocaram no meu ombro, quase me queimei com o café.

—Desculpa, Laura. Não era a minha intenção.

Era o doutor Juan Pablo. Um dos melhores ortopedistas do país. Sei disso, pois contou com orgulho o título que conseguiu devido anos de estudo e dedicação. Aparentava ter menos de

quarenta anos, deve ser por conta do sorriso maroto, a leveza que carrega no olhar e o estilo despojado.

—Tudo bem. Eu estava distraída.

—Como está o Romeo? Posso? —apontou para a cadeira desocupada.

Meneei a cabeça positivamente.

—Nesse momento gargalhando muito com os voluntários e meu pai desafinado. —enruguei o nariz, o fazendo rir.

—Passei mais cedo na ala. Vi os últimos exames. Ele está progredindo.

—Essa doença maldita não vai o tirar de mim. —afirmei, o fazendo me olhar com certa admiração.

Por educação mantenho amizade com o doutor Juan Pablo. Quando percebo que ele quer seguir a conversa para outro rumo, fujo como o diabo foge da cruz.

Na minha vida não tem espaço para romantismo.



Todos os dias costumo tirar um tempo no finalzinho da tarde quando regresso do hospital para ir à cachoeira. Passo um tempo lá, aproveitando a água e quando saio me sinto mais revigorada.

Com o cabelo ensopado e com o par de tênis nas mãos faço o costumeiro caminho de volta para casa. Meu pai vai reclamar por eu estar regressando com os pés descalços. Irei escutar que poderia ter me machucado, entre outros perigos que passa na cabeça do seu Vicente.

Cheguei ao final da trilha, onde tenho a visão lateral da casa. Comprimi as sobrancelhas ao ver o banco de balanço da varanda vazio, pois todos os dias meus pais costumam sentarem juntos para tomarem chá. É algo que fazem sempre. Continuei andando e estranhando o silêncio que vem da morada.

Há alguns metros de distância da casa parei de andar quando a porta foi aberta brutalmente. Senti um calafrio começar a percorrer o meu corpo quando vi meu pai com o rosto todo machucado, com

sangue pregado na sua face, mãos e camiseta branca. As lágrimas começaram a escorrerem pelo meu rosto, mas não consegui me mexer. Estou paralisada diante da cena de terror.

E como se quisesse me acordar do transe, o escutei gritar com toda força:

—Corre! Vai! Corre...

E então um homem encapuzado surgiu atrás dele e atirou certamente na sua cabeça.

Mesmo com a visão embaçada devido ao choro copioso, corri para dentro da floresta sem olhar para trás. Minhas pernas começaram a pesar, minha respiração em haustos não ajudava.

Eu não posso parar...Oh, meu Deus! Quem são essas pessoas?

Parei diante de uma árvore pronta para subir o mais alto que conseguisse e ficar camuflada como o meu pai ensinou. No entanto, escutei um galho ser quebrado. Seja quem for, me achou. Sem pensar duas vezes voltei a correr, desta vez escutando os passos pesados atrás de mim. Não fui capaz de olhar para trás.

Acabei tropeçando em um tronco cortado. Tentei me segurar na terra, segurar em algo para que eu não chegasse até o barranco. Todavia, não consegui. Comecei a bolar devido o terreno ser íngreme. Rolando na terra e sentindo os galhos me machucarem, temendo perder a vida de um jeito ou de outro. Sem conseguir interromper a queda, continuei até que bati a cabeça num tronco de uma árvore.

A visão escureceu rapidamente e tudo se apagou.

CAPÍTULO 2

GABRIEL DUAMAN ARKIS

Acordei com uma enorme dor de cabeça. Para completar meu irmão apareceu com sua alegria, cantando a típica música de feliz aniversário. O que só fez piorar meu mau humor rotineiro. Definitivamente não sou mais uma pessoa sociável.

—Vamos descer, irmão. Delfina preparou a mesa do café da manhã. Tem tudo que você gosta.

Bufei, encostando as costas na cabeceira da cama com dossel.

—Irei tomar café da manhã no quarto. Como costumo fazer.

—É seu aniversário, porra! —esbravejou, sorrindo e abrindo os braços, balançando os dedos freneticamente.

—Tanto faz. Sabe que não comemoro mais.

—Se você não descer, peço para Delfina trazer tudo para cá. Realmente não me importo.

—Puta merda! Respeite minha decisão...

—Não e não.

Afastei a coberta e segurei minhas pernas por baixo para facilitar o trabalho, em seguida estiquei o braço e mão para alcançar a cadeira de rodas. Notei quando meu irmão fez menção de empurrá-la para mim. O olhei de cara feia, rapidamente o bastardo começou a bater as palmas no ar como se estivesse matando algum inseto.

—Juro que vi um mosquitinho.

Revirei os olhos, o ignorando.

Segurando na madeira do dossel consegui sentar na cadeira —escolhida pelo o meu irmão —e segui para o banheiro. A mansão toda foi adaptada para um paraplégico. Não por opção minha. E sim porque meu irmão e melhor amigo tomaram as rédeas para facilitar minha independência.

Por mim não sairia da cama. Ficaria esperando o dia que irei dormir e não acordarei mais. Deixar de existir e quem sabe encontrar a pessoa que mais amo em outra vida, se é que existe.

A altura da pia dupla de mármore está de acordo com a minha nova condição, felizmente não precisaram mexer nessa parte. Após fazer a higiene e lavar o rosto, puxei uma toalha limpa e devidamente dobrada no armário de madeira. Joguei a toalha usada no cesto de toalhas usadas.

—Se quiser tomar banho e vestir uma roupa chique, aguardo sem problema nenhum. —falou meu irmão mexendo no seu celular, sem olhar para mim.

—Estou bem assim. Vamos logo para essa palhaçada. — resmunguei saindo na frente.

Entrei no elevador de acessibilidade e meu irmão rapidamente entrou ficando ao meu lado. Apertou o botão e começamos descer. Sai primeiro controlando a cadeira no hall de entrada que é ambiente aberto com a extensa sala de estar. Seguimos para a cozinha. E quando estava perto da porta francesa que dá acesso ao jardim Delfina abriu trajando o típico uniforme que ela mesma escolheu para manter um padrão para todos os funcionários.

—Patrão, feliz aniversário! —disse com um enorme sorriso.

Meu irmão apertou o meu ombro, murmurando:

—Seja gentil com a Delfina. Nada de ser ogro. Ela tem sentimentos.

Realmente não sei como ela é capaz de me aguentar durante todos esses anos. Se estivesse no lugar dela teria ido embora a muito tempo.

Forcei um sorriso em agradecimento.

Toda a mansão está altamente estruturada para o meu novo "estilo" de vida. A mesa redonda de madeira bruta está repleta das delícias que Delfina prepara todos os dias. Em especial tem um bolo pequeno confeitado. Com certeza ela que fez. Fiquei exatamente no lugar que tinha uma cadeira, que deu lugar para a minha cadeira de rodas.

Tomei o chá de hortelã e belisquei o bolo de cenoura. Meu irmão não para de falar um minuto sobre o seu novo namorado.

Quase toda semana se apaixona por um homem. Mariano para as mulheres não passa despercebido. Elas não aceitam e nem entendem muito o fato de ele ser pansexual. Acredito que pelo fato de sua masculinidade ser gritante. O que não tem nada ver com sua orientação.

—Estou pensando em trazê-lo aqui para conhecer você.

—Nem fodendo, Mariano. Não quero ninguém na minha casa.

Paramos de dialogar com a chegada do meu melhor amigo e advogado particular Zenon. Nos conhecemos no colegial e desde então começamos a fazer parte do mesmo ciclo social. Fomos para a mesma universidade, fizemos mochilão pela Europa e América Latina. Sempre fomos companheiros nos esportes radicais. Hoje já não posso mais fazer nada disso.

Sou dependente dessa maldita cadeira.

—Feliz aniversário, irmão. —abraçou-me pela lateral. —Como de costume é o primeiro a desejar os parabéns para o Gabriel.

—Faz parte do meu dever como irmão. —Mariano sorriu cínico. —Mesmo sendo tratado como um lixo.

E vai começar o drama.

Escutei algo sendo empurrado e olhei para a direção certa vendo o Balboa —motorista e segurança —trazendo um carrinho com um bolo de mentira enorme. Era só o que me faltava.

—Surpresa, irmãozinho. —gritou Mariano.

Esse infeliz quer que eu tenha uma síncope.

Delfina apareceu com uma caixa de música *JBL* a entregando para o meu irmão. E logo a ridícula melodia da canção clássica de aniversário começou a tocar, porém era mais sensual. Zenon se animou quando uma *stripper* estourou o topo do bolo e começou a cantar em francês a música.

Para completar a mulher usando apenas uma lingerie vermelha jogou confetes para o alto fazendo os enormes seios balançarem.

—Essa foi boa, Mariano.

Meu melhor amigo bateu a palma da mão com a do meu irmão, rindo.

—Irmão, essa é Natalie. Dançarina profissional, especializada em canto, especialmente canções sensuais.

Continuei fitando o meu irmão sem acreditar. Apertei no controle da cadeira a fazendo se locomover.

—Ei, cara. Ela ainda vai fazer outra performance.

Sai antes que o atropelasse com a cadeira.



Tirei algumas dúvidas referente aos contratos de campanha para a Arkis. Até o meio do ano estamos planejando lançar três novos veículos. Se tornar uma das marcas mais bem-sucedidas no mercado automobilístico foi algo que meu avô e pai conquistaram. Deixaram esse legado para meu irmão e eu continuarmos.

A contragosto continuei sendo o presidente. Queria ter passado esse posto para o Mariano desde que sai do hospital. No entanto, ele e os demais acionistas não concordaram. Há sete anos estou comandando a empresa estando a maior parte do tempo em casa.

Ao lado do meu celular tem um aparelho descartável que o meu padrinho, Vicente Navarro, me fez prometer deixar sempre carregado e por perto, pois quando chegasse o dia de eu cumprir a promessa que lhe fiz, receberia a ligação ou mensagem através dele.

—Os contratos da campanha estão todos conforme a lei. Ambas as partes de acordo. Não tem nada que possa vir prejudicar a Arkis caso tenha um imprevisto.

—Certo. —assinei e entreguei para o Zenon. —Peça para a Carmita digitalizar e colocar no sistema operacional da empresa.

—Farei isso. —disse guardando os documentos assinados na sua maleta de couro.

Escutei o celular tocar. Respirei fundo antes de pegar o aparelho descartável. A ligação foi perdida, antes que pudesse retornar a chamada chegou à mensagem:

Salve eles.

Rapidamente sai com o aparelho na mão, derrubando algumas coisas pelo caminho. Zenon veio atrás de mim.

—O que foi, Gabriel? Quase cai da cadeira quando vi você sair como um foguete.

—Meu padrinho está precisando de mim. No meu closet tem uma bolsa de couro marrom, a traga por favor.

Balboa estava sentado na banquetta da cozinha. Rapidamente pedi que preparasse o helicóptero para irmos o quanto antes para o aeroporto. Tinha que chegar o mais rápido possível em *El Bolsón*. Enquanto ele fazia isso, com o celular dele liguei para o piloto particular solicitando que preparasse o jatinho.

—O que está acontecendo? —indagou Mariano assim que me viu afoito.

—Estou indo para *El Bolsón*.

Um vinco se formou na sua testa.

—Vicente ligou para você?

—Mandou uma mensagem pedindo para eu salvar a filha dele. Porra, algo ruim aconteceu.

—Irei com você. Sabe a localização exata de onde eles residem?

—Tenho tudo.

Zenon me entregou a bolsa. Rapidamente abri tirando um mapa. Atrás estava escrito o endereço em forma de códigos, como joguinho de palavras-chaves. Após identificar todos, dei o endereço para o Mariano.

Entrarei em contato com o delegado local, solicitando que mandassem uma equipe para lá imediatamente.



Quando pousamos em *El Bolsón* meu irmão recebeu a ligação do delegado. Ele informou que meu padrinho e sua esposa foram cruelmente assassinados. Havia muito sangue espalhado pela casa. As lágrimas se acumularam nos meus olhos.

Vicente não estava brincando quando disse que algo poderia acontecer com ele e sua esposa. E meu dever seria cuidar da filha

deles. E não permitir que nenhum Navarro se aproximasse da garota.

Que situação do caralho.

—E a garota? —perguntei angustiado.

Mariano desligou o celular e suspirou.

—A encontraram inconsciente na floresta. Ela caiu e bateu a lateral da cabeça em uma árvore. Está no hospital sendo cuidada.

Combinei com o meu irmão que iria para o hospital e eu até a casa do Vicente. Estava difícil de acreditar que pessoas tão boas como eles eram foram brutalmente assassinados.

Rapidamente Balboa desceu do veículo para pegar a cadeira de rodas e abrir a porta para mim. Estava abalado demais para recusar seu auxílio.

Havia muitos policiais no local, várias viaturas. Mesmo a cadeira sendo de primeira linha, precisava de ajuda por conta da grama densa. Balboa fez o favor de a empurrar. Atravessamos a fita que impedia curiosos após me identificar. Mariano havia adiantado que eu viria para o delegado.

—Senhor Arkis, lamentamos o ocorrido.

O investigador estava tirando fotos do meu padrinho que estava caído de bruços no chão. Por conta das escadas que dá acesso à varanda, optei em não subir.

—Queríamos ter terminado antes. No entanto, os investigadores só chegaram agora. Vieram de outra cidade. Nunca aconteceu nada parecido.

—Vai demorar muito para o relatório da perícia?

—Pediram duas semanas. Em seguida os corpos serão liberados.

Engoli em seco me sentindo enjoado.

—A esposa do meu padrinho...Sofreu muito?

O delegado calvo passou a mão na nuca.

—Tem muito sinais de luta corporal, assim como seu tio. Tem marcas no pescoço dela que indicam fio grosso, muitos cortes

profundos. Sinto muito, senhor Arkis. Faremos o possível para encontrar os assassinos.

Talvez os encontre antes, pensei comigo mesmo.

—Meu irmão passou o nosso contato para vocês. Estaremos à disposição.

LAURA

Minha garganta está seca, o corpo dolorido e dor de cabeça. Fui abrindo os meus olhos aos poucos até se acostumarem com a claridade. E então minha mente foi bombardeada pelos os últimos acontecimentos. Sentei-me na cama de supetão, começando a chorar, assustada.

Que tenha sido um pesadelo. Por favor, meu Deus.

—Calma, Laura. Você está segura...

—Quem é você? —explodi em um choro desesperado. — Meus pais...Atiraram na cabeça do meu pai...Eu vi...Ele gritou para eu correr, eu...

Fitei o homem alto e extremamente elegante desesperada.

—Querida, sinto muito. Infelizmente seus pais...

—Não...A minha mãe pode estar viva, certo? Eu...

Comecei a sacudir a cabeça, inconformada.

—Sinto muito pelos seus pais. —o escutei dizer emocionado.

—Eu sou Mariano, irmão mais velho do afilhado do seu pai. Cuidaremos de você, Laura.

Soltei minhas mãos do seu aperto fazendo a agulha que está ligada no meu antebraço incomodar. O desconhecido não conseguiu deter minha mão antes de eu puxar a ligação do soro. Afastei o lençol pronta para me levantar da cama hospitalar. Entretanto, ele me segurou pelos meus braços.

—Calma, por favor, Laura.

Debati-me nos seus braços. Levantei usando toda força que tinha, mas ele me segurou pela cintura. Bati nos seus braços, exigindo que fosse libertada.

—Preciso ver o Romeo...Quero ver se ele está bem...Por favor. —implorei aos prantos.

Dois enfermeiros adentraram o quarto e logo atrás um homem de cadeira de rodas. Sua feição era séria, diria até um pouco sombria. Só não chega a ser tanto devido as íris azuis-claros. Distraí-me o encarando e senti o belisco da agulha no meu braço.

Não queria dormir. O homem que se identificou como Mariano me deitou na cama e o outro enfermeiro começou a limpar o sangue que estava saindo da veia que foi furada para receber o soro. O calmante estava fazendo efeito.

—Por favor...Preciso ver o Romeo... —supliquei encarando os dois.

—Quem é Romeo? —escutei um deles perguntar.

—O meu...Amor...O meu...

Fechei os olhos sem força alguma de lutar contra o sono forçado.

GABRIEL

Mariano e eu estamos na recepção esperando o doutor que está cuidando da Laura aparecer e nos passar as informações sobre o seu quadro. Sinceramente não esperava encontrar a filha do meu padrinho tão...Crescida.

Nunca tivemos contato. Uma vez em uma visita secreta que Vicente me fez no hospital —logo após o acidente que sofri— acabou mostrando uma foto que tinha da filha no celular. Na época ela tinha quinze anos.

E agora está uma mulher. Os traços são exóticos, puxou a beleza natural da mãe. Só não esperava que fosse além da conta.

—Quem será Romeo? —comentou meu irmão. —Será que é um namoradinho? Se bem que ela parecia desesperada.

Seria a cereja do bolo, pensei irônico.

Ter uma garota apaixonada e revoltada com a possível distância que terá do tal Romeo. Afinal, ela virá comigo para Buenos Aires.

Mesmo sendo maior de idade sou tutor da fortuna absurda que o Vicente deixou para sua única filha. Tenho controle sobre tudo que envolve a Laura. Meu padrinho também assinou várias

procurações legais feitas pelo seu advogado Calixto —pai do meu melhor amigo.

Quando completei dezoito anos meu padrinho em sua rara aparição me chamou para caminharmos pelo jardim da casa dos meus pais e pediu que promettesse algo a ele. E assim fiz.

Tenho muita consideração pelo Vicente. Além de ser o melhor amigo da minha mãe e de ter doado um rim quando estávamos desesperados tentando encontrar um doador, fez muito mais pela minha família. Sou eternamente grato a ele.

—Será que esse Romeo está pronto para um namoro a distância? —perguntei sem humor.

—Pode o abriga na sua casa também. —sugeriu com nítido deboche. Babaca.

—Melhor ficar caladinho, Mariano.

—Estou impressionado. Claudia sempre chamou atenção pela beleza. E pelo que vimos a doce Laura herdou da mãe os traços delicados e exóticos.

Continuei calado sentindo o olhar perspicaz do meu irmão.

—Sabe o que estou pensando?

—Não quero saber.

—Sorte sua eu não gostar tanto de mulher. —pisçou o olho direito para mim.

—Lá vem você.

—Espero que ela não tenha preconceitos.

—Fica quieto, Mariano.

—Sou cego para gênero, você sabe. —sorriu cínico.

Santa paciência com esse ser. Continuou falando:

—Voltando ao assunto anterior. Estou realmente curioso para saber quem é Romeo. —falou, tirando a peça de cima do seu terno feito sob medida.

Lembrei da mensagem que o padrinho enviou. Invés de ele ter usado "ela" escreveu "eles". Será que ele inseriu o tal Romeo sem ao menos me avisar antes? Espero que tenha escrito errado. O que é totalmente aceitável, pois enviou a mensagem em meio ao massacre.

Mariano se levantou para cumprimentar o doutor Nestor — seu nome está bordado no jaleco.

—Somos responsáveis pela a Laura Navarro. —

Meu irmão se adiantou. Bom saber que ele não me deixará sozinho nessa missão.

—O enfermeiro aplicou o sedativo para evitar mais estresse emocional e desgaste físico. A paciente está saudável de acordo com os resultados dos exames. Por hora parece não ter sofrido nenhuma sequela ao bater a cabeça. Tirando o corte na lateral da testa, que não foi profundo. Quando ela acordar irei a examinar novamente. E então darei a alta médica.

—Ótimo, doutor.

—Fui informado sobre a perda trágica dos pais da paciente. Aconselho a procurarem um psicólogo. Irei prescrever todas as recomendações. Além disso, deixarei receitas de remédio para tomar caso sinta dor de cabeça, ou qualquer dor corporal. Daqui quinze dias peço que ela venha novamente para realizarmos novos exames e verificar o quadro clínico.

—Peça para entregarem uma cópia de todo o relatório médico. Entregarei para outro profissional em Buenos Aires.

—Pode deixar. Cuidarei dessa parte. Com licença.

Meu irmão voltou a se sentar felizmente prestando atenção no seu celular. Mas minha felicidade com ele durou pouco.

—Marquei sua fisioterapia para amanhã à tarde.

—Perda de tempo. Não irei deixar ninguém entrar na minha casa. Já falei um milhão de vezes que não quero tratamento.

—Você deixa as minhas bolas roxas de raiva, infeliz. Se tem chance de voltar a andar porque não agarrar ela? Para de ser cabeça dura, Gabriel. Tantas pessoas queriam ter a oportunidade que...

Cansado da mesma ladainha de sempre apertei o botão da cadeira ficando de costas para ele, me locomovendo pelo corredor do hospital.

CAPÍTULO 3

GABRIEL

Liguei para a Delfina solicitando que arrumasse um dos quartos de hóspedes para a filha do meu padrinho. Apesar de nunca receber visita —tirando os meus pais, meu irmão e melhor amigo — nenhum deles costumam ficar para dormir. Primeiro porque é algo que não gosto, quanto mais sozinho eu estiver melhor.

Mariano não respeita essa regra. Vez ou outra inventa de passar o final de semana comigo. Mesmo assim fico isolado no meu quarto ou no escritório.

—Eu posso me sentar aqui com você? —indagou uma mulher ruiva, segurando um copo reciclável. Pelo cheiro e vapor que exala é café.

Era uma mulher bonita. Apertei no botão da cadeira afastando-me um pouco da mesa.

—Fique à vontade.

E virei saindo. Obviamente a peguei de surpresa, talvez ela não esperasse que fosse rude. Tenho paciência zero para flertar.

Encontrei meu irmão na recepção mexendo no seu celular, assim que me viu o guardou no bolso. Amanheceu e continuamos esperando a Laura acordar. Mariano disse que ficaria aqui para eu ir ao hotel que fez reserva para nós, descansar. No entanto, sinto que faz parte do meu dever estar ao lado da garota.

Ela parecia uma gatinha indefesa, assustada.

—O delegado ligou. Ele quer o depoimento da Laura.

Passei a mão na barba, pensativo.

—É melhor esperar alguns dias. A garota passou por um trauma grande, sabe-se lá o que mais presenciou.

—Ele disse que pode esperar alguns dias.

—Acho melhor você ir para Buenos Aires, Mariano. A empresa não pode ficar sem nenhum dos donos.

—Sem neuras, mano. Liguei para a minha secretária avisando que hoje não iria comparecer.

—Não tinha nenhuma reunião importante? Nenhuma visita de cliente?

—Por céus, Gabriel. Você é tão sistemático.

Quase perto do meio dia fomos informados pela enfermeira que a Laura havia acordado e estava sendo examinada pelo doutor Nestor. Ficamos observando o doutor realizar os exames, conferir seus batimentos cardíaco, pressão arterial através da parede de vidro.

Adentramos o quarto sendo alvos das duas pedras de ônix da jovem, que estão nubladas pelo choro e mais lágrimas se acumulando. Ela está sofrendo.

—Aparentemente tudo normal. Irei terminar o relatório médico e assinar a alta. O senhor pega na recepção a pasta da paciente. — disse o doutor olhando para mim.

Em seguida saiu do quarto acompanhado da enfermeira.

—Laura, sei que passou por muita coisa. Nós realmente viemos te ajudar. —Mariano começou a falar.

—Meu padrinho, que é o seu pai... —ela me interrompeu.

—Preciso ver o Romeo. Agora! —exigiu com a voz embargada.

Senti o olhar do meu irmão sobre mim. Estou começando a ficar irritado. A garota correu o sério risco de ser morta pelos assassinos, perdeu os pais, mas parece que sua maior preocupação no momento é ver o tal Romeo.

Respirei fundo, sem tirar os olhos dela.

—Quem é Romeo? —perguntei, sisudo.

—Meu filho. —respondeu com a voz embargada, deixando as lágrimas descerem pela sua face.

Parece que o quarto deu um giro de 360 graus. Acho que não escutei direito.

—Madona santíssima! —exclamou meu irmão, se aproximando dela. —Filho? Seu filho? Nasceu do seu ventre?

—Meu filho. Ele está no hospital particular da cidade.

—E por que seu filho está no hospital? —Mariano perguntou com certa preocupação.

Não posso negar. Também estou tenso com essa situação. Meu padrinho nunca comentou que havia tido um neto.

—Romeo tem leucemia linfóide aguda. Foi diagnosticado há três anos.

Se eu não fosse paraplégico com certeza teria caído no chão com essa informação. Que porra de promessa fui fazer? Então além de cuidar da segurança da Laura, tem mais o seu filho. Um menino doente.

Estou ferrado.

—Preciso ir para lá. Estou com medo que as pessoas que mataram os meus pais...Cheguem até o Romeo. Não faço ideia de quem são... —começou a atropelar a fala, na medida que se levantou da cama hospitalar.

—Vamos imediatamente. Providenciamos roupa limpa e alguns produtos de higiene para você. Estão nessas sacolas.

Mariano apontou para as sacolas de marca.

—Vou apenas trocar de roupa.

Rapidamente a morena buscou as sacolas entrando no banheiro.

Sai do quarto me sentindo sufocado.

—Por essa ninguém esperava.

Concordei com o meu irmão.

Mariano acertou a parte burocrática referente a internação da Laura. Enquanto isso pedi para o Balboa vir o mais rápido possível nos buscar. Laura surgiu na nossa frente segurando as sacolas, as pálpebras cansadas e olheiras profundas. Todavia, nada era capaz de ofuscar a beleza da jovem. O vestidinho branco de verão deu um contraste e tanto na sua pele bronzeada e para os longos cabelos escuros, ondulados.

Sem dizer nada apertei o botão da cadeira automática saindo na frente. Ser educado não é o meu forte.

Balboa abriu a porta de trás do veículo, mas aponte para o lado do passageiro. Preciso de um pouco de distância da Laura. Estou me sentindo estranho, mais irritado que o normal e com um pouquinho de raiva do meu padrinho ter colocado uma responsabilidade tão grande nas minhas costas.

Para piorar além da jovem, terei que conviver com uma criança. Algo que não faço há anos. Não gosto de crianças. Não mais.

Apoiei-me no braço da porta do automóvel com uma mão e com a outra fiz um apoio. Ergui meu corpo e sentei no banco de couro. Soltei o ar extremamente estressado, ajeitando a postura no assento de couro. Balboa pegou a cadeira de rodas, a fechando para colocar no porta-malas.

Meu irmão abriu a porta para a garota, deu a volta e entrou no veículo.

—Para o hospital particular da cidade. —ordenei.

O silêncio dentro do carro não era nada confortável.

—Vocês irão conosco para Buenos Aires, Laura. —comunicou o meu irmão.

—De forma alguma Romeo pode interromper o tratamento. —sua voz saiu baixa, embargada.

—Lá também tem um dos melhores hospitais do mundo. Seu filho será bem tratado. —afirmei, seco.

—Se o médico permitir, iremos.

Que garota tola. Engoli a grosseria.

—Aqui não é mais um lugar seguro para vocês. Esses vermes que mataram os seus pais podem estar por perto. Podem voltar, entendeu?

A taciturnidade voltou a reinar entre nós.

A poucos metros de distância do hospital particular pedi para o meu irmão acompanhar a Laura, enquanto eu iria resolver a situação da liberação da viagem do filho dela.

O corpo médico teria que avaliar o seu estado clínico. Ao mesmo tempo mandei uma mensagem para o Zenon solicitando que fosse pessoalmente reservar a vaga do Romeo no melhor hospital de Buenos Aires, onde poderia prosseguir com o seu tratamento.

Laura mal esperou o carro estacionar e saiu apressada com o meu irmão a seguindo. Balboa fez o favor de buscar a cadeira rodas. Abri a porta do carro e para adiantar o serviço já tinha posicionado a cadeira corretamente.

Meu melhor amigo estava no seu modo profissional. Não fez nenhum questionamento. Apenas confirmou que faria isso o quanto antes. Ele perguntou o nome da doença. Escrevi o nome da maldita, ordenei que juntasse os profissionais da área, se necessário que mandasse buscar de outra cidade, país.

Identifiquei-me para a secretária do diretor do hospital. Realmente sobrenome faz diferença quando queremos resolver as coisas num estalar de dedos. Sem delongas resumi a situação.

—Antes de mais nada o paciente tem que passar pela avaliação do corpo médico. Depois...

—Doutor Ramon, após a avaliação da equipe médica quero que o oncologista que acompanha o menino e sua melhor equipe de enfermeiros esteja com ele até entregá-lo para outra equipe médica em Buenos Aires.

—Senhor Arkis, esses procedimentos demoram...

—Ainda não terminei, doutor. Além disso, quero que o oncologista responsável entregue o relatório clínico do Romeo e passe todas as informações verbalmente para o doutor que irá assumir. Todo o custo será pago por mim. Diga o valor para eu fazer o pagamento.

—Todo o custo do tratamento do Romeo foi pago pelo avô.

Não esperava menos do meu padrinho.

—Como o menino não irá continuar aqui, peço que o senhor transfira o valor pago para um paciente que não tem muitas condições. Escolha um, mande as informações por escrito e os comprovantes. Pagarei o custo do transporte e darei um bônus em agradecimento. Quero isso para ontem, doutor.

—Sim, sim, claro. Vou reunir a equipe.

LAURA

Mesmo sentindo o meu corpo fraco busquei forças para manter a calma e continuar firme. Romeo precisa de mim. Agora só

temos um ao outro.

Jamais pensei que passaria por um pesadelo desse. Meus pais eram as melhores pessoas do mundo. Só espero que a polícia encontre os responsáveis e que apodreçam atrás das grades.

—Laura, espera. Você acabou de sair do hospital...

Ignorei o pedido do Mariano.

Os irmãos são um enigma para mim. Meus pais nunca comentaram sobre eles. Nem sabia que meu pai tinha um afilhado. No entanto, devido as circunstâncias a única coisa que me resta é confiar neles.

Passei pela enfermeira chefe da ala como um furacão. A escutei chamar por mim, mas prossegui o caminho. Encostei a mão no batente da porta sentindo minhas pernas fracas e respiração cansada. Minha visão ficou turva devido as lágrimas que pareciam não ter fim desde ontem.

Romeo estava dormindo como sempre agarrado com a sua manta azul. Obrigado, meu Deus. Agradei silenciosamente.

—Cadê ele? —perguntou Mariano passando o olhar pelo quarto, analisando as crianças presente.

—Dormindo. —apontei na direção do Romeo. —Ele está bem. Ele está bem...Ele está bem... —comecei a repetir, sai da entrada da porta e encostei as costas na parede do corredor.

Meu filho não pode perceber o meu estado caótico.

—Você quer um copo de água, Laura? Por favor, peça o que quiser. Não chore, menina.

—Só preciso de alguns minutos para tentar...Me acalmar. —solucei por conta do choro. —Como vou dizer para o meu filho que os avos não estão mais...

—Não tem que dizer agora, ok. Pode contar depois de alguns dias, podemos procurar ajuda profissional. Acredito que uma psicóloga infantil seja o ideal.

Meu corpo está tremendo.

A enfermeira Tereza me entregou um copo de água. Agradei e bebi todo o líquido.

Fomos para a recepção da ala. Romeo não pode me ver nesse estado, tenho que ser forte por nós dois.

—Laura! —ergui a cabeça ao escutar o doutor Juan Pablo. — Soube pelo médico do Romeo que seus pais faleceram. Sinto muito, querida.

Levantei-me para receber seu abraço. Foi impossível segurar as lágrimas. Estou uma bomba relógio. Ficamos um bom tempo abraçados. Desfizemos o contato quando escutamos um limpar de garganta grosso.

Era o Gabriel.

—Precisam da sua assinatura para autorizar a avaliação da equipe e liberar a viagem.

—Viagem? —questionou o doutor Juan Pablo.

O fitei pronta para esclarecer. Mas o Gabriel tomou a frente:

—Assunto de família, doutor.

O olhei sem acreditar.

Gabriel apertou no botão da cadeira a fazendo vir rapidamente para frente. O doutor Juan Pablo não conseguiu se afastar a tempo para livrar seus pés de serem atropelados pela roda grossa da cadeira.

—Desculpa, doutor. A cadeira é nova. Estou me acostumando ainda. —apertou em outro botão se afastando. —Irmão, fique com o Romeo até voltarmos.

Encarei o Mariano que nitidamente estava segurando a risada. O que eu perdi?

Pedi licença do doutor Juan Pablo e fui andando na frente.

CAPÍTULO 4

LAURA

Gabriel apontou com o queixo para eu entrar primeiro no elevador, em seguida adentrou comandando sua cadeira de rodas. Obviamente por estar em pé sou mais alta do que ele, que está sentado. Mesmo assim o homem é enorme, forte, o rosto bem marcado e anguloso, os olhos oceânicos, lábios rosados naturalmente, nariz romano, barba cerrada.

Impossível passar despercebido.

Quando penso que vai virar o rosto para me olhar, rapidamente endireito a postura. Gabriel parecer ser um homem solitário. Posso estar errada. No entanto, seu olhar demonstra algo a mais. Tem um tom de tristeza que deixa o azul das suas irises nebulosas. Uma pena.

Seu comportamento com o doutor Juan Pablo foi incompreensível. Sinto que ele está nessa situação somente por dever ao meu pai. Talvez, eu devesse falar com ele. Expôr que se é para fazer sem vontade, posso me virar. Encontrar uma saída para os meus problemas.

Meu maior medo é que algo aconteça com o Romeo. Não temo pela minha vida, e sim como meu filho ficará sem ter ninguém da família para cuidar dele.

Mordi o canto dos lábios —um tique que tenho —e voltei a fitar o grandão. Ele não parece o tipo de pessoa que gosta de criança, porém, esteja me precipitando. Tenho que ter uma pessoa confiável para proteger meu anjinho caso os assassinos do meu pai voltem para terminar o trabalho.

Finalmente o elevador chegou no andar administrativo do hospital. Estou um pouco sem jeito com seu modo cavalheiro já que parece ser tão mal-humorado. Por educação, decidi diminuir meus passos para acompanhar a velocidade da sua cadeira de rodas. Por alguns minutos senti seu olhar fixo em mim, todavia, permaneci mirando em frente.

O diretor do hospital estava nos aguardando na porta do seu consultório. Na primeira semana que o Romeo foi internado para iniciar o tratamento, meus pais e eu nos reunimos com o doutor Perez. Ele foi atencioso.

Entramos no seu consultório.

Em frente da sua mesa ficam duas cadeiras, mas agora tem somente uma. Notei que a outra estava no canto da parede perto de uma prateleira exibindo livros de medicina. Gabriel estacionou sua cadeira justamente no lugar vago. Sentei-me unindo as mãos no colo. Estou transpirando de nervosa.

—Adiantei a parte burocrática, senhorita Laura. —arrastou um documento no vidro o deixando na minha frente. —Está faltando dois médicos do conselho para avaliarem a situação do seu filho e liberar a viagem.

—Como ficará o pagamento? Tem um custo para o transporte aéreo. —indaguei o fitando.

—O senhor Arkis resolveu tudo. Não tem com o que se preocupar.

Estreitei o olhar para o Gabriel que encarava o doutor Perez.

—A situação da transferência é de urgência, mas exijo que a avaliação seja honesta. Romeo está frágil por conta da sessão recente de quimio.

—Jamais faríamos algo que colocasse a vida do paciente em risco, ou prejudicasse o tratamento. O senhor Arkis contatou o melhor hospital de Buenos Aires. O quarto do seu filho está pronto e, a equipe está apta para recebê-lo.

Peguei a caneta de prata que estendeu para mim. Respirei fundo encarando o documento. Bastava eu assinar.

—O senhor pode nos dar um minuto? —perguntei com um nó na garganta.

—Claro. Volto daqui a pouco.

Quando escutei a porta bater, larguei a caneta em cima do papel.

—Quanto mais demorar será mais tempo perdido. Resolvi tudo, Laura. Assine. —falou com sua voz gutural.

O fitei segurando as lágrimas e apertando meus lábios para que não tremessem.

—Não temos ninguém aqui. Muito menos em Buenos Aires. Bom, tirando a família que meu pai fugiu, de qualquer forma não sei nada sobre eles.

—Onde quer chegar? Seja direta, menina.

—Se algo acontecer comigo...Quem vai cuidar do meu filho?

Senti seu olhar atingir a minha alma.

—Onde está o pai dele?

Tenho vergonha da situação que trouxe o meu filho ao mundo. Fui tão ingênua, uma boba apaixonada. Romeo não merecia isso. Faço o que posso para suprir todo o lugar do seu coraçãozinho. Meus pais me ajudavam nessa parte.

Romeo começou a perguntar do pai aos quatro anos de idade. Sua curiosidade cresceu por conta dos desenhos que assistia, as propagandas de brinquedos onde tem filhos com seus pais.

Como eu ia quebrar o meu garotinho dizendo que não tem pai? Não tive coragem. Precisei mentir, pois queria manter suas esperanças quanto a ter um pai. Mesmo sabendo que essa inverdade viria a jogo um dia. Pelo menos o manteria feliz por um tempo.

Inventei que o seu pai trabalhava ajudando os menos favorecidos pelo mundo. Sem alternativas —e muito menos ideia melhor—, comecei a escrever cartas curtas como se fosse o pai dele. Para completar sempre assinei como "papai" deixando seu nome oculto.

Quando me pergunta o nome do pai prometendo de mindinho que não contaria para ele que falei. Digo que prometi que não iria revelar, por conta da promessa que fiz ao seu papai.

Eu só tenho piorado as coisas.

É totalmente normal sua curiosidade e ansiedade a respeito do pai. Estou há três anos escrevendo cartas para o meu filho como se fosse seu pai herói, que eu criei para fazê-lo feliz. Claro que sei que vai chegar o dia que não dará para sustentar mais essa mentirinha. Honestamente nem sei o que farei quando esse dia chegar.

—Ele não tem.

Gabriel soltou uma risadinha sombria.

—Claro que tem. Que eu saiba só existiu uma Maria de Nazaré. —debochou.

—Romeo só tem a mim...Agora. Responda a minha pergunta.

—Para responder sua pergunta, preciso saber quem é o pai desnaturado.

Essa doeu.

—Sou mãe solo, senhor Arkis.

—Gabriel. Chame-me de Gabriel. —passou a mão na barba.

—Entendo que seja mãe solo. Mas quero saber quem é o pai?

Já posso queimar no inferno. Vai outro pecado para a conta.

—Não sei quem é o pai.

—Como não sabe para quem... —puxou o ar, sem desviar os olhos dos meus. —Impossível uma coisa dessa. Por que não convocou os suspeitos para exame de DNA?

—Isso não é assunto seu. —falei firme. —Se algo acontecer comigo preciso saber que meu filho continuará fazendo o tratamento, sendo bem cuidado...E nós só temos você.

Por um momento notei que seus olhos suavizaram. Contudo, foi por um breve instante.

—Tem certeza que quer continuar fazendo isso, Gabriel? —perguntei, temendo por sua resposta.

Infelizmente não tenho muitas opções. E bancar a orgulhosa vai complicar a situação.

Diante do seu silêncio e dos longos minutos que se passaram, apoiei-me no braço da cadeira pronta para levantar, mas foi então que sua mão parou a ação segurando o meu pulso. Sua mão e dedos são grandes, proporcional ao seu tamanho. Ele não colocou muita força, contudo, está firme.

—Só para constar nada vai acontecer com você. Prometi ao seu pai. Para deixá-la tranquila, garanto cuidar do seu filho.

Engoli as lágrimas e sorri. Assinei o documento em seguida.

GABRIEL

Felizmente o conselho apareceu e iniciaram a avaliação do atual estado de saúde do Romeo. Laura está com o filho para tranquilizá-lo, prestar apoio e acalmá-lo caso fique ansioso.

Aproveitei o tempo verificando alguns e-mails. A maioria sobre trabalho, eventos que sempre recuso minha participação por mais que sejam importantes.

Recusei-me aparecer em público assim. Nada dói mais que ver o olhar de pena das pessoas. A pior parte é quando dizem "sinto muito" para algo que passei, que continua vivo na minha memória.

O acidente não me deixou só aleijado. Tirou a pessoa mais importante da minha vida. O pior de tudo é saber que sou o culpado. Nada mais justo que continuar preso nessa maldita cadeira de rodas.

É minha penitência.

—Então quer dizer que a cadeira é nova. —disse o cínico do meu irmão.

Minha melhor opção é ignorá-lo.

—Se está assim todo possessivo agora, imagina quando estiverem juntos... —o fitei com um olhar mortal. Ele ergueu as mãos em rendição. —Estou constatando algo, mano.

—A garota é da família. Fiz essa maldita promessa ao meu padrinho e vou cumprir. Assunto encerrado.

—Que eu saiba isso não incluía cenas de ciúmes. Ou estou enganado?

—Caralho, Mariano. Para de falar asneiras.

—Cara, qual o problema de estar interessado? Acontece. Na verdade, estou feliz. São longos anos do cacete te vendo se findar. Tem o direito de refazer sua vida.

—Te proíbo falar esse tipo de coisa. Sou como um tutor para essa garota. E agora para o filho dela. Chega, Mariano!

—Para de ser pau no cu, irmão. Você passou por coisas pesadas, situações que nem desejo para o meu pior inimigo. Como seu irmão mais velho sinto o dever de fazê-lo acordar para a vida.

A enfermeira que está fingindo ler algo na prancheta apoiada no balcão da recepção da ala, arregalou os olhos por alguns segundos. Minha família e eu somos desbocados. Mariano

ultrapassou esse limite. É mil vezes pior. Para completar ela está revertendo entre simular trabalhar e secar meu irmão.

Coitada. Nem sabe que ele adora um pau. Na verdade, ele não liga muito para o gênero.

—Assunto encerrado, Mariano.

—Não seja rebelde com o seu irmão. Em casa conversamos.
—terminou de falar e piscou para a iludida.

O diretor saiu do quarto da internação acompanhado da equipe médica.

—Tudo certo, senhor Arkis. Em menos de duas horas vocês saem.

—Ótimo.

Meu irmão levantou para cumprimentá-los. Decidi conhecer o Romeo. Sai em direção ao quarto.

Há muito tempo não choro. Muitas vezes as memórias me levam ao momento mais trágico da minha vida, sinto os meus olhos arderem, mas as lágrimas não descem, não consigo realmente colocar para fora. E isso definitivamente está manchando o meu coração.

Por algum motivo entrar nesse quarto e ver as crianças sem cabelo, distraídas com suas próprias coisas, ou cansadas demais do tratamento para ao menos se manterem sentadas em suas respectivas camas, tocou na minha alma.

As cores estão nas paredes, os brinquedos estão na estante, os edredons têm a personalidade de seus donos. Tudo maquiagem para disfarçar o medo de não conseguirem.

Isso dói. São tão novinhos e já lutam contra algo gigante. Algumas mães estão deitadas com seus filhos na cama, outras cochilando na poltrona.

Laura está dobrando algumas peças de roupas, as colocando dentro de uma bolsa grande. Certeza que o garotinho que está deitado a observando é seu filho. Ele segura uma caixa média que está encapada com papel de super-heróis. A certeza aumenta à medida que vou me aproximando.

—Vamos ter uma casa com quintal infinito, mamãe? Adoro a natureza, e quando estiver melhor quero ir à cachoeira.

Laura abriu um sorriso bonito. Continuou dobrando as roupas, respondeu:

—Vou trabalhar para isso, bebê.

Ele faz uma careta engraçada. Acredito que seja pelo apelido carinhoso.

Suas mãozinhas pequenas estão firmes segurando a caixa que pousa em sua barriga. Ele parece ser um garotinho esperto, infelizmente vejo os sinais do tratamento intenso na sua aparência. Mesmo assim enxergo sua áurea intacta.

Faz tanto tempo que não ficava perto de uma criança. Estou me sentindo um pouco sem jeito.

De repente seus olhinhos espertos se arregalaram em conjunto entreabriu os lábios expressando surpresa. Será que é por causa da cadeira de rodas? Acho que não. Qual é desse garotinho?

—Papai. —falou entusiasmado.

Virei para o lado e para o outro, pensando que o pai do moleque poderia ter aparecido. E então...Só está eu.

Eu acho que vou ter uma lipotimia. Minhas mãos estão começando a suar, um calor súbito está subindo pelas minhas costas e, a única coisa que continuo fazendo é encarar o garotinho de olhos cor de mel.

Por que infernos ele me chamou de pai?

—Papai...Uau... —diz com os olhos brilhando pelas lágrimas.

Não chora, moleque. Por favor, fique quietinho. Não sei lidar com criança chorando.

Retornei meu olhar para a Laura que está pálida. A camisa que estava dobrando caiu de qualquer jeito em cima da bolsa. Ela ficou totalmente sem reação. Só então quando olhei para o lado buscando uma solução vi o meu irmão ostentando um enorme sorriso. Mariano parece estar se divertindo com a cena.

Ok. Irei fechar os meus olhos, contar até três mentalmente e quando abrir novamente tudo voltará ao normal.

Um, dois, três...Espiei o garotinho com o olho direito. Romeo continua com um enorme sorriso estampado no seu rostinho sapeca e angelical. Certo, não está funcionando.

—Eu sabia que viria, papai! A mamãe não contou que anda numa cadeira divertida... —proferiu entortando a boquinha, fitando a sua mãe.

O que você fez menina?

—Romeo...

Laura tentou chamar atenção do filho.

Ele sentou na cama me encarando com alegria. A emoção estava evidente na sua feição infantil.

—Sempre comento com os meus amigos de quarto que meu pai é forte, bem grandão, e que é um herói. Eles não queriam acreditar...Nossa, papai... —falou quase sem parar.

—Filho, meu bem, escuta você está confundindo...

—Espera, mãe, por favorzinho. Eu queria estar com cabelo, mas... —tocou os dedinhos na sua cabeça que está sem nenhum vestígio de cabelo... —Mas a mamãe disse que vai crescer logo, e será mais bonito que antes. Quero o meu cabelo igual o seu.

—Romeo, meu amor, lembra quando falei que seu pai era...

—Grandão, forte, que tem um coração enorme, que tem olhos azuis e que sua cor preferida é preta. —apontou para mim explodindo de felicidade.

Estou trajando uma camiseta gola polo preta, jeans escuro. Apesar de não ser minha cor favorita, é algo que está fazendo sentido para ele.

—É...eu sei, meu filho. Mas o seu pai...

—Ah, mamãe...Toda vez que falava do papai eu o imaginava. E advinha? —Laura sacudiu a cabeça. —Eu sonhei com ele. O papai finalmente veio ficar com a gente. —sussurrou a última parte, mas foi audível.

Estou fodido.

—Pai...Senti tantas saudades.

As lágrimas começaram a escorrer pela sua face passando por cima do seu sorriso.

Não posso ir até ele. Quer dizer, não sou o pai dele. Eu...Esse sentimento não cabe dentro de mim.

Olhei para o meu irmão e ele estava quase chorando. Oh, céus. Estou entre apertar o botão para virar de costas e sair, ou ir até o garotinho pactuando com a mentira.

—Mamãe...

Romeo a chamou com a voz chorosa. Claramente pensando que havia sido rejeitado por mim.

Não, porra!

Apertei o botão da cadeira parando pertinho da cama hospitalar. Infelizmente não pude ficar mais perto devido à base da cama impedir as rodas grossas. Peguei sua mãozinha levando aos meus lábios. Ele afastou a caixa do seu colo, e não tive forças de impedir. Eu quis pegá-lo para abraçar.

O ergui sem usar muita força o sentando no meu colo. Romeo agarrou o meu braço como se fosse sua tábua de salvação. O envolvi num abraço carinhoso, confortável. Algo que não dava e nem recebia há muito tempo.

Beijei sua cabeça sentindo suas lágrimas escorrem pelo meu braço, chegando até o fim dos meus dedos.

CAPÍTULO 5

GABRIEL

Depois de anos vivendo dentro do casulo que eu mesmo criei para me afastar das pessoas. Nos meus braços tem um garotinho de coração puro que deveria ter toda uma vida pela frente, porém está em uma batalha árdua contra esta doença maldita.

Pela primeira vez estou envergonhado das atitudes rudes que tive com os meus pais, irmão e melhor amigo. Enquanto eles fazem de tudo para eu fazer o tratamento intensivo —o qual existe uma pequena possibilidade de eu voltar a andar —preferi ignorá-los e sofrer com a dor que está cravada no meu coração.

Perder quem você mais ama é triste, doloroso, pungente.

Engoli em seco, dissipando um pouco a vontade de chorar. Acariciei as costas do rapazinho em sinal silencioso de conforto, carinho. Como se eu estivesse falando “tudo bem, estou aqui. Acabou”.

Deus do céu, como eu queria afirmar em alto e bom som que ele será curado. É tão novinho...

Romeo se desgrudou do meu braço. Quando seus olhos encontraram com os meus os vi cheios de lágrimas. No entanto, nenhuma mais escorria pela sua face. Ele sorriu abertamente, muito emocionante.

—Eu prometo ficar bom logo, papai. Quero ficar em casa com você, a mamãe e meus avós.

Fitei a Laura que estava imóvel, sem reação. Assim como o meu irmão assistia tudo calada.

Sorri em resposta. Honestamente não sei o que dizer para o Romeo.

—Vou pedir para o papai do céu não me deixar mais doentinho...Também prometi me comportar muito bem. E funcionou. Porque o senhor está comigo.

Apoiou a cabeça no meu peitoral, fechando os olhos.

Abracei-o sem colocar muita força. Romeo parece tão frágil que estou com receio de machucá-lo.

Meu padrinho me colocou em uma cilada. Nunca passou pela minha cabeça que parte da promessa envolveria fingir ser pai de um garotinho.

Fui incapaz de rejeitar seu amor. Ele me ama por acreditar que sou seu pai. Acabei sendo arrebatado pela sua áurea singela.

—Guardei todas as cartinhas que escreveu para mim. Ainda não sei ler, mas a mamãe leu todas várias e várias vezes.

Laura finalmente saiu da inércia e veio até nós. Abaixou-se ficando de joelhos na lateral da cadeira de frente para o seu filho. A morena estava emocionada, além disso sua vida mudou em menos de quarenta e oito horas. Um giro que tirou seus pais e colocou sua segurança em jogo.

—Romeo, escute a mamãe. A verdade...

Ela iria desfazer o mal-entendido.

—Mamãe, lembra quando eu falava que tinha sonhado com o papai? —ela meneou a cabeça confirmando. —Eu acertei. Bom, só não achei que tivesse uma cadeira maneira. —sorriu com toda sua inocência.

Ela suspirou juntando suas mãozinhas, chamando sua atenção.

—Não está feliz, mãe? —perguntou Romeo, talvez sentindo a apreensão da mãe. —Estamos juntos. O papai do céu é bom o tempo todo. A vovó tem toda razão.

—Sua vó sempre está certa. —uma lágrima solitária desceu pelo seu rosto. —Querido, seu papai...

—A partir de hoje estarei sempre com você, rapazinho. Desculpa não ter vindo antes, filho.

Não sei por qual força fui impulsionado. Eu só não poderia aceitar que Laura esclarecesse tudo para o Romeo.

Eu não posso partir o coração do menino.

—Gabriel...

Laura sussurrou o meu nome como se estivesse exigindo uma explicação.

—Uau...Esse é o seu nome, papai? Mamãe guardou o segredo e não disse de jeito nenhum. Eu gosto do seu nome.

Encarei a Laura com um ponto de interrogação enorme desenhado na minha testa. Essa garota tem muito o que explicar.

—É sim, filho. —respondi retribuindo seu sorriso.

—Romeo, preciso aprontar você para a viagem. Vou vesti-lo com um conjunto de moletom bem confortável.

—Eu quero o preto. A cor preferida do papai.

—Eu separei o do Homem de Ferro...

—Mesmo assim quero o preto, mamãe. Por favorzinho.

—O garoto está certo. Tem que andar combinando com o pai.

—falou o meu irmão. —É um prazer conhecê-lo, Romeo.

Santo misericordioso! Tenho certeza que o Mariano vai piorar as coisas.

—Oi.

Romeo aceitou sua mão, o cumprimentando.

—Romeo, este é Mariano...

—Seu tio maneiro. Já estou animado para fazermos passeios juntos. Só você e eu.

—Caracas, eu não sabia que tinha um tio. —me peguei sorrindo do seu jeitinho entusiasmado. —Você parece legal.

—Sou mais que legal. Sou f... Incrivelmente divertido. —o linguarudo segurou o palavrão. Menos mal.

—Nossa não vejo a hora de ficar bom... —comentou sorrindo.

No mesmo instante que pus a mão na perna dele foi o exato momento que Laura colocou a sua. Ambos com o intuito de passar conforto para o pequeno guerreiro.

Conjecturei em tirar a minha, contudo, ficamos nos encarando esperando quem faria isso primeiro. Para completar Romeo descansou sua mãozinha por cima da nossa. Minha mão na base, da Laura no meio e do Romeo em cima.

Desviei do olhar da Laura. Céus, parece que um calor absurdo começou a dominar o meu corpo.

Estou muito ferrado.

LAURA

Romeo não queria desgrudar do Gabriel. Sinceramente não esperava que o meu filho fosse justamente pensar que o Gabriel era o seu pai. Fiquei em choque. Minha única preocupação seria a reação do meu menino quando revelasse a verdade.

Gabriel não era o seu pai. Todavia, ele se encaixava de acordo com sua imaginação que foi alimentada com as descrições que narrei nas cartas.

Estava pronta para ao menos diminuir a minha parcela de culpa quando fui surpreendida pelo o carrancudo. Ele não quis que eu desfizesse o mal-entendido. Naquele momento não tive muita escolha. Romeo estava feliz como nunca esteve antes.

Entre vê-lo feliz e magoado. Um milhão de vezes sua felicidade.

Meu filho ficou cansadinho, mesmo assim quis parecer forte. Se seu “pai” não estivesse aqui, teria se aconchegado na cama para descansar. Era efeito da medicação forte. Gabriel o colocou na cama para eu trocar a roupa dele. Ficou por perto, assim como o Mariano.

Esses irmãos são um mistério para mim. Meus pais confiavam o bastante para deixá-lo a par da situação, mas nunca soube da existência deles.

A enfermeira Tereza veio para aplicar um dos medicamentos. Sorri para o meu filho tentando ser o mais positiva possível. Sua mão e dedos se fecharam com a mão enorme do Gabriel.

Ele sempre quis o pai por perto. Algo que nunca pude oferecer para o meu filho. Por orgulho e vergonha precisei abdicá-lo de conviver com o seu progenitor. Não tive muitas alternativas, então optei por criar a figura paterna de forma heroica, como todo garoto ver seu pai.

Agora o Gabriel entrou nessa bagunça como protagonista. Estou completamente perdida.

—Meus avós estão vindo, mamãe?

Juro que minhas pernas falharam. Parece que estou carregando um fardo maior que posso aguentar.

Continuei acariciando sua cabeça, forçando um sorriso e deixando as lágrimas rolares. Não posso revelar que perdemos as duas pessoas mais importantes das nossas vidas.



Arrumei todas as coisas do Romeo dentro das mochilas. O transporte aéreo do hospital estava sendo verificado pelo piloto responsável e demais técnicos, antes de liberar o voo. Ele precisaria ir tomando a medicação, por isso a equipe concordou que seria mais seguro. Caso contrário, viria conosco.

Estou ansiosa e nervosa com essa mudança.

—Vou confirmar com o piloto do jatinho se tudo está pronto. — avisou Mariano, se afastando com o celular na mão.

Nenhum deles saíram do hospital. Para nada.

—Preciso pegar os meus documentos, o registro do Romeo, algumas fotografias. —murmurei fitando as minhas mãos.

—Sua casa não está liberada. É cena de crime.

—Mesmo assim tem objetos que gostaria de pegar.

—Posso falar com o delegado para procurar e enviar para o seu novo endereço.

—Como vamos viajar sem documentação? Tenho que voltar lá, Gabriel. Talvez fosse melhor adiarmos...

—Não vamos adiar nada. Tudo está pronto. O importante é a segurança de vocês, Laura. Coloque isso na sua cabeça. —respirou fundo com toda sua vitalidade. —A documentação posso conseguir segunda via entrando com o pedido no cartório da cidade. Vai demorar apenas alguns dias, tenho conhecidos que cuidam disso.

Sacudi a cabeça concordando. Comentou:

—Então você escreve cartas como se fosse o pai do Romeo.

Eu sei que ele merece uma explicação. É o mínimo que posso fazer.

—Sim. Sinto muito ter colocado você nisso. Juro que não sabia que o Romeo o veria como pai.

—Na imaginação dele o pai era exatamente como eu. Ele disse que sonhou comigo. Como isso é possível?

Dou de ombros. Era uma resposta que eu não tinha.

—Ele pode ter falado por falar. Sinceramente não sei, Gabriel.

—Tem certeza de que seu pai nunca comentou nada sobre mim? Não acredito em grandes coincidências.

—Onde quer chegar com isso? Por que eu mentiria?

—Quero entender a situação. O que levou o garoto acreditar que sou o pai dele. A mais plausível é o tio Vicente ter comentado algo, sei lá.

—Eu ia tirá-lo dessa situação. Você quis alimentar as esperanças do meu filho.

Gabriel passou a mão na barba nitidamente sem paciência. Dane-se!

—Não estou colocando essa questão em pauta. Eu fiz porque quis. Só não consigo acreditar que ele disse que sonhou comigo sendo que nunca nos vimos antes. Entendeu agora?

—Eu não sei.

—Não faz sentido. Tem que ter uma explicação. Certeza...

Levantei-me antes que voasse no pescoço desse homem. Estou por um fio.

—Ei, onde você vai?

O escutei perguntar vindo atrás de mim. Sua cadeira faz um barulhinho quase inaudível.

—Ao banheiro.

—Saiu do nada, fiquei falando sozinho. Quanta educação.

Parei em frente da porta do banheiro feminino e respirei fundo antes de olhar para o Gabriel, disse:

—Não tenho resposta para as suas perguntas. Estou exausta fisicamente, acabada emocionalmente, com medo desses assassinos que tiraram a única família que meu filho e eu tínhamos...Meu Deus, ainda nem sei quando vou poder fazer um enterro decente para os meus pais. E meu filho não sabe da morte dos avós...E para completar Romeo pensa que você é o pai dele.

Acabei soltando uma risada sem humor algum. Continuei:

—Estou sem condições de lidar com os seus questionamentos agora.

Adentrei o banheiro indo diretamente para frente do espelho da pia. Apoiei minhas mãos no mármore úmido. Estou com olheiras profundas, totalmente sem vida. Tenho vontade de sentar em um cantinho escuro e chorar até não aguentar mais. Entretanto, existe um serzinho que depende de mim. Preciso ter autocontrole.



Felizmente Gabriel não torrou mais a minha paciência. Sua feição não estava as das melhores, se bem que também não espero simpatia da sua parte. Ficarei uns meses residindo na sua casa, depois segurei o meu rumo. Ele não tem que cuidar de mim, sendo que sou adulta.

Precisava ter certeza de que ele cuidaria do meu filho caso algo aconteça comigo. Essa promessa basta.

—Não precisam ir comigo para o hospital. —falei assistindo a equipe transportar a maca do Romeo para a ambulância do hospital.

—Acompanho você. Mariano tem que ir para a empresa assinar alguns documentos importantes sobre o lançamento dos novos modelos.

Gabriel é teimoso que nem uma mula.

A viagem foi cansativa, fora isso desde que chegou em *El Bolsón* não descansou. Mariano também parece exausto.

—Não sejam teimosos. Vão resolver o assunto de vocês, descansar e depois irei para sua casa. Deixa o endereço que pegarei um táxi. Se bem que eu não tenho dinheiro para nada... —completei sem graça. Mariano riu.

—Faça o que pedi, irmão. Eu ficaria com eles.

—Ok. Amanhã passo na sua casa e depois irei ao hospital ver o meu sobrinho. —piscou para o irmão.

Antes de se afastar me abraçou e apertou o ombro do Gabriel.

O motorista particular do Gabriel abriu a porta do carro para eu entrar. Novamente ele preferiu se sentar ao lado do motorista. Assisti quando apoiou a mão no braço da porta que tem um suporte forte, a outra no banco de couro e impulsionou o corpo.

Balboa —o motorista —apenas segurou a cadeira de rodas para ficar firme e evitar um desequilíbrio. Gabriel era independente, bem turrão. O que tem tudo a ver com o seu tamanho. O homem é gigante, estou chutando 1,90 de altura.

Quando o carro estacionou em frente do hospital. Entreabri os lábios totalmente chocada com a faixa sofisticada. Abri a porta do

carro para o Gabriel que estreitou o olhar. Balboa posicionou a cadeira de rodas na lateral da lataria segurando para não afastar.

Quis empurrar sua cadeira quando paramos no começo da rampa. Quando estiquei o braço, Balboa segurou meu pulso gentilmente fazendo uma careta. Uma mensagem clara de que cometeria um erro terrível se fosse fazer o que deu vontade. Sorri para ele em agradecimento.

Gabriel subiu a rampa usando a parte automática da cadeira moderna.

Na recepção fomos informados que o Romeo havia acabado de chegar. Entrou pela entrada das ambulâncias do hospital. Seguimos para a ala infantil, onde o meu filho ficará internado. A equipe que vai recebê-lo está o esperando. Pude respirar um pouco melhor quando o vi chegar juntamente com a equipe do outro hospital.

Tudo estava ocorrendo bem.

O quarto que o meu filho está é bem arejado, espaçoso e só dele. Tenho quase certeza que vai reclamar por não ter colega de quarto. Após o colocarem na cama comecei a tirar alguns objetos de dentro da sua mochila. Os seus gibis era o que tinha de mais valioso.

Meu anjinho abriu os olhos muito sonolento, enquanto o seu novo oncologista pediatra o examinava. Não demorou muito para voltar a dormir. O corpo médico se reuniu logo após isso para verem o relatório do Romeo.

—Amanhã cedo voltamos, Laura.

—Eu acho melhor eu ficar. Ele pode acordar estranhando tudo.

—A enfermeira ficará responsável de nos avisar. Deixei todos os contatos.

—É melhor você ir. Eu quero ficar.

—Menina, você está exausta. Tem que comer e descansar. Romeo precisa da mãe forte.

Odeio admitir, mas ele tem razão.



Despertei escutando a voz rouca do Gabriel me chamando. Havíamos chegado. Fechei os olhos e sorri sentindo a brisa, o cheiro da natureza. Sua morada era uma mansão clássica afastada da agitação da cidade em meio a natureza. Realmente um lugar agradável para morar.

Parece que estou em casa.

Estou segurando duas mochilas com algumas coisas do Romeo que trouxe comigo. Preciso providenciar produtos de higiene, roupas, celular...Tudo.

—Senhor Arkis, os executivos da... —uma senhora começou a falar afoita, mas quando notou minha presença parou de proferir, sorrindo para mim. —Você deve ser a Laura. Sou Delfina, governanta.

—Um prazer, dona Delfina. Por favor, me chame somente de Laura. Sem senhorita.

—Estou impressionada. Você é muito linda, puxou muito da sua mãe.

Desfiz meu sorriso, começando a ficar melancólica.

—Conheceu a minha mãe?

—Conheci os seus pais. Eram pessoas maravilhosas, muito boas. Meus pêsames.

Meneei a cabeça.

—Delfina leve a Laura para o quarto que será dela. Estarei no escritório com os executivos.

—Eu sei que o senhor odeia quando tem visita. Entretanto, não pude evitar. O senhor Mariano disse que eu não tinha escolha...

—Não se preocupe, Delfina. Eu recebi a mensagem do meu irmão. Vou cuidar do assunto.

—Gabriel, gostaria de conversar com você sobre...

—Iremos conversar depois, Laura. Tenho mesmo que resolver esse assunto da minha empresa. Descanse primeiro.

—E você? —arregalei os olhos, sentindo minhas bochechas esquentarem. Tentei de consertar: —Eu quis dizer...Que deveria descansar, pois parece bem esgotado.

—Sou um homem forte. Não se deixe enganar por essa cadeira.

Apertou o botão me dando as costas, seguindo por um corredor espaçoso.

Bufei extasiada. Nem adiantaria eu falar que não quis dizer o que pareceu. O homem é complicado.

—Vamos, querida. Está com fome? Posso preparar um sanduíche enorme com tudo que tem direito.

Delfina apoiou a mão no meu ombro e fomos subindo as escadas. Reparei a existência do elevador de acessibilidade na outra extremidade.

Estou muito impressionada com o tamanho e decoração da morada. Nada é obscuro como pensei julgando pelo humor do dono. É tudo claro, janelas de vidros enormes, ambiente totalmente arejado e com uma bela vista do quintal infinito. Delfina me mostrou onde ficam as toalhas limpas, pacotes de escovas de dentes, sabonetes e creme dental.

Quase pulei de alegria quando entregou um pacotinho que tirou do bolso do vestido —do seu uniforme. É uma calcinha limpa. Afirmou que sua neta ainda não tinha usado. Agradei ela várias vezes.

Após o banho vesti a mesma roupa e, a calcinha nova. Deitei-me na cama e não demorou muito para o sono vir.

Quando acordei havia uma bandeja com um lanche generoso. Comi tudo rapidamente. Realmente estava com fome. Sai do quarto carregando a bandeja. Acabei me perdendo e estreitei o olhar quando vi dois homens usando o mesmo modelo de roupa do Balboa em frente à porta francesa de madeira.

Voltei o caminho encontrando a Delfina.

—Não precisava descer, querida. Eu iria buscar depois. Precisa de algo?

—Quem são aqueles homens? —apontei com o polegar na direção que havia saído.

—Seguranças que o senhor Arkis contratou. Chegaram a pouco tempo.

—E por que estão na porta do escritório dele?

—Esperando o patrão desocupar para saber o que deverão de fato fazer. Ele não quer ser interrompido.

—Ainda está com os executivos?

—Sim. O negócio está pegando fogo lá dentro. Levei algumas xícaras de café faz pouco tempo pela terceira vez.

—Vou pedir para o Balboa me levar ao hospital. Acho melhor ficar com o meu filho.

—O patrão pediu para esperar ele desocupar. Quer falar com você, Laura.

—Ele está bem ocupado. Além disso, quando ele quiser falar comigo sabe onde me encontrar.

—Menina, ele proibiu sua saída até conversarem.

Delfina fez uma careta engraçada, mas estou começando a ficar zangada com o senhor mandão, que nem sorri.

Regressei pelo caminho que havia acabado de sair. Fique séria a fim de não me deixar intimidar pelos homens enormes que estão fazendo guarda na porta. No entanto, só estenderam o braço musculoso impedindo minha passagem.

—Quero falar com o Gabriel. —exigi.

Fui totalmente ignorada.

Nem faz vinte quatro horas que estamos morando debaixo do mesmo teto e, o senhor arrogante está torrando a minha paciência. Minha vontade é de chutar essa porta e falar umas verdades para ele. O homem está querendo controlar tudo. Gabriel é tão esperto que colocou os dois seguranças enormes justamente na porta do seu escritório.

—Será que os guardiões da galáxia podem permitir a minha entrada? É pedir muito?

—Senhorita, não temos permissão para deixá-la entrar. Ninguém tem autorização. A não ser a senhora Delfina e, o senhor Mariano.

A única coisa que passa na minha cabeça sou eu enforcando o Gabriel.

CAPÍTULO 6

LAURA

Fechei as mãos em punhos, quase tremendo de raiva. Se o senhor dono do mundo não pode me receber, por que quer me manter trancafiada dentro dessa morada? Creio que os assassinos dos meus pais não se arriscaram tanto vindo atrás de mim, quando a polícia está em cima.

Fazer um escândalo na porta do escritório do Gabriel não vai resolver os problemas. Ele pode ficar com mais raiva do que aparenta sentir de mim e definitivamente as coisas vão piorar. Fora que o desconhecido está cumprindo algo que prometeu ao meu pai.

Tenho que me esforçar para ao menos nossa convivência ser tolerável.

Prestes a sair, escutei a porta de madeira abrindo. Freei os pés e olhei para trás. É um homem trajando terno impecável, barba estilo lenhador, cabelo na altura dos ombros. Alto, elegante e bonito.

—Onde fica o banheiro, moça? —perguntou sem se preocupar em ser indiscreto em me olhar da cabeça aos pés.

Muito desconfortante.

—Eu não sei. —respondi séria, querendo espiar o interior do escritório pelo pequeno espaço aberto que ficou entre as duas portas.

—Você não trabalha aqui?

—Não.

Seus lábios subiram em um sorriso cínico. Como se tivesse afirmado algo para si próprio. E com certeza não vou gostar de saber o que é. Deve estar pensando que sou uma “amiga” do Gabriel.

—Entendi. Está saindo com o Gabriel?

—Não conheço você, então não espere que eu responda esse tipo de pergunta. —cruzei os braços, brava.

O olhar do homem mudou completamente. Parece que não gostou da minha resposta. O que ele esperava? Que eu contasse a minha vida para ele, ou que fosse dar corda para suas insinuações.

Ele entreabriu os lábios no intuito de falar. No entanto, se recompôs quando escutou a voz gutural do Gabriel:

—Algun problema?

—Seu convidado quer saber onde fica o banheiro.

Os olhos oceânicos do Gabriel fixaram no homem. E sua feição que já era séria, ficou mais fechada ainda.

—Pensei que tivesse entendido que fica no fim do corredor do lado direito, Estevam.

Sem graça o tal Estevam forçou um sorriso.

—Com licença. —saiu rapidamente.

Gabriel começou a batucar os dedos no braço da sua cadeira de rodas, olhando fixamente para mim.

—Precisamos conversar.

—Estou resolvendo um assunto sério da minha empresa, Laura. Falei isso antes.

—Ok. Então pode liberar minha saída? —exasperada coloquei as mãos na cintura.

—Não.

—Como não? —indaguei tentando ao máximo manter as mãos longe do pescoço dele.

—Não. Pedido negado.

—Quem pensa que é para agir assim?

Ele estalou o pescoço em seguida voltou a me encarar como se estivesse entediado.

—O homem que seu pai confiou sua segurança. Aliás, sua, do Romeo e da herança que deixou para vocês.

Estreitei os olhos sem entender. Era do meu conhecimento que meus pais tinha um dinheiro guardado, se bem que fiquei sabendo somente quando Romeo foi diagnosticado com leucemia e meu pai disse que o neto faria o tratamento no melhor hospital da cidade. Sempre estive por fora das finanças da família.

Cresci em um lar harmonioso, cercado de amor, sem luxo. Tínhamos conforto, isso bastava. Ensinaaram para mim coisas simples do dia a dia, ter responsabilidade desde pequena. Mesmo vivendo uma vida pacata, notava certa angústia no olhar dos meus pais.

Eles me escondiam muita coisa para me proteger da família ambiciosa do meu pai. De fato, nunca soube o que eles fizeram para chegar ao ponto do meu pai renegar seus familiares de sangue e nunca mais vê-los.

E de alguma forma meu pai tinha contato com o seu afilhado. Nunca comentou sobre a existência do Gabriel. São tantas indagações sem respostas que parece que minha cabeça vai entrar em ebulição.

—Quero ficar com o meu filho no hospital.

—Romeo está sendo bem cuidado. E nós iremos ao hospital juntos.

—Não tem que fazer isso.

—Isso o quê?

—Você sabe.

—Não tenho bola de cristal, menina.

A delicadeza passou muito longe desse ser.

—Não tem que ser o pai do meu filho.

—Ainda estou pensando no que o Romeo disse de ter sonhado comigo. Eu odeio mentiras, então estou te dando a oportunidade de ser honesta. Nunca soube de mim antes?

—Não. —afirmei. —Também estou confusa por ele ter dito que sonhou com você. Não sabíamos de você.

—Ele citou adjetivos que se encaixam com o meu perfil. Olhos azuis...Como explica isso?

—Eu acho bonito olhos azuis. Foi algo que fui criando na minha imaginação para o meu filho.

—Gosta de olhos azuis?

Agora ele deve estar se achando a última bolacha do pacote. O ogro é terrível de bonito. Mas nunca que irei admitir isso.

—Gosto. Mas isso não quer dizer que tem a ver exatamente com você. Nunca tinha te visto antes, Gabriel. Além disso, a única descrição que você se encaixa é na cor dos olhos.

Sua expressão ficou tempestuosa. Ele que começou!

Sem usar a boa educação virei de costas seguindo pelo corredor. Preciso de ar puro.

Apreciei o extenso quintal que parece não ter fim. Um pouco mais afastado vi uma estrutura de vidro que lembra o modelo de uma pirâmide. Caminhei na direção e sorri ao ver um enorme estofado cheio de almofadas. Esse lugar é perfeito para relaxar, ler um livro, dormir.

Assim como a morada é feito de madeira bruta e vidro circulando o lugar, invés de alvenaria. Escorreguei a porta de vidro, entrando e fechando em seguida. Inalei o cheirinho de maçã com canela. É bom.

Não tem decoração nenhuma. Somente o enorme estofado preto, almofadas pretas e, as cortinas que estão todas encolhidas permitindo que a claridade preencha o lugar. Ambiente totalmente minimalista. Tirei a rasteirinha e deitei agarrando duas almofadas.

E então as lágrimas começaram a escapulir dos meus olhos. Nunca me senti tão sozinha como estou agora. Ter sido criada na redoma que os meus pais criaram envolta de mim tem uma boa parcela, contudo, o que mais estar doendo é não os ter mais comigo e Romeo.

Apertei a almofada com mais força, escondendo o rosto no tecido macio, abafando o choro. A cena do meu pai machucado, sujo de sangue, gritando para eu fugir, em seguida caindo no chão com um tiro na cabeça...Atormentam a minha cabeça.

Nunca desejei a morte de ninguém. Entretanto, agora parece justo alimentar esse sentimento. Quero que os assassinos morram, que tenham uma morte lenta.

GABRIEL

Finalmente a reunião havia acabado. Não suporto que pessoas que mal convivo venham a minha casa. Pedi para o Estevam ficar. Ele assumiu a presidência da empresa de marketing da sua família. O pai dele é um senhor honesto, trabalhador e muito talentoso.

Agora alguma coisa saiu errado nos genes do filho. O cara é um estúpido. Pensa que sabe de tudo, se aproveita da posição que está hoje para subjugar.

—Ficou com alguma dúvida, senhor Arkis?

Soltei a caneta banhada a ouro que contém as iniciais do meu nome gravado.

—Espero que não tenha sido desagradável com a Laura. — falei, taciturno.

Segurando a pasta de couro com a mão, soltou uma risada.

—Pensei que ela fosse um caso seu.

—Como qualquer outra mulher merece ser respeitada. Farei o possível e impossível para que não seja necessário que venham novamente a minha casa. Porém, se vier e por acaso ela estiver presente, passe direto e não a olhe.

Ele desfez o sorriso debochado.

—Não era minha intenção ter causado mal-estar. Também não sabia que era sua namorada.

Eu poderia dizer que não somos namorados, certo? Claro, seria o correto. Mas não sou obrigado a nada. Talvez até seja melhor ele pensar desse jeito. O fato é que não devo satisfação para ninguém.

Deus me livre ser namorado da teimosia em pessoa.

Às vezes tenho a sensação de que ela vai atacar o meu pescoço com suas mãos pequenas.

Ele saiu do meu escritório e finalmente fiquei sozinho.

Enviei uma mensagem para o Calixto solicitando as procurações que o meu padrinho deixou. Grande parte da fortuna está guardada em um banco na Suíça. Sem perigo algum. No entanto, preciso assumir as aplicações, movimentar a conta, fazer investimentos seguros para aumentar o valor.

Com toda perícia que tenho no mundo dos negócios farei isso para garantir uma vida tranquila para Laura e Romeo. Eles merecem isso.

Pensei em continuar trabalhando, todavia, a irritadinha não vai ficar no vácuo. Amanhã ficaremos com o Romeo. Explicarei da melhor forma como as coisas serão daqui para a frente.



—Laura está no quarto dela? —perguntei a Delfina, que têm em mãos cabides com roupas minhas que vieram da lavanderia.

—A última vez que a vi estava perto da piscina.

—E isso faz...?

—Um bom tempo.

Bufo indo à cozinha. Abri a porta francesa e senti o vento friozinho bater contra o meu corpo. Apertei o botão da cadeira indo até o fim da área coberta. Ela não está por aqui. Pensei em entrar. Contudo, veio à cabeça que sua curiosidade deve ter a levado para o meu canto. Pedi que construíssem esse local alguns metros de distância da morada principal. Gosto de ficar lá quando a saudade fica sufocante.

No automático a cadeira segue em linha reta pelo piso de madeira —que fica em cima da grama—que mandei construir justamente para ter acesso fácil ao local. A única pessoa, além de mim, que pode entrar lá dentro é a Delfina —que vai somente para limpar.

As cortinas não estão protegendo o casulo. Pude ver as cascatas onduladas da Laura. Ela está encolhida, dormindo serenamente, agarrada as almofadas. Nem parece a marrentinha respondona, pronta para me atacar a qualquer momento.

Entrei com cautela para não a acordar. Fechei a porta de vidro e guiei a cadeira até estacionar na lateral. Observador notei que chorou bastante, a pontinha do seu nariz delicado está avermelhada, as maçãs do rosto estão rubras e, uma lágrima solitária desce lentamente pela sua face. Pelo jeito ela adormeceu chorando.

Acabei sorrindo por achar a pintinha marrom que tem um pouco acima dos seus lábios, do lado esquerdo, fofa e sensual. É quente.

Mesmo sendo um homem rude, preciso me controlar um pouco com ela. Porra, a garota perdeu os pais, quase foi pega pelos assassinos e está passando a maior barra com o filho doente.

Sim, eu sou um cara intragável quase vinte e quatro horas por dia. Contudo, a situação agora é diferente.

Ergui minha mão com vontade de tocar no seu cabelo e fazer carinho no seu rosto. Meus dedos comicharam, engoli em seco e me

afastei. Que caralho está acontecendo comigo?

Sai do casulo para tentar dissipar os pensamentos conflitantes.



Optei em almoçar no escritório, o que não era novidade. Por educação deveria fazer companhia a Laura, mas realmente tenho sérios problemas da Arkis para resolver. Contratei dois seguranças de uma empresa exclusiva e de extrema confiança. Um ficará no hospital, atento a qualquer situação suspeita.

Quero garantir que o rapazinho continue em segurança. O outro será motorista e segurança da Laura. Irá a acompanhar em todos os lugares quando Balboa, ou eu não puder.

Esfreguei as pálpebras sentindo os meus olhos arderem de cansaço. Ainda não dormi. Peguei o copo de água e, os remédios os tomando.

Pela janela vi que está quase escurecendo. Como sempre perco a noção do tempo. Estava quase entrando no elevador quando decidi lembrar a Delfina de comprar os meus remédios, pois só tenho para mais um dia.

Adentrei na espaçosa cozinha. Invés de encontrar a Delfina cozinhando, ou fazendo qualquer outra coisa. Vi a Laura com o batedor dentro da tigela. Tem várias coisas em cima do balcão. Ela por sua vez parece concentrada lendo a revista aberta um pouco mais à frente da tigela. Deve ser uma das revistas de receita da Delfina.

—O que está preparando? —decidi puxar conversa.

Seu cabelo longo está em um coque bagunçado. O que na minha opinião evidenciou mais o formato do rosto delicado. Deixou o ar angelical para algo mais sensual. Cacete, tenho que parar de reparar nessa garota.

—Torta de carne.

—Amanhã o Balboa vai levar você para comprar roupas e produtos do seu gosto.

—Estou mesmo precisando. —admitiu. —Falando nisso teria como conseguir os meus documentos e do Romeo?

—Irei providenciar isso.

—Ok.

Virou para a pia e pegou um saco de carne descongelado. Tirou da embalagem o colocando em cima da tábua de madeira.

—Ainda essa semana irei te entregar um cartão. Pode usá-lo para comprar, pagar qualquer coisa que queira.

—Não se incomode com isso, Gabriel.

Ela começou a abrir algumas gavetas. Até que tirou uma faca que é especialmente para cortar carne.

—Sou administrador do dinheiro que seu pai deixou para você. Terá conforto, tudo que precisa.

—Eu não quero. —disse, sem olhar para mim.

Não suporto quando conversam sem olhar nos meus olhos.

—Mas é seu.

—Estou recusando. A única coisa que importa é que meu filho continue tendo o melhor tratamento possível.

—Irei entregar o maldito cartão e você vai aceitar.

Passei a mão na barba quando vi o jeito que começou a cortar o pedaço nobre de carne.

—Dinheiro é algo que não precisa se preocupar. Continue com sua faculdade, se quiser fazer mais cursos, depois especialização, enfim.

Sinto que a cada corte que a Laura faz na carne é como se estivesse imaginando o meu pobre corpo. A mulher está brava comigo. Disso tenho certeza. Ela tem que entender que tudo que estou fazendo é para manter a promessa.

—Termine sua faculdade tranquila, fique mais tempo com o Romeo. —meio sem jeito, afirmei: —Ele precisa de nós.

E então ela me fitou com os seus olhos de ônix pela primeira vez desde que cheguei.

—Eu sei de tudo isso. Posso fazer tudo isso, mas preciso trabalhar. Sustentar meu filho e eu.

Juro que estou tentando ter paciência.

—A herança que seu pai deixou é o suficiente para terem uma vida tranquila. Estou administrando com todo cuidado e respeito que tenho pelo meu padrinho, pela sua mãe...Por vocês.

—Esse dinheiro fez mal para os meus pais. Destruíu a vida deles, porque sei que eles fugiram da família do meu pai por um motivo muito sério. —continuou me encarando. —Dinheiro, ambição.

Fiquei calado. Ela prosseguiu:

—Além disso, falei com o Juan Pablo. Ele me recomendou para uma vaga disponível no restaurante de um amigo dele. —declarou, em seguida começou a temperar a carne.

Nem que as minhas bolas caíam a Laura vai trabalhar sob a recomendação do doutorzinho.

—Quando falou com ele?

—Hoje à tarde. Usei o telefone residencial. Espero que não se importe.

Apertei os lábios para impedir de palavras grosseiras saírem. contei até dez mentalmente, falei:

—Você não precisa trabalhar, Laura. Pelo menos agora. Deixe para quando se formar...

—Eu quero e vou. E quanto ao cartão pode... —ela suspirou, e concluiu: —Cancele, ou sei lá.

—Se faz tanta questão de trabalhar posso conseguir algo para você. Apenas espere um pouco.

—O horário que vou trabalhar no restaurante é flexível. Irei conseguir passar o dia com o Romeo e depois ir trabalhar.

—Então sua ideia é se desgastar fisicamente sem necessidade? Brilhante. —exclamei irônico.

—Posso estudar no hospital. Fazia isso antes.

—Antes você não precisava trabalhar, carregar tudo sozinha nas costas. Não tem que fazer isso agora. Romeo acredita que sou o pai dele. E eu vou fazer valer.

Nós nos encaramos profundamente.

Decidi sair porque agora quem está puto da vida sou eu. Mariano estava vindo em direção à cozinha e trazia várias sacolas do restaurante italiano que costumávamos frequentar. Ele ficou na minha frente pensando que iria parar, percebendo que estou com o

humor do cão, abriu caminho. Todavia, acabei passando por cima do seu pé.

—Viado filho da mãe!

Entrei no elevador e apertei o botão para subir.

CAPÍTULO 7

LAURA

Gabriel é terrível.

Juro que estou tentando ser forte, pé no chão e passiva. Ele tem que entender que não pode simplesmente começar a fazer parte da minha vida por conta dessa bendita promessa que fez para o meu pai. Meu maior medo é de como o meu filho vai ficar nessa história quando o Gabriel decidir que não será mais necessário para nós.

Então quanto mais cedo conseguir independência, mais fácil será para seguir o meu caminho.

Eu dormi chorando esta tarde, pois finalmente pude sentir um pouco do luto, perda. Sim, estou revoltada e desejando vingança contra os assassinos dos meus pais. No entanto, me manter forte só é possível por causa do Romeo. Sem o meu anjinho estaria perdida nesse mundo.

Além de tudo isso, tem o fato do meu filho ter certeza que Gabriel é o seu pai. Tenho total consciência que comecei essa teia de mentira, mas nunca passou pela minha cabeça que no momento que viu o afilhado do seu avô o veria como seu pai. O pai que tanto sente saudade, que faz planos de passeios, que se orgulha.

Criei o pai do Romeo na sua cabecinha como um herói. Tudo para vê-lo feliz, não se sentir rejeitado, abandonado, inferior.

Errei feio. Agora estou mais enrolada que antes nessa mentira. Céus, meu filho não pode me odiar. Isso acabaria comigo.

—Estou pensando seriamente em fazer um seguro para a cadeira de rodas do meu irmão. Gabriel agora deu de ficar passando por cima dos pés dos pedestres. —ralhou Mariano, deixando as sacolas em cima do balcão.

Desanimei em continuar fazendo a torta de carne.

—O que foi, *Pocahontas*? —indagou.

Começou a tirar várias embalagens recicláveis de dentro das sacolas. O cheiro estava divino.

—Pocahontas? Que apelido é esse?

—Combina com você. São de beleza exótica e assim como ela pode salvar o futuro amor da sua vida.

O encarei perplexa. Ele soltou uma gargalhada, enquanto abria as embalagens.

—Você sabe que a verdadeira história da ameríndia é trágica. Não se trata apenas de ter salvado o homem branco e ter sido feliz com ele. Muita ficção. —falei, desamarrando o avental do meu corpo.

—Vamos deixar do jeito romântico. É melhor.

Dou de ombros.

Comecei a recolher todas as coisas que estava usando para preparar a torta.

—Por que meu irmão saiu daquele jeito? Se bem que sempre ele está de mau humor.

Respirei fundo, sem saber ao certo se deveria desabafar com o Mariano. Afinal, é irmão do senhor arrogante.

—Trouxe o jantar para todos. Já que estamos só nos dois, vamos comer. —avisou, abrindo a geladeira.

Sentei-me na banquetta e sorri quando entregou uma latinha de suco. Ele pegou uma cerveja e sentou abrindo a tampa com a boca. Bem masculino.

—Obrigada. —agradei quando colocou duas embalagens na minha frente.

Meu estômago roncou. Realmente estou com fome.

—Não estamos entrando em um acordo sobre o dinheiro que os meus pais deixaram.

—Deixaram o suficiente para você e seu filho terem uma vida confortável. Gabriel é um ótimo administrador, sabe investir, tem dedo bom para essas coisas.

—Eu sinto que ele sempre vai controlar os meus passos. Não só em relação ao dinheiro. —confessei, antes levar o garfo com lasanha à boca.

—Veja o meu irmão como uma espécie de guardião.

—E o meu filho pensa que ele é o seu pai amado. —tomei um gole do suco. —Entendo que o meu pai tenha tido confiança nele, mas eu não o conheço. E nem você. Para completar estou desabafando com você.

Sorriu passando a mão na barba.

Enquanto mastigo lentamente reparei mais na sua aparência. É um homem alto, forte, tem traços rústicos que lembram a feição do Gabriel. Todavia, não são muito parecidos. Seu cabelo é castanho quase claro, os olhos verdes escuros. E seu estilo é mais despojado. Apesar de estar trajando peças que compõe o terno, tem várias pulseiras nos pulsos, anéis, cordões.

—Meu irmão é um ser humano complicado. Mas o maldito sabe o que faz. —sorriu, antes de beber mais um gole da cerveja pelo gargalo. —Seu pai não poderia ter confiado em uma pessoa melhor.

—De qualquer forma não quero o dinheiro. A única coisa que preciso é que seu irmão cuide para que o meu filho continue tendo o melhor tratamento.

—O dinheiro é de vocês, Pocahontas.

—Esse dinheiro só trouxe coisas ruins para os meus pais. Eles sempre me protegeram, me poupavam de tudo, controlavam a situação para não deixar a família do meu pai se aproximar. Aceitei tudo calada por respeito e medo. Eu cresci em meio ao amor, educação, respeito, mas também o receio.

Mariano suspirou, pegando outra embalagem de comida.

—Os Navarro são uma família do alto escalão. Comandam o ramo do petróleo há décadas. Seu pai foi um grande CEO do império da família. Sinceramente não sei o que realmente aconteceu para ter abandonado tudo. No entanto, o motivo foi nobre. Afinal, se resumiu a proteger você. Seus pais foram pessoas muito boas, Laura.

—Eu sei. —afirmei, emocionada.

—Eu tenho quarenta anos e juro que tive vontade de largar várias vezes a empresa da família. Ao contrário de mim, Gabriel nasceu para ser líder, comandar uma equipe. Meu irmão é inteligente, sagaz, destemido, firme. Por isso fui o primeiro a dizer ao meu pai que ele deveria assumir a Arkis. E quando aconteceu...Caralho foi um alívio. Foi como receber uma lufada de ar.

Ele riu.

Seu celular —que está em cima do balcão —começou a tocar. Mariano fez uma careta engraçada, mexendo a boca.

—Eu já terminei. Se quiser pode atender que eu...

—Imagina. Não tenho problema com isso. Só não estou mais gostando de sair com o Tadeu. Pensei que estava apaixonado, mas o encanto passou. Tenho que conhecer novas pessoas.

Tenho quase certeza de que entendi sua referência no masculino. Ele abriu um sorriso debochado, notando meus questionamentos.

—Sou pansexual. —esclareceu.

—Não ajudou muito. Desculpa. —admiti, sem graça.

—Gosto de pessoas. Sou atraído por quaisquer pessoas.

—Que...Legal, eu acho. Você não fica confuso?

—Estou feliz sendo assim, mesmo nem eu sabendo direito o que sou. —riu totalmente descontraído.

O importante é ser feliz.

Delfina apareceu na cozinha querendo limpar a bagunça que fiz. A interrompi a fazendo se sentar na banquetta para jantar.

Mariano se despediu de nós duas com um abraço e beijo na cabeça. Gostei do seu jeito fraternal. Pensei que ficaria um pouco com o irmão, contudo, deduziu que seu humor não estava os dos melhores. E como está cansado, decidiu ir para sua casa.

Após limpar tudo Delfina estava se preparando para ir embora. Antes de eu sair fitei a embalagem que continha a comida que deixamos para o Gabriel. Bati os pés no chão como uma criança mimada sendo vencida pelo meu lado bom. Peguei a sacola e fui rumo às escadas.

Obviamente deduzi que o quarto do Gabriel era o único que fica do lado oposto, onde só havia uma porta dupla de madeira. Será coisa rápida. Irei deixar a sacola no chão, bater na porta e sair correndo em direção ao meu quarto.

No meio do caminho penso em desistir. Todavia, querendo ou não, ele tem sido bom comigo. Ele foi carinhoso com o meu filho. Então, não me custa nada deixar seu jantar na porta do seu quarto.

Abaixei para colocar a sacola no chão com cuidado. O plano era tão simples, mas claro que comigo não daria certo. Gelei quando

escutei a porta abrindo e as rodas da cadeira fazerem sombra.

Ergui o rosto e só piorei a situação.

O homem estava em toda sua magnitude usando apenas uma calça de moletom cinza. De repente me peguei umedecendo os lábios, enquanto acompanhava as gotinhas de água descerem pelo seu peitoral, abdome, gominhos marcados.

Minhas bochechas esquentaram quando limpou a garganta. Claramente querendo me tirar do estado de estupor. Só faltou escrever na minha testa que estava o secando. Levantei-me fingindo tirar poeira — totalmente inexistente —do vestido. A fim de diminuir um pouco a vergonha.

Finalmente o fitei fingindo que nada aconteceu. No entanto, as irises azuis estão fixas em mim. Parece que ele é capaz de ler os meus pensamentos. Espero que não. Tentei não focar no seu cabelo úmido, a barba que transmite um aspecto mais másculo.

Apesar de estar sentado o seu tamanho, olhar e expressão transmitem uma altivez enorme.

—Eu trouxe o seu jantar.

Apontei para a sacola no chão. Tagarelei mais:

—Na verdade, foi o Mariano que comprou...Ah, claro que sabe. Vocês se viram... —*cala a boquinha, Laura*. Decidi escutar meu lado racional. —Eu vou dormir.

Dei alguns passos e quando ia virar para finalmente sair da cena embaraçosa, falou:

—Obrigado. Eu estava indo à cozinha.

Ficamos nos encarando por alguns segundos. E sai antes que falasse alguma besteira.

Encostei-me na porta do meu quarto, fechando os olhos.

O que está acontecendo comigo?

GABRIEL

Delfina veio deixar o meu café da manhã no escritório. Antes de começar a trabalhar, liguei para a recepção da oncologia infantil. A enfermeira do plantão me atualizou sobre o estado do rapazinho. Está tudo sob controle. No entanto, seu apetite é pouquíssimo tudo por conta dos remédios fortes, quimios.

Esse serzinho tem que vencer essa doença. Massageei as têmporas com a cabeça a mil.

Escutei duas batidas na porta e autorizei a entrada.

—Delfina avisou que queria falar comigo. —disse Laura.

Ela colocou as mãos no bolso de trás da calça jeans. Que na minha opinião está muito colada. Delfina pegou um par de roupas da sua neta para a Laura. Acho que teria sido melhor que ficasse com o vestido, porque definitivamente os trajes a moldaram.

Isso é problema seu? Não, porra. Respondo minha consciência.

—Liguei para saber do Romeo. Ele está bem. Como tenho que resolver alguns assuntos da empresa e você vai comprar roupas, produtos pessoais, enfim. Só iremos ao hospital depois do almoço.

—Estou de acordo.

Ela não contestar ou questionar é novidade.

—Balboa irá com você, já que não precisarei dele.

Abri a primeira gaveta da mesa e retirei um envelope do banco. Estendi em sua direção.

—Este é o cartão. A senha é o aniversário do Romeo.

Sua hesitação foi visível. Por fim pegou o envelope.



Perdi a noção do tempo trabalhando. Obviamente cuidar de uma empresa à distância é mais complicado. Principalmente quando o meu irmão é benevolente com os funcionários. Não que a ideia seja ser um carrasco, mas um líder tem que ter o pulso firme. Saber corrigir, explicar, escutar, decidir.

Tenho a impressão que o Mariano gosta de se sabotar. Principalmente agora que pretendo deixar a presidência da empresa. Planejo fazer isso após os novos lançamentos. E meu irmão mais velho nunca quis saber de tomar conta da Arkis.

Disquei o número do Balboa. No terceiro toque atendeu:

—Já estão vindo? —perguntei, conferindo a hora no relógio de pulso.

—Senhor, bem que eu gostaria...

—Laura não terminou as compras? Passe o celular para ela.

—Sim... E, não posso.

—Porra, Balboa. Diz o que foi então?

—Estamos em um restaurante na *Calle Humboldt*. A senhorita Laura veio fazer um teste para uma vaga no restaurante.

—Mande agora mesmo a localização.

Encerrei a ligação fulo da vida.

Depois do acidente o único lugar que vou é a Arkis, isso somente quando minha presença é extremamente necessária. Todavia, precisei vir ao restaurante simplesmente porque a teimosia em pessoa não teve paciência.

Balboa está me esperando na frente do luxuoso restaurante. O segurança —Agner —veio dirigindo. Ao estacionar, saiu para pegar a cadeira de rodas. Balboa assumiu, sabendo o jeito certo de posicionar.

—Ela me ameaçou. Falou que chamaria a polícia, faria um escândalo. —justificou.

Antes de ser meu funcionário é um amigo que prezo. No entanto, agora estou bravo demais.

—Agner pode voltar. Sigo daqui com o Balboa.

O piso do local era reto, sem nenhum obstáculo para minha cadeira de rodas. A maitre nos recebeu com um sorriso. A ignorei para varrer o ambiente com os olhos. Soltei a respiração com um pouco mais de força ao ver a Laura servindo uma mesa. Ela estava séria, provavelmente dando tudo de si para conseguir a vaga.

Os executivos que estão na mesa parecem bem alegres por estarem sendo atendidos por uma moça jovem e muito bonita.

Não duvido nada que algum deles deve ter jogado uma piada sem graça de duplo sentido. Sem se importarem de estarem constrangendo uma mulher em seu local de trabalho. Muitos são casados, comprometidos, mas adoram a posição para subjugar. Sei disso porque convivi com homens desse feitio por anos.

O pior é que maioria delas aguentam tudo caladas para manterem o trabalho. Outras se iludem.

—O senhor tem preferência...

—Quero ser atendido por aquela moça.

A maitre ergueu a sobancelha para ver de quem se tratava. Voltou a nós olhar e explicou:

—Ela começou agora, senhor. E está atendendo três mesas.

—A quero me atendendo. Agora nos leve para a mesa de dois lugares.

Sem contestar fez o que pedi.

Balboa tomou a frente para tirar a cadeira de madeira, assim pude estacionar no lugar que ocupava. A maitre nos entregou o cardápio e saiu em seguida.

—Senhor, o que está pensando em fazer?

Laura arregalou os olhos quando me viu. Levantei o braço para acenar bem alto com a mão e dedos. Quando a maitre saiu de perto dela, ficou um tempinho parada. Provavelmente sabendo que coisa boa não sairia comigo aqui.

E finalmente começou a se aproximar.

—Gabriel, eu...

—Espero que não esteja cansada, pois sou um cliente exigente.

Entreabriu os lábios carnudos e rosados, mas nenhum som saiu. Depois se recompôs.

—Olha, o Balboa não tem culpa. Eu disse que se tentasse me impedir ou ligasse para você iria chamar a polícia.

—Espero que seja rápida para escrever. Não gosto de ficar repetindo.

Comei a falar rapidamente o nome dos pratos italianos. Se olhar matasse estaria a sete palmos do chão a muito tempo. Laura está me odiando. Ao finalizar o pedido exigi que não demorasse, pois estava com muita fome.

Quinze minutos depois trouxe a refeição.

Ao cortar a carne fiz uma cara de nojo.

—Olha isso?

—É uma carne. —falou debochada.

—Está malpassada.

—Você não disse o ponto que queria! —exclamou furiosa.

—Não escutei você perguntando.

—E precisava?

—Eu esperava mais atenção da sua parte. Quero bem passada, por favor.

—Fez de propósito!

—Invés de ficar batendo boca com o cliente, deveria levar o prato e trazer o pedido correto.

Pisquei o olho direito para ela que apertou os lábios me fitando com raiva.

Pegou o meu prato rudemente, e quando virou de costas e deu um passo falei:

—O do Balboa também.

Seu olhar foi mortal.

Lentamente Balboa parou de mastigar a comida. E então Laura pegou o prato dele.

Quando retornou com a refeição, desta vez corrigida, proferi:

—Mudei de ideia.

—Como assim...?

—Quero a carne ao ponto para mal.

—O quê? Para de palhaçada, Gabriel. Você pediu bem passada.

—Agora quero ao ponto para mal. Vamos, não demore muito.

—Ora seu... —engoliu as palavras que com certeza não seriam nada bonitas.

Fiz a Laura trocar a refeição várias vezes. Sim, fui bem babaca.

—Eu mudei de ideia novamente...

Não terminei de falar, pois quase não deu tempo de fechar os olhos. A Laura jogou na minha cabeça a jarra de água que estava na sua bandeja. Ainda bem que não estava cheia, contudo, foi o suficiente para molhar o meu cabelo, rosto, barba e, a gola da minha camisa de linho.

Passei a mão no rosto e abri os olhos notando que somos o centro das atenções do restaurante. O silêncio ficou presente.

—O que você fez, garota? —escutei uma senhora perguntar dela.

Pelo crachá a identifiquei como gerente do estabelecimento.

—Eu...Eu sinto muito. Por favor, dona Elsa, mais uma chance, preciso do emprego...

—Senhor, peço perdão pelo atendimento péssimo.

A mulher olhou severamente para a Laura. Não gostei disso.

—Sua refeição ficará por conta da casa.

Apesar de ser o culpado em momento algum a mulher se preocupou com a sua funcionária. Um erro grave da sua parte.

—É o mínimo. —falei fingindo estar furioso.

—Nem preciso dizer que não passou no teste. —comunicou a gerente.

—A culpa foi dele.

Defendeu-se largando a bandeja com a jarra em cima da mesa sem nenhuma delicadeza.

—Ah, claro. A jarra me atacou. —continuei no personagem. — Balboa, por favor vá buscar o carro. Espero na frente do restaurante.

—Senhor, por favor, termine sua refeição, posso arranjar uma camisa limpa...

—Aqui não fico mais. Com licença!

Entrei dentro do carro. Balboa guardou a cadeira de rodas para mim. Em poucos minutos Laura entrou batendo a porta com força desnecessária.

Laura está furiosa comigo. Eu disse para esperar alguns dias que conseguiria um emprego que não fosse atrapalhar sua dedicação com Romeo e seus estudos. Se ela fosse uma boa menina teria esperado.

Ela fez isso? Porra nenhuma.

—Você passou dos limites, Gabriel. Nunca fui tão envergonhada.

Notei que estava tremendo de raiva. Não acredito em reencarnação ou qualquer teoria sobre isso. Mas estou mudando de ideia. Acho que a Laura foi um *pinscher* na vida passada.

—Estamos fazendo do modo difícil por orgulho seu.

Virei o rosto para a janela do automóvel. Tive que apertar os lábios para não perceber que estou segurando o sorriso.

CAPÍTULO 8

GABRIEL

Não segurei a risada por estar satisfeito com o que fiz para a Laura dentro do restaurante. Depois de anos vivendo com uma nuvem escura sob minha cabeça, simplesmente estou sentindo algo diferente.

Como se finalmente algo me trouxesse luz, esperança de dias melhores.

Admito que fui movido pela cólera de ter sido confrontado de frente pela morena. Ela estar colocando sua segurança em jogo, aliás, dela e do *nosso* filho. Eu vou cumprir a promessa, não só porque o meu padrinho pediu.

Quando abracei o garotinho no hospital por alguns segundos tive a sensação de estar abraçando o meu filho. Infelizmente era um desejo implantado na minha mente e coração se mesclando as emoções. Ele nunca mais voltaria para mim. E saber que sou o culpado... Faz eu querer desistir de respirar, de continuar.

Talvez a morte fosse algo fácil para mim. A penitência de ter ficado paraplégico, sentindo dores crônicas é o mínimo que mereço. Lamentavelmente nada será o suficiente para reparar o meu erro.

Nada mais justo que cuidar do Romeo, acompanhar de perto seu tratamento...Ser o pai que ele idolatra. Errei uma vez, não cometerei o mesmo erro.

Ainda estou confuso pelo fato de ele ter me associado como seu pai. O pequeno foi tão espontâneo, seus olhinhos brilhando, sua expressão de surpresa e alegria são impagáveis. Parece que o destino colocou nas minhas mãos uma nova oportunidade.

Dessa vez não vou falhar.

Encarei a Laura que continua olhando pela janela. Seus dedos que antes estavam inquietos, agora descansam no seu colo. Ela com certeza xingou até minha trigésima geração e sabe se lá o que mais está pensando que eu sou.

Não quero a controlar, pelo contrário. Anseio por sua independência profissional, que seja bem-sucedida em todos os campos da sua vida. É uma moça jovem, forte, tem tudo pela frente. Entretanto, nesse momento não sabemos quem são os assassinos dos seus pais, se continuam atrás dela, se estão armando alguma coisa.

Laura precisa tomar cuidado. E para isso terá que ceder em algumas coisas. A primeira delas em querer trabalhar em um lugar onde não posso garantir sua segurança. Para completar tem a possibilidade de a família Navarro vir até nós. Não sei o que é pior. A família Navarro, ou os assassinos que estão à solta.

—Laura, não tive a intenção de humilhar você. Na verdade, bem...

Encarou-me com os seus olhos cor de ônix. Fiquei sem jeito, me sentindo um completo imbecil ao reparar que estava segurando as lágrimas.

—Sério isso? Porque me senti exatamente assim. Rebaixada. Passei a mão na barba, soltando o ar com força.

—Eu peço desculpa por isso. Confesso que não gostei de saber que passou por cima de algo que já tínhamos conversado.

—Você impôs. É tudo que tem feito. Eu não quero a droga desse dinheiro, não quero ligação nenhuma com a família do meu próprio pai. Eu só quero um pouco de paz.

As lágrimas começaram a descer lentamente pela sua face. Meus dedos comicharam querendo tocar seu rosto que parece tão macio, sentir sua pele...Interromper as lágrimas. Contive essa vontade.

—Minha atitude foi infantil. Eu realmente agi sendo levado pela raiva. —confessei. —Se quer trabalhar posso conseguir uma vaga para você na empresa da minha família. É um local seguro, tem que evitar se expor. Laura, quero cuidar de vocês.

—Pela promessa. —murmurou.

Inferno. Nem sei mais o real motivo de continuar querendo fazer isso. Claro, o Romeo é o principal. Não tem mais a ver com a promessa.

—Precisa ter paciência, Laura. Enquanto os assassinos dos seus pais estiverem à solta será um perigo constante.

Sacudiu a cabeça positivamente. Prossegui:

—Sobre o dinheiro é um assunto indiscutível. Gostando ou não pertence a vocês.

Voltou a virar o rosto para a janela.



Adentramos ao quarto do Romeo. Ele estava sentado na cama com dois travesseiros apoiando suas costas. No seu colo tem um caderno de desenho e um estojo com vários lápis de cor, bagunçados. Quando sorriu me cativou de uma forma tão natural e familiar que gostaria que o tempo parasse por alguns minutos.

—Mamãe...Papai. —exclamou, muito alegre.

Laura sentou na cama o abraçando e enchendo seu rostinho pálido de beijos.

—Como está se sentindo hoje, meu macaquinho? —ele sorriu fazendo uma expressão fofa.

—Bem. —seus olhinhos se voltaram para mim.

Aproximei-me mais da cama hospitalar, até onde as rodas da cadeira permitiam ir. —Pensei até que fosse um sonho, papai. O senhor realmente está com a gente.

Admirei as covinhas sutis que marcaram suas bochechas.

Capturei sua mãozinha a levando aos meus lábios. Depois a acariciei sendo alvo do seu sorriso puro.

—Conseguiu comer um pouco? —indaguei.

Quando liguei mais cedo para saber como Romeo estava, fui informado do seu enjoo e falta de apetite.

—Um pouquinho assim.

Abriu um pequeno espaço entre o polegar e dedinho indicador.

—Quem sabe agora que estou aqui, você consegue comer mais um pouquinho. —sugeriu Laura com uma doçura maternal encantadora.

Romeo entortou o nariz.

—Tenho uma ideia melhor. —desconversou.

—Acho que nada seria melhor que tentar encher um pouquinho seu estômago, meu bem.

—Tem sim, mamãe.

Espalhou as folhas pelo seu colo e notei que eram vários desenhos coloridos. E então me entregou um. Era um jardim com duas macieiras enormes, nuvens azuis, sol amarelo sorrindo e três pessoas de mãos dadas em uma tarde feliz ao ar livre. Ficou claro que os protagonistas são: Laura, Romeo e eu.

Engoli em seco a emoção por ver sua delicadeza ao tentar me desenhar na cadeira de rodas.

Uma família feliz.

Fitei a Laura que rapidamente desviou o olhar do meu voltando sua atenção para o Romeo.

—Assim que eu ficar bom quero passar uma tarde incrível com vocês. Bom, estou fazendo uma lista na minha cabeça de coisas legais que faremos juntos.

—Vamos fazer muitas coisas divertidas. —afirmou Laura, sorrindo.

—Gostou do desenho, papai? Eu fiz o melhor que consegui. Pode colocar na geladeira da nossa casa nova.

—Eu amei. O melhor presente que já ganhei. —falei com toda sinceridade o olhando com carinho.

—A vovó adora os meus desenhos. Guarda todos. —lembrou com um sorriso casto. —Estou com saudades dos meus avós, mamãe. Eles vão vir me ver hoje? —perguntou, animado.

Assisti o exato momento que Laura parou de acariciar o filho, obviamente sendo esmagada pela dor da perda.

Romeo é somente uma criança, mas tem sentimentos tão fortes quanto de um adulto.

—Você já assistiu o *Rei Leão*, campeão? —perguntei, me sentindo no direito de tomar iniciativa.

Pelo olhar da Laura tive seu consentimento. Ela claramente sabia que não faria bem ficar adiando a verdade.

—Muitas vezes. Meu avô me presentou com a coleção clássica do *Rei Leão*. Adoro todos. —passou a mão livre no seu

queixo, e concluiu: —Vovô decorou todas as músicas. Não deixa ele saber que contei esse segredo para você. —pisçou o olho direito e sorri com sua inocência.

Segurando sua mãozinha manteve o olhar fixo nas suas irises cor de mel.

—Lembra da cena que o *Mufasa* está pendurado para não cair e ser pisoteado pelos *gnus*? —balançou a cabeça, afirmando.

O sorriso e expressão de alegria já não estão mais presentes no seu rostinho. Provavelmente está assimilando a cena mais triste do filme.

—*Scar* foi malvado com ele. —sussurrou triste.

—Muito. —engoli em seco, tentando conter a tristeza. —Assim como o *Scar* existe pessoas ruins. Seus avós não estão mais fisicamente conosco...Estão em um lugar melhor.

Romeo uniu as sobrancelhas com poucos pelos ainda e que são quase da mesma cor dos seus olhos. Laura beijou a cabeça do filho muito emocionada. E quando senti o aperto dos seus dedos nos meus soube que havia entendido.

Não demorou muito para ele começar a chorar. Era um choro sentido que dói na alma. Quis poder levantar e puxá-lo para o meu colo, mas não posso. Estou preso nessa maldita cadeira.

Laura o abraçou com cuidado. Romeo se alinhou, escondendo o rosto na curva do pescoço da mãe. Ela ficou de olhos fechados, apertando os lábios para evitar que saísse algum som de seu sofrimento.

Eu quis poder aconchegá-los dentro dos meus braços. Ser o alicerce que precisam.

LAURA

Precisei ser forte e controlar as lágrimas. Romeo acabou dormindo nos meus braços. Continuei acariciando sua cabeça tentando passar o máximo de conforto possível.

Apesar de ter ficado irada pela atitude do Gabriel, a raiva acabou se dissipando um pouco. Tenho que reconhecer que foi majestoso ao procurar a melhor maneira de revelar ao meu anjinho que havia perdido seus avós. Serei eternamente grata.

Agora com a cabeça mais fria percebi que tudo que ele disse para mim dentro do carro faz sentido. Infelizmente a polícia não tem informações sobre os assassinos dos meus pais, não temos certeza dos motivos e se virão atrás de mim. Ou pior, do meu filho.

Ontem liguei para o hospital em *El Bolsón* para falar com a enfermeira Tereza para agradecer toda sua dedicação e amizade. Saímos apressados e não pude de fato demonstrar minha gratidão. Aproveitei para pedir dela o número do doutor Juan Pablo, pois ele também foi muito atencioso com o Romeo —mesmo não tendo especialização na área sempre que podia ia vê-lo.

Quando liguei para ele acabamos conversando sobre o que faria a partir de agora. Amigavelmente comentou que um amigo seu era proprietário de um restaurante e que poderia conseguir uma vaga para mim. Claro, isso iria depender do meu teste. Aceitei no impulso, afinal, seria uma oportunidade de conseguir independência e mostrar para o Gabriel que sou capaz de me virar sozinha.

Esse foi o motivo que tentei me convencer.

Romeo acordou com os olhinhos inchados de tanto que chorou. Beijei sua testa e sorri. Ficamos nos olhando, uma comunicação silenciosa. Eu sei que o meu filho estar sofrendo, assim como também estou. Perdemos nossa família.

—Cheguei na hora certa.

Sorri ao ver o Mariano segurando um balão do *Homem de Ferro* e com a outra mão um embrulho com desenhos geométricos coloridos.

—Uau...Balão maneiro. Diz que é para mim, tio? —falou Romeo se ajeitando na cama.

Meu macaquinho ficou animado.

—O balão é presente meu para você. —entregou a cordinha do balão enorme para Romeo. —Esse aqui é um presente do seu pai para você.

Quase me engasguei com o que disse. Principalmente pelo seu olhar maroto. Como se fôssemos cúmplices de algo.

—Vou amarrar o balão na cabeceira da cama. —o peguei da sua mãozinha para que pudesse abrir o presente.

Romeo estava afoito, abrindo o presente.

—Seu irmão estava aqui com a gente...

—Ele foi na lanchonete do hospital comer e tomar os remédios.

—Gabriel sente muitas dores? —*eu e minha curiosidade.*

—Faz parte da sua condição atual. Ele pode melhorar, mas não colabora. Se fizesse fisioterapia, fosse as consultas regularmente, estaria bem melhor. E quem sabe até recuperado. A lesão foi incompleta, no entanto, o tempo que está parado retarda qualquer processo positivo.

Retornamos nossa atenção para o Romeo que soltou uma risada gostosa.

—Que maneiro, tio. Um quebra-cabeça do *Homem de Ferro*. É gigante!

—Seu pai sabe dos seus gostos. Ele está providenciando uma mesa com uma cadeira superconfortável para você desenhar, montar o quebra-cabeça.

—Já estou ansioso. —comemorou.

Mariano tem jeito com crianças. É engraçado, descontraído e faz qualquer um querer sorrir junto com ele. Tenho certeza que será um ótimo pai.

Quando trouxeram o jantar do Romeo fui paciente em fazer ele comer o máximo que conseguisse. Meu macaquinho fez um pouquinho de birra, contudo, entendeu o quanto era importante se alimentar.

Em momento algum tocou no nome dos seus avós. Creio que está assimilando tudo, tentando entender de fato que não poderá mais vê-los fisicamente. Ele dormiu escutando as peripécias que Gabriel e Mariano faziam quando crianças.

Troquei seu par de meias por meias mais grossas. Em seguida levantei as proteções laterais da cama hospitalar. Guardei o quebra-cabeça, seu caderno de desenho e estojo.

Mariano se despediu de mim com um abraço e beijo na bochecha. Gabriel se aproximou e não parou para falar com o irmão. Com certeza aconteceu alguma coisa entre eles.

—Você não comeu nada. Pode ir, que eu fico com o Romeo.

—Ele está dormindo.

—O pequeno conseguiu comer um pouco?

Não tem nada que faça uma mãe ou pai mais feliz que escutar e perceber carinho sincero pelo seu filho. Isso enche nosso coração de felicidade.

Um pouco sem jeito de ter ficado o encarando como uma boba, respondi:

—Sim. Um pouquinho.

—Que bom. Então pode ir comer.

—Obrigada pelo quebra-cabeça. Ele amou.

Gabriel quase sorriu, seus lábios subiram, mas logo ele voltou com sua expressão de dono do mundo.

—Imaginei que sim.

Muito humilde ele.

—Você pode ir para casa. Ficarei aqui esta noite.

Um vinco se formou na sua testa.

—A poltrona é muito desconfortável. Tem que descansar também.

—Eu aguento. Não se preocupe.

—Solicitei uma cama para o quarto do Romeo. Assim quando for passar a noite com ele dormirá mais à vontade.

Por essa eu não esperava. Ele foi generoso.

—Agradeço por isso.

—Então deixe para dormir aqui quando colocarem a cama.

Deus do céu. Como esse homem é teimoso.

—Eu fico e você vai para casa. O que não pode é você passar mais tempo na cadeira. Sou leiga no assunto, mas não deve fazer bem ficar tanto tempo...

—Tem razão. Você não entende do assunto. —falou rudemente. —Vou buscar o desenho que Romeo fez para mim e iremos para casa.

Nem me estressei mais. Apenas o assisti sair.

Quando regressou reparei que a folha de desenho estava dobrada e apoiada entre sua perna e a lateral da cadeira.

—Balboa já está nos esperando.

Saiu na frente. *Muito cavalheiro esse homem*, pensei sarcástica.

No hall de entrada detive os meus passos quando escutei uma voz feminina chamar o nome do Gabriel. Ele freou sua cadeira automática e virou de frente para saber quem o chamou.

A mulher parece que saiu da capa de uma revista de tão bem maquiada e linda que estar. Não pude controlar meus olhos em fazer minha autoavaliação. Estou me sentindo um tiquinho inferior, pois só agora notei que todos os funcionários e demais frequentadores do luxuoso hospital estão bem vestidos.

Mas afinal, para quer vir ao hospital como se estivesse indo para um editorial de moda? Bufei colocando as mãos no bolso da calça jeans.

—Quanto tempo. —sorriu jogando o cabelo para trás do ombro. —Você está ótimo.

Gabriel aparentou estar desconfortável. Quando seus olhos buscaram os meus rapidamente desviei.

—Tento ficar melhor a cada dia, Paola.

Voltei a prestar atenção na interação deles. Revirei os olhos quando a mulher descansou a mão no ombro dele, sorrindo.

Meus ouvidos pararam de prestar atenção, pois estou concentrada estudando as atitudes da desconhecida. Ela escorregou os dedos para a lateral do braço forte do Gabriel, depois começou a trilhar o caminho até chegar no dorso da mão.

A mulher falta babar nele. Mesmo ele sendo indiferente, a ruiva continuou firme em sua investida. Notoriamente se conhecem de outros verões. E para completar sou obrigada assistir a cena. Mil vezes assistir a *Anabelle* do que ficar vendo isso. Mas espera aí...Eu não tenho que continuar parada olhando para eles.

Passei por eles com passos firmes. Soltei o ar aliviada ao ver o Balboa encostado no carro. Educadamente abriu a porta para mim. Entrei torcendo para o ogro não demorar muito com sua...Amiguinha.

Está certo que não tenho nada a ver com sua vida pessoal...Ao que parece é um homem solteiro. Assim espero, não por mim, claro que não. Pois se for solteiro não tem problema em ficar paquerando por aí. Caso contrário mostraria que é um tremendo safado.

CAPÍTULO 9

GABRIEL

Definitivamente minha paciência está zero. Ainda mais para aguentar Paola falando quase sem parar. Chuto que estamos conversando por quase meia hora. Aliás, estou sendo ouvinte. Ela não dá muito espaço para respostas.

Namoramos por quase um ano, antes de eu conhecer minha ex-esposa. Paola sempre foi uma bela mulher e sua alegria me cativou ao ponto de nos envolvermos seriamente. Não deu certo. Chegamos em um ponto do relacionamento que almejei tornar as coisas mais séria e ela queria curtir a vida.

Quando soube do meu acidente quis me visitar, mas neguei a presença de qualquer pessoa. Só meus pais e irmão que ficaram um bom tempo comigo. Eu estava em um estado profundo de depressão, luto, a culpa tirar meu sono e desejando ter morrido naquele terrível dia.

—Desculpa a empolgação. É tão bom ver você bem. — acariciou minha mão.

Estou incomodado, admito.

Nunca fui um cara de ficar iludindo mulheres, gostar de sexo casual. Eu sempre buscava compromisso, por respeito, uma forma de mostrar que não queria somente sexo. Nada contra quem busca somente isso. Cada um sabe o que faz da sua vida.

Eu apenas não fazia parte dessa porcentagem de homens.

E pela conversa da Paola, a maneira que fica me tocando e notoriamente o charme que está fazendo, deixou claro que ela pode estar criando esperança, querendo algo. E no momento não estou disponível para nenhum envolvimento amoroso.

Desviei o olhar de seu rosto para fixar na entrada do luxuoso hospital. Laura saiu totalmente indiferente. Se bem que...Não somos nada um do outro, não devo explicações a ela. Cacete, por que raios estou me sentindo estranho com essa situação?

—Você já jantou?

—Paola, realmente tenho outro compromisso. Foi bom vê-la...

—Você trocou de número, não é?

—Há bastante tempo.

—Nenhum dos nossos amigos tem o seu contato. Será que podemos trocar nossos números? Sabe, marcar um almoço, jantar.

—Melhor não.

—Podemos ser somente amigos, Gabriel.

—Quando eu estiver pronto para isso, saberei onde te encontrar. Até mais.

Forçou um sorriso e me afastei.

Regressamos para casa em absoluto silêncio. Laura estava cumprindo perfeitamente a missão de me ignorar. Por ainda estar com peso na consciência pelo o que a fiz passar no restaurante, concluir que o melhor seria deixá-la quietinha.



Delfina trouxe o meu jantar sem eu pedir. Havia dito que estava sem fome, mesmo assim veio deixar a refeição. Ela obedece mais a minha mãe do que a mim. Tomei apenas os remédios, em seguida bebi um copo cheio de água.

Após o banho, trajei uma calça de moletom e pretendia ir direto para a cama. Nem os remédios fortes são capazes de me dar uma bela noite de sono. Sofro de insônia desde o acidente.

Faz quase um ano que tiraram o calmante de mim. Meus pais afirmaram que estava me viciando. Não neguei, mas também não admiti. Sentia cada dia mais a necessidade de ingeri-los. Foi um dos períodos mais complicados que tive pós-acidente.

Suspirei pesadamente.

Abri a última gaveta da mesa de cabeceira, capturando o suéter infantil azul-escuro. Era uma das peças de roupas que Gael estava usando no dia do acidente. Não consegui me desfazer. Era como se o tecido tivesse o poder de trazer calma, matar um pouquinho da saudade



Acordei às seis horas da manhã, escovei os dentes e vim direto para o escritório. Enviei uma mensagem para o meu irmão pedindo que comprasse um celular de última geração e que viesse buscar os documentos que assinei liberando a nova fabricação de peças dos modelos da Arkis.

Havia acabado de encerrar uma ligação com o diretor de criação da empresa quando o meu irmão adentrou o escritório estudando o ambiente com muita atenção.

—Não comprou o celular? —indaguei ao ver que suas mãos estão vazias.

—Entreguei para a dona. Cogitei que fosse para a Pocahontas.

—Laura. Esse é o nome dela.

—Se já está assim sem terem nada, imagine quando tiverem.

Mariano é um ser irritante.

Parou diante da enorme janela do escritório e ficou espiando por trás das longas cortinas.

—Posso saber por que está agindo estranho? Não que você seja normal.

Meu irmão passou a mão na barba e depois coçou a nuca. Ele está nervoso.

—Você sabia que a pirralha da Lola regressou do interior? Prefiro não acreditar que o meu próprio irmão esconderia algo assim de mim.

Acabei sorrindo da cara de assustado do meu irmão.

Lola é neta da Delfina. É uma jovem de vinte anos, de bem com a vida, boa filha e sempre vem passar uma temporada com sua avó.

O problema é que desde que ela tinha quinze anos, começou a demonstrar interesse pelo meu irmão—que foge dela como o diabo foge da cruz. A garota já aprontou muito durante o período que estive em Buenos Aires. Principalmente com o Mariano.

—Eu não sabia.

—Acordei com um nude dela, você acredita? —disse exasperado. —Em seguida enviou um “bom dia, *baby*”. Atirei pedra

na cruz. É a única explicação para ser perseguido por uma garota porra louca.

—Então a partir de hoje você ficará igual um paranoico, pensando que ela vai estar em todos os lugares que você estiver.

Bateu na madeira bruta da mesa três vezes.

—*Tá* amarrado. Recuso-me acreditar que aquela pirralha estudou em uma escola de freiras. Foi em qualquer outro lugar, menos em uma instituição católica.

Ele realmente fica perturbado quando a Lola está na cidade.

—Preciso de toda sua atenção na próxima reunião que o diretor de criação fará para apresentar os novos designs. Reenviei a primeira proposta, pois não me agradou. Além disso, a maioria não aprovou.

—Você deveria participar dessa reunião.

—Para isso tenho você. Irei quando formos fazer a reunião com os principais investidores.

Bufou, contrariado.

—Assinei os documentos.

Tomou a pasta de couro da minha mão. E aí está a delicadeza em pessoa.

—Mais alguma coisa?

—Laura vai trabalhar na Arkis. —o fitei. —Solicitei a Carmita que organize uma sala para ela, e que a treine. Creio que a Laura será de grande ajuda na presidência.

—Acredito nisso também.

—Quando tudo estiver pronto no RH, gostaria muito que mostrasse todos os setores da Arkis e que fique de olho nela. Pode ter algum engraçadinho querendo...

—Furar o seu olho. Pode deixar, irmão.

Nem tive tempo de contradizer. Piscou e saiu da sala rapidamente.

LAURA

Gostei muito de ter ganhado um celular. Mariano disse que era um presente do seu irmão. Agradei, timidamente. Afinal, desde que chegamos ontem do hospital não trocamos nenhuma palavra.

E hoje começamos o dia sem nos ver. Delfina disse que seu chefe está trabalhando desde cedo no escritório. Conjecturei em ir até ele e agradecer pessoalmente pelo aparelho moderno. No entanto, deixaria para outra ocasião.

Não sai da minha cabeça o fato de eu ter ficado incomodada por ter assistido à interação dele com a ruiva. Eu não estou no meu estado normal.

Mariano apareceu justamente quando havia terminado de configurar o sistema do celular. Segui o passo a passo do manual. Antes de sair, rapidamente pegou o aparelho da minha mão e adicionou o seu número nos contatos da lista de favoritos.

Bem convencido esse moço.

Estranhei o fato dele não ter ficado mais. Gosto da companhia dele. Mas notei que estava apressado.

Vi que veio um aplicativo de música instalado no aparelho. Como era pago, rapidamente subi para o meu quarto e peguei o cartão de crédito que o Gabriel entregou para mim. Escondi o meu orgulho nesse momento, pois eu amo música de quase todos os tipos.

Desci as escadas animada. Feliz por ter música à vontade e que depois do almoço iria ficar com o meu filho.

Ao adentrar à cozinha novamente vi que Delfina estava concentrada olhando para o seu tablet enorme e marcando algo na tela com uma canetinha digital.

—Está muito atarefada hoje?

—Bastante. Minha neta viria me ajudar, mas foi no banco abrir uma conta.

—Eu posso ajudá-la.

—Ah, menina, não sei...

—Sou um pouquinho desastrada para algumas coisas, porém dou conta de tudo. Aliás, ficarei feliz em contribuir com algo.

Ela colocou as mãos na cintura, puxando um sorrisinho de lado.

—Eu separei as roupas brancas das coloridas na lavadeira. Poderia colocar cada grupos nas máquinas e depois recolher todas as toalhas dos banheiros do andar de cima?

- Posso fazer isso.
- Os banheiros daqui de baixo já recolhi.
- Certo. Irei começar agora.

Peguei o fone de ouvido dentro da caixinha o conectando no celular. Coloquei o celular no bolso da bermuda jeans e iniciei o trabalho doméstico. Pus sabão em pó e amaciante nos compartimentos internos das máquinas de lavar. Antes de sair da espaçosa lavandeira, capturei uma cesta para jogar as tolhas que irei recolher dentro.

Entrei na primeira suíte do andar de cima, recolhi as toalhas penduradas nos suportes e segui para o próximo cômodo.

Estou me sentindo útil por ajudar Delfina com os afazeres. Bastava recolher todas as toalhas das suítes de cima. Além disso, trabalho empolgada, principalmente por estar escutando música. Tudo fica melhor com música.

Aumentei o som do celular no máximo, fazendo os fones de ouvidos preencherem totalmente minha audição.

Ao entrar no quarto do Gabriel fiquei abismada com o tamanho. A claridade natural toma conta, atravessando as enormes janelas e, a porta francesa da sacada.

Tive muita vontade de chegar perto das prateleiras para ver os objetos decorativos, pois devem mostrar muito da sua personalidade. No entanto, contive a curiosidade.

Entrei ao banheiro sacudindo a cabeça ao som da música agitada do cantor *J Balvin*. Coloquei a cesta no chão e fui em direção a pia dubla apanhar as duas toalhas de rosto que estão no aparador.

Quando ergui o rosto arregalei os olhos. Pelo reflexo do espelho comecei assistir o Gabriel sentado na cadeira, de costas, segurando em duas barras de apoio fixadas no ladrilho, os jatos de água quente caindo em cima do seu corpo, os músculos bem definidos...

Só posso estar presa em algum conto erótico. Ou estou sendo protagonista de um filme pornô...Se bem que entre o primeiro e o segundo, a melhor coisa seria juntar o romantismo com safadeza.

Que meleca estou pensando?

Quando me tornei uma pervertida? Pelo jeito estou descobrindo agora, nesse exato momento, paralisada, com os olhos arregalados e admirando o Gabriel como se fosse um daqueles mocinhos de livros românticos que nos fazem amar e odiar ao mesmo tempo.

Se nota a beleza desse homem de longe, no entanto, vendo agora ao vivo e a cores...Oh, céus. Que pecado.

Uma pena o vidro do box estar um pouquinho embaçado pelo vapor da água, mas ao menos estou conseguindo ver muita coisa. Caramba, estou parecendo uma *taradona*.

Esse homem não é desse mundo.

Sai do estupor quando começou a fechar o registro. Estou ferrada pra cacete. Atrapalhada, por muito pouco não escorreguei. Peguei a cesta e sai do banheiro antes que fosse pega no flagra.

Mas como eu sou uma pessoa de muita sorte, freei os pés quando a porta foi aberta revelando uma senhora muito elegante, de cabelos enrolados até os ombros na cor, bem pretinhos.

Entreabri os lábios, contudo, não consegui dizer nenhuma palavra. Com uma mão tirei os fones dos ouvidos.

—Até que enfim o meu filho conheceu alguém. —ergueu os braços para cima, sorrindo, mas de repente me fitou. Desta vez detalhadamente. —Espera, porque está carregando essa cesta cheia de toalhas...Oh... —abriu a boca de forma dramática com um sorrisinho torto nos lábios pintados de vermelho, continuou: —Não diga que é uma tática sexual nova? Adoro saber dessas coisas, sabe? Para apimentar meu casamento.

—Mãe? Com quem a senhora está falando...?

Gelei ao escutar a voz grossa do Gabriel.

Seria questão de segundos para ele sair do banheiro.

—Por favor, não diga que estou aqui...

Entreguei a cesta para ela que por pouco não deixou cair no chão, e me joguei na enorme cama, cambaleando no colchão. A gravidade me puxou para o chão sem piedade. Entrei debaixo da cama, apertando os lábios num ato de nervosismo.

Bela maneira de conhecer a mãe do Gabriel.

CAPÍTULO 10

LAURA

Eu queria muito que um buraco se abrisse e me puxasse para dentro. Estou morrendo de vergonha pela forma que conheci a mãe do Gabriel. Nem terei coragem de encará-la depois desse papelão. Espero que ela seja boazinha ao ponto de não contar que estou escondida debaixo da cama.

Capturei o celular do bolso do short para pausar a música, aproveitei para colocá-lo no silencioso. Espiando, vi o Gabriel locomovendo com sua cadeira, desta vez a dirigindo manualmente. Obviamente é um modelo diferente.

—Mãe, sério que estava falando sozinha de novo?

—Tenho essa mania desde nova.

—E por que está segurando essa cesta?

Oh, céus! Que ela não me entregue.

Bom, se ela contar que estou escondida aqui, posso fingir um desmaio. Talvez, eu corra o mais rápido possível para fora do quarto. Simplesmente não consigo pensar em uma desculpa plausível. Porque não existe uma.

Eu posso dizer a verdade. Que estou ajudando Delfina nos afazeres doméstico, que entrei distraída, escutando música no último volume e quando vi que estava tomando banho fiquei o secando como uma taradona, imaginando cenas que só maiores de dezoito anos tem permissão para assistir.

Sinceramente estou preocupada comigo. Essas reações não são normais. Quer dizer, de repente comecei a olhar o Gabriel, além do que deveria. Reprimi a lamúria, encostando a testa nos meus braços dobrados.

Apaixonei-me uma vez e não terminou bem. A única coisa boa que pude salvar daquela relação tórrida foi o meu filho.

Não preciso surtar agora, principalmente por ainda estar debaixo da cama do Gabriel. Eu posso estar agindo assim pelo simples fato de estar sozinha, carente, sem beijos, abraços. Estou

sem nenhum tipo de contato amoroso desde a época que Ruan foi embora.

Depois decidi me dedicar totalmente ao meu filho. E quando descobrimos a doença, minha atenção se multiplicou envolta dele. Às vezes o cansaço do dia era tão grande que não chegava conhecer o meu próprio corpo —como é recomendado pelas revistas femininas.

Posso estar sentindo atração pelo Gabriel por estar necessitada...

—Uma bela moça pediu para eu trazer essas toalhas para o seu quarto. —respondeu a senhora, batucando o salto alto no chão de madeira.

—Deve ter sido a Laura. Aposto que deve estar ajudando a Delfina.

Estou quase debaixo do seu nariz, homem.

—Querido, não tive oportunidade de conversar com ela, mas já quero conhecê-la melhor. É uma bela mulher. Eu senti, você sabe, coração de mãe não se engana. Ela é uma ótima pessoa, tenho quase certeza disso.

—Ela é a filha do Vicente...

—E da Claudia? Meu Deus, sabia que tinha algo familiar. Posso saber por que o senhor não chamou a gente para conhecê-la? Aliás, cadê o Vicente e a Cláudia?

—Não queria atrapalhar a viagem de vocês, mãe. Além disso, foi tudo de repente. —suavizou sua voz.

—Quero saber de tudo. Eles vieram junto com a Laura? Por que não entraram em contato comigo?

—Eles não puderam.

Engoli em seco, agora, controlando a emoção melancólica.

—Eu vou me secar e vestir uma roupa. Espera um momento, por favor.

Assustei-me quando largou a cesta no chão e abaixou, olhando diretamente para mim.

—É um enorme prazer conhecê-la, querida. Sei que não convivemos, mas tenho um carinho enorme por você. Seu pai é meu melhor amigo. —entortou os lábios pensativa, enquanto continuo

agitada com a possibilidade de o Gabriel regressar e descobrir onde estou. —Aliás, seu pai é um amigo ingrato, às vezes que enviava cartas falando sobre você e sua mãe...

—Por favor, senhora...Não quero que o seu filho me veja aqui...

—Vocês já estão íntimos? —mexeu as sobrancelhas, denotando algumas ruguinhas da idade. —E para você sou apenas Joaquina.

Ela está pensando besteira. Tenho certeza.

—Não...Juro que não é nada disso que está pensando. —cochichei.

—Tem umas técnicas de ioga que vão deixá-la muito flexível...

—Para que isso...? Por favor, me escuta...

—Ora para quê?! —pareceu indignada. —Ajuda manter a respiração e fôlego durante sua performance. Não tem nada mais prazeroso do que foder bem, e ser bem...

Minhas bochechas estão pegando fogo.

—Mãe, a senhora caiu? Porra!

Ela piscou o olho direito para mim e começou a tatear o piso.

—Gabriel, os meus óculos? Cadê os meus óculos?

—A senhora não estava usando óculos.

Soltou uma risada se erguendo devagar.

—É verdade. Não liga para mim, filho.

—Ah, mãe, não me diga que você e o papai experimentaram alguma erva...

Ok...Por essa eu não esperava. Muita informação.

—Muito engraçadinho. Vamos, meu bem.

Gabriel girou a cadeira seguindo para fora do cômodo, em seguida sua mãe saiu fechando a porta. Soltei uma lufada de ar, virando de barriga para cima. Que ela seja boazinha ao ponto de manter esse segredo somente entre nós duas.

GABRIEL

Minha mãe se sentou no sofá, sorrindo. Não tem dia ruim para a dona Joaquina. Sua alegria, energia boa e determinação cativa a

todos. Todavia, estou começando a me sentir mal, pois irei tirar o sorriso de seu rosto.

—Conte logo, Gabriel.

Estacionei em sua frente, moderado.

—Vicente e sua esposa foram assassinados.

Seu sorriso foi se desfazendo automaticamente, os olhos se enchendo de água. Toda aquela áurea de paz e amor foram esvaindo pelo ambiente.

—Mas...Deveria ter me contato imediatamente. Eu viria o quanto antes. —as lágrimas começaram a escorrer pela sua face.

Relatei em detalhes a promessa que fiz ao meu padrinho. Cotei quando encontrei a Laura, como conheci o Romeo. Em todo o instante minha mãe ficou emocionada. A tristeza ainda estava sombreando sua feição e olhar, contudo, deu lugar a um pouquinho de alegria quando falei que Romeo me tem como seu pai.

Dona Joaquina sorriu entre as lágrimas ao saber que Romeo —de alguma forma, ainda inexplicável —sonhou comigo, que no seu pensamento e coração sempre fui seu pai. E continuarei sendo até o meu último dia nessa terra.

—Já quero conhecer essa criança abençoada, meu filho.

—Após o almoço iremos ficar com ele no hospital. Venha conosco.

—Eu vou sim. Uau...Estou impressionada com a história envolvendo você e essa criança. —descansou sua mão delicada em cima da minha, fugando devido ao choro. —Farei o enterro no jazido da nossa família.

—Obrigado, mãe. Prefiro que cuide disso.

—Laura e Romeo ficarão conosco, independentemente de qualquer coisa.

—Comigo estão seguros.

Minha mãe suspirou, unindo suas mãos no seu colo, tensa.

—Tem que preparar a Laura. Aliás, tem que se preparar para enfrentar os Navarro.

—Eu sei disso, mãe.

—Não vão gostar nada de saber da existência dela, e do filho então...O pior de todos é o demônio do irmão do Vicente. —desviou

o olhar do meu, conferindo se realmente estamos sozinhos na sala de estar. —É capaz de ele estar envolvido no assassinato de Claudia e Vicente.

A encarei incrédulo. Dona Joaquina prosseguiu:

—Raf Navarro sempre teve inveja do irmão, fez muitas barbaridades. Ele machucou a Claudia de tantas formas, que o mínimo que merece é apodrecer atrás das grades. —relatou quase sussurrando.

—Se foi ele que assassinou meu padrinho e sua esposa, irei até o inferno para fazê-lo pagar.

Minha mãe precisou sair às pressas, pois a esposa do meu tio estava entrando em trabalho de parto. Antes de ir embora fez questão de se despedir da Laura com um abraço apertado, ainda bem emocionada pelos últimos acontecimentos envolvendo seu melhor amigo.

Ela ficou de ir ao hospital amanhã para conhecer seu neto — do coração.

Durante o almoço estranhei o fato de a Laura estar em silêncio, considerando que a maior parte do tempo a morena está me contrariando, questionando, enfim.

Notei que seu rosto está sem maquiagem — deixo claro que ela nem preciso disso—, porém suas bochechas estão rubras. Calor não é, pois a morada é climatizada. Será que é alguma alergia? Se fosse com certeza teria procurado a Delfina para pedir remédio, e ficaria sabendo.



Assim que o Romeo nos viu se animou, esquecendo o que estava desenhado. Hoje parecia mais disposto o que é excelente. Montamos o quebra-cabeça juntos e vi o quanto é esperto.

Era utópico esse sentimento familiar. Como se eu conhecesse o Romeo desde sempre.

Laura foi ao banheiro do quarto para ajustar a temperatura da água, pois daria banho no nosso menino. Fiquei na porta observando a interação deles. Era algo mágico, puro, celestial.

Quando colocou o roupão no corpo frágil do Romeo, me afastei para ficar perto da cama hospitalar. Laura havia deixado separado um pijama quadriculado de flanela. Percebi o quanto Romeo gosta de ser independente, pois quando sua mãe sugeriu em pegá-lo no colo, negou sacudindo a cabeça.

Romeo subiu na cama e tirei seu par de chinelos.

—Eu faço. —falei, pegando a tolha que pegou no armário.

—Certo. —sorriu timidamente. —Então irei juntar as peças de roupas que ficaram no banheiro.

O rapazinho desfez o laço do roupão, tirando os braços das mangas. Comecei enxugando seu pé, depois entre os dedinhos.

—Logo irei fazer tudo sozinho, papai. —disse, tentando sorrir.

Nem imagino o quanto deve ser difícil ficar recluso dentro de um hospital, tendo sua vida moldada em um tratamento pesado, deixando de ser criança para enfrentar o monstro do câncer.

—Não precisa fazer tudo sozinho. —murmurei, sendo alvo do seu olhar. —Tem que deixar sua mãe e eu fazer alguma coisa.

—Podem fazer sanduíches deliciosos para mim.

Muito esperto esse moleque.

—Será um prazer, filho.

Comecei a enxugar seu braço direito, em seguida o outro. Parei lentamente o que fazia. Meus olhos arderam devido as lágrimas estarem se acumulando. Fechei os olhos e depois os abri para ter certeza que eu não estava sendo enganado pela minha imaginação.

Passei o dedo na pequena cicatriz no seu antebraço, uma linha fina, totalmente lisa. Romeo tem a mesma marca que o meu filho tinha no antebraço esquerdo. Exatamente no mesmo lugar, do mesmo tamanho, do mesmo jeito. Estou certo disso.

Mas como isso é possível?

Gael ficou com essa cicatriz no antebraço quando tinha dois anos. Enquanto brincava com ele no quintal da morada dos meus pais. Por segundos me distrai, e nesse instante meu filho havia caído na grama, em cima de alguns galhos. O corte foi superficial, sangrou pouco. Porém o suficiente para deixar uma pequena cicatriz. Não demorou muito para esquecer e voltar a brincar.

—Gabriel, você está bem? —escutei a Laura indagar.

Ainda estou fitando a marca na pele do Romeo.

—Quando...Como ele se machucou?

Olhei-a angustiado, querendo a resposta. Encarou o local que o meu dedo estava no antebraço do Romeo.

—É uma marquinha de nascença, Gabriel.

Estou entrando em um estado abrupta de ansiedade. Preciso me afastar.

—Eu já volto.

Sai apressado do quarto deixando a porta aberta, ignorando os olhares curiosos. Preciso de ar puro, preciso chorar, eu...Deus do céu. As portas de vidro com sensor se abriram revelando um jardim. Afastei-me um pouco até onde a grama permitiu as rodas da cadeira se mover.

Fitei o céu, deixando as lágrimas rolares pelo meu rosto. Eu deveria agradecer ao *Senhor*? Depois de anos vivendo o luto pela morte do meu filho, jogando minha raiva na existência de Deus, revoltado por não ter salvado o meu filho quando era possível fazer, debochando do seu *Poder*, da sua *Palavra*. Eu fiquei no fundo do poço. E agora isso?

Ele trouxe o meu filho de novo para mim?

Puxei o ar com força para os pulmões.

Se *Ele* devolveu o meu filho, não pode tirar. Não mais. Romeo tem que vencer essa doença maldita, nem posso imaginar passar pela dor da perda novamente.

—Meu filho está comigo...Por favor, não o tire de mim outra vez... —murmurei, olhando para o céu.

Romeo é o meu filho. Literalmente.

CAPÍTULO 11

LAURA

Ficamos sem entender a expressão de agonia que o rosto do Gabriel apresentou. Tudo por causa de uma marca de nascença. Sinceramente não sei o que pensar, além disso ele parecia estar passando mal.

—Eu fiz algo, mamãe? —perguntou o meu filho com os olhos tristonhos.

Parei em sua frente e ergui seu rostinho. Proferi:

—Você não fez nada, macaquinho. Gabriel, apenas precisou resolver algo. Ele disse que voltaria logo.

—O papai ficou tão estranho.

Ajudei-o a se vestir. Meu filho tenta a cada dia ser mais independente. Ele sabe tomar banho sozinho, escovar os dentes, se vestir, comer sem ajuda. Contudo, devido ao tratamento seu corpo não é o mesmo. Tem momentos de fraqueza. Então sempre estou por perto, o orientando, cuidando dele como um bebê. O que o deixa emburrado algumas vezes.

E agora que seu *pai* regressou, quer mostrar sua autonomia. Romeo é uma criança esperta, inteligente. Infelizmente cresceu antes do tempo.

Sua cabecinha assumiu uma maturidade natural para lidar com o tratamento, com o fato de estar passando uma parte da sua vida dentro do hospital, não tem tantos amiguinhos da sua idade. Praticamente convive com adultos —no hospital. Em *El Bolsón* chegou a ter amizade com outros pacientes próximos a sua faixa etária, mesmo assim preferia ficar desenhando, quietinho.

A enfermeira veio para conferir a temperatura, pressão e indagar se o meu filho estava sentindo algo fora do normal—que não faz parte do efeito do tratamento. Romeo está bem.

Pisquei para ele, ganhando um sorriso angelical.

—Vou ver se o seu pai terminou seja lá o que ele tenha ido fazer. —beije sua testa.

—Ufa, mamãe. —suspirou. — Eu estava para pedir isso da senhora. —fez uma carinha fofa.

—Ok. Não demoro.

—Estarei aqui...Você, sabe. Não tenho nada melhor para fazer. —disse humorado.

Romeo tem criado um humor ácido, claramente um método para tentar tirar um pouco do peso da doença da sua cabecinha.

Após fechar a porta do quarto fiquei indecisa para que lado seguiria a procura do Gabriel. Fui até a recepção do andar indagar se tinham prestado atenção em um homem alto, forte e cadeirante, havia passado por elas. Caso a resposta fosse negativa, seguiria para o corredor oposto.

—Aqui é um hospital, tem muitos cadeirantes. —a enfermeira usando um conjunto rosa-bebê respondeu.

—Precisamos de mais detalhes, senhorita. —disse a outra de cabelo curto, pintado de vermelho-vinho.

Coloquei as mãos no bolso da calça-jeans e comecei a falar:

—Cabelo liso, meio ondulado, preto, barba cerrada, olhos azuis reluzentes, braços fortes...Está usando uma camisa verde-musgo que fica muito bem nele...

Parei de falar, limpando a garganta para disfarçar meu tom meloso. *Qual o meu problema, afinal?*

As enfermeiras se entreolharam cheias de sorrisinhos.

—Com certeza é o bonitão com cara de bravo. Ele não olhou para ninguém, parece que tem um rei na barriga.

Nem tem como eu defender o Gabriel. O pouco tempo que estamos convivendo sei que adora as coisas do jeito dele. Espera, aí! Ela chamou o Gabriel de “bonitão”? Que absurdo. Quer dizer, elas não estão aqui para prestar atenção na boniteza das pessoas que frequentam esse hospital.

Estou errada? Por favor, não respondam.

—Para que lado ele seguiu? —perguntei, perdendo a paciência.

—Para a direita. —apontou com o indicador. —Ele pode estar no jardim, isso saberá, pois as portas são de vidro, ou dobrou e seguiu reto até a outra ala.

—Obrigada. —murmurei.

Os sensores abriram a porta de vidro, sai apreciando o belo jardim. Vi o Gabriel há alguns metros de distância. Ele está de costas, com sua cadeira estacionada debaixo de uma meia-sombra fugindo dos raios de sol.

Alguns pacientes estão sentados nos bancos, debaixo de árvores, alguns funcionários circulando.

Aproximei-me e entreabri os lábios, no entanto, me contive ao ver uma lágrima escorrendo pelo seu rosto. Quatro botões da sua camisa social estão abertos, revelando um pouco do peitoral coberto por pelos escuros, bem-amparados, algo muito masculino —na minha opinião.

Desde que o conheci nunca vi seu rosto tão sereno, como se finalmente tivesse encontrado sua paz de espírito.

Quando abriu os olhos e me encarou, tive certeza de que havia chorado o suficiente para deixá-los vermelhos.

—Ficamos preocupados com você. Por isso eu vim ver...

—Eu não quis preocupá-los.

Passou a mão no cabelo, suspirando.

—Você quer que eu traga água? Por acaso está na hora de você tomar algum remédio?

Eu e minha língua grande.

A expressão dele mudou completamente. Parece zangado —o que não é novidade. Mas preferia sua feição de calma.

—Não para as duas perguntas. —disse sisudo.

Ajeitou sua postura e tentou colocar o terceiro botão aberto dentro da casa, porém estava falhando. Cortei o curto espaço entre nós, encostando minhas pernas nos seus joelhos. Ergueu um pouco sua sobancelha, em nítido questionamento. Ignorando-o abotoei os outros dois botões.

Engoli em seco, quando os meus dedos tocaram de leve no seu peitoral. O homem é forte.

Seu olhar estava me queimando.

—Não precisava fazer isso.

—Eu quis ajudar.

—Eu posso me virar sozinho. Não é porque estou nessa cadeira que sou um inútil.

—Por um acaso falei algo que o fez pensar isso? —continuou me fitando com a feição séria, carrancudo. —Foi o que eu pensei.

Como ele parecia bem. Principalmente sua língua afiada, virei de costas pronta para regressar ao quarto do meu filho. Mas parei ao escutar:

—Desculpa, eu estou estressado. Precisei de ar puro.

Cruzei os braços, o olhando.

—Você sabe que não tem que se passar pelo o pai do meu filho, não é? Decidiu isso diante de uma situação embaraçosa, nada foi intencional. Se não quiser mais tem todo o direito...

—O quê? Não é nada disso, Laura. Eu não estava passando bem, precisei sair do quarto. Não tem nada a ver com essa história.

Voltei para dentro em silêncio, me sentindo desconfortável com a situação.

Preciso ser sensata. Gabriel tem feito e assumido tantas coisas em relação a mim, que seria injusto mantê-lo por perto, quando pode estar querendo espaço.

Tenho que pensar em algo para mudar isso.

GABRIEL

Meu celular vibrou no bolso da calça. Pensei em ignorar a chamada, mas poderia ser da empresa. Bufeí ao ver a foto do Mariano. Atendi:

—Espero que seja importante.

—Nem um “oi” para seu único irmão, filho da puta.

—Diga logo, Mariano.

—Já acertei tudo sobre a contratação da Laura. Quando os documentos dela ficarem prontos, as cópias serão anexadas nos arquivos.

—Ótimo. Irei avisar a ela.

—Os japoneses virão na próxima semana. Estão com uma nova tecnologia para mídia e motor.

—Eles são perspicazes. Temos que ficar espertos com os valores e garantir que sejamos os únicos a ter essa novidade no

mercado.

—Contamos com a sua presença.

—Pode cuidar disso, Mariano.

—Nem a pau. E olha que eu gosto.

Passei a mão na barba, soltando o ar exasperado.

—Tem que se acostumar a lidar com as negociações sozinho, caralho. Estou treinando você para isso.

—Falamos disso em outra hora. —o escutei batendo a porta. Esse assunto o deixa irritado. —Viu a Lola? Se ela perguntar por mim, diga que estou no Japão.

—Não sou o garoto dos recados.

—Ela veio ao meu escritório atrás de mim. A garota é uma diaba, irmão.

—Poupe-me dos detalhes.

—Ela mandou um vídeo pornô no *whats* para mim, e disse que sonha que eu a pegue do jeito que o negão estava fazendo com a branquinha. Ok, foi gostoso de assistir. Mas no momento estou em outra. Entende?

—Deveria ligar para o seu terapeuta.

—Prefiro desabafar com você. —soltou uma risada. —Tirei o modo de visualização do aplicativo. Assim a doidinha não tem noção se estou lendo as mensagens. Depois desse vídeo advinha o que ela mandou?

—Mariano, não quero saber...

Foi a mesma coisa de falar “continue, que eu quero saber”.

—Enviou uma *selfie* deitada, enrolada em um lençol. Estou pasmo. Vi claramente que a menina cresceu, nem precisei puxar o *zoom*.

—Vou desligar...

—Confirme a história. A mamãe vai organizar um jantar em família no próximo final de semana. Quero apresentar o Yago.

—Quem é esse?

—Meu atual companheiro.

—O nome do seu novo namorado não era Richard? Ou era do outro rapaz...

—Foi no passado. Estou com outro.

Mariano continuou falando, torrando minha paciência. Encerrei a ligação na sua cara. Foi necessário.

LAURA

Não tinha nada melhor que passar um tempo com o meu filho. Muitas vezes quando estou deitada com ele na cama hospitalar, oro silenciosamente para que Deus o cure, para que não tire o que mais tenho de precioso.

Eu acho que não suportaria estar nesse mundo sem o Romeo. Preciso dele.

Desde que chegamos à mansão Gabriel foi diretamente para o escritório. Não disse uma palavra, entretanto, seu olhar estava diferente. Algo mudou. É quase uma certeza.

—Como está o pequeno, Romeo?

Forcei um sorriso, pois definitivamente não poderia me abater pela situação.

—Bem. Meu filho vai vencer. —*ele tem que vencer*, pensei.

—Irei preparar uma macarronada deliciosa. Aprendi ontem assistindo um programa culinário. —pisçou o olho direito, sorridente.

—Nem posso imaginar o que está passando menina, ainda mais tão novinha. —suspirou, capturando minhas mãos, as fechando entre as suas. —Você e seu filho estão nas minhas orações.

—Muito obrigada, Delfina. —engoli a emoção. —Tem algo que posso fazer para ajudá-la? Preciso me distrair.

—Hoje eu iria organizar os livros que vão para doação. O senhor Arkis todo ano faz uma grande doação do seu acervo pessoal para os orfanatos.

—Eu faço isso.

—Dentro da biblioteca já estão as caixas e fitas adesivas para lacrar. A lista dos livros que serão doados está em cima da mesa de leitura.

—Entendi.

Adentrei o cômodo, entreabrindo os lábios impressionada com o tamanho da biblioteca. Um sonho para qualquer amante da literatura. Com certeza irei passar a maior parte do tempo aqui

dentro —ao menos quando estiver livre, pois espero começar a trabalhar logo.

Coloquei minha bolsa em cima da poltrona que está de perfil para a extensa janela de vidro. Tirei meu celular juntamente com os fones de ouvido, os conectando para escutar música.

Puxei o elástico do meu pulso prendendo o cabelo em um coque frouxo. Com a lista em mãos rapidamente compreendi o sistema bibliotecário utilizado para a organização dos livros.

Descalcei os pés para ficar mais à vontade. Meia hora depois lacrei a primeira caixa, cheia de livros da literatura argentina. São clássicos. Todos estão bem conservados, apenas desgastados um pouco pelo tempo e uso.

Virei a folha, lendo o verso, constatando que agora terei que usar a escada de madeira embutida nas extensas prateleiras. Esses títulos pertencem a sexta fileira.

Para quem é acostumada a subir em árvores, altura é somente um detalhe. Fui uma criança peralta. Tranquilamente comecei a procurar o livro, desci e pus em cima da mesa. Depois arrumaria direitinho dentro da caixa.

Retornei à escada cantarolando a música. Mantive a mão direita fechada no apoio da escada e estiquei o braço para alcançar o livro. No instante que o peguei senti quando uma mão grande se fechou envolta dos ossos da minha canela.

Virei-me de supetão assustada, perdendo o equilíbrio. Os olhos cor de céu do Gabriel se expandiram, possivelmente notando a tragédia que seria minha queda. Rapidamente seus braços fizeram um ângulo com o objetivo de me amparar.

Fiquei de olhos fechado, mesmo após cair no colo do Gabriel toda desajeitada, ofegante, sentindo minhas bochechas esquentarem cada vez mais e por algum motivo segurando o livro com força como se ele fosse capaz de me tirar da situação vergonhosa que estou.

Abri os olhos dramaticamente querendo saber qual expressão predomina seu rosto. Se ele estiver com cara de bravo posso sair correndo....

E como em um clichê senti as sensações bobas e românticas. E cacete, é delicioso me sentir assim. Os fones já não estão nos

meus ouvidos, mas minha mente utópica tem uma trilha sonora romântica de fundo.

Ele é bonito pra cacete.

Continuei no colo do Gabriel, sentindo sua respiração bater na minha face, apreciando seu perfume almiscarado, olhando de pertinho cada detalhe do seu rosto anguloso, adorante ter os olhos azuis somente para mim.

Sua mão grande e pesada continua na lateral da minha coxa causando um contato quente, bom, muito bom. Umedeci os lábios, desta vez fitando sua boca bem-feita, ansiando experimentar seu gosto, ser beijada.

Eu o desejo fortemente.

—Você tem noção o quão perigoso é cair de uma escada?

—Eu...

Não consegui responder. Estou ocupada demais o admirando, imaginando coisas pecaminosas.

—Poderia lesionar sua coluna de tantas formas, quebrar uma vértebra, qualquer outro osso, bater a cabeça. —disse com certa angústia.

—Eu quero muito...

Estava prestes a dizer “beijar você”. Ele me interrompeu olhando para a minha boca, engolindo em seco. E então voltou os olhos para mim.

Gabriel notou qual era a minha vontade. E por alguns segundos parecia desejar o mesmo que eu. Porém, quebrou o encanto:

—Você não é para mim, Laura.

E as borboletas no estômago foram substituídas por facas. Meus olhos arderam, o olhei magoada e com a vergonha no chão. Lembrei o que aconteceu comigo no passado quando me apaixonei pela primeira vez.

Ruan pisou nos meus sentimentos, apenas me abandonou sem qualquer justificativa. Deixou a mensagem não dita, mas clara de que eu não servia para ele. Que não era o suficiente, que fui um balsamo temporário.

Escutar isso do Gabriel trouxe o mesmo significado, todavia, de uma forma pior. Uma dor elevada ao que senti no passado.

—Não sirvo para você. —Murmurei com uma vontade imensa de chorar.

Ele ficou pensativo. E então confirmou meneando a cabeça.

Sai do seu colo e fui recolher meu par de sapatos.

—Laura, não pense que...

Ignorei-o ao sair da biblioteca seguindo direto para o meu quarto. Girei a chave na fechadura, largando os sapatos no chão. Meus lábios tremeram, as lágrimas começaram a molhar o meu rosto.

Eu sou tão patética.

Sentei-me na cama, confusa com os meus sentimentos, magoada pela forma que o Gabriel foi verdadeiro. A verdade dói. Está óbvio que não estou confundindo gratidão com paixão. Ele me atrai, me faz sentir segura e, o mais importante de tudo: trata meu filho como se realmente fosse seu.

Mas eu não sirvo para ele. De forma alguma irei perder o orgulho. E muito menos impor que retribua os meus sentimentos.

CAPÍTULO 12

LAURA

Para evitar mais drama desnecessário resolvi não descer para jantar. Eu preciso de espaço, aprender a lidar com esses sentimentos que estou nutrindo pelo Gabriel e principalmente buscar uma forma de esquecê-lo, antes que fique pior.

É lindo quando lemos um romance e notamos que no primeiro entrosamento dos protagonistas já pode ser uma chaminha do amor se acendendo.

Gabriel é um homem feito, lindo, culto e com toda sua masculinidade chama atenção. Eu não consigo enxergar sua deficiência física como um obstáculo. Pelo contrário, parece o tornar mais forte, especial.

Depois de tudo que aconteceu com os meus pais e do terror que presenciei fiquei muito abalada, sentindo um medo terrível. Se não fosse o meu filho, sinceramente não sei se conseguiria ter animo para continuar vivendo, lutando. E agora que passei a residir com o Gabriel, constatei sua lealdade com o meu pai...Eu estou o admirando mais.

Tenho que admitir que cogitei a possibilidade de estar confundindo amor com gratidão. Porque eu sou muito grata a ele por tudo que fez e tem feito. Contudo, agora posso afirmar que estou me apaixonando —o que pode parecer um absurdo diante a tragédia que passei.

Após o banho vesti a camisola curta de algodão e deitei na cama confortável. Não sei como farei para parar de alimentar esses sentimentos pelo Gabriel, mas deve ter um jeito, uma maneira.

Estava quase cochilando quando escutei batidas na porta. Era a Delfina.

—Querida, eu trouxe esse lanche a pedido do senhor Arkis.

Fitei a bandeja que tem em mãos com um sanduíche enorme e um copo de suco. Estão bem apetitosos, mas estou sem apetite.

—Delfina, eu realmente não estou com fome.

—Menina se tem piedade dessa pobre senhorinha não vai deixar eu descer com essa bandeja. —adentrou o quarto a colocando na mesinha de madeira próxima a poltrona. —O senhor Arkis iria me engolir viva. —sussurrou.

Acabei forçando um sorriso.

—Tudo bem. Obrigada.

—Estou achando você pálida. Trate de se alimentar direito.

—Apenas hoje que não estou com apetite.

—Mesmo assim, coma um pouquinho.

—Farei isso.

Prestes a sair do quarto virou de frente, proferindo:

—Quase esqueci do recado. O senhor Arkis disse que amanhã às sete horas o irmão dele virá para levá-la a empresa. Será seu primeiro dia de trabalho.

Entreabri os lábios sentindo um pouco mais de ânimo.

—Tem certeza disso?

—Absoluta. Estou ficando velha, mas ainda tenho uma audição de primeira. —sorri, a abraçando.



Acordei bem cedinho, pois queria ter tempo o suficiente para me arrumar. Conseguir essa independência seria bom para ocupar a minha mente.

Depois de tomar banho, fazer toda minha higiene comecei a secar o cabelo com o secador. O processo era um pouquinho demorado. No closet diante da variedade de roupas, optei em trajar um vestido de alfaiataria, tubinho na cor azul-marinho. Moldou bem o meu corpo e ficou no cumprimento ideal.

A parte mais difícil do dia seria ficar de salto alto. Para quem não está acostumada como eu, seria quase uma tortura. Mas nada de reclamar.

Desci as escadas indo em direção à cozinha. Delfina fez careta ao ver a bandeja com mais da metade do sanduíche que levou ontem à noite para mim.

—Ao menos tomei o suco. —adiantei em me defender.

—Vou já colocar as coisas na mesa.

—Irei tomar café da manhã aqui mesmo, Delfina. Coloque apenas se o seu chefe for tomar café na mesa.

—O senhor Arkis ainda não acordou. O que é estranho, pois ele sempre acorda cedo.

Servi um copo cheio de suco que havia acabado de fazer. Quando levei os lábios a borda do copo de vidro quase o derrubei ao me assustar com a invasão na cozinha. A responsável é uma ruiva, utilizando o cabo da vassoura como microfone.

De olhos fechados, abaixou o corpo juntamente com a vassoura cantando bem alto e animada:

—*Sueño cuando era pequeño, sin preocupación en el corazón. Sigo viendo aquel momento, se desvaneció, desapareció...*

Quando se ergueu, ficando de costas para nós, remexeu o quadril. Para completar disse:

—Obrigada a todos! Até a próxima...

Deixou as palavras no ar quando notou que não estava sozinha.

Delfina continuou fitando a garota com a colher de pau no ar como se não acreditasse. Depois meneou a cabeça, segurando o sorriso, disse:

—Essa é minha neta. Lola.

Lola limpou a garganta e estendeu a mão na minha direção.

—E você deve ser a Laura. Minha vó sempre fofoca sobre o dia de trabalho dela...

—Lola! —a recriminou. —Eu apenas comentei sobre você, menina. Lola é exagerada.

Aceitei seu cumprimento, sorrindo.

—Um prazer conhecê-la.

—Agora tudo faz sentido.

—O quê? —perguntei, a olhando com curiosidade.

—Gabriel está caidinho por você...

—Lola! Pare de tagarelar.

Para disfarçar servi uma fatia de bolo de cenoura. Enchi a boca, mastigando lentamente.

—Ah, vovó. Nem dá uma de santinha. Falamos disso ontem à noite. Fizemos até uma aposta.

—Lola, não faz eu te bater com essa colher. —ameaçou Delfina.

Como resposta Lola puxou um zíper imaginário por cima dos seus lábios rosados.

Ela é uma figura.

Fiquei tentada em dizer que está errada sobre o Gabriel e eu. Ele deixou claro ontem à noite que não terá nada comigo. Entretanto, como quero começar o dia com o pé direito decidi evitar o possível esse assunto.

GABRIEL

Como sempre tive uma péssima noite de sono. Pesadelo referente ao acidente, o rostinho do meu filho sumindo diante dos meus olhos e para completar o olhar triste da Laura quando falei de forma dúbia. Realmente me expressei mal.

Sou um imprestável.

Como se eu já não estivesse fodido o suficiente meu querido irmão enviou uma mensagem de madrugada avisando que não viria buscar a Laura, pois correria o risco de encontrar com a Lola.

Faço o possível e impossível para não ir à Arkis. Odeio o olhar que me direcionam. Talvez grande parte seja paranoia da minha cabeça, mas não me importo. Quero evitar ao máximo as pessoas. Gosto do meu casulo.

Com prática sai da cadeira de rodas motorizada para a cadeira de banho. Destravei as rodas e entrei no compartimento de banho fechando o box em seguida. Enquanto tomo banho, voltei a pensar na Laura.

Ontem ela não saiu mais do quarto. Nem mesmo para o jantar. Preocupado com ela pedi a Delfina para levar um lanche. E claro, se certificar que a menina estava bem.

Se a morena soubesse que estou lutando contra essa teia de atração terrível que jogou contra mim —sem saber—, entenderia o perigo. Laura é jovem, belíssima, cheia de vida, tem muito o que

conhecer pelo mundo e se aventurar. Eu só a prenderia. Isso não seria justo.

Eu posso ser o pai do seu filho, mas ser seu homem está fora de cogitação. Não suportaria ver seu olhar de desgosto quando olhasse para trás e visse o que perdeu por estar comigo.

Sou um maldito inútil.

Ao sair do elevador a expressão de surpresa da Delfina ao me ver usando um dos poucos ternos italianos feitos sob medida que mantenho no closet, não passou despercebida. Limpei a garganta para chamar sua atenção.

—O senhor quer que sirva o café na mesa principal?

—Irei esperar a Laura... —me interrompeu.

—A menina já tomou café da manhã na cozinha.

Fitei-a soltando o ar dos pulmões lentamente.

—Claro que sim. —resmunguei sabendo que a morena vai passar a me evitar. Errada ela não estar.

—Quer algo específico para o seu desjejum, senhor?

—Tapioca com manteiga e um café puro sem açúcar. Estarei no escritório.

Apesar de ter negado fazer os tratamentos tento ao menos manter uma alimentação mais saudável. Perdi muitos quilos depois do acidente. E por estar nesta condição engordar tornaria as coisas mais complicadas para mim, além é claro, de atrair outros problemas de saúde.

Tomei o café da manhã enquanto verificava um novo contrato de produto exclusivo para os novos automóveis que estão em processo de produção.

Balboa veio avisar que tudo está pronto para sairmos. No hall de entrada da morada Laura sorria para Delfina. E cá estou eu cativado com a sua energia, beleza exótica, cada detalhe do seu rosto sendo admirado por mim.

Quando percebeu minha presença seus lábios ficaram em linha reta. Eu estava prestes a cumprimentá-la com um simples “bom dia” quando se virou saindo do cômodo. Porra, ela está linda demais trajando o vestido social, apesar da roupa não ter nada de sensual a deixou sexy, quente.

Estou muito fodido.

Agner está dirigindo e Balbo está no banco da frente. Estou sentindo gosto de fel e sei que não foram os remédios que tomei. Sentir a indiferença da Laura está causando isso em mim. Desde que sentei ao seu lado não fui merecedor do seu olhar.

—Mariano irá lhe mostrar o que tem que fazer.

—Ok. —respondeu, sucinta.

Passou o restante do caminho quietinha, perdida em seus próprios pensamentos e olhando o trânsito pela janela do carro blindado. E eu fiquei igual um adolescente bobo a fitando com as mãos comichando para tocá-la, sentir sua pele macia, cheirosa.

Balboa abriu a porta do carro e como sempre a cadeira estava posicionada no ângulo certo para eu conseguir sentar sem precisar da intervenção de alguém. Laura olhava envolta do estacionamento privativo. Reparei sua ansiedade.

Adentramos ao elevador e digitei a senha de quatro números para irmos diretamente para o andar da presidência. Enquanto caminhava a poucos centímetros na minha frente evitei ficar olhando para o rebolar sutil do seu quadril e bunda —porque realmente estou parecendo um tarado.

Eu não estou bem da cabeça, obviamente. Posso jogar a culpa na falta de sexo?

Mariano nos encontrou na recepção do andar da presidência. Abriu os braços com um enorme sorriso no rosto.

—É ótimo te ver aqui, irmão. —disse, animado. —Laura, rainha, seja bem-vinda ao seu local de trabalho.

Laura sorriu tímida para o meu irmão. Não gostei disso. Por que ele é merecedor e eu não? Ah, claro. Estava me esquecendo que ontem fui um idiota com ela.

—Espero conseguir aprender tudo rápido. Eu farei o meu melhor. —proferiu, fitando o meu irmão.

Agora estou invisível, é isso?

—Você vai conseguir. —sorriu, apoiando a sua mão enorme no ombro da Laura.

Ah, chega dessa melação toda.

—Pare de perder tempo e mostre a Laura à sala dela e explique o que tem que ser feito.

Asli —secretária executiva —adentrou a recepção segurando uma pilha de documentos. Meu irmão rapidamente a ajudou.

—Qualquer coisa estarei na minha sala, Laura. Almoçamos juntos. —não perguntei, impus.

Sem esperar por qualquer argumento seu me apressei em ir direto para o meu escritório.

LAURA

Ficarei em uma sala pequena, muito bem arejada e que tem a parede de vidro de frente para a recepção da presidência. Do lado da minha sala tem o escritório da assessora Elisa. Uma mulher muito elegante e linda que ficou responsável de explicar tudo que farei, me ajudou com a matrícula e senha para acessar o sistema da Arkis.

Asli —a secretária da presidência —também fez questão de me ajudar, principalmente com dicas de como facilitar a minha vida utilizando o sistema operacional. Além de ser loira natural, tem uma energia muito boa.

Em alguns momentos enquanto digitalizava alguns comprovantes de pagamentos para colocar no sistema da Arkis percebi a Asli mantendo o telefone entre o ombro e orelha, segurando um celular e digitando algo no computador. A mulher fazia várias coisas ao mesmo tempo.

—Senhorita, eu trouxe o seu almoço. —fitei Agner. Um dos seguranças que Gabriel contratou.

Conferi o horário no relógio e falei:

—Tenho duas horas de almoço. —pensei alto. —Pode me levar ao hospital, Agner? Irei ficar esse tempinho com o meu filho.

—O senhor Arkis está com um cliente importante no seu escritório. Parou apenas para pedir que comprasse o almoço da senhorita e avisar que iriam embora juntos. É melhor confirmar se podemos ir...

—Gabriel o contratou para me acompanhar certo?

—Sim, senhorita. Mas deixou claro que tudo que formos fazer é para avisá-lo antes.

—Ele está ocupado. Vamos de uma vez, Agner. —pedi, enquanto desligava o computador.

Peguei a sacola que contém o nome do restaurante o agradecendo. Avisei a Asli que estava indo almoçar. Ela disse que só sairá quando a outra secretária da presidência chegar.



Ao entrar no quarto do Romeo o vi desenhando em cima da sua cama. A enfermeira estava conferindo o soro e anotando algo em sua prancheta. A cumprimentei com um abraço e logo enchi meu anjinho de beijos o que o fez reclamar.

Sempre tratei da melhor maneira possível a equipe médica que cuidava do Romeo no outro hospital. Aqui não está sendo diferente. Não crio nenhuma amizade e sim gratidão por serem pacientes, por estarem cuidando do meu menino —mesmo sabendo que é o trabalho deles.

—Ah mamãe...Não me beije na frente de meninas. —fez uma expressão engraçada.

—Aquela enfermeira não é uma menina e sim uma mulher.

—Continua sendo menina. Sou um rapazinho. E não um bebê.

—É o meu bebê.

—Jesus... —balbuciou, voltando a desenhar. —Onde está o papai? —indagou com leveza. —Quero muito assistir ao jogo de futebol com ele nesse final de semana. E seria melhor ainda se trouxessem pipoca...Hum...

Não resisto esse jeitinho do Romeo.

—Ele ficou no trabalho resolvendo muitos problemas, mas eu estou aqui. E sobre o jogo acho uma ótima ideia.

—A senhora não gosta de jogo, mamãe. Eu sempre assistia com o vovô. —vi saudade no seu olhar.

—Mas posso aprender a gostar, eu assistia com vocês às vezes.

Cobriu o rosto com as suas mãozinhas pálidas.

—A senhora passou o jogo todo perguntando as coisas. Eu amo você, mas foi quase insuportável.

—Romeo... —entreabri os lábios segurando a risada.

—Eu disse que amo a senhora, lembra?

Dei um cheiro no seu pescoço.

—E eu a você. Mais que tudo nessa vida.



Sorri para Asli, porém ela não correspondeu. Parecia um pouco estressada.

—Precisa de algo, Asli?

—Tinha esquecido como o senhor Arkis é... Difícil. O homem está mais bravo do que de costume.

—Se precisar de ajuda, estou aqui.

—Agradeço. Eu dou conta. O problema é o humor dele. Nossa Senhora das Secretárias que aguentam os chefes mal-humorados sempre está me protegendo. O senhor Mariano pediu para todas nós confirmar que ele viajou a trabalho de última hora, caso uma tal de Lola Venegas ligue o procurando, ou venha na empresa. Apesar de que a entrada dela não está permitida.

Eu só conheço uma Lola. E ela é a ruiva doidinha que fala pelos cotovelos. Seria muita coincidência.

—Pode deixar.

—O senhor Arkis quer vê-la no gabinete dele. Era para eu ter dito isso antes de qualquer coisa.

—Eu vou lá.

—Espera. —saiu de trás da sua extensa mesa e segurou as minhas mãos, fechando os olhos. Por fim disse: —Amém! Agora está protegida pela Nossa Senhora das Secretárias. Pode ir.

Será que ela é outra neta da Delfina? Se parece um pouco com a Lola.

Bati na porta de madeira e logo escutei sua voz gutural permitindo a minha entrada. Ao me ver ele ergueu a palma da mão no ar —um sinal para esperá-lo finalizar a ligação.

Caminhei até me aproximar mais um pouco da sua mesa. Estudei o ambiente notando que assim como todo o prédio foi

arquitetado de forma moderna com clássico, um decoro de muito bom gosto. Nunca estive em um lugar assim antes.

Gabriel está sem a primeira peça do seu terno. Para completar puxou as mangas da camisa social até os antebraços. Era um homem forte, que definitivamente chama atenção. Será que ele tem noção da sua beleza? Do charme gritante que não desaparece nem mesmo com seu olhar enigmático?

De repente fiquei com o olhar fixo nos seus lábios se movendo, das suas expressões sérias, da maneira que seus dedos longos estão folheando os documentos. E então me dei conta que estou em um terreno muito perigoso.

Ele me magoou ontem e pode voltar a fazer de novo. Eu não quero esse tipo de amor. Sofri uma vez. Pelo amor de Deus, eu tenho que ter aprendido a lição.

—Eu não pude almoçar com você como havia dito. Mas pedi que Agner entregasse seu almoço, só não esperava que fosse sair sem me dizer.

—Você estava ocupado. Pedi ao Agner para não te avisar por causa disso. Aliás, o contratou para me acompanhar então de certa forma estou segura.

Encostou-se melhor na cadeira de couro. Sua cadeira de rodas automática estava ao lado.

—Laura, quero o melhor para você. Enquanto não descobrirem e prenderem os assassinos dos seus pais não vou conseguir ficar calmo quando você sair.

—O segurança que contratou é muito competente. —estou sentindo minhas mãos suarem, preciso sair de perto dele o quanto antes. —Se era só isso, irei voltar ao trabalho.

—Sobre ontem, o que eu disse...

—Agora já foi. Não importa mais. —tentei ser o mais firme possível.

Por dentro estou chorando como uma garotinha assustada.

—Eu sinto muito, Laura. —pareceu sincero.

Queria escutar tudo menos isso. Parece o fim ele sentir pena de ter me rejeitado. O que só piora a situação.

Sem dizer nada sai do seu escritório segurando a vontade de chorar. Eu que sinto muito por ele não ter sido afável.

A outra secretária da presidência —Mila —me passou algumas coisas para ajudá-la. Quando Asli retornou do seu almoço veio afoita. Avisou que nas próximas horas estará em reunião com o chefe, outros sócios e juntamente com Elisa.

Mila avisou que irá ao departamento de contabilidade deixar alguns documentos que foram despachados pelo chefe. Como a minha sala tem a parede de vidro tenho toda a visão da recepção, então ficaria atenta caso alguém viesse.

Virei de costas para guardar as pastas de contrato que estão organizadas por ordem alfabética no armário moderno o qual é necessário inserimos a senha. Quando terminei e fiquei de frente, levei um susto ao ver a ruiva doidinha perto da mesa.

—Cristo! —falei, um pouco assustada. Não escutei barulho nenhum.

Lola sorriu colocando a mão na cintura fina —que está em evidência devido a calça jeans surrada de cintura baixa e, a blusinha solta de alguma banda de rock que está no meio da sua barriga.

—Foi a coisa mais bonita que me chamaram. —jogou a mochila colorida em cima da minha mesa. —Mariano está?

Por alguns segundos vi dois chifrinhos do mal na cabeça ruiva da Lola. Não queria mentir para ela, pois apesar de ser um pouco doidinha parece ser uma boa pessoa. Entretanto, não a conheço o suficiente para ter certeza, então respondi:

—Ele viajou a trabalho de última hora.

Sentei-me na cadeira e comecei a fingir procurar algo para disfarçar.

—Posso até ter a cara de boba, mas não sou. Ele continua se escondendo de mim. Um babaca gostoso. Fazer o quê? Ninguém é perfeito.

Puxou a cadeira e sentou.

—Como entrou? —perguntei curiosa.

Asli havia dito que a entrada dela não estava permitida.

—Sou amiga de um funcionário que me ajudou a entrar.

—Lola, é melhor você ir. —disse, com receio que um dos seguranças viesse retirá-la.

—Relaxa, Laura. Não tenho nada melhor para fazer. —deu de ombros. —E como anda as coisas entre você e Gabriel?

Engasguei-me com a minha própria saliva. Eu realmente estou impressionada com a ruiva doidinha. Ela não mede suas palavras. Prosseguiu falando:

—Você tem que mostrar para o Gabriel o que ele está perdendo.

—Esquece isso, Lola. Tenho muito o que fazer.

—Inclua na sua lista de afazeres: seduzir o Gabriel.

—Nem comece com essa história. Admiro sua imaginação, sua espontaneidade, porém tem assuntos que são pessoais. Além disso, acabamos de nos conhecer.

Ignorando totalmente o que disse, falou:

—Não precisa agradecer agora. Como percebeu os homens dessa família são complicados. Mariano é o mais perturbado. —suspirou, apoiando as mãos em cima do vidro.

—Você realmente gosta dele?

—Absolutamente. —respondeu sem hesitar.

—Ele é gay. Na verdade, ele é pansexual.

—Sei da orientação dele. Acredite, o Mariano gosta de mim. Quando eu o pegar de jeito, nem vou precisar mandar ele se ajoelhar para...

Rapidamente larguei os documentos me erguendo da cadeira e estendendo os braços para tampar a boca dela. A garota é doidinha da Silva.

—Bem menos, Lola. Menos.

—Mariano gosta de mim. Ele só não quer admitir por causa da diferença de idade e por ter achado errado ter ficado excitado enquanto me espiava trocar de roupa no complexo dos empregados.

—Ele fez isso?

—Armei para ele me ver. —prende o sorriso. —Mariano é vinte anos mais velho do que eu. Depois disso começou a correr mais de mim por se sentir culpado. Ele não acreditou quando disse que fiz a propósito porque sou apaixonada por ele.

—Você não bate bem da cabeça.

—Quando estamos apaixonados fazemos muitas idiotices.

—Então teria feito diferente?

—Claro. Eu poderia ter prendido ele no porão da casa e só tê-lo deixado sair quando admitisse que sente o mesmo por mim.

Estou pasma com essa garota. Lola começou a gargalhar.

—Minha nossa, estou brincando, Laura.

—Graças a Deus por isso.

—Agora voltando a falar sobre você e Gabriel, acho que...

Parei de prestar atenção quando vi o Mariano saindo do elevador privativo. Distraído continuou andando e digitando algo no celular. Quando olhou para frente sorriu acenando para mim, contudo, parece que reconheceu a cabeleira ruiva.

Vi o desespero nos seus olhos. Ele correu para o elevador — que já estava fechado — e começou a apertar os botões desesperado, seguiu para o outro fazendo a mesma coisa.

Quando Lola fez menção de virar para ver onde estava minha atenção cogitei que fosse o fim do Mariano. O homem daquele tamanho todo se jogou —literalmente —atrás da mesa da Asli. Deve ter doido pra caramba.

—Olha, não vou mais tirar seu tempo. Conversamos mais em outra hora. Podemos combinar de sair, tenho amigos muito divertidos. —disse recolhendo a mochila.

—Se quiser pode ficar. Posso pedir um café, chá...

—Prefiro um enorme *milk-shake*. Entretanto, faremos isso em outro momento. Irei a livraria comprar alguns romances.

Levantei-me para acompanhá-la até o elevador e ter certeza de que não verá o Mariano escondido. Apertei o botão e forcei um sorriso para ela. Quando sorriu soube que havia descoberto.

—Você é grande demais para se esconder debaixo da pobre mesa, Mariano. —disse calmamente.

Mariano saiu debaixo da mesa, ajeitando o seu terno. Ele era um pouco mais forte que o irmão.

—Boa tarde, Lola. —cumprimentou, moderado.

—Sua mãe comentou que fará um jantar para o seu novo namorado. Yago Valentin, trinta e oito anos, divorciado e

empreendedor. Bem o seu tipinho.

Ela investigou? Céus.

—Stalkeando as redes sociais do Yago. Nunca perde essa mania. —colocou as mãos no bolso da calça social.

—Se ele deixou as redes abertas é porque não se importa que ninguém olhe. Aliás, você adora um golpista. Nunca aprende. —debochou.

—Porra, Lola. Juro que tento ser paciente com você.

—E você é um bebezão estúpido que insiste não enxergar o que está na ponta do seu nariz.

—Aceita isso de uma vez por todas.

Como resposta Lola abriu um lindo sorriso para ele. Despediu-se de mim com um abraço rápido que retribui e entrou no elevador olhando fixamente para o Mariano. Ela é obstinada.

CAPÍTULO 13

LAURA

Mariano continuou olhando para o elevador como se de alguma forma fosse o ajudar. Por um instante posso ter notado um ar melancólico na expressão do homem alto e musculoso, como se sua guarda estivesse baixa.

Acredito que Lola não seria tão obcecada, se bem que hoje em dia não desconfio de mais nada. Entretanto, pareceu tão convicta sobre o que disse ao Mariano que acho que posso colocar um pouquinho de confiança nela.

—Lola parece divertida. —foi o que consegui dizer para o despertar de seus pensamentos.

Ele suspirou e me encarou com o seu costumeiro sorriso charmoso.

—Ela é muito mais que divertida. —pareceu muito sincero. — Estou indo para a sala de reuniões. Asli ligou avisando que Gabriel exigiu minha presença de última hora.

Afastou-se tirando a parte de cima do seu terno que ficou amassado.

O meu expediente chegou ao fim e certifiquei de deixar tudo organizado para um novo dia de trabalho amanhã. Elisa ainda estava no gabinete do Gabriel juntamente com um investidor da Arkis. Balboa está nos aguardando na recepção.

Avisei que esperaria por eles no estacionamento. Balboa contragosto concordou, mas acredito que aceitou pelo fato de o Agner estar lá embaixo nos aguardando.

Despedi-me da Asli e Mila que saíram do elevador e continuei até chegar ao estacionamento privativo. Meu celular vibrou na bolsa e, o peguei para ver se era uma nova mensagem da operadora —, pois não havia contato de mais ninguém a não ser do Gabriel, do seu irmão e do hospital.

Desbloqueei a tela e li a mensagem do número desconhecido:

Vamos almoçar juntas amanhã no meu lugar preferido.

Pensei e pensei até que cheguei à conclusão que só poderia ser a Lola. Perguntar como ela conseguiu o meu número seria perda de tempo, então respondi:

Se não acontecer nenhum imprevisto, eu aceito.

Enviei e acabei esbarrando em alguém que também vinha prestando atenção no celular. Ainda bem que o impacto não foi forte.

—Desculpa... —falamos ao mesmo tempo.

Agner se aproximou rapidamente com seu jeito sisudo e pronto para atacar a qualquer sinal de ameaça.

—Pode se afastar da senhorita, senhor? —o olhei quase sem acreditar.

—Não é para tanto, Agner. Apenas nos esbarramos.

—Culpa do celular. —sorrisos. —A propósito meu nome é Polo.

—Laura.

Aceitei seu aperto de mão como um cumprimento amigável.

GABRIEL

Finalmente a reunião chegou ao fim. Agradei a Elisa por ter ficado além do horário de seu expediente para me auxiliar. Solicitei a presença do meu irmão de última hora, pois ele estava à frente dos detalhes do design do modelo exclusivo que iremos oferecer aos italianos.

—Estou morto de cansado. —resmungou meu irmão ao saímos do meu escritório.

—Trabalho é isso, irmão.

—É ótimo ter você aqui, Gabriel. Eu faço a parte que mais gosto e você fica com as negociações.

Eu sei bem onde ele queria chegar. Mariano não tem desejo algum em assumir a Arkis. Após o acidente, devido as sequelas físicas e emocionais o venho preparando para ser o presidente do nosso império. Algo que meu irmão não quer.

Tenho passado por tantas coisas que sinto que o melhor é me afastar de vez da convivência social. Quero apenas ficar no meu canto, no meu refúgio. Cogitei algumas vezes que se meu filho tivesse sobrevivido não teria mudado, não teria entrado em

depressão e consequentemente continuaria levando a vida da melhor forma possível mesmo sendo cadeirante.

No entanto, sem o Gael aqui, e ainda mais carregando o peso da culpa da sua morte cravado na minha alma vem acabando comigo aos poucos.

Por outro lado, parece que estou tendo uma segunda chance com o Romeo. Ele merece um pai, tenho que ser um dos exemplos de superação. Não está sendo fácil.

—Foi um excelente dia. —murmurei.

A última coisa que preciso é de mais drama para a minha vida. Então para evitar uma discussão com o meu irmão sobre ele ter que assumir a empresa, preferi encerrar o assunto que nos levaria a isso.

Estranhei por ver apenas o Balboa na recepção. Antes que pudesse perguntar, adiantou:

—A senhorita Laura está nos esperando no estacionamento junto com o Agner.

Meneei a cabeça seguindo em frente. Ela está fazendo um ótimo trabalho em me evitar.

—Lola veio aqui hoje.

—Ela passou pela segurança? Se uma garota de vinte anos passa pelos seguranças imagino que qualquer um consiga.

—Entrou com ajuda de um funcionário.

—Descobriu quem é? Sei que ela é neta da Delfina, mas esse funcionário que a ajudou entrar tem que lidar com as consequências dos seus atos.

—Eu resolvo isso, irmão. —respondeu, sem o ar zombeteiro que costuma acompanhar seu meio sorriso.

Algo está errado com o Mariano.

—Certo. Ver a Lola te deixou assim?

—Assim como?

—Com cara de cachorro sem dono.

Meu irmão me olhou feio. Respirou fundo e mirou para frente, enquanto continuava segurando o sorriso. Se eu risse seria pior. Quando ergui o olhar para o Mariano, outra vez, seu costumeiro sorriso debochado estava presente.

—Parece que a Pocahontas já fez um novo amigo.

Curioso rapidamente olhei para frente e vi um homem alto, sorrindo e falando algo para a Laura. Pelo seu olhar notei certo encantamento da parte dele. Por estar de costas para mim não consigo ver se ela está com a feição serena, à vontade, ou contente por estar conhecendo uma pessoa nova.

Não deveria me sentir incomodado e muito menos doido para marcar meu território. Entretanto, é inevitável. Sou conhecedor da minha personalidade difícil, mas quando se trata da Laura tudo muda, tudo é confuso e intenso demais.

Da última vez que a impedi de trabalhar sob a recomendação do doutorzinho, coloquei em mente que o único motivo para eu não ter concordado seria a falta de segurança que ela teria.

—Se você acelerar atropela ele numa boa. —sussurrou o meu irmão, me seguindo.

Até que não seria uma má ideia...

O homem parou de falar quando estranhou nossa aproximação. Laura virou e passou o olhar rapidamente em mim. Juro que me senti um nada, pois desviou sua atenção do cara metido a *bad boy* por apenas alguns segundos para me fitar.

—Eu preciso ir, Polo. Até mais.

—Ah, claro. Boa noite.

Laura simplesmente andou em direção ao carro e entrou sem se importar em ter me ignorado. Que maldição do caralho!

—Esse estacionamento é privativo. Os dos visitantes é em cima. —informei, olhando fixamente para ele.

—Minha melhor amiga autorizou a entrada. Ela é a diretora do setor financeiro.

—Alessandra Pascal é uma excelente funcionária. —comentou meu irmão, sendo amigável.

Qual é a do Mariano?

—Aposto que sim. Ela foi a primeira da turma.

Notando o clima de tensão que se instalou meu irmão adiantou em ir embora.

—Quero você longe da Laura.

Ele tentou sorrir, acho que não acreditou no que havia acabado de proferir.

—Irmão, acabamos de nos conhecer...

—Eu com certeza não sou o seu irmão. E estou falando muito sério.

—Acredito que você não tenha o direito de dizer quem deve ou não se aproximar dela...

—Tenho sim.

—Mesmo que estejam em um relacionamento, não é...

—Engula sua opinião e faça o que mandei.

Vi o exato momento que ele iria dar mais um passo, contudo, não o fez. Seus olhos foram diretamente para a cadeira motorizada e sua feição mudou completamente. Puta merda! Odeio esse olhar. Sai de perto acompanhado do Balboa que ficou a certa distância.

Fiz o processo de sair da cadeira —segurando firmemente no apoio da porta do carro e no outro suporte que foi colocado em frente do banco do passageiro estrategicamente para realizar os movimentos sozinho — e fechei a porta assim que Balboa tirou a cadeira para guardá-la.

Precisava ficar um pouco longe da Laura, apesar de estarmos centímetros de distância. Massageei as têmporas, inalando seu perfume gostoso e minha mente traiçoeira projetando os momentos que tínhamos tudo para nos beijar.

Encostei-me melhor no banco, ainda de olhos fechados. Pedi ao Balboa que fosse ao hospital. Estou com saudades do meu rapazinho. Só ele para me acalmar.



Encarei a Laura muito impaciente. Inutilmente ela estava tentando colocar um *band-aid* do *Homem de Ferro*—que tirou da bolsa—no seu calcanhar direito. Vi que a região está avermelhada.

Não entendo por que ela continuou usando o sapato que estava machucando seus pezinhos. Se fosse eu já tinha o jogado fora. Simples assim.

—Você não tem equilíbrio. —constatei o óbvio.

Estamos na porta do elevador do estacionamento. Balboa e o outro segurança ficarão nos aguardando.

Zangada jogou sua bolsa com força no meu colo. Bufou virando de costas para mim, apoiando sua mão esquerda na parede e tirando seu pé de dentro do salto alto. Ela apertou o lábio inferior sinal de que está ficando mais estressada. De tanto ela bolar com o *band-aid*, perdeu a colinha.

Abri sua bolsa e peguei a caixinha que estava logo em cima entre tantas outras coisas que não prestei atenção. Aproximei-me dela e segurei seu tornozelo, tocando no seu pezinho. Cristo, até o pé dela é macio, lisinho. Colei o *band-aid* e me afastei para ela desdobrar a perna.

—Obrigada. —agradeceu tímida.

Ficamos nos encarando e por muito pouco não a puxei para o meu colo. Ela é tão maravilhosa, doce, desastrada, tão menina ainda...Se fosse em outro tempo, não duvidaria que faria de tudo para conquistá-la.

Acordei do estupor quando a porta do elevador abriu e três pessoas saíram, conversando.

Laura capturou sua bolsa do meu colo e seguimos para ver o nosso filho.

LAURA

Era absurdo o Gabriel e Romeo serem tão conectados. Faz pouco tempo que se conhecem, mas é como se fosse desde o momento que meu filho veio ao mundo.

Eu literalmente estava de fora da conversa. E agora me dei conta que meu filho está totalmente certo. Não sei nada sobre futebol. E muito menos sabia alguma coisa sobre o time *River Plate*. Agora tenho quase certeza de que são fanáticos.

Foi inevitável não pensar no meu pai. Ele e Romeo compartilhavam desses momentos. Acabei sorrindo sozinha ao recordar da vez que lavei a camisa do time deles e ficaram bravos, pois segundo eles só colocariam as camisas para lavar no final do campeonato. Ainda bem que o *River* ganhou, senão eu seria a culpada de ter tirado a sorte deles.

—O médico disse que você está muito bem. Acredito que não terá problema em ficar na nossa casa nesse final de semana. —falou Gabriel, sorrindo para o Romeo.

—Não brinca com isso, pai! Está falando sério mesmo?

—Claro que sim. Seus avós querem te conhecer.

—Será que não dá para esperar um pouco mais? Quer dizer, eu já gosto deles antes mesmo de vê-los pessoalmente, mas acho que não estou muito apresentável...

—Por Deus, meu amor. Você está ótimo e, a cada dia vem melhorando mais e mais. —afirmei, me aproximando dele.

Romeo forçou um sorriso, apertando a minha mão.

—Sua mãe tem razão, campeão. Amamos você do jeitinho que é. Essa fase vai passar. —disse Gabriel, antes de beijar a palma da mão do Romeo.

Ele tem muito jeito com criança.

Saímos tarde do hospital, porém com muita fé de que o Romeo vencerá de uma vez por todos o câncer, e contentes pois ele se afastará um pouco do ambiente hospitalar.



Estava tão cansada ontem que apenas tomei banho, vesti o pijama folgado de algodão e deitei na cama crente que em alguns minutos levantaria para ir jantar. Contudo, apaguei totalmente. Mesmo assim senti um carinho na minha cabeça, alguém tocando no meu cabelo, mas acho que foi um sonho.

Eu só posso estar obcecada pelo Gabriel. Até nos meus sonhos o ogro me perturba. Voltei a cena do estacionamento onde conheci o Polo e que Gabriel havia se aproximado, me direcionou aquele seu olhar sensual e por fim segurou minha mão, nos assumindo.

Meu Deus, como eu sou boba.

Fui abrindo os olhos aos poucos ao notar a luz excessiva. Levantei-me de supetão ao ver a ruiva com um sorriso enorme mostrando os dentes brancos e bem alinhados.

—Bom dia!

—Caramba, Lola. —conferi o horário no relógio.

Poxa, ainda tinha quase meia hora antes do despertador tocar.

—Acordei bem cedo hoje para ir à feira com a minha avó. Não resisti e vim aqui.

—Eu deveria agradecer? —sorriu debochada.

—Não por isso. Vim avisar que teremos que remarcar o nosso almoço. Acabei aceitando dois trabalhos de última hora. O valor irá valer a pena.

—Dois empregos?

—Não são fixos. Eu sou ótima em pesquisar e escrever. Faço trabalhos de ensino médio e superior. Qualquer um da área de humanas.

—Uau. —expressei, admirada. —Poderia ter mandado uma mensagem.

—Verdade. Mas preferi vir e aproveitar o tempinho para fofocarmos.

—Não tenho nada para dizer...

—Pelos sorrisinhos e murmúrios aposto que estava sonhando com o Gabriel.

Senti as minhas bochechas esquentarem. Levantei-me da cama, querendo fugir.

—Eu não estava.

—Se não foi com o Gabriel, espero que tenha sido com o *Dato Foland*.

—Quem é esse?

—Um dos meus atores pornô preferidos. O homem é bem-dotado de verdade, sério. —jogou-se na cama com o ar sonhador. —O sobrenome dele faz jus.

—Em que nível estamos? Minha nossa.

—Quando se sentir sozinha o procure na internet. Os vídeos antigos são os melhores.

—Eu vou tomar banho e me arrumar. Chega desse papo.



O café da manhã está pronto. Como ainda é cedo, aproveitei para comer tranquilamente com a Lola tagarelando no meu ouvido. Delfina me deixou sozinha para ir cuidar da horta.

—Lola, aquilo que você falou do namorado do Mariano é verdade? —indaguei curiosa.

Lola terminou de mastigar o pedaço de panqueca lentamente, por fim respondeu:

—Sim. Como eu disse sou ótima em fazer pesquisas. —o sorriso já não estava mais nos seus lábios.

—Você não acha que pode estar errada? Mariano é um homem experiente, pelo pouco que percebi.

—Desde que aconteceu aquilo entre nós, ele mudou totalmente. Tudo bem o Mariano ter experimentado de tudo, ser pansexual, mas não adianta ficar se enganando.

—Sinceramente nem sei o que pensar.

—Mariano decidiu que foi um perverso comigo e desde então está se punindo, correndo de mim como uma garotinha. —espetou sua panqueca com o garfo com força exagerada. —E para piorar não se preocupa mais em saber quem realmente é a pessoa que está ao seu lado.

Ela colocou uma grande fatia na boca e mastigou com os pensamentos longe. Era o momento de encerrar a conversa.



Estou firme em ficar distante do Gabriel. Não era fácil. Estar apaixonada por alguém e não ser correspondida machuca. Mas estou confiante que esse sentimento não fará morada por muito tempo no meu coração.

Voltei a pensar no episódio do estacionamento —no dia que conheci o Polo. Queria tanto que Gabriel tivesse sentido ciúme, ou demonstrasse qualquer desconforto. Ele só está cuidando de mim para me manter segura. Afinal, prometeu ao meu pai.

A sexta-feira chegou. Finalmente terei o final de semana todinho com o meu filho. O médico o liberou e passou algumas

recomendações. Algo que já estou acostumada, porém nunca é demais ter mais cuidados.

—Laura, antes de você ir para o seu quarto gostaria de te mostrar uma coisa.

Gabriel foi à empresa todos os dias. Vamos e retornamos juntos em completo silêncio. Sinto que ele quer puxar conversa, embora sua voz seja grossa e linda de ouvir, prefiro continuar quieta. Chega de ficar bancando a iludida.

—Tenho certeza de que vai adorar.

Meneei a cabeça concordando. Entramos no elevador e ao sairmos seguimos para o outro lado do corredor. Paramos diante da porta.

Ao mesmo tempo erguemos os braços para as nossas mãos tocarem na fechadura. Rapidamente recolhi a minha me recordando do quão é delicioso seu toque e, o último que tive foi quando tocou no meu tornozelo e no meu pé. Arrepiei-me toda.

Meu Deus, pareço tão desesperada.

—Prefiro que você abra.

Abri os lábios evidentemente surpresa. Romeo irá amar, disso tenho certeza.

O quarto enorme está decorado do jeitinho que um fã de quadrinhos de super-heróis gostaria de ter. Pensaram até nos pequenos detalhes. Está tudo elegante, aconchegante, alegre.

—É perfeito, Gabriel. —minha voz saiu emocionada.

—Escolhi todos os móveis, cheguei até desenhar alguns. Espero que o nosso filho ame esse lugar. É muito importante para mim.

Olhei-o sentindo as lágrimas escorrerem pelas minhas bochechas. Deus do céu! Gabriel não tem um pinga de noção de como eu me sinto quando ele diz: nosso filho.

—Não tenho dúvida sobre isso. —comecei a andar pelo cômodo amplo. —Planejou isso em tão pouco tempo?

—A arquiteta e sua equipe foram muito eficientes. E nem tinha como você desconfiar. Você vive no seu quarto, sai apenas para trabalhar e para fazer as refeições.

—Esse quadro do *Homem de Ferro* é incrível. —apontei para o quadro, a fim de tentar fugir do assunto.

—Laura, sei que é culpa minha. Eu fui um completo idiota com você naquele dia na biblioteca.

Ótimo, o que falta para eu ficar no limbo era a sua pena. Ainda me resta alguma porcentagem de dignidade.

—Sou grata por tudo que está fazendo pelo Romeo. Por nós. —falei com toda sinceridade.

Gabriel passou a mão na barba cerrada com seus olhos oceânicos fixos em mim.

—Não muda de assunto.

—Eu disse que não importa mais. Já foi.

—Magoei você.

—Já fizeram pior comigo. —admiti ao me lembrar do Ruan.

Um vinco se formou entre suas sobrancelhas grossas.

Sabendo que não chegaríamos a lugar nenhum, pedi licença e fui para o meu quarto.



Quando fomos buscar o Romeo no hospital por alguns minutos me permiti sonhar que estaria o levando para casa comigo para sempre. Sem mais quimioterapias, sem enjoos, sem dores no corpo, sem palidez, sem sintoma algum da doença e do tratamento.

Meu filho vai vencer.

—Finalmente vocês chegaram. —exclamou alegre.

Sorrimos ao ver sua animação.

—Está pronto, filho? —indagou Gabriel, se aproximando dele.

—Muito mais que pronto, papai. Vamos de uma vez. Estou louco para conhecer a nossa casa, conhecer os meus avós, a Delfina e espero que o meu tio Mariano esteja lá para assistirmos o jogo.

—Seus avós passarão o domingo conosco. Hoje o dia será somente de nós três. Amanhã todos irão para à nossa casa.

—Tudo bem. O importante é que estou indo ficar um pouco em casa. —sorriu, colocando o boné do *River* na sua cabeça.

Gabriel durante as nossas vindas ao hospital vem mimando o nosso filho —de uma forma boa, é claro.

Assim que entramos à morada levamos Romeo para conhecer o seu quarto. Nem o Gabriel segurou as lágrimas diante do entusiasmo e agradecimento do nosso filho.

Gabriel pediu para a Delfina servir a refeição na área externa, pois o dia estava muito bonito e, o clima agradável. Romeo adorou a Delfina, o ganhou rapidamente pela barriga. Deixei que servisse uma fatia do bolo de chocolate que havia feito especialmente para ele — que seria para o lanche. Sinceramente nem eu resisti.

Queria muito que Lola estivesse aqui. Aposto que iria tirar gargalhadas do meu filho. Ela acabou pegando mais trabalhos de última hora e ficou sem tempo até de vir na morada.

—Hum...Que delícia. —falou meu pequeno ao comer uma fatia do bife de *Chorizo*. —Quero só mais três batatinhas. —disse com sua melhor carinha de inocente.

Sempre cuidamos bem da alimentação do Romeo. E depois que passou a fazer o tratamento aí que redobramos o cuidado. Todavia, ele merece comer o que tem vontade. Nem que seja um pouquinho.

—Quatro. —o servi e pisquei o olho para ele.

—Deixe espaço para a pipoca, campeão.

—Tem espaço, pai. Estou com bastante apetite hoje.

—Isso é realmente muito bom, filho.

Começou a ventar um pouco. Pedi licença para ir quase correndo ao quarto buscar uma manta grossa. Retornei e eles continuavam conversando. Pararam quando joguei a manta azul em cima dos ombros do meu garotinho.

—Mãe...

—Começou a ventar, Romeo. Tem que ficar agasalhado. —sentei e ajeitei melhor a manta quentinha no seu corpo frágil.

—Mãe...Foi só um ventinho.

Capturei suas mãos para me certificar se estavam geladas. Em seguida pousei o dorso da mão na sua testa para verificar sua temperatura, toquei no seu rosto atrás de qualquer sinal de perigo.

—Eu estou bem, mamãe.

Segurei de leve o seu pulso para verificar a pulsação. Qualquer alteração e saio correndo com ele para o hospital.

—Laura, nosso filho está bem.

—Talvez, seja melhor continuarmos a refeição dentro de casa...

—Não, mãe. Mãe, olha para mim, mamãe!

Romeo segurou meu rosto entre as suas mãozinhas e sorriu, deixando sua feição risonha.

—A senhora está naquele estado.

—Eu não estou, filho. Só quero ter certeza de que está bem.

—Oh, Jesus...Vai me fazer passar vergonha na frente do papai. —sorriu, divertido. —Vamos cantar a música da *Dona Aranha*. E depois vamos continuar almoçando aqui fora, ao ar livre.

—Fique ao menos com a manta.

—Fico com a manta se deixar eu comer mais duas batatas fritas.

Segurando as lágrimas, acabei sorrindo. Romeo é um espertinho.

—Fechado. E não precisamos cantar a música da *Dona Aranha*. Já voltei ao normal.

—Estou aliviado por não pagar esse mico para o papai.

Beijei sua testa e sentei direito na cadeira.

Gabriel está com os olhos em cima de nós, assistindo nossa interação. Parece emocionado, tem um sentimento a mais passando pelo seu olhar.



Mesmo sabendo nada sobre jogo de futebol me juntei aos meninos na sala de televisão. Estou entrando no local pela primeira vez e, a cada dia que passa acabo descobrindo novos cômodos nessa mansão.

O extenso sofá vai de um canto da parede para o outro. Temos o nosso próprio cinema particular, esse é nome ideal para o cômodo.

Em certo momento acabei cochilando, só não dormi, pois saberia que perderia toda a empolgação de torcedor do meu filho. Esses momentos que Romeo está feliz, que deixamos de pensar no que vem passando nos últimos tempos, do seu sorriso sincero...São imagens reais que fotografo com a minha memória para tê-las sempre comigo.

Delfina preparou uma sopa deliciosa para o jantar. Disse a ela que arrumaria tudo e que poderia aproveitar sua noite de sábado. Após a refeição tive uma pequena ajuda dos meninos para tirar as louças da mesa e foram jogar na sala de estar um jogo de tabuleiro.

Romeo recusou a minha ajuda para se preparar para dormir. Confesso que levei um pequeno beliscão do bichinho do ciúme, mas me conformei. Romeo quer mais momentos com o pai que sempre sonhou.

Joguei o robe por cima do pijama de algodão rosinha e fui me certificar se Romeo estava dormindo. Ao entrar no seu quarto encontrei a cama vazia. Antes mesmo de bater na porta do quarto do Gabriel escutei as risadas deles. Abri a porta e os encontrei deitados na cama.

Gabriel está tendo seu braço feito de travesseiro pelo nosso menino, enquanto conversam. Meus dedos dedilharam no meu pescoço, pois um calor repentino invadiu o meu corpo ao ver o peitoral do Gabriel nu. Como pode ser tão bonito assim? Por céus.

—Até que enfim, mãe. Estamos esperando a senhora.

—Vocês estão?

—Claro que estamos. Sempre sonhei que ficaríamos juntos como uma família. Vem, mãe.

Fechei a porta com os dedos trêmulos. Encarei o Gabriel e ele parecia bem à vontade com a situação. Eu não entendo esse homem.

Nos ajeitamos na cama com Romeo no meio. Ao menos assim não tem o risco de eu agarrar o Gabriel, sem bem que não faria isso de qualquer forma. Não estamos sozinhos.

Gabriel apagou as luzes deixando apenas o abajur do seu lado aceso. Ficamos de frente para o Romeo, sorrindo para ele.

Joguei o meu braço em cima da sua barriguinha, o puxando mais um pouco para mim, sentindo seu cheirinho e seu calor.

—Ô mãe não precisa ficar tão perto.

—Você gosta quando dormimos assim, Romeo.

—Hoje não, mamãe. Preciso de mais espaço.

Ele passou por cima de mim ficando atrás de mim e ainda teve a audácia de me fazer afastar para frente.

Certo que Gabriel e eu aceitamos dividir a cama para agradar ao Romeo. Até aí tudo bem, pois o meu garotinho estava no meio — entre nós dois. Mas Romeo aprontou comigo. Ele sempre gostou de dormir agarradinho comigo e logo hoje vem dizer que precisa de espaço? Imagina quando o meu bebê estiver na adolescência.

E agora estou de lado, de frente para o Gabriel e torcendo para o sono vir o mais rápido possível. Estou com muita vergonha. Seus olhos azuis estão olhando cada canto do meu rosto. Não vou aguentar isso. Pelo menos não de olhos abertos, então decidi fechá-los.

Depois de um bom tempo abri um olho para me certificar se o Gabriel já havia dormido. Sua respiração está calma, olhos fechados. Tudo certo. Virei a cabeça de lado e vi o senhor espertinho dormindo com a boca meio aberta, totalmente relaxado.

Agora que tenho certeza que estão dormindo posso sair sem que notem. Comecei a descer o edredom do meu corpo, pronta para ir ao meu quarto e ter uma noite de sono longe do Gabriel.

Contudo, o plano foi desfeito quando senti a mão pesada segurando o meu pulso sem colocar muita força. Ele murmurou com a sua voz rouca:

—Onde você vai, Laura?

—Beber água. —menti.

—Está fugindo.

Ele por acaso é vidente? Um bruxo, talvez?

Soltei o meu pulso do aperto e ele abriu os olhos exibindo as íris oceânicas, me fitando.

—Fique com a gente...Fique aqui comigo.

Agora eu juro que preciso beber água.

—Você só pode estar sonhando...

—Estou bem acordado, Laura.

—Prefiro ir dormir no meu quarto. —sussurrei. —Romeo vai pensar que passei a noite aqui. Não gosto de enganá-lo, mas...

—Naquele dia na biblioteca eu...

—Chega desse assunto...

—Porra, deixa eu falar, Laura. —murmurou. —Invés de eu ter falado aquilo deveria ter te...

—Ter sido menos insensível? Menos grosso, menos rude, menos ogro...

Fui pega de surpresa quando sua mão grande agarrou minha nuca me puxando para ele. A palma da minha mão pousou no seu peitoral duro, sentindo os pelos ralos e bem cuidados. E com a sua mão livre afastou mechas do meu cabelo que veio para frente do meu rosto.

Comecei a respirar em haustos quando o seu polegar passou por cima dos meus lábios. E então fechei os olhos ao sentir a ponta da sua língua umedecendo a minha boca. E então o que eu queria que tivesse acontecido naquele dia... Aconteceu.

Segurando minha nuca, fiquei totalmente arrebatada ao ser beijada como jamais fui. Sua língua brincou com a minha, o beijo lento está delicioso, cheio de saudade, cheio de paixão e desejo.

Não era a porra de um sonho. É real.

CAPÍTULO 14

LAURA

A mão pesada continua firme na minha nuca, impedindo que eu faça qualquer movimento. Entreguei-me mais ao beijo quando sua mão livre desceu da região da minha costela, passou pelo quadril e escorregou mais um pouquinho para baixo.

Estou tão sedenta que não me importaria em ter minha bunda agarrada por ele. Oh, céus! Que calor infernal.

Abriu a palma da mão em cima do meu cóccix e fomos parando o beijo lentamente. Quando pensei que iria deixar os meus lábios, sua língua voltada a dançar com a minha. Gemi baixinho quando sugou meu lábio inferior. É gostoso.

Quando afastou sua boca da minha, continuei de olhos fechados. Eu sou uma covarde, pois estou com medo de abrir e ver que não passou de um sonho, ou que ele agiu por impulso...Seria muito pior notar arrependimento no seu olhar.

Arrepiei-me quando seus dedos longos e grossos tocaram no meu pescoço ao afastar mais uma vez meu cabelo rebelde. Suspirei ao sentir seus dedos acariciando a lateral do meu rosto. Nem sou capaz de lembrar se já fui tocada assim.

—Por que não abriu os olhos? —indagou com a voz baixinha.

—Não quero correr o risco de...

—Nos beijamos. Foi real.

—Está arrependido?

—Nunca. Nem se tivesse a chance de fazer isso mil vezes, faria diferente.

E então abri os olhos para olhar fixamente para o seu mar azul.

—Você gostou? —perguntou, desta vez brincando com os meus dedos que estão apoiados no seu peitoral.

—Nunca fui beijada assim. —vi orgulho nos seus olhos.

Talvez eu não devesse ter sido tão sincera. Mas não consigo disfarçar algo que estou sentindo fortemente no meu coração.

Gabriel definitivamente foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida.

—Romeo conseguiu nos aproximar. —sussurrou humorado.

Ao mesmo tempo encaramos o garotinho dormindo no outro canto da cama.

Não vou negar. Estou morrendo de medo do que vem depois desse beijo. Gabriel não consegue ser tão aberto quanto aos seus sentimentos, pensamentos. E, a última coisa que devemos fazer é dar mais esperanças para o Romeo.

—Está pensando demais. —disse chamando a minha atenção.

—Como vamos agir agora em diante? —decidi ser direta.

—Falaremos sobre isso amanhã. —meneei a cabeça concordando. Fiz menção de me virar de costas, mas Gabriel impediu ao segurar minha cintura. —Durma pertinho de mim, Laura.

Não tinha como negar, pois queria tanto quanto ele.

GABRIEL

Ronronei ao despertar. Desde o acidente que não consigo ter uma noite de sono tranquila. Sempre sou atormentado por pesadelos, por lembranças que insistem em continuar me fodendo.

Sorrio ao ver que Laura continua dormindo com sua cabeça apoiada no meu peitoral e seu braço por cima do meu abdome. Fechei os olhos brevemente ao inalar seu perfume doce.

Essa menina não tem noção da beleza natural que possui.

Meu sorriso se ampliou ao ver que o meu garotinho se aconchegou nas costas da mãe, jogando uma perna em cima dela. Dormir com criança não é uma das coisas mais confortáveis que tem, pois são pernas e braços praticamente em cima da gente. No entanto, nos faz feliz, nos traz paz.

Encarei o teto ao recordar do beijo delicioso que tive com a morena. Senti-me vivo, excitado, cheio de tesão e gana. Controlei-me ao máximo, afinal, não estávamos sozinhos. Além disso, não sei se iria conseguir transar.

Apesar da minha lesão medular ter sido incompleta, desde que fiquei deficiente senti que não era o mesmo homem de antes,

não só fisicamente, mas internamente meu corpo não era mais o mesmo.

Eu estava tão cego pela culpa, revolta e condolência por ter perdido meu bem mais precioso que não me importei com nada ligado ao meu tratamento.

Os primeiros meses agi no automático, aceitando que minha mãe cuidasse de mim como um bebê junto com o meu pai. Deram-me banho, fizeram toda minha higiene, foram muito pacientes comigo até eu aceitar que deveria fazer tudo sozinho. Que era a minha nova realidade.

Sem dúvida alguma foram os momentos mais nebulosos que tive durante os meus anos de vida. Perder meu filho e ficar paraplégico foram dois golpes de facas certos.

Tirei minha mão das costas da Laura para fazer carinho na cabeça do Romeo que no momento está sem nenhum fio de cabelo. Por algum motivo que desconheço Deus o trouxe para mim. Deu-me pela segunda vez um filho, desta vez sendo o Romeo. Sua marca de nascença que era exatamente igual a cicatriz que Gael ficou no antebraço quando se machucou, prova isso.

Desviei meu olhar de seu rostinho e voltei a fitar o teto. Se quero a Laura na minha vida preciso fazer o meu melhor para melhorar.

Duvido muito que as chances de voltar a andar estão as mesmas. Provavelmente devido à falta de fisioterapia e tudo mais que necessitava para o tratamento ter sido mais eficaz, agora não servem mais. Talvez, não tragam mais os resultados esperados.

A culpa é minha. Assumo os meus erros abertamente. Fiquei no fundo do poço e sentenciei que deveria viver o resto da minha vida dependendo da maldita cadeira de rodas.

E agora que encontrei uma razão para ao menos tentar me recuperar fisicamente e emocionalmente, estou me sentindo um lixo. As chances agora são outra realidade.

Afastei a Laura delicadamente do meu peitoral a fazendo escorrer a cabeça para o travesseiro. Sentei-me apoiando uma mão no colchão, enquanto a outra empurrava as pernas para fora da

cama. Segurei no dossel de madeira e estiquei a outra mão para alcançar a cadeira de rodas.

Enquanto tomo banho, comecei a lembrar do beijo quente que tive mais a Laura ontem. Ela ainda é tão menina, doce, inocente, mas ao mesmo tempo fogosa, decidida, corajosa.

Antes aguentaria fácil seu fogo. Sempre fui um homem experiente, nunca tive problema com sexo. Agora as coisas são diferentes. Possa ser que na hora do ato sexual eu não tenha uma ereção. Esses últimos anos não houve desejo algum em me masturbar. Esqueci totalmente de qualquer forma de prazer.

Além disso, tenho certeza de que ela nunca esteve intimamente com um paraplégico antes. E, eu desde que fiquei deficiente não fiquei com ninguém. Que maldito caralho!

Sai do quarto fazendo o possível para não fazer barulho. Laura e nosso filho continuam dormindo relaxados na minha cama. Quando terminei de me vestir no closet —antes de sair —, fiquei os admirando com um sorriso estúpido no rosto. Parecia mais que certo tê-los comigo.

Ao sair do elevador escutei vozes animadas. Segui em direção à cozinha e vi minha família conversando, rindo e beliscando algumas frutas que estão cortadas e servidas na travessa.

—Não acham que vieram muito cedo? —indaguei.

Era um pouco mais que sete horas da manhã.

—Adoro esse seu humor, filhão. —falou o senhor Santos Arkis, o meu pai.

—Estamos ansiosos para conhecer o nosso netinho. —piscou o olho esquerdo para o meu pai que sorriu para ela de forma apaixonada. —Além disso, Delfina está de folga. Então estou encarregada de alimentar essa família.

—Fomos ao quarto do pequeno, que aliás ficou incrível, e não o vimos...

—Então já chegaram bisbilhotando.

—Está no sangue. —retrucou minha mãe. —Fui ao quarto da Laura e não a vi.

Dona Joaquina continuou colocando a massa da panqueca na frigideira, me olhando de um jeito esquisito.

—Não começa, mãe. —quase supliquei.

—Filho, qual é o problema? Você é um homem adulto, independente, merece ter um recomeço. Estamos torcendo por isso...

—Não vai demorar muito para vocês terem mais netos. Claro, da parte do Gabriel. —disse o idiota do meu irmão. —Nem quero estar aqui quando começarem a foderem iguais coelhos.

—Puta merda! O que está dizendo?

Estou começando a ficar com raiva.

—Quero muito ter mais netos. —murmurou o meu pai, olhando para a minha mãe.

—Tirem essa ideia da cabeça. Romeo é o suficiente, ok. Laura e eu não temos nada. —menti.

Realmente não estou à vontade em compartilhar o beijo que trocamos com a minha família fofoqueira.

Eles se entreolharam de forma debochada.

—Cara, qual é? Somos sua família. Desde que você conheceu a Pocahontas está diferente.

—Tem um brilho especial nos seus olhos, sua feição mudou. E quando falou deles para mim vi tanta emoção, meu bem. —comentou a minha mãe.

—E somando a isso ao fato de sempre querer dar fim de todo homem que se aproxima da Laura, usando sua cadeira como arma...Só pode estar apaixonado.

—Você fez isso, Gabriel? —perguntou a minha mãe, tirando mais uma panqueca pronta, me olhando com expectativa. —Toda mulher gosta que seu homem seja um pouco *bad boy*. É sexy.

—Mãe! —minha mãe é muito desbocada.

—Não estou falando nenhuma mentira. Aliás, sempre falamos abertamente sobre sexo. Seu pai e eu não tivemos receio algum de situar vocês do quanto é importante se cuidar, cuidar da parceira, ou parceiro. —piscou para o meu irmão, e continuou: —Você que é careta demais, meu filho.

—Ciúmes é um sinal e tanto de sentimentos estarem rondando seu coração, sua cabeça. —falou o meu pai.

—Por muito pouco Gabriel não matou o doutor e, o tal de Polo.

Linguarudo de uma figa.

—Então, filho, dormiram os três juntinhos. Como foi? Está se sentindo confortável?

Aposto que a minha mãe continua conversando com o meu terapeuta sobre mim, mesmo eu pedindo que não o fizesse. Joaquina consegue ser bem persuasiva quando quer.

—Foi a primeira vez em anos que consegui dormir uma noite toda sem ter pesadelos.

Dona Joaquina suspirou e entregou a espátula para o meu irmão assumir a frigideira.

—Eu estou muito feliz, Gabriel. Nosso maior desejo é vê-lo verdadeiramente bem. —abraçou-me de lado. —Marquei uma consulta com o urologista.

Estava bom demais para ser verdade.

—Por favor, mãe. Já é humilhante demais saber que posso... —meu irmão e meu pai fingiam não estarem prestando atenção na conversa. —E nós não estamos juntos.

—Para de mentir, merda. —falou a minha mãe, olhando no fundo dos meus olhos. —Eu conheço você. Diz logo. Conversaram sobre vocês, uns amassos quem sabe...?

—Pelo amor de Deus, mãe! Não estávamos sozinhos.

—Sim, eu sei. Mas quando você era pequeno seu pai e eu só viramos o seu carrinho de frente para a parede, às vezes inventada uma desculpa para o seu irmão ficar cuidando de você...

—Bons tempos. —proferiu meu pai, abrindo um sorrisinho para a minha mãe.

—Deliciosos. —retribuiu o sorriso.

Fui salvo pelo meu melhor amigo que adentrou à cozinha. Meus pais, meu irmão e Zenon tem acesso à senha do sistema de segurança da morada e cópias das chaves. Não era o que eu queria, mas o meu pai tomou a frente disso pensando no meu bem-estar.

Zenon cumprimentou todos com um abraço. Meus pais o consideram como um filho. Pelo seu olhar vi que não trazia boas notícias. Após receber a última mensagem do Vicente, solicitei ao

meu amigo que cuidasse da transferência do Romeo para o melhor hospital da cidade.

O deixei a par da situação e devido aos seus outros compromissos profissionais, se ausentou. Todavia, continuou prestando seus serviços. O principal deles no momento é sabermos quem foram os assassinos de Claudia e Vicente.

Enquanto dona Joaquina continua preparando um verdadeiro banquete que será o café da manhã, segui para o escritório com o meu melhor amigo.

—Estou pronto para ouvir tudo.

Zenon suspirou ao se sentar na cadeira em frente a extensa mesa.

—Os investigadores não tiveram mais pistas sobre o caso. Analisaram tudo, infelizmente não encontraram nada que pudesse contribuir para um avanço.

—Ao menos seu contato na polícia foi útil.

—O pior é que eles estão querendo fechar o caso.

—Não posso permitir uma coisa dessas. —fechei as mãos com força, sentindo uma raiva absurda.

—Proponho que a gente investigue no privado...

—Na verdade, tomei a frente nessa parte. Marquei uma hora com o dono de uma das melhores empresas de segurança e investigação.

—Perfeito! Os documentos da Laura e a certidão do Romeo estão prontos. Recebi o e-mail do meu assistente ontem. Segunda-feira passo no cartório para pegar.

—Ótimo. Sobre a certidão do Romeo iremos entrar com um novo registro.

—Como assim? Tem a ver com o pai do rapazinho?

—Eu o assumi como meu filho.

Zenon ergueu as mãos em nítida surpresa.

—Então você e a Laura estão...?

—Deixe tudo pronto para fazer o pedido com o nosso conhecido do cartório. Antes de qualquer coisa irei falar com a Laura.

—passei a mão na barba cerrada. —E respondendo sua pergunta. Ontem nos beijamos. —sorri levemente ao recordar. —Eu sinto uma

atração surreal pela Laura, porém sei que não a mereço. Ela merece muito mais que um homem preso numa cadeira de rodas, que tem cicatrizes no corpo, na alma.

—Ah, irmão. Não faz isso. Nem posso imaginar a dor que é perder um filho. Mas você continua vivo, e agora está sendo pai novamente. Laura passou por muita coisa, mas continua firme pelo filho. Tenho certeza que ela não ver sua deficiência como um empecilho.

Preferi mudar de assunto, então falei:

—Minha mãe confidenciou que Raf Navarro odiava o meu padrinho e a esposa dele. Dona Joaquina acredita que ele possa estar envolvido no assassinato deles.

—Eles são uma das famílias mais poderosos do país. Inclusive sexta-feira meu pai está de volta. Ele conversou comigo rapidamente, disse que havia resgatado todos os documentos que Vicente deixou no cofre da Suíça.

Calixto é um dos melhores advogados do ramo civil. Ele não se aposentou completamente —como era o seu plano— devido a ter o prazer de continuar trabalhando para clientes como o meu padrinho era para ele.

—A única coisa que temos certeza é que meu padrinho não queria que Laura e Romeo fossem descobertos pela sua família.

—Dependendo do que vier nessas documentações, talvez seja algo inevitável. Precisamos nos preparar.

LAURA

Romeo estava muito ansioso e receoso quando descemos para finalmente ele ser apresentado para o restante da família do Gabriel.

Encontramos todos reunidos na mesa do jardim. Dona Joaquina estava ajeitando alguns talheres ao lado dos pratos de porcelana. Quando nos viu parou imediatamente e sorrindo veio até nós.

Aos poucos senti que o meu garotinho estava relaxando. Gostei de conhecer o Zenon. O moreno alto, forte e de sorriso

simpático puxou conversa comigo. Era bom saber que Gabriel tinha um amigo, além do seu irmão.

Sinceramente tenho muitas curiosidades sobre o Gabriel. Gostaria de saber que tipo de homem ele era antes do acidente. Aposto que era apaixonado pela vida, aventuras e um namorador nato.

Ainda não ficamos sozinhos, depois do que aconteceu ontem. Basta olhar para ele que sinto as famosas borboletinhas no estômago. Estar apaixonada é bom e perigoso ao mesmo tempo. Uma mesclagem cheia de euforia.

Seu Santos riu de algo que seu filho mais velho falou. Todos conversavam, se olham com carinho e companheirismo. Era inevitável não pensar nos meus pais. Seria perfeito se estivessem aqui conosco.

Estou fingindo estar envolvida no assunto, embora eu tenha me esforçado. Parece que no momento só tenho olhos para o Gabriel. Até a maneira que ele segura o garfo chama atenção. O homem é um monumento. Seu jeito sério, altivo e seu sorriso são perfeitos. Esses sorrisos são raros. E agora estão destinados ao Romeo.

Quando desviei minha atenção deles, senti minhas bochechas esquentarem com o olhar inquiridor que estou recebendo da dona Joaquina. Será que Gabriel contou que nos beijamos para a sua mãe? Ou melhor, para a sua família? Céus, que vergonha.

Mariano teve a ideia de ir para a piscina. Romeo se animou. Sempre coloco sua saúde em primeiro lugar. Como o doutor havia dito que ele estava respondendo bem ao tratamento —e espero que continue assim —, autorizei enquanto o sol não estava muito quente.

Dona Joaquina e Gabriel garantiram que a piscina é limpa e sua água tratada. Nem por um momento desconfiei disso.

Subi com o Romeo para o seu quarto. No closet, busquei um chapéu de praia infantil, mesmo contragosto ele aceitou usar. Ele quis vestir a sunga colorida sozinho. Agradei mentalmente quando vi uma camisa feita de material especial que protege o corpo dos raios solares. Apesar que o sol ainda não estava quente, era melhor garantir.

Chegamos na área da piscina de mãos dadas. Mariano já estava nadando e esperando o meu filho. Romeo estendeu os bracinhos para o tio que o pegou, tirando risadas do meu filho.

Estava a fim de ir atrás do Gabriel. Contudo, quando vi que a dona Joaquina estava enxugando as louças, resolvi ajudá-la.

—Farei um almoço delicioso.

—Tenho certeza que sim. Tudo que fez para o café da manhã estava delicioso.

—Notei o clima entre você e o meu filho.

A vontade de largar o pano de prato e sair correndo falou tão alto que até olhei em direção a saída da cozinha. Mas não seria nada maduro da minha parte.

—Ah...Estamos nos dando melhor agora.

Revirou os olhos apoiando as palmas das mãos no mármore.

—Santo Pai! Gabriel é fechado demais para falar e você está se fazendo de sonsa.

—Eu não estou... —*sim, estou*. —Nos beijamos, mas nem conversamos como ficaremos e...

Parei de falar quando abriu o armário abaixo do balcão e exibiu uma sacola de papel.

—É para você.

Peguei a sacola e quase deixei o livro cair quando vi um casal nu se tocando intimamente. Rapidamente guardei o livro. Limpei a garganta, indaguei:

—Um livro erótico. —ela uniu as mãos demonstrando que está orgulhosa. —Obrigada...Eu acho.

—Essa edição do *Kama Sutra* é ilustrada. Você vai se divertir muito, querida. Sozinha, com o meu filho, com os brinquedinhos... — balançou as sobancelhas bem-feitas.

—Acho que não é para tanto.

—Gabriel ainda tem a mente fechada quanto a sua nova condição física. É uma bobagem, de antemão já te aviso que podem ter prazer como qualquer casal.

Decidi ser sincera com ela.

—Quando olho para ele juro que a cadeira de rodas é a última coisa que penso. —ela colocou a mão em cima do coração, sorrindo

genuinamente. —Porém, nunca estive em um relacionamento sério e nem com um cadeirante. É novo para mim também.

—Desde que eu soube que Gabriel ficou paraplégico precisei ser forte. Porque sofremos grandes duas dores. Que foi a perda do meu neto e, a nova realidade do meu filho.

—Neto? Gabriel teve um filho? —perguntei, interessada.

—Sim. Desculpa, querida. É assunto proibido acabei falando demais. —meneei a cabeça positivamente entendendo que não poderia continuar falando a respeito. —Bom, desde então participo de um grupo de apoio para cadeirantes. Era para o teimoso ir comigo, mas como não vai, continuo indo sozinha. Faço isso por ele e por nossa família. Se quiser ir comigo algum dia, me avise.

Sorri concordando.

Levei água e refresco para o Mariano e Romeo. De tanto meu filho pedir acabei aceitando entrar na piscina. Fui ao quarto atrás de um biquíni. Peguei o mais simples e comportado. No entanto, a parte de baixo era pequena. Não tinha jeito. Joguei uma saída de praia por cima.

Entrei na piscina para alegria do Romeo. Seria melhor ainda se Gabriel estivesse com a gente. Reparei que a escadaria da piscina tem suporte até alcançar a água cristalina. Obviamente foi colocada pensando no dono da morada.

—Vem papai?

Tirei os olhos do meu filho e vi Gabriel distante da piscina nos olhando.

—Outro dia, campeão. —sorriu sisudo.

Gabriel cravou o olhar em mim. Estremeci em expectativa, com dúvidas sobre nós dois, curiosa para saber o que está passando na sua cabeça. Romeo pediu para colocá-los nos ombros do tio e fiz. Quando virei para ver o Gabriel, não estava mais.

O restante do dia passou como um borrão. Se não fosse a presença do Romeo não sei o que seria de mim. Todos fizeram questão de nos acompanhar para deixá-lo novamente no hospital. Só saímos quando a enfermeira fez a triagem nos certificando que ele estava bem.

Cogitei em falar com o Gabriel durante o caminho. Todavia, não teria coragem de comentar sobre o beijo na frente do Balboa e Agner.

Ao entrarmos na morada pensei que seria a nossa chance de conversar, mas outra vez levei um tombo daqueles. Gabriel chamou Balboa para irem ao seu escritório. Era tarde e o sono começou a pesar, então decidi ir dormir.

Amanhã ele não escaparia.



No outro dia pela manhã percebi que Gabriel está me ignorando. Arrumei-me mais do que costumo, a fim de chamar sua atenção, mas não surtiu efeito. Quando não estava conversando com o Balboa, estava ocupado em alguma ligação. Resumindo, não tinha tempo para me escutar.

Dois dias depois havia desistido de termos a conversa. Não posso obrigar um homem com mais de trinta anos nas costas a dialogar sobre o beijo que demos e como ficaria nossa relação. Está claro que o assunto havia sido encerrado por parte dele.

Juntei o resto do meu orgulho e me conformei. Quando estamos com o Romeo é notável que fazemos o possível para ele não perceber a tensão entre nós.

Finalmente amanhã era sábado e passaria o dia no hospital com o meu filho.

Como as outras secretárias estão atarefadas, ajudei fazendo algumas coisas que Carmita solicitou. A conheci ontem quando ela regressou das suas miniférias. Era uma bela mulher na faixa dos seus quarenta anos, elegante e simpática. Ela subiu de cargo sendo a líder da administração do funcionamento da presidência.

Segui em direção ao setor financeiro para levar dois processos de novas licitações que Carmita pediu. Estava quase alcançando o elevador quando alguém segurou meu braço. Assustei-me e de supetão, o puxei rapidamente.

—Ei, calma! Acredito que ainda se lembre de mim.

Fitei o Polo e sorri sem graça.

—Eu estava distraída, acabei me assustando.

—Notei pelo o jeito que estava olhando para longe.

—Veio visitar sua amiga?

—Socorri ela. —colocou as mãos no bolso da calça jeans surrada. —Alessandra esqueceu dois contratos que precisam serem entregues hoje.

—Então é um salvador particular.

—Talvez. Aliás, se precisar de algo basta ligar, mandar uma mensagem.

—Não tenho o seu número.

—Acho que é uma ótima oportunidade para trocarmos os nossos números telefônicos.

O elevador abriu e nós direcionamos para dentro. O fitei sem entender por que não apertou o botão do térreo.

—Acompanho você até o seu andar. Então, passo o meu número e você o seu...?

—Nem nos conhecêssemos.

—Não seja por isso. Está no seu horário de almoço? —conferi a hora no relógio de pulso. Faltam dez minutos. —Tem um bistrô na esquina que é excelente.

—Eu acho melhor deixarmos para um outro dia.

Pensei no Gabriel. Ele vem pedindo comida para todos da equipe.

—Vamos lá, Laura. É por causa do seu namorado?

Ergui a sobrancelha estudando sua feição. Então recordei que ao ignorar o Gabriel naquele dia no estacionamento, onde nos conhecemos, os deixei para trás. Será que o Gabriel disse alguma coisa para ele sobre nós?

—Ele te disse isso?

Um fio de esperança se acendeu dentro de mim.

—Não, mas queria ter certeza.

—É melhor deixarmos para um outro dia...

—Vamos, Laura. Falta só dois andares.

—Certo, aceito. Vou pegar meu celular e dinheiro.

—É por minha conta. Te espero no bistrô.

A porta do elevador se abriu na recepção da presidência. Sai sorrindo quando disse que eu iria sair rolando do restaurante quando comesse a especialidade deles.

Parei de sorrir quando me deparei com o Gabriel. Se seu olhar me matasse com certeza estaria mortinha da Silva. Mariano estava ao seu lado segurando uma pasta azul e com um sorrisinho debochado.

Engoli em seco e forcei um pequeno sorriso. A intenção era passar direto para a minha sala, em seguida sair o quanto antes. Só para evitar essa queimação que o Gabriel causa no meu ser.

—Na minha sala agora, Laura! —sua voz saiu baixa, mas no timbre de um trovão.

Respirei fundo lembrando que estamos no ambiente de trabalho. Mas eu queria muito alguma coisa para tacar no carrancudo. Agora ele quer conversar? Porra, passei a semana toda querendo falar sobre nós dois.

Mariano nos encarou, porém ao notar o clima tenso saiu assobiando como se nada tivesse acontecido.

O poderoso chefe apertou o botão da sua cadeira motorizada com certa brutalidade e saiu em direção ao seu gabinete. Antes de ir até ele, passei na minha sala para buscar meu celular e cartão de crédito —que guardei no espaço entre o aparelho e a capinha.

A porta do escritório estava aberta e não senti a necessidade de fechá-la.

—Pois não, senhor Arkis.

Bufou nitidamente irritado.

—Estava de papo com aquele desconhecido outra vez? Você nem o conhece.

—Isso não é um problema.

—Não acredito que você disse isso.

Mas um pouco e explodimos o seu escritório. Em nenhum momento desviei meu olhar do seu. Começamos uma verdadeira troca de faíscas.

Isso é culpa dele.

Depois do beijo mais delicioso e incrível que tive na minha vida. Gabriel começou a me evitar, enquanto a bobona aqui

continuava tendo sonhos nada inocentes com ele —principalmente quando comecei a ler e ver as imagens do livro que ganhei de presente da dona Joaquina.

—Eu estou no meu horário de almoço que começou... —Olhei para o meu relógio e ergui a cabeça em sua direção novamente. — Oficialmente agora.

—Deixa-me adivinhar? O merdinha a chamou para almoçar? Pelo jeito que saiu sorrindo do elevador, deve ter adorado o convite.

—Acertou.

Não vou sair por baixo.

Agora que decidi conhecer uma pessoa nova, mesmo que não tenha sido intencional ele está putasso.

—Pelo jeito não signifiquei nada. —olhou-me magoado.

—Você esperava o que, Gabriel? —explodi, batendo as mãos na sua mesa. —Depois de ter me evitado praticamente a semana toda, eu me senti péssima, insegura...Pensou que eu estaria de braços abertos para qualquer migalha que você fosse me oferecer?

—Caralho, Laura! Eu não queria fazer você se sentir assim, eu...

—Inacreditável! —dou um passo para trás. —Estou indo almoçar, senhor Arkis.

Tirei meu celular do bolso da calça, enquanto caminhava em direção ao elevador. Apertei impacientemente no botão. Gabriel estacionou sua cadeira ao meu lado, porém continuei firme segurando a vontade de chorar.

Gritei pelo susto quando suas mãos firmes alcançaram minha cintura me fazendo cair sentada no seu colo. Choringuei sentindo uma fisgada de dor, pois devido a forma que me puxou bati a bunda no braço da cadeira.

Olhei-o sem acreditar no que havia acabado de fazer. Quando as portas do elevador se abriram fiz menção de sair do seu colo, mas ele me deteve. O homem é forte e muito maior do que eu. Estar paraplégico era somente um detalhe que realmente não me importava.

—Solte-me, Gabriel! Agora!

Seu braço continuou firme por cima da minha barriga.

—Não mesmo!

Soltei outro grito quando sua cadeira entrou com tudo dentro do elevador. Se fosse em outra circunstância acharia fofo eu estar no colo dele, mas agora estou furiosa.

—Tenho um compromisso seu babaca. —novamente me impediu de sair do seu colo.

Vi quando digitou um código no painel de controle do elevador, o fazendo parar bruscamente.

—Coloca na sua cabeça que a partir de agora você não vai ter nenhum tipo de compromisso com outro homem, além de mim e do nosso filho. —sorriu, relaxado.

—Você é bipolar? Há poucos minutos estávamos discutindo e agora está agindo como se...Importasse.

—Eu me importo. Muito. —murmurou fitando a minha boca. —Estou morrendo de ciúmes por saber que estava prestes a ir almoçar com um homem, que estava sorrindo para ele.

—Culpa sua. —sussurrei e puxou um sorriso de lado.

Seus lábios tocaram os meus e automaticamente fechei os olhos totalmente sequiosa. Gabriel começou a me provar de forma lenta, sensual, de um jeitinho delicioso. Seu hálito refrescante tomou conta, se misturando com o meu.

Gemi vergonhosamente quando sua língua tocou a minha. Minha falta de experiência não parecia ser um empecilho. O homem sabe beijar, saborear, não tem pressa. Enfiei os dedos no seu cabelo liso e escuro, permitindo que sua mão esquerda aperte minha coxa por cima da calça de linho.

—Não para... —ronronei, ainda com os olhos fechados quando parou o beijo e seus lábios começaram a roçarem os meus por cima.

E naquele instante senti o espiral de paixão correndo ferozmente por todo o meu corpo. Por um momento tive vontade de chorar, desta vez de alegria, de paixão, um sentimento tão forte que comprimiu o meu coração.

Pousei minha mão entre seu maxilar e pescoço, puxando para mais um beijo. Morrendo de desejo assumi o comando do beijo.

Contudo, Gabriel era dominante. Segurou-me pelo cabelo com força, me consumindo, tomando posse da minha boca.

Prestes a puxá-lo novamente para um beijo, desisti quando começou a inalar o meu perfume na curva do meu pescoço. Gemi outra vez sentindo sua barba cerrada, o cheiro bom, cheiro de homem gostoso alcançando o meu nariz.

Segurei em seus ombros, colando no seu peitoral. Com emoção, toquei seu rosto, passando os dedos no seu queixo, na bochecha, sentindo sua barba, nariz, sobrancelha grossa. Sua mão continuava firme na minha coxa.

Abri os olhos me deparando com o seu mar azul. Fiquei aliviada quando sorriu. Ajeitei-me melhor no seu colo, joguei meus braços ao redor dos seus ombros largos e continuamos nos encarando.

Nossa respiração estava voltando ao normal, mas eu já queria mais. Era como correr por vários quilômetros com sede, depois beber água e mais água e nunca matar a sede.

—Estamos juntos, Laura. Somos um casal.

Selei nossos lábios rapidamente e encostei a testa na sua, sentindo alívio no coração. Mesmo morrendo de medo dos sentimentos que estou nutrindo pelo Gabriel... Estou disposta a fazer de tudo por nós dois.

CAPÍTULO 15

LAURA

Eu sei que pode parecer insensatez em meio da dor de perder os meus pais ter me apaixonado pelo Gabriel. Mesmo nos primeiros dias que passamos a ter contato e ele se mostrava moderado, talvez até incomodado por ser sua nova responsabilidade. Em algum momento comecei a vê-lo de uma forma diferente, alimentando sentimentos que até então não queria assumir para mim mesma.

Sinceramente estou disposta a arriscar tudo para ficarmos juntos. Depois da tremenda decepção que tive com o Ruan, admito que não coloquei mais fé no amor, comecei a achar os romances fantasiosos demais e passei a julgá-los como uma garota sem coração.

Não era para menos. Infelizmente a primeira experiência que tive com o amor me deixou com o coração partido, quase em um estado de depressão e grávida.

Tenho consciência que também tive uma parcela de culpa. Mas depois de alguns anos ao pensar no relacionamento errado que Ruan e eu tivemos, não posso o livrar da falta de responsabilidade teve. Afinal de contas, ele não era nenhum adolescente tolo. Pelo contrário.

Era um homem bem-sucedido, obviamente havia tido várias experiências. Pensando nisso cheguei à conclusão que Ruan se aproveitou da minha ingenuidade sem medir as consequências, ou simplesmente era acostumado a fazer isso com garotas jovens.

Um cretino miserável.

Meu filho não o merece como pai. Meus pais foram fundamentais para eu me tornar uma mulher forte, pois outra pessoazinha seria totalmente dependente de mim.

Por isso quando o Romeo começou a querer saber sobre o pai, não me importei em mentir ao escrever as cartas como se fosse seu pai. Mas nunca assinava com o nome do seu progenitor, no final do texto era sempre: seu papai.

Eu não sabia até que ponto iria levar essa mentira, porém em hipótese alguma diria quem realmente era seu pai biológico. Não saberia explicar ao meu filho como tudo aconteceu sem que ele se sentisse rejeitado.

E para a minha surpresa Gabriel assumiu o meu filho.

Ainda com a testa encostada na do Gabriel, sentindo sua mão grande e pesada firme em minha coxa, sua respiração calma se misturando com a minha —por estarmos colados um no outro —, juro que sinto que temos tudo para darmos certo.

E por estarmos em uma sincronia perfeita ao mesmo tempo começamos a nos acariciar. Sinto o nariz romano passando pela minha bochecha, queixo, pescoço...Ombro. Sua barba cerrada deixa um contato gostosinho na minha pele.

Enquanto eu estou tateando seus braços com as minhas mãos, o apertando, apreciando sua pele e músculos que estão por baixo da camisa social e colete. Comecei a dedilhar até pausá-las em seu peitoral...E então inalei seu cheiro almiscarado na curva de seu pescoço.

Gabriel parece ficar bem mexido com o contato, que para muitos é algo simples, que não faz muita diferença. No entanto, para ele todo carinho nessas regiões do corpo é importante.

Depois que dona Joaquina me deu de presente o livro...Fiz uma rápida pesquisa sobre como é para um homem cadeirante sentir prazer. Não li muita coisa, pois fiquei indignada comigo mesma por estar pesquisando sobre o assunto sendo que o moreno estava me evitando.

Entretanto, irei me aprofundar no assunto.

Guiada pelo desejo que tenho trancado, ousei um pouco mais ao entreabrir os lábios os levando de encontro a pele bem cuidada do moreno. Querendo mais espaço, afastei o colarinho e esfreguei os lábios para depois beijar longamente a região. Repeti mais uma vez o ato, mas desta vez coloquei um pouco mais de pressão.

Quando arranhei sua pele com os dentes não tive tempo de fazer outra vez. Gabriel me pegou pela nuca de um jeito bruto e desesperado que fiquei...Excitada. Vergonhosamente senti que umedeci a calcinha.

E começamos a nos beijar insanamente, totalmente entregues a paixão, aos sentimentos que estavam ocultos. Gemi quando sungou a minha língua de um jeito tão erótico, que se não fosse o fato de eu estar com o corpo totalmente apoiado no seu, com certeza teria me encontrado com a minha amiga gravidade.

Enquanto sua boca está na minha, me enlouquecendo com o seu beijo profundo e quente...Era como se todos os medos, problemas e inseguranças tivessem sido jogados a milhas de distância.

Porra, eu nunca me senti assim antes.

—Não para... —pedi, ainda sentindo seus lábios macios nos meus, mesmo que tenha se afastado.

—Acredite, pequena...Eu não quero parar. —murmurou, baixinho.

O abracei forte, suspirando como uma adolescente sonhadora.

—Repete o que você disse o que somos agora.

Ele soltou uma risada rouca, apertando-me mais contra si.

—Nem lembro mais...Ai!

Belisquei o seu braço e desfiz o abraço, o encarando.

—Só iremos sair daqui quando falar o que disse o que somos e prometer que não irá mais fugir de mim como uma garotinha assustada. —proferi, olhando no fundo dos seus olhos oceânicos.

—Certo. Mereço isso depois de ter sido um idiota com você.

—Muito idiota. —acrescentei.

Ele fez uma expressão de desgosto.

—Ok. Não precisa exagerar.

As palmas das suas mãos se fixaram nas laterais do meu rosto. Eu já estava respirando em haustos, na expectativa. Gabriel falou:

—Nós estamos juntos, Laura. E por saber que você merece o melhor, não tem porque não rotular o que estamos começando. —afastou as mãos do meu rosto, e capturou a minha mão que estava no seu abdome, prosseguiu: —Quer namorar comigo, amor?

Estou emocionada e em choque. Não sei se pelo fato de ele ter me pedido em namoro, ou ter me chamado de: amor. Nunca fui

chamada assim antes, nunca fui o amor de ninguém. Esse sentimento é tão absurdo, confuso, nos deixa em vários estágios de emoções.

Meneei a cabeça positivamente, incapaz de falar, comovida.
Ainda sorrindo recebi seu selinho nos meus lábios.

GABRIEL

Quando vi Laura, Romeo e meu irmão juntos na piscina foi como se a realidade tivesse batido na minha cara fazendo eu voltar para o meu atual estado.

Eu não poderia brincar com o meu filho na piscina, nadar atrás dele, pois tenho limitações. E que infernos de homem seria para a Laura? Ela é jovem, toda linda, tem muito que se aventurar pela vida. A última coisa que devo ser para ela é uma responsabilidade.

Assistir à interação deles me machucou, porque no fundo eu sabia que sempre seria o telespectador. Que ficaria de fora, afinal, tem muitas coisas que não sou mais capaz de fazer.

E nos poucos minutos que fiquei olhando para eles senti ciúmes do meu irmão. Eu queria muito estar no lugar dele naquele instante, brincando com o meu rapazinho...Estar perto da Laura.

Não sou um inepto. Percebi que a morena tentou conversar comigo diversas vezes. Mas preferi me clausurar, evitando que tivéssemos uma aproximação...Temendo que a magoasse mais do que já estava fazendo.

Na minha cabeça não faz sentido a Laura ter se aproximado de um homem como eu. Não só por eu ser paraplégico, mas por ser quebrado internamente. Carrego uma bagagem enorme e parece injusto dividir isso com uma mulher de vinte e dois anos, que também já teve sua cota de sofrimento.

E nesses meus conflitos de pensamentos admiti para mim mesmo que estou perdidamente apaixonado pela a Laura. Por ser um homem vivido cogitei que fosse uma atração absurda, levando em consideração o tempo que estou sozinho. Contudo, era só eu sabotando esses sentimentos.

Eu sou um homem fragmentado, paraplégico..., mas posso amar a Laura, posso fazê-la feliz e realizada em todos os sentidos.

Para isso basta continuar sendo um homem de caráter, fiel e apaixonado.

Sou homem pra esse caralho todo.

Foi um gatilho quando a vi saindo do elevador sorrindo para o mesmo idiota que conheceu no estacionamento da Arkis.

Adoro o fato de ela ser altiva, destemida, de não abaixar a cabeça para ninguém. Todavia, escutá-la dizer que iria almoçar com o cara me deixou em um nível de ciúme que nunca senti antes. Isso me assustou, porém me fez tomar atitude.

E cá estamos nós dentro do elevador depois de quase uma hora trocando carinho, beijos gostosos...Tudo muito perfeito. Vi a emoção nos seus olhos meigos e fiquei sentido como um simples pedido de namoro mexeu com ela.

Pensando bem, agora a entendo. O fato de estarmos apaixonados e prontos para vivermos isso mexe sim com nossas emoções. Porque até eu fiquei emocionado. Outro sentimento que nunca senti antes, não dessa forma.

—Deixei sua roupa toda amarrotada... —falou, fazendo uma carinha fofa ao abaixar o tronco para fechar o botão que escapou da casa do colete.

—Não tem problema.

—Você tem duas grandes reuniões, Gabriel. Não pode aparecer desleixado.

Acabei sorrindo do seu jeitinho.

—Coloco a parte de cima e pronto.

Ela se afastou e tombou um pouco a cabeça para o lado me observando. Ok...Laura está oficialmente me deixando tímido.

—Podemos pedir para o Balboa buscar um terno para você em casa.

—Laura, não é necessário.

—Tudo bem. —mordeu o canto do lábio carnudo.

Nem posso contar as vezes que os imaginei escorregando...

—Gabriel, melhor irmos. Estou com fome e precisamos voltar ao trabalho.

Ponto para mim que a fiz esquecer do babaca.

—Cacete! Polo deve estar me esperando...

—Pelo menos esperou sentado.

—Tenho que ao menos dar uma explicação.

—Que sirva de lição para não ficar paquerando mulher comprometida...

—A gente nem estava junto oficialmente.

—Talvez naquele momento que o vi no estacionamento, na minha cabeça nós dois estávamos juntos.

Ela sorriu, meneando a cabeça.

Digitei o código de segurança do elevador. Aproveitando os poucos segundos que tínhamos dentro dele, quando nós olhamos...O desejo veio latente. Laura apoiou a mão na parte de trás da cadeira e trouxe sua boca para mim. A beijei sedento por mais, porém paramos o beijo um pouco antes do elevador abrir no andar da presidência.

LAURA

Minhas bochechas acaloraram quando vi o olhar questionador que Mariano jogou em nossa direção. Gabriel era bom em manter sua postura de homem potente. Um verdadeiro executivo de sucesso e poderoso.

Mas eu não conseguia disfarçar a minha expressão de que fez coisa escondida. Principalmente quando estão me olhando.

—Em meia hora estarei na sala de reuniões. —disse o Mariano assim que nos aproximamos. Antes de seguir o caminho, falou: —E arruma sua camisa. É perceptível o chupão. —sussurrou a última palavra.

Quase perco o equilíbrio em cima dos saltos altos.

—Não liga para ele. É um linguarudo do cacete.

—Como ele sabe que nós... —cobri minha boca com as mãos, arregalando os olhos. Lembrei da câmera do elevador. —As câmeras, Gabriel! —cochichei, atônica e quase derretendo de vergonha.

Ele sorriu, totalmente descontraído.

—O meu irmão sabe que a gente estava se pegando, fato. Mas não soube disso pelas filmagens. Ele nem acessa o sistema de segurança. Seus lábios estão levemente inchados e avermelhados,

suas bochechas estão rubras, e eu não devo estar muito diferente...Tirando a parte das bochechas. E como ele mesmo falou, estou com um chupão visível.

—Ai meu Deus!

Gabriel segurou as minhas mãos as levando aos seus lábios. Sorriu e disse:

—Agora mesmo irei acessar o sistema das câmeras e apago.

—Ok.

Acho que estou mais tranquila.

—Agora vamos almoçar. A comida já deve estar fria, temos menos de meia hora.

Conduziu sua cadeira ao meu lado. Fiz menção de tomar a frente para abrir a porta imensa. Entretanto, deixei que fizesse. Gabriel entrou em seu escritório e ficou perto da porta aguardando que eu adentrasse.



Hoje quase não parei na minha pequena e aconchegante sala. Realmente o dia está atarefado, mas nada é capaz de tirar o sorriso bobo dos meus lábios. Até agora não caiu a ficha de que o que sinto pelo moreno é recíproco.

Estamos namorando...Céus, fico até ansiosa de pensar em nós dois.

Peguei o arquivo dentro do armário e quando virei de frente vi o Gabriel me encarando como se estivesse apreciando uma obra de arte.

—Precisa de algo?

—Você. —respondeu com um olhar sonhador.

Sorri.

—Jura?

Limpou a garganta e soltou o ar.

—Queria muito que hoje tivéssemos um jantar...Romântico. —pareceu sem jeito. —Porém, surgiu um imprevisto. Tenho que ir a um jantar de negócios com duas representantes da empresa de peças que precisaremos da exclusividade para o próximo lançamento.

Admito que murchei. Falei:

—Teremos muito jantares românticos.

Puxou um pequeno sorriso.

—Não irei para casa. Mariano e eu iremos direto daqui. Agner a levará para casa.

—Então tá...

Ele olhou por cima dos seus ombros como se quisesse ter certeza de que não tinha ninguém olhando para nós através da parede de vidro. Elisa e Mila estão concentradas trabalhando.

—Eu queria um...

—Beijo?

Encarou-me com puro desejo, confirmou com a cabeça...Olhando para a minha boca.

—Podem ver, então...Depois passo na sua sala.

—Você não quer que saibam sobre nós?

—No trabalho acho que podemos ser discretos.

Acabei falando sem pensar direito. Gabriel me olhou diferente e vi que estava pronto para rebater. Contudo, Asli veio quase sem fôlego dizer que estavam o aguardando na sala de reuniões.

Assisti Gabriel se afastar cheio de indagações no seu olhar. Evidente que não tenho receio algum em assumir nosso relacionamento, mas de repente tive medo de começarmos sermos alvos de comentários maldosos. Até mesmo dentro da empresa.

Têm muitas pessoas que adoram se meter e opinar na vida alheia como se tivessem direito sobre isso. E não tem. Claro que não vou deixar de viver minha vida por causa disso, porém antes nós temos que estar preparados para tudo.

Só espero que ele não esteja pensando que não quero revelar o nosso namoro para quem quiser por sentir vergonha, dúvida.



Estou retornando para o andar da presidência, após deixar os projetos de design que o presidente aprovou, no setor de criação. Quando ao longe vi a cabeleira ruiva sentada na cadeira de visita,

dentro da minha sala. Na recepção está somente a Elisa que organiza suas coisas para ir embora.

—Combinamos algo? —indaguei, assim que entrei no escritório.

—Temos uma missão, Laura.

Fiz um murmúrio de quem está exausta ao me sentar na cadeira.

—Meus pezinhos estão moídos. Irei para casa tomar banho, comer e dormir. Amanhã passarei o dia que o meu filho no hospital.

—Eu sei que está cansada. Mas preciso que vá comigo num lugar.

Ela está com uma carinha de quem vai aprontar. Mexe freneticamente no pingente do seu colar *choker* preto.

—Que lugar?

—Iremos ao restaurante que os irmãos Arkis foram jantar com as quengas.

—Perdeu o pouco juízo que tem? Espera...Como sabe onde estão jantando?

—Instagram da Katriona. Antes que venha com aquela conversa que a *Stalkee*...Em minha defesa, ela deixa em modo público.

—Eu não vou dar um vexame desses. Gabriel disse que é somente um jantar de negócios...

Parei de falar quando apoiou o queixo em suas mãos, me encarando toda curiosa.

—Parece que as coisas entre você e o turrão do Gabriel deram um salto.

Sentindo-me uma garota em êxtase, doida para dividir uma novidade maravilhosa...Decidi contar o que logo seria do conhecimento de todos.

—Estamos namorando.

—Putaquepariu, *hein*! Estou feliz por vocês.

Deu um pulo da cadeira e veio me abraçar, muito empolgada.

—Agora vamos!

—Lola, se controla. Pensa bem, o que vai fazer lá? Acho que você precisa dar um tempo para o Mariano...

—Katriona com certeza está planejando um ménage com ele. A loira é perigosa, a conheço o suficiente para saber que é afim do cachorro do Mariano.

—Não faz sentido você continuar agindo assim, sendo que ele está com outro.

—Só vamos, Laura. Por favor?

—Se nos verem lá o que diremos? Gabriel com certeza vai pensar que sou uma garota boba, que não confia nele.

—Carla é diretora dessa empresa que eles estão fazendo negócios. Ela só quer isso aqui... —mediu uma distância mínima entre o dedo polegar e indicador —Para abrir as pernas para o Gabriel, apesar de ele nunca ter curtido os flertes dela, e agora que está com você duvido muito que queira outra.

Mordisquei os lábios.



A única explicação para eu ter aceitado brincar de detetive com a Lola é porque bati a cabeça quando era criança. Ah, que se dane! Estou com ciúmes sim dessa tal Carla.

E agora que estamos de tocaia, atrás de uma parede de plantas que serve de painel para fotos...Estou com mais ciúmes ao ver que a Carla é um mulherão. O padrão que a sociedade tanto admira e os homens gostam.

—Eu vou voltar para o vestiário dos funcionários, Lola.

Agner nos trouxe e prometeu sigilo, depois que a Lola disse que caso o plano dela desse errado todos nós seríamos punidos.

O restaurante tem um estilo clássico, mesas com longas toalhas. Muito chique. Dei-me conta que a ruiva tinha tudo planejado quando entramos pela entrada dos funcionários e seguimos direto para o vestiário.

Uma garota de cabelo cacheado —que foi apresentada como amiga da doidinha —deixou seu armário aberto com dois uniformes de garçonne que arranhou para nós.

—Não viemos até aqui para desistir.

—Vai dar merda.

—Eu só quero ter certeza que irão sair separados. Katriona alimentou muito a cabeça do Mariano sobre o quanto era errado ele ficar com uma garota bem mais jovem. A maldita fez muita coisa. Te conto depois.

Virei pronta para retornar ao vestiário quando um senhor barrigudo e com olhar severo cruzou os braços nos encarando. Toquei o ombro da Lola.

—Deixa-me, Laura. Vamos só ficar aqui...

Cutuquei outra vez seu ombro. Até que virou pronta para falar, contudo, se calou ao notar o homem.

—Vão trabalhar agora! Irei descontar da diária o tempo que estão paradas.

A amiga da Lola planejou nosso disfarce. Disse que inseriu nossos nomes como diaristas de hoje à noite. Para o plano dar certo temos que trabalhar.

—Ele parece o senhor *Leôncio*.

O comparou ao personagem de desenho animado. Tenho que concordar que lembra um pouco.

As mesas que ficaremos atendendo estão no sistema do tablet onde deveremos fazer todos os pedidos à cozinha. A outra cúmplice da Lola havia explicado rapidamente como funcionava.

Lola está mais preocupada em olhar para a mesa onde eles estão do que atenta nos pedidos dos clientes. O que começou a gerar reclamações.

Estou indo bem nos atendimentos. Mas parece que um véu vermelho, ou melhor, vermelho-sangue havia caído sobre os meus olhos quando a Carla descansou a mão no braço do moreno como se fosse a porra de um apoio, em seguida subiu um pouco. Gabriel, tomou um longo gole do vinho e movimentou o braço a fazendo tirar as garras do seu braço.

Não sabia que eu era ciumenta...Uau.

Quando capturei a doidinha com os olhos percebi que apertava mais do que deveria o tablet, fazendo a criança que está na mesa a olhar com as sobrancelhas erguidas.

Ao voltar a atenção à mesa vi que Katriona estava sorrindo e acariciando a barba do Mariano. Não demorou muito para sua mão

descer e possivelmente pousar na coxa dele, se afastando mais um pouco para onde não temos mais visão devido a tolha da mesa cobrir.

Quando percebi que a Lola iria até eles deixei o tablet em cima da mesa dos clientes —que até então atendia—para impedir que ela faça um barraco.

—Lola, pelo amor de Deus! Não faça nada. Vamos embora.

—Cansei de temer essa chantagista do caralho! Não sou mais a adolescente bobinha de antes. —murmurou furiosa.

Então o que aconteceu entre as duas foi sério, não tem só a ver com o Mariano. Bom, pelo menos não diretamente.

—Escuta, seja o que for que ela tenha feito não merece...

Parei de falar ao notar que o senhor que chamou nossa atenção mais cedo está na mesa onde abandonei o tablet. A saída está longe, a porta da cozinha também está longe...

—O senhor Leôncio! —falei, sabendo que seremos pegas.

Quando ele começou a varrer o local a nossa procura fechei os olhos, sabendo que seria morta de vergonha em questão de segundos. E então fui puxada com tudo para baixo, ficando agachada.

—Vamos nos esconder.

—Os clientes já estão começando a nós olhar...

Agachadas fomos seguindo o caminho para debaixo da mesa mais próxima. Era uma das poucas que estavam vazias. Ainda estamos em risco, afinal a mesa pode estar reservada. Além disso, como sairemos ser sermos pegas pelo senhor Leôncio? Estamos ferradas.

Lola arregalou os olhos assim como eu quando as cadeiras foram afastadas um casal sentou nas duas cadeiras que estavam vazias. Ficamos pertinho uma da outra para evitar tocar nos pés ou pernas do homem e da mulher que ocuparam os lugares.

—Que vergonha. —cochichei.

—Sem estresse. O senhor Leôncio não deve ficar direto no salão...Teremos a oportunidade de sair, mas antes irei acertar as contas com a bandida.

—Porra, esquece isso por agora.

A ruiva quase cochilou com a cabeça encostada no meu ombro, enquanto continuei uma pilha de nervos. Dei um cutucão na Lola ao notar que o homem havia levantado da cadeira. Contudo, segundos depois começaram a cantar a famosa música de: feliz aniversário.

A doidinha segurou na ponta da toalha —que com certeza é de um tecido bem, caro —com o intuito de espiar, embora eu queira muito sair desse restaurante o quanto antes, não quero que sejamos descobertas. Segurei seu braço, a impedindo.

—É melhor esperarmos mais. —sussurrei.

—Quero ver se as pilantras ainda estão aqui.

A impedi outra vez.

—Vamos esperar o casal sair da mesa primeiro.

—É só uma espiadinha.

Desta vez quando segurei o braço da Lola foi com um pouco mais de força, o que a fez tombar para o meu lado. Tudo teria sido menos constrangedor se tivesse soltado a porcaria da toalha. Lógico que a toalha veio junto.

O que me restou foi fechar os olhos escutando as louças caírem no chão, as taças, os talheres e os murmúrios de surpresa das pessoas.

Senti-me nua ao intuir os olhares em cima de nós. Para meu alívio Lola puxou a toalha para cima de nós duas.

—Eu não acredito nisso. —proferi dura de vergonha.

—Bem que essa toalha poderia ser a capa da invisibilidade do *Harry Potter*.

—Deus do céu...

Voltei a fechar os olhos quando a toalha foi puxada.

—Saíam daí agora mesmo!

É a voz do senhor Leôncio.

Não tivemos para onde correr.

Olhei para o casal que estava na mesa com pesar. Pedindo desculpas mentalmente por ter estragado a noite deles.

Tinha a possibilidade dos Arkis e as mulheres terem ido embora, mas como somos sortudas pra caramba...Eles ainda estão no restaurante...Com o olhar curioso em cima de nós.

Queria muito que o chão se abrisse agora e fizesse o grande favor de me engolir. Gabriel deve estar achando que sou o tipo de namorada obcecada, a louca ciumenta que o seguiu para o jantar de negócios em menos de vinte e quatro horas de namoro.

Fui muito estúpida em ter aceitado fazer parte disso com a Lola. Ela é a doidinha da história...Eu sou normal, acho...Céus estão todos nos olhando.

Eu só não imaginava que as coisas poderiam piorar.

CAPÍTULO 16

LAURA

Eu queria muito estar presa em um pesadelo cômico. Isso de alguma forma me deixaria mais tranquila, pois quando eu acordasse iria ver que tudo não passou de um sonho. De mau gosto? Sim, muitíssimo.

No entanto, é real. Porra.

Engoli em seco pela terceira vez, sentindo os olhos das pessoas totalmente da frente. Era como se estivéssemos com a iluminação somente em cima de nós.

Não tem cartão de crédito do mundo que parcele esse mico.

A música suave que tocava foi interrompida, causando mais um efeito dramático. Deus do céu, eu queria muito voltar algumas horas antes e não ter concordado em participar disso com a Lola.

Sou cúmplice da ruiva. E pior...Gabriel pode achar que estou agindo como uma namorada ciumenta, obsessiva e insegura.

Pensando melhor...eu sou uma mulher insegura. Aliás, que mulher não ficaria tendo um homem como o Gabriel? Juro que não estou babando no meu namorado, estou sendo sincera quanto a sua masculinidade gritante, personalidade, inteligência e beleza.

Contei até três —em pensamento — e ergui a cabeça em direção à mesa dos irmãos Arkis. Prendi a pontinha do meu lábio inferior entre os dentes ao encarar o Gabriel. Definitivamente não sei o que se passa, pois sua expressão facial diz: nadinha de nada.

Mariano por sua vez deixou evidente sua cara de assustado mesclado com surpreso. Seus olhos estão literalmente em cima da Lola.

Quando olhei para a ruiva pensei que a qualquer momento ela irá explodir. As maçãs da sua face estão rúbias subindo pela ponte do seu nariz deixando as sardinhas mais evidentes. Ao notar que ela daria um passo, e sei que não ia prestar se fosse à mesa dos irmãos, segurei seu pulso.

—Vocês têm noção do que fizeram aos clientes? —indagou o senhor Leôncio.

Ele parecia ter um tique, pois está com cara de quem quer nos matar, enquanto enrola a pontinha do bigode no dedo. Acho que isso o acalma. Cada um com as suas manias.

—Mil desculpas, senhor. Iremos arcar com tudo e...

—O que fizeram foi uma falta de profissionalismo e respeito. —rogou, nos olhando furioso. —Nunca mais irão colocar os pés aqui...

O interrompi, tentando evitar mais constrangimento:

—Entendemos perfeitamente. Como eu disse, vamos arcar por tudo que fizemos...

—Cale-se, garota! —gritou, perdendo a paciência. Apontou o seu dedo indicador em nossa direção, disse: —Vocês nunca mais vão conseguir nem uma diária sequer em outro estabelecimento, isso não vai ficar assim. Não tolero...

—Grite outra vez com a minha mulher, ou aponte o dedo para ela que ficará sem voz e sem dedo. Isso eu garanto! —proferiu o Gabriel, áspero.

Eu estava tão concentrada no pequeno surto do senhor Leôncio que nem percebi quando o Gabriel se aproximou juntamente com o seu irmão e as belas mulheres a tira colo.

—Senhor, Arkis...Eu não sabia que essa garota...

—Também é novidade para mim. —disse a tal Carla, cruzando os braços em frente ao busto os deixando maiores do que já são.

Deu até vergonha em pensar no tamanho dos meus. Os delas são dois melões e os meus são duas maçãzinhas. Estou me odiando nesse momento por fazer essa comparação, contudo, foi inevitável.

Resumindo: a Carla com certeza é uma das mulheres mais bonitas que já vi.

—Tenho que admitir que também estou surpresa. Gabriel não comentou nada durante o jantar.

Senti o veneno da Katriona me atingir.

Fitei-o me sentindo uma idiota. Gabriel suavizou o olhar quando seus olhos azuis encontram os meus. Desviei minha atenção

dele, pois não daria o gostinho de elas verem uma possível discussão nossa.

Por outro lado, tenho que ser madura e ter calma. Começamos a namorar hoje, pelo amor de Deus. Temos muito o que conversar, nos conhecer, aprender a levar o nosso relacionamento. Tudo isso é novo para mim tanto quanto está sendo para ele.

—Senhor Arkis, perdão. Perdi um pouco a linha.

—Peça desculpas as duas. —mandou com sua postura onipotente.

—Gabriel, nós erramos. Não é necessário. —falei, tendo consciência do estrago e confusão que causamos. —Pode fazer os cálculos do prejuízo. E faça uma nova reserva para o casal. —olhei para o casal, acanhada. —Eles não mereciam isso.

O senhor Leôncio direcionou o olhar para o Gabriel. Obviamente buscando uma confirmação para o meu pedido. Quis revirar os olhos, mas me contive.

—Faça o que a minha mulher pediu, senhor Diones.

Ok. É a segunda vez que o Gabriel me denomina de: sua mulher. As coisas estão ficando sérias, e por mais louco que seja eu adorei.

—E você, Lola? Não tem nada a dizer? —inquiriu o Mariano, a encarando seriamente.

—Muitas coisas, mas não adianta. —soltou um risinho debochado.

Katriona novamente deixou seu veneno escorrer ao dizer:

—Querido, nem perca seu tempo. Lola praticamente saiu da adolescência um dia desses. E ainda continua querendo chamar atenção de todos.

Mariano virou para a Katriona, falando algo. E justo nesse momento de distração que Lola capturou o bolo das mãos do homem, deu alguns passos até se aproximar da loira, a chamou e todos no restaurante seguraram a respiração por alguns segundos.

A doidinha não se contentou a melar o rosto perfeitamente maquiado da Katriona. Ela queria mais e fez. Arrastou o que ainda tinha do bolo para cima da cabeça da mulher, sujando seu cabelo — que antes estava impecavelmente arrumado.

Agora é sério. Alguém precisa me acordar.

Lola não mediu as consequências. Estragou de vez o aniversário romântico do casal. Se eles tinham esperança de retomar de onde pararam —assim que fôssemos embora —foram arruinados.

Katriona raspou o bolo do seu rosto dando alguns gritinhos. Claramente irritada e fula da vida.

—Putá merda! Você passou dos limites, porra! —exclamou o Mariano.

—Se tivesse outro bolo teria para você também, seu idiota.

Ela é afrontosa.

Sem pensar duas vezes peguei no braço da minha amiga e fomos em direção ao vestiário dos funcionários. Chega de confusão por hoje.



Balboa está encostado no carro blindado na entrada dos funcionários ao lado do Agner. Provavelmente o moreno deve ter contatado o meu segurança.

—Agner irá levar a senhorita Lola. —informou.

E eu pensando que teria tempo de inventar uma desculpa plausível para explicar ao Gabriel o vexame que causei no restaurante. Entretanto, não terei nem isso.

—Tudo bem, Laura. —suspirou.

Seus olhinhos estão tristonhos e está evidente que chorou. Enquanto nos trocávamos no vestiário, escutei seu choro. Ela disse que estava chorando de raiva. No entanto, eu sei que tem outros motivos. Sendo o principal o Mariano.

—Amanhã você poderia aparecer no hospital para conhecer o meu filho. Se não tiver nada programado...

—Não seja, boba. Vou adorar. Irei na parte da tarde.

—Maravilha. Irei pedir para o Agner buscá-la.

Nós nos abraçamos e seguimos cada uma para um lado.

Quando entrei no carro Gabriel parecia concentrado lendo algo no seu celular. Sinceramente achei bom, pois nem sei o que dizer para o moreno.

—Amanhã meus pais irão ao hospital. —falou, sem desviar a atenção do celular.

—Romeo vai adorar a visita deles. —consegui falar sem vacilar.

Meus dedos estão inquietos em cima da minha coxa. Será que o Gabriel resolveu deixar de lado o mico que paguei no restaurante? Espero que sim.

O braço direito do moreno estacionou em frente a morada. Rapidamente saiu do carro para pegar a cadeira de rodas do Gabriel no porta-malas. Ele por sua vez o aguarda com a porta aberta e pronto para realizar sua transferência totalmente independente. Utilizando somente sua força e suportes que foram colocados estrategicamente dentro do veículo luxuoso.

E só depois de vê-lo em sua cadeira que sai de dentro do carro.

Adentramos o elevador para irmos para o andar de cima.

—Acho que agora podemos conversar...

Quando vi eu já cobria a boca com a mão, fingindo bocejar.

—Podemos deixar para amanhã? Estou cansada, muito sono.

Ele abriu um pequeno sorriso.

—Vamos dormir juntos.

Acho até que fiquei um pouco tonta. A primeira coisa que veio na minha cabeça é que não estou com a depilação em dia...Céus! Estou começando a hiperventilar.

—Juntos?

—Por que seu rosto está ficando rubro?

—Você acabou de dizer que vamos dormir juntos.

Gabriel tossiu por breves instantes.

—Eu realmente disse que vamos dormir juntos. Não faremos nada.

—Ah...

Acho que a decepção ficou evidente na minha voz.

Creio que não pagarei mais nenhum mico esse ano. Porque o que já passei hoje e agora, na minha opinião era o suficiente.

—Espero você no meu quarto.

Apertou no botão da sua cadeira automática e saiu em direção a suíte principal.



Após sair do banho segui para o closet de roupão. Por estar tarde decidi não molhar o cabelo. Não gosto de dormir com ele molhado.

Parei na seção de pijamas e juro que quase tive um ataque cardíaco. Cadê os meus pijamas fofinhos e confortáveis? Diante dos meus olhos só vejo conjuntinhos curtos, muito curtos, camisolas transparentes, *baby doll* indecentes e *body*.

Jesus, quem usa um *body* para dormir?

Comecei a bagunçar as peças, atrás de algo decente para vestir. Nada. Todos são de cetim, microfibra e alguns transparentes.

Resolvi sentar no pufe de couro para tentar achar uma explicação e solução. Quando o olhei vi um cartão de papel rosa-*pink* em cima do estofado. Li:

“Laurinha, espero que goste da sua nova coleção de roupas para dormir. Faça bom proveito. Além disso, comprei camisinhas e lubrificantes da melhor qualidade. Estão na última gaveta do armário do banheiro.

Ass: Joaquina.”

Parece que tudo me acontece, e nada desse dia terminar.

A mãe do Gabriel não conhece a palavra: limites. Sei que fez com a melhor das intenções, mas...Cacete! Ela comprou vários lubrificantes... Será que é para dizer indiretamente que vou precisar porque seu filho é bem dotado? O homem é enorme, têm mãos grandes, pés grandes...Estou lascada.

Se antes eu achava o Gabriel muita areia para o meu caminhãozinho, agora tenho quase certeza.

Depois de bagunçar a minha nova coleção de pijamas “proibidão”, encontrei uma camisola preta, bem fininha, mas ao menos era a mais comportada.

Nem morta chegaria ao quarto do meu namorado usando apenas a camisola. Coloquei por cima um robe de microfibra que não

ajuda em muita coisa, pois é um pouco maior que a camisola. Porém, era o que tinha.

A porta do quarto do Gabriel está encostada. Empurrei-a de leve e entrei no cômodo extremamente espaçoso.

Eu não estava preparada para vê-lo sem camisa, ainda mais sentado na sua enorme cama, totalmente à vontade.

Em comparação a algumas fotos dele que vi espalhadas pela casa, está um pouco mais magro e sem conter muito a massa muscular que possuía antes. Mas isso definitivamente não o deixou menos bonito.

Ele coloca alguns comprimidos que estavam na palma da sua mão, dentro da boca e tomou um longo gole de água. Em seguida esticou o braço para colocar o copo na mesa de cabeceira. Quando olhou para frente notou a minha presença. O olhar sequioso que me deu ficou bem claro que o afeto.

—Está sentindo alguma coisa? —perguntei, interessada.

Gabriel pareceu despertar após escutar a indagação. Seu peitoral e abdome subiram em uma lenta respiração.

—São os remédios diários que preciso tomar.—respondeu, desconfortável.

Era o momento de encerrar o assunto.

—Então vamos dormir.

—Estou me perguntando até agora porque a minha namorada geniosa foi atrás de mim no restaurante.

Freei os pés, depois dei alguns passos até encostar no apoio do dossel da cama—do lado que está sentado.

—Não fui atrás de você. —*mentira*. —Fui acompanhar a Lola. Ela apareceu na Arkis, contou que você e o Mariano estavam naquele restaurante mais as supermodelos e...

Apertou os lábios um no outro, me olhando com ar de puro divertimento. Merda! Não vou mentir. Eu mereço algumas respostas.

—Porque não falou que o jantar de negócios era com duas mulheres lindas que inclusive uma delas é a fim de você?

Agora o jogo virou.

—Não é sempre que podemos escolher com quem trabalhamos ou deixamos de trabalhar. E sinceramente, não falei

porque não achei importante.

—Eu vi o jeitinho dela para cima de você, Gabriel. Aliás, você demorou demais para afastar o braço. Seja sincero, tem certeza sobre nós?

O moreno ficou sério rapidamente. Seu semblante mudou e acho que oficiaremos nossa primeira discussão de relacionamento. Que lindo. Menos de um dia de namoro e já estamos nesse nível.

Fiquei esperando por sua resposta, mas não veio. E então algo inesperado aconteceu.

Cogitei mil coisas menos que o Gabriel fosse começar a rir da minha cara. Cadê o semblante carrancudo? Com certeza foi para longe, pois ele continua gargalhando verdadeiramente, rouco, os ombros balançando.

E eu pensando que a gente ia discutir.

Ele continua rindo sem quase parar para respirar.

Quando penso que ele está se recuperando do ataque de risos o moreno volta a rir com gosto. Com direito a mão na barriga.

O melhor de tudo é assistir ele rindo. Se sério o homem era perfeito...Gargalhando chega ser absurdo de tão lindo. Nunca pensei que o veria assim.

—Ok...Agora parei.

—Que bom que divirto você.

—Do nado lembrei de toda a cena que você e a doida da Lola protagonizaram no restaurante. Desculpa, amor, mas foi engraçado.

Pior que eu sei que foi engraçado para quem assistiu.

—E sobre a sua pergunta. Se tem uma coisa que tenho certeza é sobre o que estou sentindo por você, menina.

—Eu não quero que pense que sou uma ciumenta obcecada. Quando vi já estava lá.

—Não pensava, mas agora...

—É sério, Gabriel.

—Ok. Eu acredito.

—E sobre a Carla...

—Nem ela e nem mulher nenhuma tem o poder de ficar na minha vida. Não intimamente. Só quero você, Laura. Você sim tem um poder filha da puta sobre mim.

Encarou-me profundamente. Porra, eu estou muito, muito apaixonada.

—Agora venha deitar aqui comigo. Quero que me conte em detalhes o plano da doida. —sorriu bem-humorado.

—Pode apagar a luz?

Movimentou a sobrancelha esquerda em nítido questionamento.

—Deite-se primeiro, amor.

—Claro.

Os lençóis e edredons haviam sido afastados. Ao ver que subiria na cama, ainda de robe, inquireu:

—Vai dormir vestida no robe?

Sorri tímida.

Retornei para frente da cama onde tem um estofado preto onde vi a camiseta do pijama do Gabriel em cima. Ok. É questão de segundos até eu deitar na cama e puxar os cobertores para cima de mim.

Desfiz o laço do robe, muito sem graça. Senti o olhar quente do Gabriel. Era como se uma teia de sedução tivesse sido jogada em cima de nós dois.

Guiada pela coragem fiquei totalmente de frente para ele. Seus olhos estão selvagens, cheios de desejo, admiração. Umedeci os lábios sentindo a excitação me atingir somente sendo observada por ele, sendo consumida pelo seu olhar, presença.

—Caralho...

Arfei baixinho ao escutar sua voz potente. Caralho, digo eu. Estou quase tarada nesse homem sem nunca termos transado.

CAPÍTULO 17

LAURA

Sentei na cama tentando não respirar em haustos. Certo que não sou nenhuma puritana, mas não sou experiente o suficiente. Ruan foi o único homem que me envolvi emocionalmente e fisicamente. Lembrar dele não era algo que seja doloroso, sinceramente todos os dias tenho mais certeza que não passei de uma distração para ele. O erro foi meu em ter me entregado a primeira paixão facilmente sem parar um pouco para pensar.

E mesmo sabendo que Gabriel e eu só nos conhecemos devido a promessa que fez ao meu pai...Ele foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Não estou depositando toda a minha felicidade em cima dele, nem me tornando dependente. Estou confirmando o que venho sentindo.

Eu o amo.

Não sou uma pessoa confiável para tal sentimento. Afinal, errei uma vez. Mas quem nunca se apaixonou cegamente ao ponto de enxergar apenas as qualidades do amado? Eu sim. Fui muito estúpida por ter inibido as incertezas.

Mas com o Gabriel sinto que é diferente. O que nutro por ele nem se compara com a amarga ilusão do amor que tive no passado. Agora é intenso demais, forte. Quero muito que nós dois der certo, que consigamos ser um casal.

—Cubra apenas você, Laura. —disse assim que comecei a puxar o cobertor.

—Certeza?

—Absoluta.

—Mas pode sentir frio durante a madrugada.

—Frio vai ser a única coisa que eu vou sentir. Acredite.

Tentei disfarçar a minha expressão facial. Óbvio que entendi o que ele quis dizer. Sinceramente quero muito fazer amor com o Gabriel, tenho certeza que será um momento memorável,

inesquecível. Pela primeira vez estou amando de verdade e quero mergulhar fundo nesse sentimento.

Contudo, preciso me preparar. Quero pesquisar mais sobre como funciona o sexo para o paraplégico, ler blogues pessoais que relatam a verdade nua e crua sobre a nova condição em todos os âmbitos. Desejo ser uma parceira bem informada.

—Ainda quer ouvir em detalhes o plano da Lola? —perguntei, sabendo que minhas bochechas estão rubras.

Aconcheguei-me nos braços grandes e fortes do Gabriel. Seus dedos começaram a tocar a pele do meu braço levemente num carinho terno. Apoiei a palma da mão no seu peitoral duro, adorando ter esse contato mais íntimo.

—Adoraria rir mais. —o fitei, erguendo a cabeça para ficar com o rosto de frente para ele.

—Indiretamente a culpa foi toda sua.

—Minha? Certo, eu deveria ter dito com quem seria o jantar de negócios. Mas foi tão sem importância que optei em não falar. Não foi de propósito.

—Eu sei que não foi. Desculpa, por todo o transtorno. As bonitonas ainda vão querer negociar com a Arkis?

A minha diabinha queria ouvir um grande: não. Meu Deus, será que o meu grau de ciúme pode ser medido? Estou ficando preocupada.

—Mariano vai resolver.

—Estou me sentindo menos culpada agora.

—Realmente tenho uma namorada ciumenta.

Franziu a sobancelha grossa tentando manter a expressão séria. Falhou, pois não segurou a sombra do seu lindo sorriso.

—Não sabia que eu era assim. Se bem que nunca passei por isso antes. Estou preocupada comigo mesma.

—Verdade...? Nunca sentiu nada parecido?

Seus dedos começaram a passear pela região da minha bochecha.

Definitivamente não sou uma mulher que sabe fazer joguinhos. Pensando bem para quer perder tempo tentando disfarçar o que estou sentindo.

—Pura verdade. —sussurrei umedecendo os meus lábios, fitando sua boca carnuda. —Eu acho que vou contar depois em detalhes o plano...

—Tem certeza?

—Tenho. Eu quero muito beijar você.

—Porra, menina.

E então colei os meus lábios na sua boca. Beijar nunca foi tão bom e gostoso. Sua mão pesada fez parada na minha nuca, a apertando juntamente com o meu cabelo. Em meio ao frenesi joguei uma perna em cima dele, querendo mais contato.

Seu hálito fresco de creme dental se misturou com o meu, nossas línguas se envolvem lentamente deixando o beijo sensual, molhado.

Gabriel tem uma perícia, experiência, sabe exatamente como comandar o ritmo. Fincando a unha na sua pele aprofundo mais o beijo, querendo saciar essa sofreguidão, esse anseio descomunal.

Choraminguei com os lábios presos ao seu quando senti sua mão descer pelas minhas costas, parando em cima do meu cóccix. Ele parecia ponderar quando afastou sua boca da minha.

Abri os olhos e tive certeza de sua dúvida. Não era preciso olhar para ter certeza que a camisola —que já era curta —subiu mais do que deveria.

Como a maioria das mulheres tenho minhas inseguranças. No entanto, estou tão entregue que não me importaria de ele me tocar, de ver partes do meu corpo que só mostraria para um homem que estivesse afim. E caramba, estou mais do que afim do Gabriel.

—Eu não me importo. —afirmei com o coração batendo mais rápido do que deveria.

—Laura, você não tem ideia de como você é linda, maravilhosa. —suspirou. —Só que eu não quero colocar expectativa sobre avançarmos essa etapa.

Encarando seus olhos oceânicos que estão em um tom um pouquinho mais escuro do que de costume, mais uma vez entendi seu receio. Gabriel estava inseguro com a possibilidade de ter ou não uma ereção.

O pouco que li da curta pesquisa que fiz compreendi que era normal o cadeirante ter ereção em primeiro momento, demorar mais, ou não ter. É um processo que tem que ser trabalhado, principalmente o psicológico.

Sorri para o meu namorado. Segurei seu pulso—mesmo sem ter conseguido fechar por completo— o colocando em cima da minha bunda. Quase deixei escapar um suspiro ao sentir a palma pesada e febril tocar a pele que estava exposta. A camisola curta e calcinha nada decente não escondiam muita coisa. Principalmente a calcinha, pois minha bunda é um pouco grande demais —para o meu gosto.

—Laura...Putta merda! —xingou baixinho.

—Estamos namorando, nos conhecendo...Iremos no seu ritmo. Mas por favor, não deixe de fazer algo que deseja e que claramente eu quero por receio.

Ele relaxou um pouco mais. Todavia, a intensidade que nos envolve continuou nos abraçando.

—Quero você sempre comigo, pequena.

—E eu sempre estarei com você. —prometi.

Gabriel apertou a minha bunda com vontade e me puxou pela nuca tomando os meus lábios de forma sedenta. Pousei a mão em cima do seu abdome, enquanto era consumida pelo seu beijo voraz, quente.

Meu lado sem vergonha queria montar em cima dele, me entregar de vez. Contudo, temos que decidir juntos quando será o momento. Sei que para ele é mais complicado.

Sem conseguir controlar me esfreguei um pouco na sua perna. Santa misericórdia! Estou parecendo uma desesperada. Juro que não é proposital.

Fomos parando o beijo sem pressa. Senti meus lábios maiores do que realmente são. Estão quentes, latejantes devido algumas mordidinhas que recebi e ansiando novamente serem tocados pelo meu namorado.

—O que acha de sairmos para jantar? Um encontro. —sugeri de olhos fechados, adorando o cafuné.

A resposta não veio logo. Sei que o grandão está pensando demais.

—Você quer?

—Imagino que você deva ter tido infinitos encontros? —fiz outra pergunta, sem responder a que tinha feito.

O peitoral do Gabriel subiu, não somente devido a respiração, mas mostrando um pouquinho de desconforto, talvez.

—Nem foram tantos assim.

—Bom, eu nunca fui a um.

—Então sábado à noite temos um encontro. Vou escolher um lugar especial.

—Podemos comer até cachorro-quente em alguma praça que está valendo.

—Meu Deus, menina...Você é única.



Tenho trocado bastante mensagens com a Lola. Ela está evitando vir à morada do Gabriel com receio de encontrar o Mariano. Estou curiosa para de fato saber o que aconteceu entre eles, o que a Katriona fez para ele e entender como a doidinha pode continuar sendo tão persistente depois de receber tantos “nãos” do meu cunhado.

Dormir com o Gabriel tem sido uma das melhores coisas do meu dia. Nos beijamos muito, trocamos carícias, mas não avançamos o sinal. O bom é que estou ganhando tempo para pesquisar e ler bastante sobre sua condição física em relação ao sexo. Quero estar preparada para tudo.

—Vou passar a tarde aqui.

Após o café da manhã que tomamos bem cedinho viemos direto para o hospital ficar com o nosso filho. Graças a Deus Romeo está reagindo bem ao tratamento. Hoje estar mais disposto do que nos outros dias.

—Agner ficará a sua disposição como sempre. Qualquer coisa me ligue. —segurou a minha mão carinhosamente.

Combinamos de contar ao Romeo sobre o status do nosso relacionamento amanhã quando viermos busca-lo para passar o dia conosco.

—Certo.

Abaixei-me um pouco para beijar sua boca rapidamente.

Acenei para o Balboa que o aguardava perto do elevador.

Gabriel e alguns diretores da empresa decidiram fazer essa reunião de última hora para entrarem em acordo sobre algumas etapas da fabricação do novo automóvel antes do lançamento. Todos estão indo para a Arkis.

Passar a tarde com o meu garotinho foi tão bom quanto de manhã. Após o seu jantar nos despedimos e fui em direção ao estacionamento com Agner ao meu lado.

Entrei dentro da mansão sorrindo, pois em poucas horas teria o meu primeiro encontro. E seria com o homem que estou apaixonada. As borboletas estão fazendo festa no meu estômago, contudo, estou tentando ao máximo me manter tranquila por fora.

Desfiz o sorriso quando vi Delfina vir aflita do corredor que fica o escritório do Gabriel.

—Delfina você está com o rosto branco igual papel. Está se sentindo mal?

—Menina, o patrão chegou no início da tarde e desde então se trancou no escritório. Escutei várias coisas se quebrando agora. Estava indo ligar para a dona Joaquina.

Mesmo temendo o pior, mantive a calma.

—Tem a cópia da chave do escritório? —anuiu, visivelmente nervosa. —Então traga para mim.

Larguei a bolsa em cima do sofá da sala de estar e caminhei em direção ao escritório. Bati na porta chamando pelo Gabriel, mas não tive resposta alguma. Silêncio total.

Quando Delfina veio com o molho de chaves peguei da sua mão tremendo. Ainda bem que as chaves tem classificação dos cômodos.

Ao abrir a porta fomos impactadas pelo estrago de coisas quebradas que estão por quase todo o chão do escritório. Gabriel estava com a cabeça baixa, apoiada na mesa que não tem mais absolutamente nada em cima.

Quando ergueu a cabeça vi seus olhos azuis tão tristes, cheios de lágrimas que quis correr para o abraçar, escutar o que

poderia fazer para se sentir melhor. Entretanto, ao notar sua mão e dorso dos dedos muito machucados quase em carne viva, pedi a Delfina:

—Traga tudo que for necessário para eu cuidar da mão dele.

—Sim...Sim.

Comecei a caminhar em sua direção, mas parei quando escutei sua voz cortante:

—Quero ficar sozinho.

—Antes até poderia, mas agora estou com você.

—Preciso ficar sozinho.

—Deixa-me ao menos cuidar da sua mão? Está sangrando.

Olhei para o lado e ficou claro onde havia ferido sua mão. Na parede. Tem um buraco, fora que tem manchas de sangue em cima da tinta.

—O que aconteceu, Gabriel? —perguntei com a voz embargada, querendo ajudar mesmo sem saber como faria isso. — Você se machucou.

Olhou-me desgostoso, sem emoção. Nunca me deparei com um olhar tão frio.

—Mereço muito mais que isso. Sou a porra de um miserável. Depois do que eu fiz...Fui muito imbecil em acreditar que poderia recomeçar.

—Do que você está falando?

—Que meu filho morreu por culpa minha, que ficar preso na cadeira de rodas é o que mereço. Ser dependente dessa maldita cadeira!

Não tínhamos conversado a respeito do seu passado, do que realmente aconteceu no seu acidente. Afinal, tudo seria no seu tempo, pois o respeito. Sei que tem coisas que são dolorosas demais só de lembrar, imagine falar.

—Por favor, não fale assim...

—A última esperança que tinha de voltar a andar...Não existe mais. Os médicos que acompanham o meu caso me confirmaram hoje.

Conseguia sentir a dor do Gabriel. E queria muito poder reverter a situação, queria que tivesse tido outra resposta.

—Saí daqui, por favor! Preciso ficar sozinho.

—Gabriel, nem posso imaginar como foi difícil escutar isso. Você tem se superado. É um homem independente...

—Caralho nenhum! — bateu os punhos fechados em cima da mesa. O barulho estrondoso me fez dar um passo para trás e encolher os ombros. —Não vou ser um homem completo para você, eu...

—Gabriel, isso não importa. —proferi, sentindo o gostinho das lágrimas umedecendo os meus lábios.

—Você escutou o que eu disse? —vociferou, indignado. — Estou definitivamente preso nessa cadeira de rodas.

—Eu não me importo. É apenas um detalhe para mim. — confessei, olhando no fundo dos seus olhos.

Ele sorriu amargo, sem conseguir desvair a melancolia presente no seu olhar e face.

—Você diz isso agora, Laura.

Suas palavras me atingiram em cheio. Eu não podia agir como uma garota mimada, ressentida. Era o momento de mostrar para ele que ser mãe na adolescência, ter um filho lutando contra o maldito câncer, ter perdido os meus pais violentamente me deixaram mais forte, mais madura.

Eu sei que ele está sofrendo por ter tido uma notícia negativa. Não irei permitir que jogue para longe os nossos sentimentos unicamente por querer sofrer sozinho, sentir que merece menos que todas as outras pessoas, sentir pena de si mesmo, se culpar mais.

Tem pessoas em condições piores do que a dele. Sei que é triste usar isso como exemplo e incentivo para não se deixar abalar, porém é a realidade.

—Estou dizendo com todo amor que sinto por você. Eu não enxergo somente a sua deficiência. Estamos juntos, Gabriel. Foda-se se não vai poder voltar a andar.

Ele me encarou firmemente. Não desviei o meu olhar do seu nem quando Delfina apareceu com o *kit* de primeiros-socorros. Agradei ela pegando a caixinha branca de suas mãos.

CAPÍTULO 18

LAURA

Abri a maleta tirando os itens necessários para limpar o ferimento. Gabriel parecia anestesiado com os pensamentos bem longe. Molhei a gaze com soro fisiológico, em seguida peguei sua mão pelo pulso a colocando com a palma aberta em cima da mesa.

Está bem feio. Minhas lágrimas haviam cessado, mas sinceramente estou me segurando para não chorar como realmente quero. Ele está sofrendo...E isso me atinge.

Após limpar a região machucada, peguei o vidrinho do antisséptico e apliquei o líquido na pele lesionada. Do jeito que estava acho que o ideal seria não cobrir, pois iria abafar. Comecei a guardar o que utilizei na maleta de primeiros-socorros —menos as gazes—e decidi quebrar o silêncio.

—Você não tinha reunião na Arkis, não é? Se ausentou para ir ao seu médico.

De fato, não estou ressentida por ter omitido o que realmente foi fazer, bom, não totalmente. A questão era que o meu namorado decidiu ir sozinho ao médico, obteve uma resposta negativa e veio direto para o seu casulo se torturar psicologicamente —como se já não tivesse sofrido o suficiente.

—Eu...Queria fazer uma surpresa. —proferiu túbio. —Passei a tarde toda fazendo exames para no final saber a sentença que eu mesmo já tinha declarado.

Encarei-o segurando ao máximo as lágrimas.

—Sinto muito mesmo. Se eu pudesse fazer algo por você, para as coisas serem diferentes...Pode ter certeza que faria.

—Você não tem que continuar comigo, Laura.

Gelei dos pés à cabeça ao escutar suas palavras. Não era isso que eu tinha imaginado para nós dois. Posso ser uma romântica exagerada, ou apenas muito idiota por idealizar um relacionamento forte, verdadeiro e saudável com o homem que estou

apaixonada...Com um homem que assumiu meu filho como seu e que o ama de verdade.

—Eu quero estar com você. —assegurei.

—Realmente vai querer estar com um homem que nunca vai poder pegar você no colo? —indagou com as lágrimas escapando dos seus olhos. —Que em uma situação de perigo não vai poder socorrê-la? Que nunca vai poder correr, acompanhá-la em certos lugares...

Engoli o choro e olhando firmemente.

—Eu posso estar nos seus braços, posso estar no seu colo e tenho certeza que em qualquer situação de perigo você irá me ajudar como for, como puder. E para constar não gosto de correr.

Soltou uma risada intransigente em meio as lágrimas. Finalizei:

—E você pode sim me acompanhar em todos os lugares. A Lei da Acessibilidade funciona, sabia? Residimos em uma das capitais mais acessíveis para pessoas com deficiência da América Latina.

Seu semblante está um misto de assombro e surpresa.

—Andou fazendo bastante pesquisa.

—Quero estar situada. Não quero ser o tipo de namorada inflexível, egoísta. Sua condição física não me assusta. Queria que por alguns segundos enxergasse o que vejo quando olho para você.

—Laura...

—Vou desconsiderar o que falou antes. Está chateado, triste e acha que de alguma forma tem que me afastar.

Gabriel desviou o olhar do meu e decidi que o melhor a se fazer era dar espaço para ele. Não tinha necessidade de ficar impondo a minha presença.

Fechei a porta do escritório indo em direção ao meu quarto. Ao pisar no primeiro degrau escutei dona Joaquina chamar por mim. Ela havia acabado de chegar.

—Querida, como está o meu filho? —perguntou afoita, e então sua feição mudou. —Ele te fez chorar? —seu tom saiu irado.

—Gabriel foi ao médico. A resposta não foi o que esperava. Ele machucou a própria mão. —puxei o ar, o liberando lentamente

em seguida. —Sim, seu filho me fez chorar. Mas agora estou chorando por outras coisas também.

—Quando a Delfina ligou desconfiei que meu filho estava sofrendo devido aos resultados que teve dos exames. Coração de mãe nunca se engana. Santos foi ao hospital falar com o doutor Hinata que cuida do Gabriel desde o acidente juntamente com outros médicos da sua equipe. Meu marido quis ir para certificar se tudo realmente já foi feito.

—Eu nem posso imaginar como foi difícil para ele escutar que não tinha chance alguma de voltar a andar.

—Depois de alguns meses que ele estava em casa, após o acidente, o doutor Hinata apontou que o meu filho tinha uma chance de voltar a andar. Só que na época Gabriel não quis saber, estava se punido. Agora ele tem vontade de recomeçar. Tenho certeza que Romeo e você foram fortes incentivos.

—Lamento muito pela situação. A parte ruim é ele pensar que isso é motivo para se afastar de mim, achando que está me fazendo bem.

—Minha menina, vem aqui.

Era o que eu estava precisando. Um abraço maternal. Queria muito estar nos braços da minha mãe. Sorri quando dona Joaquina plantou um beijo na minha testa.

—Tenha um pouco mais de paciência com o meu filho. Ele quer afastar você unicamente por pensar que isso é o certo, que não é justo perder a sua juventude com uma pessoa limitada. Ele se julga assim.

Meneei a cabeça.

—Eu sei disso. Não é porque sou nova que não tenho certeza do que quero. Gabriel ainda não entendeu, mas vai.

—Aposto todas as minhas fichas que sim. Irei conversar um pouco com ele.

GABRIEL

Irreversível. Essa maldita palavra não para de ecoar na minha cabeça.

Foi tudo culpa minha. Eu sentenciei o meu destino. Na época quando o doutor Hinata disse que existia uma pequena chance de voltar a andar recusei qualquer tratamento. Cuspi para cima, pois na minha cabeça merecia ter perdido os movimentos, ter ficado aleijado.

Sem contar para ninguém marquei dois antes a consulta com o meu médico. O doutor Hinata sabendo do meu propósito —e creio que querendo ser otimista —informou que seria essencial fazer todos os exames necessários para assim ter uma resposta concreta.

Assim que cheguei ao hospital me arrependi de ter ido sozinho. Cogitei em ligar para a minha mãe. No entanto, optei em continuar sem acompanhante.

Os exames foram cansativos. E na minha mente estava imaginando o momento que chegaria para a Laura e nosso filho para noticiar que eu poderia voltar andar. Ser o homem e pai completo que merecem.

E então veio a notícia negativa. O doutor Hinata começou a narrar e explicar os resultados dos exames. E no momento que saiu a palavra *irreversível* de sua boca parei de prestar atenção.

Ao sair do consultório Balboa veio até mim. Não consegui dizer nenhuma palavra. Estava doendo no fundo da minha alma...E no fim eu tinha razão. Merecia ficar preso na cadeira de rodas para o resto da minha vida.

Expus para fora tudo que estava sentindo quando fechei a porta do meu escritório. Chorei, gritei, quebrei quase todos os objetos.

As inseguranças invadiram o meu corpo e mente com força.

Laura não deveria ficar com um homem limitado como eu. Merecia mais, muito mais. Ela poderia cansar de mim, cair na realidade. Então seria melhor que fizesse agora do que depois, apesar de ter provado o pedacinho da felicidade do que é estar com ela.

—Espero que esteja pensando no quanto foi babaca com a sua namorada.

Encarei a minha mãe que jogou a bolsa em cima da mesa e colocou as mãos na cintura.

—Agora não, mãe.

—Deveria ter me ligado, meu filho. Estaria lá com você para escutar tudo que o doutor Hinata tinha para falar. Seguraria sua mão como sempre fiz, mesmo quando dizia não querer.

—Não importa mais. Sabemos que estou preso nessa porcaria até o fim da minha vida.

Dona Joaquina espalmou as mãos em cima da madeira olhando no fundo dos meus olhos. Ela consegue ser bem intimidadora quando quer.

—Seu pai foi falar com o doutor Hinata para ver se todas as possibilidades...

—Chega, por favor...

—Cala a boca e escuta! Se tem mais algum exame, se existe mais alguma coisa que possa fazer, caso tenha, você fará. Se o resultado continuar sendo negativo, vai erguer a cabeça, olhar para frente e continuar sendo o homem que seu pai e eu educamos. Não colocamos você e seu irmão no mundo para se acovardarem, para se vitimizarem, para desistirem, entendeu, porra?

Continuei fitando a minha mãe sabendo o tipo de mulher que ela sempre foi. Decidida, forte, independente, justa, corajosa.

—Laura ama você, filho. Ela é sensível e amorosa ao ponto de pesquisar sobre sua condição e de querer entender mais de como a deficiência mudou a vida de uma pessoa que antes não a tinha. Esse tipo de mulher não se encontra facilmente. Deveria valorizá-la mais.

Antes estava me sentindo um merda por tê-la tratado mal, por ter sido rude. Agora estou mil vezes pior.

—Perder o Gael foi algo que partiu o nosso coração, deixou nosso dia a dia menos colorido. Eu amava o meu neto com tudo de mim. E nem tivemos tempo de passar pelo luto, pois estávamos preocupados demais com sua nova condição física, de como você iria reagir a dor de perder um filho, a paraplegia.

As lágrimas regressaram. Não tinha um dia que eu não pensasse no meu filho.

—Deveria ter arrastado você para as fisioterapias, para todos os exames. Acabei me contendo por respeito a sua independência, a sua dor de perder um filho. Era para eu ter sido mais firme. Errei

nesse ponto com você, Gabriel. Mas agora que fique claro que não irei mais passar a mão na sua cabeça.

Joaquina beijou a minha testa e saiu sem dizer mais nada. E nem era preciso.

Ao entrar no quarto fiquei decepcionado pela Laura não estar dormindo na minha cama. Dormimos juntos desde o nosso primeiro dia como namorados. Claramente eu não iria ter uma noite tranquila de sono, pois era exatamente assim antes dela começar a dormir comigo.

Pelo horário deveria estar dormindo. Conjecturei em ir ao seu quarto nem que fosse para ficar alguns minutos a admirando enquanto dorme. Entretanto, sucumbi essa vontade.

Estava determinado a fazê-la ver que era perda de tempo continuar comigo. Continuaria cuidando do nosso filho. Independentemente de qualquer coisa Romeo é nosso. E claro, a ajudaria em tudo que precisasse.

LAURA

Pensei que hoje Gabriel iria acordar melhor e afim de resolvermos as coisas entre nós. Mero engano. Ontem fomos buscar juntos o Romeo no hospital. O médico autorizou sua saída, além disso sua imunidade está numa porcentagem boa.

Queria dar espaço para ele, não ficar em cima. Todavia, acho que não foi uma boa ideia. Sinto que o Gabriel quer se afastar cada vez mais.

—Laura, vai ter que acompanhar o chefão na pequena reunião que terá com a modelo que fará a propaganda do lançamento do novo automóvel.

Ela disse *modelo*?

Automaticamente fiz uma pequena análise da minha roupa. Estou trajando calça jeans pantalona, camisa de alfaiataria na cor rose, saltos altos, maquiagem bem basiquinha, cabelos soltos. Céus! Eu poderia estar usando trajes mais elaborados, sofisticados, mas não. Justo hoje decidi vir o mais simples possível.

—Modelo? Será que a Asli não pode fazer isso? —indaguei a Elisa.

—Estou até o talo de trabalho. Gostaria de estar com outra coisa, enfim. —falou Asli ao entrar no escritório carregando várias pastas. —Carmita está ocupadíssima. Mila nem pode sonhar em sair da recepção da presidência. E eu estou indo assessorar uma reunião do senhor Mariano. A assessora dele não veio trabalhar, está doente. E Elisa estará com o diretor de arte para acompanhar a reunião dele e passar tudo para o chefe.

—Então eu vou, Elisa.

—Ótimo. Anote tudo que achar importante nessa agenda. Depois eu passo para o sistema.

Quando a Elisa saiu, murchei na cadeira.

—Vocês estavam super felizes. Falta só assumirem que estão juntos. —comentou Asli, me fitando.

—Coisas da vida. —murmurei.

—Seja o que for vão superar. *Shippamos* muito vocês, Laura. —sorri.

—Obrigada...Eu acho. —franzi o cenho, ainda sorrindo.

Quando peguei a agenda pronta para ir ao gabinete do meu namorado pensei por um momento que estavam gravando um comercial na recepção.

Uma bela morena saiu do elevador, andando com elegância e como se estivesse desfilando em uma passarela. Não sei se era somente eu que estava tendo a impressão que tudo estava em câmera lenta. Ela é alta, esguia, muito linda. A morena sorriu abertamente para a Mila que rapidamente a recepcionou e logo saiu a acompanhando para o escritório do Gabriel.

—Natasha Valério. Ela é uma das modelos que ainda está em alta. Tem anos de carreira.

Se antes estava sentindo o bichinho do ciúme me cutucar agora ele me mordeu.

—Podemos trocar?

—Até podemos, porém acho que você não vai querer deixar seu namorado sozinho com uma ex-ficante. —cantarolou a última parte.

—O quê? Diz que é brincadeira.

—Não é! Vai lá e não deixa a sonsa se engraçar.

—Será que ela faria algo. Jesus, será?

—Deus sabe que sim. Dificilmente as pessoas mudam o que são. Falo por experiência própria.

E nem para eu estar usando o meu melhor vestido. Que merda!

CAPÍTULO 19

LAURA

Continuei olhando para a porta do escritório do Gabriel como se estivesse em um tribunal, aguardando a decisão do juiz. Estou com ciúmes, ansiosa e receosa para o que iria enfrentar lá dentro. Não sou de me acovardar, embora esteja temendo o que está esperando por mim dentro do gabinete do meu namorado.

—Faz dois minutos que você está olhando para a porta do chefe. Entra logo de uma vez, Laura.

—Olha, eu não falei que a modelo é ex do senhor Arkis por maldade. Queria apenas alertar você.

—Eu sei, Asli. O maior problema no momento é que o Gabriel e eu não estamos na melhor fase do namoro.

—Casais são assim mesmo, gata.

Achei bizarro quando de repente colocou a palma da mão em cima da minha cabeça. Quando começou a proferir que entendi que estou recebendo uma oração:

—*Senhor*, proteja essa garota de todas as ex do senhor Arkis. Que dê tudo certo naquela sala. Oh...Jesus, faça isso pela sua filha. Estamos cientes que a maioria são modelos, magras, sem nenhuma celulite, sem estrias, cabelos sem uma ponta dupla, e sempre acordam gloriosas. Enquanto nós somos pobres, humildes, temos o quadril avantajado e muito provavelmente precisaremos de cirurgias plásticas...

Nunca que eu faria uma cirurgia plástica.

—E possivelmente não entraremos na faca, pois o dinheiro é contato. O *Senhor* sabe, não é segredo. Os saltos altos odeiam os nossos pés, são tantas coisas...Por favor, proteja essa garota desesperada, porém muito amável e fofa. Contamos com o *Senhor*! Nos livre de todas as ex peguetes dos nossos homens que parecem terem saído de um comercial de lingerie. Amém!

Eu não estou desesperada. Será?

Quando encarei a Mila —que estava cheia de serviço na recepção —suas mãos estavam abertas em minha direção. Espero que a oração da Asli seja realmente forte. Estou precisando.

—Mostra o mulherão que é.

Soltei o ar dos pulmões pronta para entrar dentro do escritório.

Tentei dar o meu melhor sorriso para Asli e Mila antes de começar a andar.

Não bati na porta. Entrei como se fosse rotineiro entrar no gabinete do chefe sem anunciar a minha chegada. Realmente mantinha essa disciplina de educação —apesar do Gabriel ter falado que não era necessário.

A modelo estava rindo de algo, tocando no braço do Gabriel como se fosse bem amiga dele. Para piorar a situação estão sentados pertinho um do outro. Meu namorado estacionou sua cadeira de rodas no espaço que fica sem cadeira —na mesa redonda de madeira perto da estante embutida que contém vários livros.

Natasha arrastou a cadeira para perto dele, disso tenho certeza, pois as duas cadeiras ficavam uma de frente para outra e, o espaço que tem para o Gabriel entrar com sua cadeira motorizada fica entre as duas.

Em determinado momento ela cruzou os braços em cima da mesa impulsionando seu corpo para frente, enquanto sorria. Estou tão absorta a cena que nem estou prestando atenção na conversa.

Em alguns momentos o meu namorado libera um pequeno sorriso dos seus lábios, a olha, em seguida volta prestar atenção nos documentos que estão entre suas mãos grandes.

Analisando bem os dois juntos tenho a amarga confirmação que formariam um belo casal. São lindos, ricos, muito provavelmente fazem parte do mesmo ciclo social.

—Laura... Cadê a Elisa?

Percebi que estava sendo avaliada pela super modelo. Recompus-me tentando disfarçar tudo que estou sentindo.

—Em reunião com o diretor de arte.

—Mila?

—Recepção fazendo várias coisas.

—Carmita?

—Muito ocupada.

—Asli?

—Assessorando o seu irmão.

Queria tanto que ele tivesse a audácia de dizer que não precisava da minha presença nessa reunião, queria muito. Assim explodiria de vez.

Enquanto caminhava torcia para não tropeçar, caso acontecesse de a gravidade atacar a veia atrapalhada que tenho, juro que não iria levantar. Seria um mico daqueles.

Graças ao *Pai*, me aproximei deles sem vacilar. Pus a agenda juntamente com a caneta no meio dos dois. Passei por trás da cadeira da modelo fingindo ser a pessoa mais serena do mundo, puxei a cadeira fazendo aquele barulhinho irritante no piso caríssimo a encaixando entre os dois. Obrigatoriamente a Natasha se afastou um pouco.

Joguei o meu cabelo para trás dos ombros, abri a agenda e destampeei a caneta longa que é toda colorida, no topo tem a cabeça e orelhas de coelho —muito bonitinha —, de pelúcia toda rosa. As meninas adoram canetas desse tipo.

—Podemos começar, senhor Arkis. —disse sem o olhar.

Natasha ergueu sua sobrancelha perfeitamente bem-feita como se esperasse uma posição do Gabriel. O que não aconteceu. Talvez ela quisesse que fossemos apresentadas, ou não gostou de saber que a reunião não seria somente eles dois.

Finalmente a modelo começou a falar sobre alguns pontos do contrato da campanha que fará para o novo lançamento da Arkis. Adoraria dizer que a voz dela é irritante, que a fragrância do seu perfume é enjoativa. Porém, constatei que Natasha aparentemente é perfeita.

Com a força do ódio comecei a escrever as exigências dela. Eu deveria acrescentar uma passagem só de ida para o Japão.

—Jake quer muito ver você, Gabriel. —comentou, com um belo sorriso.

Em momento algum olhou para mim. Seus olhos azuis estão concentrados na modelo.

—Esqueço que ele é o seu empresário.

—Espero que não tenha esquecido das nossas festinhas particulares após as aulas de sexta-feira. Foram épicas.

Apoiou o cotovelo na mesa, amparando o maxilar com a mão e dedos.

Estalei a língua dentro da boca muito incomodada. Gabriel ficou sem jeito, seus dedos longos foram para a gola da sua camisa social como se quisesse buscar mais oxigênio.

—Festinhas...? —virei o rosto com uma força desnecessária em direção do Gabriel com o intuito de fazer algumas mechas pegarem no rosto da sua ex. —Então você era do tipo que não perdia uma festa.

Claramente não sabia que tipo de festinha faziam. Mas estou prestes a descobrir.

—Não eram nada demais.

Respondeu sem me olhar, fingindo estar lendo minuciosamente as páginas do contrato.

—Pare com isso, Gabe. Somos todos adultos aqui.

Ajeitei a minha postura esperando o estrago que a modelo faria com a insegurança cadela que insiste morar no meu corpo. Sem o sorriso costumeiro da sua face, revelou:

—Gostávamos de fazer ménage.

—Esse assunto não cabe na reunião, Natasha.

E as coisas só pioram.

Não estou chateada por saber que Gabriel fazia sexo a três. A grande questão é que sinto que sempre estarei um nível abaixo. Enquanto o meu namorado está preso na insegurança de ser deficiente, mesmo eu me esforçando para mostrar que não tem importância. Por minha vez, estou amarrada na falta de experiência, instabilidade.

Estar diante de uma ex sua não está ajudando muito o meu emocional. Obviamente, todos tem um passado. Esse não era o problema. O fato é que o Gabriel poderia estar evitando as carícias dela—a partir do momento que ela entrou no seu escritório.

—Mais alguma alteração no contrato?

Decidi colocar um fim naquela conversa que não tinha nada de despretensiosa. Natasha soltou uma risadinha debochada. propositalmente elevei a caneta mais do que deveria para unicamente encostar no seu rosto, nariz. Só não esperava que fosse ter um ataque de espirros.

—Atchim...Atchim...Atchim...

Santa caneta da Asli.

—É melhor você ir ao banheiro. Lá tem papel umedecidos.

Assim que a modelo fechou a porta do banheiro, fitei o Gabriel controlando a vontade de agarrar o seu pescoço.

—Vai continuar deixando a sua ex alisar você?

—Natasha não estava me alisando. E mesmo que esteja...Não tem problema.

Gabriel está brincando com fogo. Se pensa que vou aceitar as investidas da modelo para cima dele e ele não fazer absolutamente nada para contê-la está muito enganado. Irei mostrar para os dois o devido lugar de cada um.

—Então esse é o seu plano?

—Que plano, Laura?

—Quer mesmo que eu deixe você?

Ficou calado. Continuamos nos encarando sem dizer nada. As emoções estão presentes no seu olhar.

—Melhorei. Foi esse negócio de pelúcia da sua caneta.

Ignorei totalmente a mulher.

—Irei solicitar ao departamento jurídico para refazerem o contrato. Depois enviaremos para assinar.

—Perfeito, Gabe.

Quis revirar os olhos.

Ela pegou seu celular da bolsa, parecia pronta para ir embora. No entanto, fitou o Gabriel e disse:

—Jake mandou uma mensagem querendo que você vá jantar hoje na casa dele. Um reencontro entre amigos. Se não dará um jeito de descobrir seu novo endereço.

—Eu...

—Nós aceitamos.

Não consegui manter a minha língua dentro da boca. Foi mais forte do que eu.

—Querida, o jantar é apenas para nós três.

—Bom, agora será para nós quatro.

—Espera...Estou confusa. Você é apenas a funcionária do Gabe.

—E namorada.

—Você está... Namorando?

Entrelacei os meus dedos com os do meu namorado, o pegando de surpresa. Forçando um sorriso, esperei que ele fizesse o certo.

—Sim. —respondeu firme.

—Por que não falou antes?

Não iria deixar a Natasha se sobressair.

—Gostamos de manter a ética no local de trabalho.

Seu olhar desconfiado continuou presente na sua feição.

—Entendi. Aviso ao Jake que teremos uma convidada a mais.

—segurou a alça da bolsa levantando da cadeira. —Até mais tarde.

Sabendo que ela iria querer se despedir do Gabriel sem me importar com os bons modos me ergui ficando na sua frente. Sob o olhar do meu namorado falei:

—Acompanho você.

Apontei para que fosse na frente. Descontente virou de costas e desfilou até a saída.

Se o Gabriel queria continuar jogando esse jogo infantil, não seria eu a impedir. Posso ser pior do que ele.

—Você não tem que ir.

—Qual o problema da sua namorada conhecer seus amigos...Íntimos? —joguei, sendo alvo do seu olhar duro.

—Foi há muito tempo.

—Isso não me incomoda.

Pura mentira! Eu não poderia permitir que visse que estava surtindo efeito seu plano estúpido em querer me afastar.

—Não? —estendeu os lábios num sorriso cínico. —Não foi o que pareceu.

—Queria que eu batesse palma enquanto a via jogando charme para cima de você?

Capturei a agenda e caneta com raiva.

—Quero que enxergue de uma vez por todas que não sou...

Deixei-o falando sozinho. Sabia exatamente como iria terminar sua frase.

Poderia facilmente desistir do Gabriel. Entretendo, não farei. O amo de verdade. Não me incomoda o fato de ser mais nova, de não ter feito a metade das coisas que as garotas da minha idade fizeram e experimentaram.

Quero ser amada, respeitada, cuidada. Construir uma família com o homem que estou perdidamente apaixonada, conhecer o mundo com Gabriel e Romeo, ter momentos divertidos e únicos com ambos.

Perder os meus pais fez eu repensar em muitas coisas. Uma delas é persistir no que acredito. Ter fé, esperança e aproveitar cada segundo que puder.

Irei mostrar para o Gabriel que o amo de qualquer jeito. Fazer o meu namorado entender de uma vez por todas que não existe diferença no amor.

Com lesão ou sem lesão amor continua sendo o mesmo em qualquer condição.

CAPÍTULO 20

LAURA

Tentei ao máximo me concentrar no trabalho. Não posso me enganar. Estou chateada com as últimas atitudes do Gabriel. Quando mais tento mostrar que estou do seu lado para tudo, que sua condição não é um problema, mais ele tenta me afastar.

Entendo que receber a notícia de que nunca mais voltaria andar mexeu com o meu emocional, o abalou. Principalmente para ele que tinha escutado antes que existia uma pequena chance de recuperar os movimentos das suas pernas. Foi um baque.

Elisa veio buscar sua agenda apressada, logo saiu em direção ao gabinete do nosso chefe. Está se desdobrando para dar conta do serviço.

Entreí no portal do aluno no programa da universidade à distância onde consegui ingressar no curso de Administração para verificar minha situação. Apesar de sempre ter me adiantado nos conteúdos, agora virou uma bola de neve. Fora que as provas do semestre estão marcadas para o próximo mês. Ótimo, irei reprovar. Não sei se darei conta de estudar tudo.

Agora que não estou mais confinada em *El Bolsón* poderia estudar presencialmente. Entretanto, não daria certo. Tenho que cuidar do Romeo e quero trabalhar.

—Atrapalho?

Ergui a cabeça me deparando com a dona Joaquina. Ela como sempre estava muito elegante, moderna e com seu ar jovial.

—Não. Eu estava apenas pensando o quanto vou ter que estudar para conseguir dar conta dos conteúdos que se acumularam para ao menos tentar fazer a avaliação.

—Gabriel comentou por alto que você estuda à distância.

—Pois é. Eu sonhava em estudar em alguma universidade da Argentina. Sair do esconderijo que era minha casa, viver, conhecer pessoas, o mundo.

—E então...?

Minha sogra sentou na cadeira em frente à minha mesa.

—Eu engravidei. —sorri. —Menos de três anos depois do nascimento do meu anjinho veio a descoberta da Leucemia. Desde então minha dedicação foi voltada exclusivamente para o meu filho.

—Menina, como você vem sofrendo. —lamentou.

—Meus pais foram essenciais, nem por um instante nos deixaram sozinhos.

—Seu pai era o meu melhor amigo como comentei. Amava ele e sua mãe. Sinto muito não a ter conhecido pessoalmente antes. Mas Claudia e Vicente desapareceram, raramente mandavam notícias por meio de cartas.

Nunca saiu da minha cabeça que meus pais escondiam um segredo. Seu Vicente era desconfiado com a própria sombra, o tempo todo em estado de alerta. Minha mãe não ficava atrás. Podia notar a tensão em cima de nossas cabeças.

Por mais que tivesse tentado tirar deles porque vivíamos obductos, sem criar laços com ninguém nunca soube a verdade. Sabia que tudo era uma forma de eles nos proteger. Mas de quem? Eles levaram esse segredo para o túmulo.

—Como se conheceram?

Dona Joaquina, poderia ser a chave para desvendar um pouco da vida misteriosa dos meus pais.

—Nossos pais eram amigos. Estudamos na mesma escola, frequentávamos os mesmos lugares. —relatou, com um belo sorriso no seu rosto bem conservado. —Vicente e eu fazíamos a dupla de rebeldes que os pais da sociedade de classe alta tem pavor. Aprontamos muito.

—Nunca tiveram nada além de amizade? É apenas curiosidade, se não quiser falar está tudo bem.

Senti que ela ficou pensativa, mas logo sua feição suavizou novamente.

—Meu primeiro beijo foi com ele. Foi horrível. Odiamos essa experiencia desastrosa que decidimos compartilhar. Vicente era um garoto bonito, charmoso. Fazia sucesso com as garotas. Porém, nunca saímos da linha de amizade.

—O que sabe sobre a família do meu pai?

Seu desconforto ficou evidente. Cheguei no ponto que eu queria.

—Não sei muito, querida.

—Conte-me o que sabe, por favor.

—Os Navarro são donos de todo o petróleo da América Latina. Vicente foi CEO da empresa da família. Eugênio, seu avô, criou os filhos como se estivessem em um campo militar macabro. Nem sei como explicar. Raf e Vicente sofreram muito nas mãos do pai. Os dominava cruelmente.

—Meu pai tinha muitas cicatrizes nas costas. —comentei, sentindo minha garganta seca.

—Eles apanhavam muito do seu avô. Mesmo diante da infância severa seu pai nunca deixou de ser uma boa pessoa. Diferente do irmão mais velho.

—E minha avó?

—Foi diagnosticada com *Alzheimer* no auge dos seus quarenta anos. Sempre foi submissa ao marido.

—Algo muito grave aconteceu para os meus pais terem saído daqui, terem deixado tudo para trás. Sabe algo a respeito? Qualquer coisa, Joaquina.

Uni as mãos, ansiosa.

—A única coisa que posso dizer com absoluta certeza é que Raf Navarro machucou seu pai e sua mãe. Jamais confie nele, caso um dia tenham algum tipo de contato.

Estremeci com a seriedade que narrou. Mudou de assunto:

—Eu vim convidar você para almoçar comigo?

Estou sem vontade de sair. Na verdade, iria passar meu horário de almoço inteiro com o meu filho.

—Irei ficar com o Romeo no hospital.

—Perfeito. Estou apaixonada nele. Podemos almoçar e em seguida iremos ao hospital.

—Então eu aceito o convite.

Sai sem dizer nada para o Gabriel. Sabia que o Agner avisaria o Balboa que passaria a informação para o meu namorado. Dona Joaquina em momento algum tocou no nome do filho mais novo, estranhei, porém não comentei.

Não engoli o joguinho do meu namorado. Francamente deixar sua ex —que era sua amiga bem íntima—soltinha nas investidas parece o plano perfeito para me afastar dele. Se ele continuar insistindo nesse joguinho infantil não terei outra opção a não ser terminar nosso relacionamento.

Irei sofrer, chorar, comer doces e assistir filmes melosos até cansar? Com toda certeza. Mas não irei passar a vida chorando e sofrendo por causa de um idiota cabeça dura que não é capaz de aceitar que o amo do jeitinho que é.

Era de se esperar que uma mulher como a dona Joaquina não iria dirigir um simples carro, ou ter um motorista a sua disposição. Está claro que adora ter sua independência em qualquer âmbito.

—Belo carro.

Elogiei o automóvel conversível.

—Um dos melhores modelos conversíveis da Arkis. Esse foi em parceira com a *BMW*.

Agner educadamente abriu a porta do passageiro e afastou o banco para mim sentar atrás.

—Eu vou na frente.

—Tem certeza, senhorita?

Ele parecia aflito. Quando olhou de relance para dona Joaquina que está no banco do motorista...Foi quando entendi o perigo eminente que a minha sogra pode ser no trânsito. Estava para sentar atrás quando a escutamos dizer:

—Laura, sente na frente para aproveitar mais.

Agner sentou no banco de trás e não perdeu tempo, logo começou a colocar o cinto de segurança.

Quando dona Joaquina começou a dirigir foi quando entendi a reação do coitado do Agner. Ao olhar para ele pelo retrovisor frontal o vi quietinho parecendo uma estátua. O que seria engraçado, pois é um homem enorme. No entanto, estou sentindo na pele a adrenalina que era ter a minha sogra comandando o volante de um carro.

Meu Deus, eu sou nova, tenho um filho para criar, nem fiz metade das coisas que desejo. Guie as mãos e pés da dona Joaquina, pedi em uma oração silenciosa.

Em determinado momento dona Joaquina diminuiu a velocidade, assim pude aproveitar mais o sol, o vento batendo no cabelo, no rosto. O dia está lindo.



Estou no meu terceiro *Taco* mexicano. Nunca tinha experimentado antes. É uma delícia. O restaurante caseiro fica em um bairro tranquilo que contém pequenos comércios nas redondezas. Ambiente familiar, aconchegante.

—Lola adora esse lugar.

Não sabia que minha amiga doidinha e dona Joaquina mantinham uma amizade. Era do meu conhecimento que Lola admira e gosta muito da minha sogra.

—Vieram aqui muitas vezes?

—Várias. Ela é uma ótima companhia.

—É sim. —*apesar de ter um parafuso a menos*, pensei. — Somos amigas.

—Estou sabendo.

—É mesmo? Então ela contou tudo?

—Trocamos mensagens. Sou uma mulher que sempre estive à frente do meu tempo. Adoro tecnologia, alguns esportes radicais, ir a uma baladinha sem o marido e com o marido.

—Você é uma inspiração.

Limpou o canto da boca com o guardanapo de papel e tomou um longo gole de seu refresco de tamarindo.

—Então talvez você possa considerar o conselho que irei te dar.

A considerava muito. E tudo que vem dizendo desde o dia que nos conhecemos —até mesmo as dicas sexuais —venho assimilando, pensando.

—Está tão na cara assim que estou precisando?

—Mariano falou para mim que a Natasha estava no escritório com o Gabriel e você. Elisa deu mais detalhes para ele, que me contou depois.

Então todos andam comentando o meu relacionamento como se fossem capítulos de novela.

—Pois é. O problema não é ela ser uma ex. Bom, isso também. A questão é que o Gabriel estava dando corda de propósito. Sei que estava agindo com o único intuito de me fazer deixá-lo, desistir de nós.

—Meu filho está agindo com essa infantilidade pensando que a fará desistir dele. Ele acredita que em um belo dia você irá acordar e perceber que não o quer mais, que é um peso para você, que não é homem o suficiente para você.

—Sei que para ele é doloroso, mas se continuar deixando as inseguranças ficarem em cima de nós...Será um relacionamento exaustivo.

—É nesse ponto que quero chegar. —tocou minha mão, com o seu carinho maternal. —Esse brinquedo que meu filho está fazendo é errado. Juro que não ensinei nada disso para eles.

Acabei sorrindo da sua expressão e do jeito que falou.

—Nem passou isso pela minha cabeça.

—Essas atitudes do Gabriel podem magoar muito você. E você não merece. Mulher nenhuma merece que um macho machuque seu coração, que pise nos seus sentimentos. Olho para você e consigo enxergar o quanto é uma mulher de fibra, decidida. Porém, não desgaste seu emocional com um homem que quer afastá-la. Deixe-o perceber o que perdeu. Esse é o meu conselho.

Era um excelente conselho.

Passar um tempinho com o meu menino no hospital renovou as minhas energias. Estar com o Romeo sempre era bom. Dona Joaquina nos fez rir bastante ao contar as peripécias dos seus filhos durante a infância e adolescência.

Peguei uma das mochilas infantis para colocar as roupas sujas dentro. Como de costume verifiquei todos os itens pessoais para me certificar o que estava para acabar, o que acabou e assim poder trazer novos.



Gabriel não entrou em contato comigo em momento algum. E tudo que era para ele pedia para a Mila entregar. Não estou no meu melhor estado emocional. Além disso, ainda teria que enfrentar o jantar atuando, pois me recuso que a Natasha sinta o gostinho da discórdia entre nós dois.

Ao fim do expediente estou saindo do meu pequeno, porém confortável, escritório ao mesmo tempo que Gabriel se aproxima com a sua cadeira motorizada.

Eu sou muito louca por ele ao ponto de continuar o achando lindo, mesmo quando estou com raiva. Não passo de uma tola apaixonada.

Balboa segurou a porta do elevador e entrei sem esperar pelo meu namorado teimoso.

—Tem certeza que deseja ir ao jantar na casa do Jake?

—Fomos convidados. —eu me convidei, aliás. —Acho que vai ser legal passar um tempo com os seus amigos íntimos.

O escutei bufar. Cutuquei a fera.

—Eles não são bem os meus amigos, Laura. Talvez, na época que estudávamos juntos.

Optei o ignorar.

Bastava ele dizer que havia se precipitado, admitir que agiu estupidamente e que iria trabalhar sua insegurança. Juro que sentaria no seu colo, o beijaria muito para depois reinar nas suas bochechas por ter sido tão babaca comigo.

Meu namorado colocou mais distância entre nós quando sentou no banco da frente ao lado do motorista.

A mansão do amigo do Gabriel era bem moderna. Todas as casas do condomínio mantinham o padrão luxuoso e exagerado.

Agradei a Deus silenciosamente ao notar que não tinha nenhum empecilho para o meu namorado locomover sua cadeira de rodas. Era tudo plano, sem desníveis.

Um homem com traços orientais abriu a porta enorme com um sorriso no rosto. Seu cabelo preto está solto e medem até os ombros.

—Cara, que saudade. Finalmente!

Afastei-me um pouco do Gabriel para que o amigo tivesse mais espaço para o cumprimentar sem esbarrar em mim.

—Como vai, Jake?

—Ótimo! Bem que a Natasha falou que iria convencer você. —seus olhos puxadinhos se fixaram em mim. —Essa deve ser sua namorada.

Tenho que admitir que não me senti bem sendo alvo do seu olhar.

—Laura.

Estendi a mão para o cumprimentar por educação.

—Que isso. Somos amigos também.

Eu ia dizer que não. Era impossível ganhar esse título sendo que acabamos de nos conhecer. E cá entre nós, não fazia questão de ter sua amizade.

Fazendo menção de se aproximar de mim, muito provavelmente iria me abraçar igual fez com o meu namorado, Gabriel colocou sua cadeira para frente quase batendo na perna do seu amigo.

—Vamos entrar! —falou, conciso.

Então para ele tudo bem deixar a ex o alisar...E eu não poderia ser abraçado pelo seu amigo de ménage? Seria até fofo seu ciúme, se não tivesse feito merda mais cedo.

Adentramos a sala de estar de ambiente aberto com a cozinha. A decoração consistia em preto, cinza e branco. Pelo jeito pessoas ricas adoram essas três cores.

Na mesa de seis lugares, faltava duas cadeiras. Ao menos um deles pensou em fazer isso para o Gabriel poder se acomodar com a cadeira de rodas.

—Fiz vários tipos de *sushis*. —falou indo para o balcão.

Os saltos altos indo de encontro ao chão chamaram a minha atenção. É a Natasha. Surgiu trajando um vestido vermelho-sangue de cetim, cabelos bem penteados e maquiagem perfeita.

—Que bom que chegaram. —*falsa*. —Gabriel, boa noite.

Parou pertinho dele e prestes aproximar sua cabeça com o objetivo claro de o cumprimentar com um beijo no rosto a impedi colocando a palma da minha mão na frente.

—Não faria isso se fosse você. —proferi, sendo a *pacífica*. — Ele pegou uma gripe terrível no começo da tarde.

—Sério?

Rapidamente arrumou sua postura.

—Não, é *Gabe*? —enfatizei o apelido ridículo ao me direcionar para ele.

Gabriel usando o fio de bom senso que tem fingiu uma tosse seca. Aproveitei para bater nas suas costas com um pouquinho de força. Um por cento da raiva que passei hoje de manhã descontei nesse momento.

—Possivelmente peguei durante a reunião com um dos fornecedores.

—Sentem-se, pessoal...

—Jake! —a amiguinha deles o repreendeu.

Jake ficou sem graça segurando a tigela de madeira. Gabriel apenas comandou sua cadeira até a vaga que lhe estava destinada. Fiquei chateada com a falta de cuidado das palavras do Jake, mas pelo jeito que ficou acredito que não tenha falado de propósito.

Sentei-me ao lado do Gabriel de frente para o Jake e Natasha. Ele começou a falar os sabores dos *sushis*. Em seguida começou a relatar como fez os molhos e por fim como preparou o atum.

Não vou comer nada cru!

Gabriel serviu meu prato com dois de cada sabor e quase chorei quando colocou o atum. Acho que ele não prestou atenção na carinha de pena que fiz ao fitar a carne crua do peixe. Depois serviu seu prato com toda elegância que possui.

Jake serviu as taças de vinho. Quase arranquei a garrafa de sua mão, talvez bêbada conseguisse comer o peixe cru.

Como se não pudessem piorar as coisas, enquanto Jake conversava animado com o amigo sobre alguns artistas que é empresário, comiam usando os palitinhos com habilidade.

Os *sushis* parecem apetitosos. Movida a isso peguei os dois palitinhos. A única coisa que sei é que se chama: *hashi*. Descobri isso no colegial, pois algumas garotas pediam refeição japonesa na hora do intervalo.

Disfarçadamente os coloquei entre meus dedos torcendo que conseguisse acertar de primeira. Escorregaram e por muito pouco não deixei um cair no chão.

Encarei os três comendo sem dificuldade nenhuma, enquanto conversam. Sequer uma vez deixaram os *hashi* escapulir.

Esses pauzinhos dos infernos estão fazendo eu odiar comida japonesa sem nem ter experimentado.

Tentei mais uma vez e por mais alguns segundos o *sushi* teria chegado dentro da minha boca. Eu não sou de desistir, mas juro que estou para fazer isso. Se não irei começar a chorar. Parece tão fácil, poxa!

Com ódio comecei a furar os *sushis* do meu prato com os palitinhos. Tentei mais uma vez, contudo, nada veio. Seria menos complicado se pudéssemos usar talhares.

Totalmente sem graça decidi tentar uma última vez. Antes que pudesse fazer olhei para frente para me deparar com o olhar e feição debochada da Natasha.

Estava para largar os *hashi* de qualquer jeito quando os dedos do Gabriel os tiraram delicadamente entre os meus. Ele os colocou ao lado do meu prato, em seguida pegou um *sushi* que havia servido para mim com a mão, molhou no molho e o trouxe para a minha boca.

Um pouco envergonhada aceitei. Mordi metade saboreando o *sushi*. É gostoso. Ao terminar de mastigar, meu namorado me deu a outra metade na boca.

Ele deu um pequeno sorriso para mim, pegou um sushi do seu prato com os dedos, o molhou no molho e comeu. Entendi o recado. Dali em diante passamos a comer com as mãos.

Natasha olha para mim com cara de nojo, no entanto, não me abalou. Não mais.

—Não tocou no atum. —murmurou.

Jake estava descontraído na sua conversa com a Natasha que desviou a atenção de mim. Aleluia!

—Ele ainda pode estar vivo sabia? —sussurrei.

Não esperava que o meu namorado fosse soltar uma gargalha rouca e gostosa. Acabei sorrindo cativada pela sua feição relaxada e

humor presente. Era um momento raro.

CAPÍTULO 21

LAURA

Foi inevitável não sorrir assistindo o meu namorado em um momento descontraído. Queria ter tido coragem para pegar o celular e registrar o acontecimento. Não entendia como o Gabriel não enxergava o que homem que é.

É um *homão* que chama atenção pela altura —apesar de estar sentado, temos uma noção óbvia do quanto era alto. —, pelo tamanho de seus braços, costas. É um homem grande. Seus olhos cor de céu, as covinhas que formam quando sorrir, seus lábios carnudos, o rosto anguloso.

Sua fisionomia é atrativa, mas além disso sei que existe um homem sensível que sofreu uma grande perda, que se pune, que assumiu o meu filho como se fosse sangue do seu sangue. Por mais que tentasse afastar as pessoas com seu olhar áspero e sua postura de lorde. Eu sei que é apenas uma máscara que queria tornar verídica.

Gabriel tomou um pouco do vinho, após cessar seu ataque de riso. Ao olhar para frente vi que seus dois amigos estão prestando atenção em nós. Natasha mantém a feição de nojo direcionada para mim, enquanto o Jake nos olha com um sorrisinho sinistro nos seus lábios.

—O que perdemos? —indagou o Jake, mantendo o olhar enigmático sobre nós.

—Acho que o Gabriel está rindo porque a sua namorada não sabe usar *hashi*.

Não tive tempo de assimilar o veneno que a Natasha jogou, pois as taças balançaram em cima da mesa juntamente com os pratos quando o Gabriel bateu o punho direito com força.

—Espere-me no carro, Laura.

Tenho que ser sincera comigo mesma. A reação do meu namorado me pegou de surpresa. E do jeito ácido que seus olhos

azuis estão fixos nas duas pessoas em nossa frente, só consigo pensar que ele pode fazer alguma besteira.

—Gabriel...

—Vai, por favor!

GABRIEL

Eu era conhecedor de que estava agindo com infantilidade somente para que Laura me deixe, para a livrar de ficar com um homem que está preso na cadeira de rodas. Para um homem que sempre foi seguro de si, que era um namorador nato, que sempre adorou aventuras, esportes...Está nessa condição e ter uma jovem afirmando sentir amor por mim parece um sonho, mas ao mesmo tempo assusta.

E se um dia ela acordar, olhar para mim e dizer que não aguenta mais a vida monótona que leva comigo? Ou pior, perceber que nunca me amou...Isso acabaria comigo.

—Cara, o que foi isso? Assustou as garotas.

Após a refeição inventaria uma desculpa qualquer para ir embora. Principalmente após notar o olhar sequioso do Jake para a minha namorada. Na porra da minha cara. Como se o fato de eu estar paraplégico fosse me impedir de matá-lo. Ainda tenho mãos, cacete!

—Fiz apenas uma brincadeira, Gabe. Não faço mais.

Soltei uma risada irônica.

Posso até imaginar que Jake ficou curioso para conhecer a minha namorada e provavelmente nos estudar antes de propor a putaria que fazíamos.

Nunca fui um homem que tive problema com sexo. Pelo contrário. Sempre consciente, protegendo minha parceira e eu, gostava demais. Perdi as contas de quantas vezes dividimos a Natasha. Nós três éramos solteiros, então aproveitamos juntos. Mas quando estava em um relacionamento sério era totalmente fiel a minha namorada.

O problema era que nunca ia para frente. Natasha fazia seus joguinhos e consequentemente Jake a acompanhava. Isso quando não conseguiam convencer a garota que eu estava me relacionando

a participar, ou ao ponto de transar com eles pelas minhas costas. Era bem sujo.

Não os considero meus amigos. Na época que estudávamos juntos, talvez. Possivelmente acreditem que sou o mesmo Gabriel de antes.

Deveria saber que Natasha iria tirar suas próprias conclusões errôneas por ter aberto espaço para ficar me tocando, jogando seu chame, sem estabelecer um limite.

Juro que se não tivesse paraplégico iria dar um jeito de me chutar.

Permiti que Natasha se jogasse para cima de mim com a única intenção de fazer a Laura ver que não sirvo para ela de nenhum jeito. Que sou um cretino.

—E desde quando humilhar uma pessoa é brincadeira?

—Pega leve, cara. Natasha já disse que não fez por mal.

—Fez sim. Sabemos bem como ela é.

—Gabriel, qual o seu problema? Pensei que finalmente pudéssemos voltar a nossa amizade de antes.

—Nem se eu tivesse andando, porra! —furioso, olhei para o Jake. —Se um dia você voltar a ver minha namorada espero que não tenha o disparate de direcionar esse olhar cheio de malícia. Você sabe do que sou capaz.

—Perdeu o juízo...

—Caso ainda queira fazer a campanha com a Arkis, ganhará o primeiro valor que oferecemos. Não mudarei nada no seu contrato, Natasha. Se não quiser mais comunique minha assessora e procuramos outro modelo.

Natasha entreabriu os lábios visivelmente pasma.

Apertei o botão de controle da minha cadeira e virei indo em direção a saída.

LAURA

Vimos tomar café da manhã com o nosso filho. Romeo ficou animado e me senti um pouco de lado quando meu macaquinho quis dar a maior parte da sua atenção para o pai.

Ontem —após o final do jantar desastroso —regressamos para casa do jeito que chegamos lá. Distantes e em total silêncio. Eu sabia que tinha acontecido alguma coisa, porém não questionei.

O dia foi se arrastando. Meu namorado não me chamou na sua sala. Aproveitei que estava sozinha no meu escritório, que constantemente tem alguma das meninas da equipe da presidência, para ler mais alguns blogues de cadeirantes.

Depois de me emocionar lendo alguns relatos decidi que tomaria a iniciativa para Gabriel e eu nos acertarmos de vez. Faria um jantar romântico, escolheria uma música boa e seria o mais sincera possível sobre o que sinto por ele. E que não deve temer em ser deixado por mim.

Nunca amei ninguém assim antes. Todavia, imagino que um amor intenso como esse não se vive mais de uma vez e nem devemos evitar.

—Gabriel não vai agora? —questionei ao Balboa que está perto do elevador.

—Não, senhorita. Ficaré para trabalhar mais um pouco. Agner está aguardando você no estacionamento.

Forcei um sorriso e entrei no elevador.

Bom, pelo menos eu teria mais tempo de preparar a surpresa, tomar um banho demorado e tentar ficar o mais sensual possível.



Ao adentrar a morada me deparei com a Lola descendo as escadas carregando uma cesta de toalhas. Estava com saudades da minha amiga doidinha.

—Você fica gostosa de jeans. —assobiou, fazendo eu rir.

—Quer ajuda, doidinha?

—Nada! Minha avó saiu mais cedo para se encontrar com as amigas do pôquer.

—Ela joga pôquer?

—E toma umas brejas.

Fomos indo em direção a lavanderia.

—Dona Delfina tem uma vida agitada.

—Muito mais que a minha. E como anda o namoro com o Arkis caçula?

—Bem...Devagar. Quero aproveitar que ele vai chegar um pouco mais tarde para preparar um jantar romântico...

—E dar aquele chá de boceta, né?

Soltei a minha bolsa cogitando que daria tempo de tampar a boca sem filtro da ruiva. Céus! Sentindo as minhas bochechas arderem, juntei a bolsa do chão. Desengatou outra peripécia:

—Tem que dar, amiga. Super recomendo.

—É sério, Lola. Ele está fazendo de tudo para me afastar, por achar que no futuro irei me arrepender do nosso relacionamento. Para completar a amiga modelo dele brotou e...

—Estou sabendo.

—Claro! Dona Joaquina contou.

—Somos amigas. E espero que siga os conselhos dela, porque não consegui seguir nenhum.

Rimos, nos encostando nas máquinas de lavar roupa.

—Posso te ajudar a preparar tudo.

—Mesmo?

—Para começar é melhor pedir refeição pronta de algum restaurante de rico. Assim teremos mais tempo para te produzir.

—Totalmente de acordo. Estou ansiosa demais para cozinhar.

—Enquanto vai se arrumando quero saber tudo em detalhes.

Lola em momento algum tocou no nome do meu cunhado. Vi isso como um bom sinal, talvez ela tivesse colocado um ponto final, ou estava dando um tempo, repensando se valeria a pena continuar persistindo.

Levei quase duas horas para ficar pronta. A ruiva fez questão que eu tomasse banho de banheira para renovar as energias. Meu cabelo ficou com leves ondas que Lola fez com o secador e escova. A maquiagem também ficou por sua conta.

—Não estou muito exagerada?

Estou analisando meu reflexo no espelho. Nunca estive tão sensual antes. O vestido vermelho está três dedos acima dos meus joelhos. É de um tecido nobre, as alças finas e decote reto ficaram bem acentuados no meu corpo.

—Está sexy...Linda demais! Pena que eu gosto de pau.
Acabei rindo do seu comentário.

Quando vieram entregar a comida, Lola me ajudou a organizar tudo em cima da mesa de jantar. Acendemos as velas, arrumamos as taças, pratos, talheres.

Com sua ajuda ajustei a luz da sala de estar e da sala de refeição. Para finalizar me ensinou a mexer no sistema de som embutido da mansão. Montei uma *playlist* baseada no seu gosto musical, o qual ela disse serem músicas românticas.

—Amanhã almoçamos juntas?

—Com certeza.

Abracei-a apertado recebendo o mesmo carinho de volta.

—Obrigada. Você é um anjo.

—Só para você. —pisçou o olho verde.

—Manda uma mensagem quando chegar em casa.

—Pode deixar!

O Uber está a aguardando do lado de fora das terras da mansão. Pedi para o Agner a acompanhar e tirar uma foto da placa do carro. Por questão de segurança.

Não conseguia ficar quieta. Até ensaiei de frente para o espelho o que irei falar para o meu namorado. Esquentei a refeição uma, duas, três vezes e nada do Gabriel chegar. Estou começando a ficar preocupada.

Conferi o celular várias vezes. Nenhuma ligação e nem mensagem. Resolvi ligar. As cinco chamadas caíram na caixa postal. Abri a porta da mansão e vi Agner encostado no automóvel com o celular na mão.

—Você tem o número do Balboa?

—Tenho sim, senhorita. Mas estou aqui à sua disposição.

—Gabriel não está atendendo o celular. Estou preocupada.

—Ligarei para o Balboa.

Entregou-me o celular e assim que o encostei na orelha escutei a voz do Balboa:

—Diga, Agner.

—Sou eu, Laura. Vocês ainda estão na empresa? Aconteceu alguma coisa?

—Não aconteceu nada, senhorita Navarro. Estamos na empresa.

—Gabriel não atendeu as minhas ligações.

Suspirei mais tranquila.

—Ele...Está ocupado.

Notei seu tom de hesitação.

—Meu namorado está sozinho?

—Senhorita, posso pedir para o senhor Arkis retornar à ligação agora mesmo.

—Quero que me responda.

—Não. Está em reunião.

—Com quem?

Os segundos de silêncio não me prepararam para a resposta do Balboa:

—Natasha Valério.

—Obrigada por responder.

Encerrei a chamada e entreguei o celular para o Agner.

—Iremos agora mesmo para a Arkis. E nem pense avisar ao Balboa, muito menos o Gabriel. Você trabalha para mim a partir de agora!

Agner meneou a cabeça positivamente.

Durante o caminho à empresa segurei o máximo as lágrimas. Não queria me sentir assim, muito menos agir como uma namorada obsessiva. Meus instintos estão dominando as minhas ações.

Não entra na minha cabeça que o mesmo homem que me defendeu da sua “amiga” possa estar até esse horário da noite trancado com ela em seu escritório. Será que já haviam combinado mais cedo?

Os seguranças liberaram a minha entrada. Dentro do elevador fui fitando os números dos andares mudarem conforme subimos. Estou tensa.

Ao mesmo tempo que adentrei a recepção da presidência foi o momento que Natasha havia fechado a porta do escritório do Gabriel. Quando me viu abriu um sorrisinho e limpou um pouco o seu batom vermelho-sangue que estava levemente borrado.

Deus queira que seja apenas insinuação. Que não tenha acontecido nada dentro daquele escritório.

—Mais um pouco e teria participado. Gabriel continua o mesmo homem de antes, até melhor.

—Não seja descarada!

Ela se aproximou mais e murmurou:

—Considere em fazermos uma troca de casais na casa do Jake. —criou uma curta distância entre nós, concluiu: —Acabei manchando um pouco a camisa do seu namorado. Espero que não se importe.

E saiu sem dizer mais nada.

Toquei a maçaneta da porta tremendo de raiva. Não sou nenhuma ingênua. Não mais! Sei que pode ter acontecido alguma coisa entre eles, ou não. E conhecendo o Gabriel —como acho que conheço —isso não seria do feitio dele. Mas posso estar errada.

Gabriel estava atrás da sua mesa e quando notou a minha presença, franziu o cenho. Acredito que minha feição entregou o que estava imaginando.

—Laura...

—Encontrei com a sua amiga.

Caminhei em sua direção.

—Natasha veio para...

Não contive mais as lágrimas. Estou me reduzindo a nada. Toquei na gola da sua camisa social impecavelmente branca e vi a mancha de batom vermelho.

—O que ela falou para você, porra? Olha, não aconteceu nada, Laura!

Tentou tocar o meu pulso, mas dei alguns passos para trás.

A voz grossa do Gabriel foi ficando cada vez mais distante.

Entrei nessa relação com tudo, aprisionando os meus medos para não me acovardarem. Contudo, não tenho porque continuar lutando sozinha para manter esse relacionamento. Muito menos ficar me desgastando, mais insegura do que sou normalmente.

Seus olhos azuis estão com certo pavor, medo. Ele notou o quanto estou magoada. Não queria suas explicações. Mesmo sem conseguir segurar as lágrimas o encarei decidida ao anunciar:

—Acabou! Você conseguiu estragar tudo.

Quando fez menção de aproximar sua cadeira de rodas estendi a mão em sinal claro para continuar onde estava.

—Laura, nunca seria infiel. Eu amo você, pequena. Sei que venho agindo como um estúpido, mas só estou com medo de tudo que estou sentindo por você, de perceber que não era o que queria.

Ele está sendo sincero. Justo hoje decidiu abrir o jogo.

—Não importa mais! Mostrou que não é homem para mim. E não é pelo fato de ser cadeirante, e sim pelas suas atitudes.

—Escuta...

—Terminamos! Essa é a minha decisão. Você partiu o meu coração, Gabriel. Enquanto eu estava o tempo todo querendo provar para você o quanto te amo, que sua limitação física nunca seria um empecilho...Você decidiu se afastar, dar espaço para a sua ex. — proferi com a voz chorosa.

—Eu sei que errei, Laura.

—Acabamos aqui! —mantive a minha decisão.

Gabriel veio atrás de mim, mas não parei em nenhum momento. Praticamente correndo entrei no elevador. Quando a porta estava fechando fitei seus olhos cheios de lágrimas.

Não pensei que doeria tanto.

CAPÍTULO 22

LAURA

Estou extremamente magoada com o Gabriel. O fator principal da minha decisão foi justamente o espaço demasiado que ele colocou entre nós dois, enquanto eu só alimentava momentos românticos, uma vida em família.

Ele queria me afastar, mostrar que não era o suficiente por estar numa maldita cadeira de rodas e por tantas outras inseguranças que plantou na sua cabeça. Bom, agora teve êxito.

Em nenhum momento acreditei que tivesse me traído. No entanto, ver a mancha de batom vermelho na sua gola alimentou o ciúme, as incertezas e constatou que continuava dando espaço para sua ex amiga de sexo.

Eu o amo. Venho persistindo em nossa relação constantemente, porém tomei a decisão de terminar devido as circunstâncias. Agora irei agarrar minha última tentativa. Espero que ele esteja assustado. Que pense e repense no que realmente quer comigo.

No fim a decisão do nosso futuro estará nas suas mãos.

Agradei ao Agner e entrei na mansão. Quando vi a mesa da sala de refeições do jeitinho que arrumei com a Lola, a vontade de chorar veio latente. Estou me sentindo uma verdadeira idiota.

Abri e fechei os punhos tentada em jogar tudo no chão, extravasar o que estou segurando. Porém, conjecturei que seria melhor ele ver com os próprios olhos o que perdeu, o que fiz pensando no nosso relacionamento.

Além disso, não iria ser uma cadela ao ponto de desperdiçar refeição com tantas pessoas passando necessidades no país, mundo.

Adentrei o quarto trancando a porta em seguida. Fui deixando o salto alto, vestido e o conjunto de lingerie pelo caminho até entrar no banheiro.

Não consegui mais segurar. Acabei chorando de raiva pelo Gabriel ser tão cabeça dura, por desacreditar nas minhas tentativas e palavras, por ter aberto espaço para sua ex se aproximar mais do que deveria. Chorei pelos meus pais, por tudo que estou passando e com medo de uma hora para outra o quadro clínico do meu filho mudar drasticamente.

Juro que não aguentaria. Seria o meu fim.

GABRIEL

Decidi ficar trabalhando até mais tarde. Uma parte minha queria acreditar veementemente que era simplesmente por ser um homem viciado em trabalho, responsável. No entanto, queria mesmo evitar a minha namorada. Conhecendo sua personalidade que tanto me cativa sabia que uma hora iria me confrontar.

E, eu parecendo um adolescente apaixonado iria acabar cedendo. Estou me acovardando com medo de um dia acordar sem a Laura ao meu lado e ver que me deixou, que não suportou minha deficiência.

Aconteceu isso no passado. Minha ex-esposa me largou, não só por eu ter ficado aleijado, mas também por ser o único responsável pela morte do nosso único filho.

Passar por isso de novo possivelmente acabaria com o que restou do meu psicológico. Estou assustado pra cacete. Amo demais a Laura. Tudo nela me chama para voltar a vida e recomeçar desta vez aceitando que sempre irei depender da cadeira de rodas.

A bateria do meu celular acabou. Bufei ao constatar que não havia trazido o carregador e nem o cabo *USB* extra. Não estava sendo um dia fácil. Amanhã será pior ainda.

Amanhã meu filho faria dez anos de idade. É uma data complicada, excruciante. A culpa me consome mais, sou resumido ao inseto mais pequeno que existe. Interrompi a vida do meu filho. Fui um inconsequente.

Escutei batidas leves na porta e autorizei a entrada. Só poderia ser o Balboa. Ao escutar o som de salto alto, ergui a cabeça e exasperei ao ver a Natasha.

Aproximou-se da minha mesa e jogou o documento que estava em suas mãos em cima de algumas pastas arquivos que estão abertas.

—Muito educado da sua parte. —proferi, claramente irônico.

—Assinei o contrato. Merecia muito mais por essa campanha.

—Se está reclamando porque aceitou?

Encostei as costas por completo na coluna da cadeira. Tenho sentido umas pontadas de dor. Odeio admitir isso, mas tenho que regressar as fisioterapias. As coisas tendem a piorar se eu continuar evitando os exercícios acompanhados por profissionais.

—Por que infelizmente a Arkis é uma das maiores empresas de fabricação de automóveis.

—Então se sinta satisfeita por ainda ter esse trabalho.

Espalhou as mãos na madeira abaixando um pouco seu tronco o que exibiu boa parte do decote generoso do vestido. Desviei o olhar para o seu rosto, sem estar afetado.

—Está fazendo tudo isso por causa daquela...

—Veja bem como fala da minha mulher. Quer saber de uma coisa. Está fora da campanha!

Ajeitou sua postura rapidamente me olhando como se quisesse acabar comigo. Talvez, já tivesse feito isso na sua mente.

—Está blefando!

Peguei o contrato e rasguei no meio soltando as duas partes de papel.

—Acredita agora?

—Em nome da amizade que tivemos não faça isso! Ultimamente os trabalhos diminuíram bastante.

—Tenho certeza que logo conseguirá outro, Natasha. Eu errei em ter dado espaço para você que claramente se aproveitou para provocar a minha namorada. Culpa minha. —passei a mão na barba cerrada, evitando ser tão implacável. —Por consideração ao seu trabalho, irei pagar o valor da rescisão.

Ela forçou um sorriso. Está segurando as lágrimas.

Veio até mim, colocou o rosto frente a frente ao meu e sussurrou:

—Espero que aquela garota troque você por outro.

Apertei com força os braços da cadeira, não podia esquecer que Natasha era uma mulher. E então tocou os lábios no meu rosto. Por mais que tivesse virado criando uma distância foi mais rápida.

Quando se afastou notei que sua boca está um pouco borrada com o batom vermelho. Rapidamente tratei de passar a mão na lateral do meu rosto com o intuito de tirar qualquer rastro que tenha ficado. Direcionou-me seu olhar magoado e saiu sem perder sua postura.

Em questão de minutos a porta foi aberta novamente e franzi o cenho ao ver a minha namorada sexy pra caralho. Pela maneira que me olhou e por sua face triste rapidamente deduzi que havia encontrado a Natasha no elevador, ou na recepção e daí ter tirado conclusões precipitadas.

Quando se aproximou e tocou na gola da minha camisa, me senti um canalha. Claro que deve ter ficado o rastro de batom da Natasha na minha camisa. Suas lágrimas foram rolando uma atrás da outra no seu rosto angelical.

Quis tocar nela, mas se afastou. Isso foi um baque.

Falei com toda honestidade que jamais seria infiel. Admiti tudo que vim fazendo para ela com o único motivo de ela se afastar, terminar comigo.

Consegui. Laura terminou comigo.

Foi praticamente correndo para o elevador. Nunca quis tanto ser andante como agora. Teria alcançado e explicaria tudo. Não contive minhas próprias lágrimas ao fixar seu olhar decepcionado.

Era o que eu queria. Consegui fazer a mulher mais incrível que conheci terminar comigo.

Dentro do carro fui pensando nas minhas atitudes. Que porra de homem eu sou? Por que simplesmente passei a me reduzir por ser deficiente? Nunca senti tanta vergonha como agora.

—A Laura saiu de casa sem eu saber. Será que esqueceram da segurança dela?

—Senhor Arkis, sinto muito. Em momento algum fui informado que a senhorita Navarro havia saído.

—Agner está de enfeite?

—Ele se demitiu, senhor.

—Como...?

—Quando vi o carro em frente da Arkis rapidamente fui falar com ele. Agner disse que a senhorita Navarro deixou claro que era funcionário dela. Então ele se demitiu e disse que vai obedecer somente a ela, pois se não ficará doido tentando acatar suas ordens e as ordens dela ao mesmo tempo.

Tive vontade de sorrir. Era uma atitude que esperava da Laura.

—Sinto muito também por não ter avisado que a senhorita Navarro ligou querendo notícias do senhor. Relatou que tinha ligado várias vezes para o senhor e entrou em contato comigo por estar preocupada.

Estou me sentindo muito pior agora.

—Deveria ter me avisado imediatamente. Laura e Romeo são prioridades na minha vida, Balboa.

—Pensei que a reunião com a senhorita Valério era importante. Quando a deixei entrar, afirmou que o senhor havia a convocado.

—Uma mentirosa! Laura chegou em casa?

—Sim, senhor. Pedi para o Agner ao menos informar. Por questão de segurança.

—Mesmo assim irei falar com ele. Darei um bônus a mais.



Senti-me horrível ao ver a mesa da sala de refeições toda posta, as velas acesas, as luzes sem tanta intensidade deixando o local intimista, romântico. Laura havia preparado um jantar para mim, se produziu toda...E ferrei tudo.

Fiquei um bom tempo olhando para a porta do quarto da Laura. Sabia que o melhor seria esperar ela esfriar a cabeça para podemos conversar. Queria pedir perdão pelas atitudes infantis, pelas inseguranças.

E se tivesse coragem iria pedir que ficasse comigo amanhã o dia todo. Que me fizesse esquecer a dor que venho sentindo durante

todos esses anos, mas que são mais fortes e pungentes no aniversário do Gael.

Encostei a palma da mão na porta ao ponto de fechar o punho e quase bater. Entretanto, busquei forças para ir ao meu quarto.

Após tomar banho me aprontei para dormir. Transferi-me para a cama. Estiquei o braço para alcançar a última gaveta da mesa de cabeceira para capturar o suéter do Gael. Tomei os remédios e uma pílula a mais do remédio que me ajuda a dormir.

Deitei-me de lado para aliviar as pontadas nas costas, agarrado ao suéter do meu menino.

LAURA

Forcei um sorriso ao olhar meu reflexo no espelho. Consegui cobrir as olheiras abaixo dos meus olhos. Estou pronta para o trabalho e para a minha nova estratégia.

Em determinado momento durante a madrugada pensei que o Gabriel iria impor sua presença para reverter a situação que nos encontramos. Mas ele não apareceu. Senti uma mistura de alívio e decepção. Contudo, considerando nossas personalidades era melhor não termos conversado.

—Bom dia, Delfina!

Delfina está ao lado da porta aberta da morada. Dois homens usando uniforme entram carregando vários arranjos de flores brancas. Muito lindas.

—Bom dia, menina. Vai trabalhar hoje?

Olhou-me ansiosa.

—Sim. Hoje almoçarei com a Lola.

—Mas...Pensei que fosse ficar com o senhor Arkis. Principalmente hoje...

—Não estamos mais namorando.

Com certeza falhei em ter tentado parecer bem, quando na verdade estou numa melancolia terrível. Proferi:

—Estou indo, Delfina. Tenha um bom dia!



As garotas da presidência pareceram supressas por me verem. Quase o mesmo olhar que Delfina me direcionou quando indagou se: eu iria trabalhar. Agi naturalmente.

O ritmo de trabalho diminuiu bastante comparado aos dias anteriores. Conferi o celular algumas vezes na esperança de ter alguma mensagem ou ligação do Gabriel. Nada.

Tenho que manter em mente que a estratégia de terminar tem tudo para dar certo. Ou não.

No horário do almoço encontrei Lola encostada no carro perto do Agner. Eles estão conversando. Não tinha como não simpatizar com a ruiva.

Optamos por almoçar no *Mcdonalds*. Ignorei meus pensamentos, argumentando que preciso comer besteira alguma vez na minha vida. Pedimos um *Mc Lanche Feliz*. Pedi um para o Agner. Já que não deixaria seu posto de segurança nem no horário do almoço, nada mais correto que o alimentar.

—Estou abismada com você, Laura.

—Espero que o Gabriel caia na real.

—Ele vai! Macho só acorda quando perde. Aprendi isso.

—Eu não estou acreditando que está falando isso. Você corre atrás do Mariano há anos.

—Não mais. —deu de ombros. —Posso achar outro com vinte e dois.

—Vinte e dois? —perguntei, sem entender.

—Vinte dois centímetros.

Continuei a olhando sem entender.

Lola fechou o punho esquerdo, o posicionou na frente da sua boca e começou a movimentar o pulso ao mesmo tempo em que entreabriu os lábios como se tivesse sugando...Oh, misericórdia!

—Entendi, sua maluca!

Ela sorriu, continuando. Segurei sua mão abaixando-a.

—Relaxa, ninguém prestou atenção.

Olhei por cima do ombro e vi um rapaz gordinho olhando fixamente para a Lola, mantendo seu hamburguer próximo da sua boca. Voltei a olhar para a minha amiga.

—Sério, você não tem limites.

—Podemos sair nesse final de semana. Ir numa boate, dançar, encher a cara.

Estava pronta para recusar, embora que seria interessante mostrar para o Gabriel que estou seguindo em frente. A última coisa que preciso é ficar trancafiada no meu quarto, lamentando, remoendo os últimos acontecimentos.

—Aceito.

Tomei um gole do refrigerante e falei:

—Minhas colegas de trabalho pareceram surpresas por me verem na Arkis. —comentei. —Até sua avó olhou estranho para mim quando falei que iria trabalhar.

Como se tivesse lembrado algo importante, Lola tocou no seu relógio digital e revelou:

—Hoje é o aniversário do filho falecido do Gabriel.

Senti-me péssima por não estar com ele. Eu não sabia que o filho dele fazia aniversário hoje. Independentemente de não estarmos mais juntos daria o meu apoio.

Lola me ofereceu um guardanapo de papel quando as lágrimas começaram a pingar em cima das batatas fritas.

—Irei para casa.

A ruiva meneou a cabeça.

—Certo! Depois nos falamos.



Ao entrar na mansão quase não acreditei na quantidade de arranjos de rosas brancas que estão no chão e em cima de alguns móveis.

Joaquina estava descendo as escadas quando me aproximei.

—Como ele está? —indaguei.

Seus olhos estão tristes. Sua áurea alegre não fazia morada nela hoje. E agora sei o motivo.

—O convenci a ir tomar banho. É um dia...Difícil.

—Essas rosas...?

—São de conhecidos, familiares distantes, alguns clientes da Arkis que sabem que hoje é o aniversário do Gael. Mandam por

consideração. Gabriel não suporta. Darei um jeito em todas elas.

—Eu vou ver se ele...Quer conversar um pouco, ou só...

—Faça o que seu coração diz, menina. —fez carinho na minha bochecha.

Entrei no quarto dele sem bater. Larguei minha bolsa em cima da sua cama e caminhei em direção ao extenso banheiro. A porta está entreaberta.

O espiei de costas, sentado na sua cadeira de banho, a cabeça erguida, olhos fechados. Toquei os meus lábios ao notar que está chorando, os ombros largos balançando. Eu sequer posso imaginar sua dor.

Desde que descobri a doença do Romeo vivo em uma roleta-russa com medo do meu anjinho não conseguir vencer essa batalha tão desigual.

Descalcei os pés ao mesmo tempo que meus dedos trabalham nos botões da camisa social. Dane-se se não estamos em um relacionamento estável. Sofremos perdas terríveis, declaramos o nosso amor, nos magoamos e a tendência era nos afogarmos em nossas inseguranças, medos.

Despi-me por completo pronta para me entregar, sentir o amor carnal.

Abri o box sabendo que não poderia fugir do nosso destino. Eu não tinha o perdoadado, não reatamos o namoro. Mas nesse momento mais do que nunca ele precisa de mim, precisa de um alívio. Sentindo a água molhar os meus pés e sendo guiada pela coragem fui para a sua frente.

Gabriel abriu os olhos tristes que logo foram se mesclando a cobiça. O desejo latente está evidente enquanto olha meu corpo nu e moreno. Meu corpo e cabelo estão quase molhados por completos. E então sentei no seu colo, de frente com as pernas cada uma do seu lado.

A água morna continuou me molhando toda. Toquei seu rosto com os dedos, cada detalhe nitidamente gravado na minha memória. Encostei o meu nariz na sua bochecha sentindo a barba molhada. Fechei os olhos apreciando o momento.

Quase gemi quando suas mãos grandes seguraram firme minha bunda, fazendo eu ir para frente e esfregar minha boceta no seu pau.

Passei o nariz no seu pescoço para em seguida passar a língua, beijar demoradamente cada pedacinho da região e morder de leve. Ele me apertou mais, fazendo meus seios colarem no seu peitoral duro.

Nunca fiz nada parecido. Estou demoradamente o apreciando, tocando, beijando o seu rosto, pescoço, clavícula e ombros. Mordi seu queixo quando beliscou o meu mamilo. Não contive mais os gemidos quando pegou o meu peito e abaixou o tronco e cabeça para cair de boca.

É uma sensação tão gostosa.

Desci meus dedos pelo seu abdome e parei ao sentir seu pau. Gabriel parou de mamar no meu mamilo, respirando em haustos. Segurou-me pela nuca e nos olhamos profundamente.

Um verdadeiro frenesi de sensações.

Dominada pela coragem segurei seu pau ereto. Ele está duro e parece não crer nisso, ou que não conseguirá manter por muito tempo. Comecei a masturbá-lo no instante que sua boca tomou a minha num beijo de língua lento, quente.

Sugou os meus lábios sedentos, cheio de paixão. Levei minha boca para a sua orelha, beijando ali, dando mordidinhas. Isso o deixou insano, pois com uma pegada bruta me segurou pelo cabelo para capturar a minha boca em um beijo voraz.

Nunca fui beijada assim antes. Tudo era novo para mim. Único.

Não iria aguentar muito. Queria o sentir dentro de mim.

—Não aguento mais... —ronronei.

Gabriel segurou o meu pulso impedindo a masturbação. Olhou para baixo e fez o mesmo. Tenho que ser sincera. Agora estou um pouco receosa. Faz tempo desde que estive com alguém...E o homem é grande até no pau. Longo, grosso, pelos bem amparados, a cabeça robusta parecendo um cogumelo.

—Pequena, caralho...Laura...

Só então percebi que estava encarando a minha boceta. A vergonha me varreu por eu não estar adequadamente depilada, mas foi a última coisa que passou pela minha cabeça quando decidi entrar no box.

Para a minha surpresa o vi umedecer seu dedo indicador com a própria saliva para em seguida me tocar intimamente. Estou muito excitada. Gememos juntos quando enfiou o dedo na minha boceta.

Mordi o canto dos lábios, fechando os olhos, impulsionando o meu corpo para frente, totalmente arrebatada por sentir seu dedo entrando e saindo de dentro de mim. Gabriel tem perícia, sabe o ritmo, como fazer. Sinto o prazer em cada célula do meu corpo.

Agarrei seus ombros quando começou a massagear o meu clitóris. Beijeí seu pescoço, arranhei suas costas e mordi seu ombro. Estou tão perto de gozar. Encostei minha testa na sua, ansiosa, abalada por tamanhas sensações e sentimentos. Gabriel parecia sentir o mesmo.

Parou de massagear o meu ponto sensível e apertou minha cintura com força. O quero mais que tudo. Ergui-me um pouco, estremei e choringuei ao sentir seu pau entrando lentamente na minha boceta.

Gabriel segurou o lábio entre os dentes olhando para baixo, o assistindo me encher com o seu membro. Espero que ele esteja sentindo tudo que estou. É inexplicável. Agarrou meus montes me ajudando movimentar.

Tudo está gostoso demais. Apesar de ter sentido o desconforto inicial, agora só estou sentindo prazer. Nos beijamos muito e as carícias não param por nenhum segundo.

Comecei a movimentar o meu quadril lentamente querendo prolongar o máximo. O senti derrabar seu gozo quente e denso dentro da minha boceta.

Ainda me beijando levou seu polegar na minha vagina, a melando mais com seu sêmen, me torturando deliciosamente. As palpitações percorrem o meu corpo, principalmente no meu ventre e virilha...E então cheguei ao clímax.

Sentindo o meu corpo relaxando e várias sensações, abracei o Gabriel sendo acolhida dentro dos seus braços fortes com ele

ainda dentro de mim.

CAPÍTULO 23

LAURA

Continuamos abraçados, enquanto o jato de água procede molhando nossos corpos satisfeitos. Queria que pudéssemos ficar assim, juntinhos, sem os problemas martelando nossas mentes complicadas. Seria tudo perfeito.

Espero que agora perceba que é um homem completo. Felizmente sua deficiência não o impossibilitou de fazer sexo. Claro, existia a insegurança permanente na sua cabeça que o deixava mal consigo mesmo. Agora provou que é um homem com toda sua vitalidade.

—É melhor sairmos. Já faz tempo que estamos assim. — murmurei de olhos fechados com a face encostada no seu ombro.

—Estou com receio de ter sido um sonho. Incrível por sinal.

—Não foi.

Descolei o rosto da sua pele e encarei seus olhos azuis que tanto amo. Aquele ar de tristeza não dominava sua áurea por completo.

Gabriel não estar mais dentro de mim, mas o queria mais. Muito mais.

Agora que estou conseguindo pensar direito caiu a ficha de que não usamos camisinha. Fora que não tomo e nem uso nenhum tipo de método contraceptivo. E sobre as doenças sexualmente transmissíveis não pesam tanto nesse momento quanto uma possível gravidez, pois estou limpa e tenho certeza que ele também.

—Está se sentindo mal? —indagou tocando o meu rosto. — Você está pálida.

—Não usamos camisinha.

—Estou limpo, Laura. E tenho certeza que você também.

—Mas isso não me priva de uma gravidez. —sussurrei, tentando não entrar em pânico.

—Não sei se ainda posso ter filhos biológicos. Essa conversa não foi aprofundada com o meu médico. Naquele momento era a

última coisa que eu queria saber.

De qualquer forma existia uma possibilidade. Pensaria no que fazer sobre isso amanhã.

—Vamos terminar o banho. —falei e recebi um selinho nos lábios.

Terminei o meu banho sentindo o olhar do Gabriel sob o meu corpo o tempo inteiro. Não sei o que está acontecendo comigo, mas parece que desabrochou um tesão terrível.

Fui a primeira a sair do box. Busquei sua toalha no aparado, em seguida peguei outra para mim.

Após se enxugar colocou a toalha em cima do seu colo de qualquer jeito e se transferiu para a cadeira de rodas manual. O moreno sem dúvida aderiu essa habilidade devido sua rotina de independência.

Antes de sair do banheiro me direcionou um pequeno sorriso. Retribui sentindo as minhas bochechas esquentarem. Meio irônico, afinal, chegamos a um nível de intimidade que desconsidera timidez.

Coloquei as mãos no balcão da pia —que era um pouco mais baixo do que o normal, obviamente pensando no Gabriel e que tem um encaixe perfeito para sua cadeira de rodas —, fitei meu reflexo tentando dissipar quaisquer incertezas de que havia agido errado em ter feito amor com o moreno em um momento nosso de vulnerabilidade.

Ele não pareceu arrependido. Muito menos eu estou. Senti-me amada, desejada. Sentimentos que conjecturei que conhecia. No entanto, no passado foram experiências pintadas romanticamente por mim. Que resultou em ser magoada, abandonada e grávida.

Com o Gabriel foi intenso, bonito, forte. Estou vivendo algo que nem todos tem a chance de viver: o amor. Em todas as suas formas.

Toquei os dedos na toalha a abaixando um pouco para ver a pele um pouco vermelha e ganhando realces roxos. Desprendi a toalha felpuda do meu corpo para ter noção do quanto o Gabriel me marcou.

Seios com partes vermelhas, as marcas de sua pegada na minha cintura, quadril e bunda. Não acredito que tenha feito de

propósito, pois sei que o arranhei e mordi. Pelo jeito somos dois selvagens.

Decidi pegar outra toalha para enxugar bem o meu cabelo e parar de pensar em sexo.

Juntei meu sapato e roupas do chão antes de sair do banheiro. Gabriel havia acabado de regressar do closet trajando uma calça de moletom verde-escuro. No seu ombro havia uma camisa branca.

—Para você vestir.

Estendeu a camisa na minha direção. Coloquei minhas coisas em cima da cadeira estofada, capturando sua camisa em seguida. Cogitei em ir ao banheiro me trocar, contudo, ele já tinha me visto nua.

Fui em direção a sua cama, de costas tirei a toalha e rapidamente cobri o meu corpo com a sua camisa que ficou enorme. Quando virei em sua direção segurando a toalha úmida com as mãos, fui pega pelos seus olhos fixos em mim. E então ele começou a vir em direção a cama.

Rapidamente fui ao banheiro para colocar a toalha usada no cesto. Ao retornar Gabriel estava deitado na sua cama. Quando trocou de posição o desconforto foi perceptível na sua face.

—Está sentindo dor? —indaguei ao sentar no outro lado da cama, perto dele.

—São umas fisgadas que atingem as minhas costas...Não são nada demais.

Instintivamente coloquei a palma da minha mão na sua testa, depois na curva do seu pescoço. No intuito de constatar sua temperatura corporal.

—Não está com febre. Está sentindo outra coisa além dessa dor?

Ele sorriu pegando minha mão e levando-a aos seus lábios. Beijou todos os meus dedos, respondeu:

—Estou bem. Só preciso descansar. Fica aqui comigo, pequena?

Claro que ficarei.

Apaguei as luzes principais deixando a iluminação natural que atravessa as cortinas brancas da parede de vidro do quarto.

Deitei-me confortavelmente pertinho do Gabriel. Hoje eu sou seu alicerce. Sua cabeça descansou abaixo do meu busto. Comecei a fazer cafuné na sua cabeça, intercalando com carinhos na sua orelha, atrás dela, na sua barba. Aconchegou-se mais ao abraçar a minha cintura.

Querendo saber mais do seu filho, tomei a iniciativa ao indagar:

—Seu filho herdou a cor dos seus olhos?

Diante dos minutos de silêncio que se passaram, pensei que não teria resposta. Ou que seria um sinal claro de que não estava pronto para dividir nada comigo —referente ao Gael. Todavia, fui surpreendida quando a sua voz grossa alcançou os meus ouvidos.

—Sim. —continuei fazendo carinho nele. —Era minha cópia.

—Teria adorado conhecer o seu filho. Tinha algum passeio que havia se tornado tradição entre vocês?

—A fazenda dos meus pais. Desde bebê o levava para nos afastarmos um pouco da cidade. —sua voz saiu entrecortada. —Ele morreu por minha culpa...

—Não tem que falar disso, Gabriel. Estou perguntando sobre seu filho...Por que é uma parte sua, não para o fazer falar de algo que o machuca.

—Quero dividir isso com você.

Beijou minha barriga por cima do tecido da camisa. Proferiu:

—Eu estava em um momento difícil na Arkis. Havia *hackeado* nosso sistema e vazou algumas coisas confidenciais da parte de criação. Acionamos a polícia, advogados e se transformou em um grande processo. Meu casamento não estava em sua melhor fase. Alma, minha ex-esposa, planejava retornar sua carreira como atriz de teatro.

Calou-se por alguns minutos, e prosseguiu:

—Sempre a apoiei. Mas queria que ela esperasse o Gael completar ao menos seis anos. Não confiava em deixá-lo aos cuidados de uma babá tão novinho. Falei até que poderíamos nos reverter, porém Alma disse que sua rotina não permitiria ficar um

período todo com o nosso filho. Aquilo me magoou, fiquei irado. O nosso casamento não era fácil. Ela era muito desconfiada, me controlava ao extremo. Chegou até invadir algumas reuniões de trabalho fazendo escândalo, imaginando coisas onde não tinham. Eu sempre fui fiel, a amava de verdade. Propus terapia de casal. Funcionava por um tempo, depois tudo voltava a ser como antes. Até que ela desistiu de vez de fazermos terapia. Fomos nos desgastando.

Abraçou a minha cintura um pouco mais forte.

—Eu queria continuar lutando pelo meu casamento por que a amava e principalmente pelo Gael. No dia do acidente, fazia dois dias que estávamos na fazenda da minha família. O celular dela estava tocando repetidas vezes dentro do quarto, quando entrei vi que era um número privado. Quando atendi, logo encerraram a ligação. Depois foi subindo notificações de mensagens. Era do agente dela. Fui puxando as mais antigas e constatei que estava sendo traído. Os textos que trocaram eram nítidos. Ao questioná-la...Tentou negar, mas depois explodiu. Jogou na minha cara que a culpa era minha. Fiquei cego, irritado. Decidi que iríamos embora naquele momento. E durante todo o caminho fomos discutindo sem nos importar do Gael atrás, na cadeirinha. Proferimos palavras pesadas um para o outro. Ela chorando, eu cheio de cólera por ter sido traído. Alma começou a desferir tapas em mim e no momento que virei para ela, para dizer que havia destruído de vez nosso casamento...

O som do seu choro me atingiu. Era sentido, doloroso.

—Eu perdi o controle do carro. A pista estava molhada, havia chovido muito naquele dia pela manhã. Foi tudo muito rápido. Quando acordei estava no hospital e contaram tudo que havia acontecido.

—Eu sinto muito... —beije sua cabeça.

—Eu não deveria ter dirigido naquele dia, não naquele estado. Deveria ter me controlado, ter pensado no bem-estar do meu filho..., mas fui tão egoísta ao enxergar só a minha dor...Gael não deveria ter morrido por consequência minha. Roguei tanto a Deus, duvidando

da sua existência por não ter poupado a vida de uma criança...Fiquei no limbo.

O acarinhei sendo seu apoio, testemunhando a dor que tanto sente por ter perdido seu filho. Gabriel chorou, chorou...E continuei firme ao seu lado, apesar de não ter conseguido conter minhas lágrimas.

Acordamos no início da noite. Delfina veio trazer o nosso jantar. A agradei com um pouquinho de vergonha, pois mais cedo havia dito que Gabriel e eu tínhamos terminado. Bom, continua sendo uma verdade, mas estar na cama dele sem estarmos juntos era embaraçoso, caso precisasse explicar.

O acordei beijando seu rosto. Ele sorriu.

—Delfina trouxe o nosso jantar. Quer comer na cama, ou na mesa?

—Aqui mesmo.

Fizemos a refeição tranquilamente. Ele estar mais leve, sem a consternação de antes. Ao terminamos a refeição Gabriel tomou seus remédios, enquanto retirei a bandeja de cima do colchão.

Ao deitarmos novamente, optou em ficar na mesma posição que dormiu agarrado a minha cintura. Ficamos em um silêncio confortante, até que pediu para eu contar da vida que tinha em *El Bolsón* com o Romeo.

Comecei a relatar nos mínimos detalhes. Quando percebi que estava dormindo, prossegui no carinho no seu cabelo sem perceber o momento que cai no sono.



Levantei antes que o Gabriel acordasse. Era um pouco mais de seis e meia. Queria muito ficar ao lado dele, o acordar com beijos, carinhos. Porém, o certo a se fazer no momento era manter a minha decisão.

Com languidez fui para o meu quarto. Estou sem ânimo para me arrumar. Era só eu fechar os olhos para a cena de nós dois fazendo amor invadir os meus pensamentos.

Eu poderia perguntar de uma vez se ele havia caído na realidade, se finalmente entendeu que o amo do jeito que é... E que o único empecilho entre nós era ele. Contudo, estou receosa dele continuar nos sabotando.

Ao sair do quarto o vi perto do elevador de acessibilidade. Ele comandou sua cadeira parando poucos centímetros de onde estou.

—Já está pronta para o trabalho. —estreitou o olhar. —Bom dia, amor.

Deus do céu! Tive vontade de sentar no seu colo, o abraçar forte e beijar sua boca até perder o fôlego. Entretanto, sorri sem graça, não querendo ser muito dura com ele.

—Bom dia! Sim...Estou indo tomar café para poder ir ver o Romeo e depois ir à Arkis.

—Pensei em ficarmos juntos o dia todo. Nós três.

Mordi o cantinho do lábio. Ele estar sendo adorável, sendo o Gabriel que sou perdidamente apaixonada.

—Podemos combinar de fazermos isso no final de semana. Com a autorização do médico, claro.

—Pode ser. Mas me recuso abrir mão de passarmos o dia juntos. Eu sei que agi como um estúpido...

—Gabriel, não voltamos a namorar.

Ele parecia não acreditar no que acabei de falar.

—Pensei que fossemos conversar, nos entender. Principalmente depois de ontem ter passado a tarde e noite comigo. Fizemos amor, pequena. Eu acreditei que...

—Ontem fiquei do seu lado para prestar meu apoio e meu amor. Independentemente de não estarmos mais juntos, ontem foi um dia difícil para você. E por amar você que esqueci do término.

—Laura, me escuta...

—Transamos e foi único para mim. Nunca na vida senti nada parecido. Tivemos um momento só nosso, o escutei, o amei...Mesmo magoada. Não vamos reatar até você ter certeza do que quer. Que em nenhum momento vai querer me afastar por conta da sua deficiência e inseguranças. Podemos passar por isso juntos, se você tiver certeza, Gabriel.

Não esperei por sua resposta. Segui em direção as escadas.

CAPÍTULO 24

LAURA

Enquanto descia os degraus fiquei me torturando psicologicamente devido a minha atitude de minutos atrás com o Gabriel. Espero que não pense que o usei, que nosso momento de entrega não passou de uma experiência para mim.

Foi muito mais que um momento.

De fato, nunca passou pela minha cabeça que nossa primeira vez juntos seria no dia mais difícil de sua vida. Em uma situação em que nos encontrávamos frágeis, magoados. E na entrega, fazendo amor, nos desconectamos dos problemas.

Naquele instante eu só poderia o amar mais e prestar todo meu apoio. Não estou nem um pouco arrependida. Agora tenho mais certeza do que sinto, do quanto somos bons juntos.

O perdoar agora sem antes confirmar que estará disposto a levar o nosso relacionamento a sério, a vencer suas inseguranças quanto a sua deficiência seria colocar tudo a perder novamente.

Quero me sentir segura, ter a absoluta certeza de que quando sentir instabilidade emocional irá falar comigo...E então irei segurar sua mão, beijar o canto da sua boca, olhar nos seus olhos oceânicos e passar toda segurança do mundo. Mostrar que estarei sempre disposta a escutar, estar com ele e caso queira até poderemos fazer terapia.

Tocando no corrimão da escada olhei em direção ao segundo andar. Tenho que me manter firme quanto a minha decisão. Isso é por nós dois. Pelo nosso futuro.

Inspirei e segui para a cozinha.

—Minha menina, estou terminando de preparar o café da manhã. Irão trabalhar?

Indagou dona Joaquina colocando o ovo perfeitamente frito no prato.

—Eu vou. Acredito que o Gabriel passará o dia em casa.

Servi um pouco do suco de laranja no copo.

—Não se entenderam?

—Um pouco...Eu acho.

—Trepavam?

Engasguei-me diante da sua pergunta. Dei umas batidinhas acima do peito para tentar conter a tosse. Coloquei o copo em cima do balcão de mármore e proferi:

—Gabriel, falou de umas...

—Trepavam! Isso é bom!

Sorrindo veio me abraçar.

—Joaquina...Sim, aconteceu.

—Talvez, agora o meu filho entenda de vez que continua com a sua vitalidade. Por mais que ele não tenha me confidenciado, sei que no fundo um dos receios dele era justamente não a satisfazer.

Gabriel me fez resplandecer. Cada parte do meu corpo que suas mãos tocaram, apertaram, marcaram me fez o querer a cada instante. Em cada pedacinho da minha pele que sua boca, língua, dentes passaram me fizeram ferver, me enlouqueceu. Sem dúvida foi o melhor sexo da minha vida até o momento, pois sinceramente espero que ele constantemente quebre seu recorde.

—Ele pensou que tínhamos reatado. Entretanto, estou firme na minha decisão.

Parecendo uma adolescente bateu as palmas das mãos no ar e deu uma voltinha, quase pulando.

—Meu amor, então você deu aquele chazinho de...

—Acredito que sim! —afirmei sentindo as minhas bochechas rubras.

Estou tendo um nível de intimidade com a minha sogra que nunca cogitei ter na vida.

—Você tem que começar a fazer ioga, menina. Tenho dicas ótimas que dá força para os músculos da pélvis. Posso dar uma aula. O que acha?

—É só marcar.

—Perfeito. Será na minha casa.

—Gabriel estava sentindo pontadas de dores nas costas. A expressão facial dele se fechou, acho que devem ser mais fortes do que ele disse para mim.

—Vou ligar agora mesmo para o fisioterapeuta. Gabriel foi muito inconsequente em não querer fazer as fisioterapias. Tem exercícios que só os profissionais entendem.

—Agora estou mais tranquila. E ficarei mais se falar que ficará para ter certeza que o teimoso fará a fisioterapia direitinho.

Ela sorriu.

—Ficarei, menina. Deixei o Gabriel tomar as próprias decisões, pois respeitei sua dor, o luto, sua independência. Agora não vou mais permitir que prejudique sua saúde. Aquele filho da puta vai ver o pior de mim, caso queira se sabotar mais do que já fez.

Ri do seu jeito. Nós nos despedimos com um abraço apertado.

GABRIEL

Minha garota deu um show de maturidade em afirmar ter mantido sua decisão. Presumi que depois de termos feito amor iríamos nos resolver.

Acreditei que após o nosso momento de entrega, de amor puro, à tarde e noite que passou comigo no dia que para mim se resumi a tristeza e saudade do meu filho...Fossemos conversar, colocar todas as cartas na mesa e reatar.

Eu era um homem sexualmente ativo. Tive várias mulheres, experimentei algumas coisas no sexo, participei de outras..., mas nada se comparou o que fizemos.

Foi a minha primeira vez desde que fiquei paraplégico.

Sabia que havia recuperado a minha sensibilidade, apesar de a lesão não ter sido completa. Fiquei impressionado por ter sentido prazer, algumas coisas não eram as mesmas de antes. Mesmo assim pude aproveitar cada momento.

Por alguns instantes senti um pouco de vergonha. Com receio de estar com as pernas mais finas, por medo de repente não conseguir manter a ereção, falhar.

Afastei as inseguranças, não soltei minha mulher por nenhum segundo e me entreguei de corpo e alma como jamais fiz com nenhuma outra mulher.

Conjecturei que tivesse encontrado o amor verdadeiro com a minha ex-esposa. Porém, ao me dar realmente conta de tudo que estou sentindo pela Laura, da forma que transamos...Constatei que pela primeira vez estou sendo apresentado ao amor intenso.

Seria perfeito se hoje passássemos o dia juntos. Iria me abrir totalmente para a Laura, expor minhas inseguranças e assumir — mais uma vez —que agi como um moleque. Nunca mais faria nada parecido.

Tenho que pensar no que farei para reconquistá-la.

Ao sair do elevador de acessibilidade fui direto para a cozinha. Queria que a cadeira motorizada tivesse uma velocidade maior, pois teria dado tempo de sair sem ser visto pela minha mãe, que até então estava de costas, procurando algo na geladeira.

—Bom dia, querido. Preparei nosso café da manhã.

—Bom dia, mãe. Vou comer no escritório.

—Não! Fará companhia para a sua mãe.

—Sério, mãe...

—Juro por Deus que se não vier para a mesa, puxo as suas orelhas e te arrasto.

Pelo jeito dona Joaquina está atacada.

Posicionei minha cadeira no lugar vago para mim na mesa redonda.

—Come bem, filho. Daqui a pouco seu fisioterapeuta está chegando.

Terminei de mastigar lentamente sob seu olhar felino.

Sempre recusei tratamento adequado como forma de me punir. No entanto, agora que quero ser um homem melhor para a minha mulher e um excelente pai para o Romeo preciso seguir à risca cada etapa para ter uma qualidade de vida melhor.

—Obrigado.

Minha mãe ergueu a sobrancelha numa expressão clara de surpresa por eu ter agradecido e aceitado.

—Marquei com o urologista. Infelizmente ele retorna de um congresso só na próxima semana. Mas se preferir posso procurar o segundo melhor.

—Está ótimo, mãe.

—Sentiu prazer, filho?

O pedaço da panqueca de carne desceu rasgando minha garganta. Minha mãe e sua falta de pudor me envergonharam muito durante a adolescência.

Diferente de mim, meu irmão nunca ligou para o fato dos nossos pais serem abertos, falarem desde a nossa pré-adolescência sobre sexo, os riscos de fazermos sexo sem camisinha e que caso a menina ou menino dissesse: não. Imediatamente deveríamos parar e respeitar.

—Não me diz que andou fumando outra erva nova, mãe? — provoquei.

—Cuidado, Gabriel, cuidado! Eu sou a sua mãe, peste. Nunca dei umas chineladas em você, mas ainda posso.

Encarei a dona Joaquina segurando a risada. Amo essa mulher jovial, divertida e mãezona.

—Agora responda. Sentiu prazer?

Averigui a cozinha querendo ter certeza se a Delfina não estaria por perto. Seria mais constrangedor ainda tê-la como plateia.

—Sim, mãe. Foi muito intenso...Gostoso.

—Isso é bom. Caso tenha ejaculado precocemente quero que saiba que é super normal.

—Por favor, mãe! —suspirei.

—O quê? Eu fui às aulas de educação sexual do hospital e do grupo de apoio. Você que deveria ter ido.

Optei em ficar calado. Dona Joaquina tem razão. Prosseguiu falando:

—Você... Soltou urina durante o sexo?

Puta que pariu! Sorvi um longo gole do suco verde.

Sinceramente fiquei aliviado quando constatei que não soltei urina durante a relação sexual com a minha mulher. Não saberia como reagir, ou como ela iria lidar com a situação. Eu teria que me adaptar a minha realidade de uma vez por todas.

—Não. Agora podemos mudar de assunto?

—Que maravilha, meu bem. Não! —animada, e totalmente à vontade comentou: —Se tivesse acontecido, não teria problema. É comum acontecer. Fico feliz que tenha ocorrido tudo bem com você.

Aliás, antes do sexo pode passar a sonda caso queira se sentir mais seguro.

—Deus me livre usar aquele treco de novo.

Lembrei-me que minha mãe fazia o cateterismo. Era vergonhoso depender dela para algo tão simples. Depois de errar várias vezes, xingar, ficar com raiva, aprendi a colocar sonda.

—Foi só uma ideia.

—Eu sei, mãe. Não quis ser rude.

—Laura aceitou ir ao grupo de apoio comigo. Deveria começar a frequentar.

—Não acredito que fez isso, mãe! Não quero que ela se sinta pressionada a nada.

—Ela pareceu bem interessada. Quando a pessoa não tem egoísmo sente a necessidade de participar da vida do parceiro. Amor de verdade é assim.

Novamente minha mãe expressou sua sabedoria.

LAURA

Assim que entrei no carro pedi para o Agner parar em alguma farmácia perto da empresa. Não tinha certeza do que faria, mas não tenho muito tempo para pensar.

Eu sei que foi falta de responsabilidade transar sem usar camisinha. Na primeira vez que fiz isso tive como resultado o Romeo. No entanto, naquela época estava enfeitiçada com os meus sonhos românticos e adolescentes por um homem mais velho que soube se aproveitar bem dos meus sentimentos.

Fiz amor com o Gabriel sem reservas. Obviamente não pensei nas consequências. O queria naquele momento e aconteceu.

—Não precisa ficar perto, Agner.

—Senhorita, mesmo trabalhando para a senhora caso aconteça alguma coisa não estou livre das mãos do senhor Arkis do meu pescoço. —falou sério.

Se não estivesse nessa situação iria rir.

—Então fique próximo a porta.

—Tudo bem.

Ao me aproximar do balcão de vidro uma garota de cabelos coloridos se abeirou. No crachá li o nome: Liz Pascal. É farmacêutica. Por algum motivo fiquei mais à vontade por ser uma mulher a me atender.

—Como posso ajudá-la?

Olhei para os lados me sentindo envergonhada. Têm outros clientes sendo atendidos. Murmurei:

—Preciso da melhor pílula do dia seguinte.

—Só um minuto.

Deus do céu! Porque parece que estou prestes a cometer um crime?

—Esses são os dois melhores da indústria.

Expôs duas caixinhas do remédio.

—Basta apenas eu tomar que estará garantido?

—O correto é tomar o mais próximo possível da relação sexual desprotegida. Esse é dose única. —tocou com a ponta da unha azul-escuro para caixinha branca com listra amarela. —Esse são dois comprimidos. —apontou para a outra caixa do medicamento. —Após tomar um, tome o outro em doze horas. Ou pode tomar os dois juntos para evitar esquecer.

A encarei sem conseguir disfarçar minha expressão tensa.

—Essa pílula é abortiva?

—Não. Muitos pensam que sim. Esse medicamento é para bloquear a ovulação. Ou seja, o espermatozoide tem mais dificuldade para se movimentar e alcançar o óvulo. Então, não chega a existir a formação de um embrião.

—Obrigada por esclarecer minhas dúvidas. Irei levar o de dose única.

Durante o caminho dentro do automóvel fiquei encarando a caixa do medicamento. Havia comprado uma garrafa de água, cogitando que assim que entrasse no carro iria tomar a pílula. Porém, não fiz.

O correto a se fazer seria introduzir o Gabriel nessa decisão. Eu me joguei no seu colo, o desejei, mas ele correspondeu com afinco. Nós dois temos responsabilidade nisso.

Por outro lado, o corpo é meu, então a decisão maior é minha. Sinceramente ter um filho do homem que estou apaixonada seria mais uma realização pessoal. Posso estar parecendo uma lunática, mas só consigo imaginar Gabriel, Romeo e nossos outros filhos no futuro.

Todavia, preciso ser realista. Não estamos em um relacionamento, ele ainda não mostrou o que realmente quer. Fora que Romeo precisa de toda minha atenção.

Coloquei a mão em cima do meu coração considerando outra possibilidade. Até o momento Romeo não precisou de transplante de medula óssea —e Deus queira que não precise, que continue correspondendo o tratamento menos invasivo. —, mas e se de repente o quadro clínico do meu filho tiver uma alteração drástica?

Seu meio-irmão seria o seu doador. Entretanto, não seria muito correto pensar em ter um filho para salvar o meu primogênito— caso seja necessário a doação de medula.

Eu não sei...o que devo fazer.

JOAQUINA ARKIS

Estou tomando chá gelado e assistindo o Gabriel fazendo a fisioterapia. Omar Sanches é um dos melhores da área. Ele atende a domicílio somente pacientes exclusivos. Omar agora se dedica mais a carreira de professor universitário. Após fazer o doutorado elevou muito seu patamar.

Agora mais do que nunca ficarei no pé do meu caçula. Sei que ele vem se punindo desde o acidente que tirou a vida do seu único filho. E até então meu único neto —agora o destino me trouxe um que amo demais. Romeo ganhou nossos corações.

Tenhoorado bastante para o pequeno vencer aquela doença terrível. Quero ser a avó descolada, quero viajar com ele, participar de eventos de avós e netos da igreja. Nem posso imaginar o quão doloroso seria perder um segundo neto.

—Minha nossa senhora! Que homem. —sorri ao escutar a voz da Lola.

Além do Omar ser um grande estudioso e excelente profissional, tem beleza para dar e vender. É um homem preto,

majestoso, educado, sorriso maroto e muito alto. Chama atenção de longe.

—É lindo mesmo.

—Nem guindaste.

Acabamos rindo.

—Agora eles estão na fase aguda. Tenho vontade de entrar lá e interromper, pois, a expressão facial do Gabriel entrega o quanto está doendo.

—Estou feliz pelo Gabriel finalmente ter se dado conta do quanto é importante prosseguir com o tratamento fisioterapêutico. Laura e Romeo fizeram um milagre.

—Eles trouxeram amor para todos nós. Somos uma família. E meu filho seria muito burro se os deixasse escapar.

—Mais burro que o Mariano só a senhora fazendo outro para sabermos.

Segurei a risada.

Lola era minha versão mais jovem. O que nos diferenciava é que sempre fui muito decidida e madura, mesmo na adolescência. Meu marido melhor do que ninguém sabe disso.

Santos Arkis me esnobou na época da faculdade. Estava no seu último ano da graduação e segundo ele preferia se relacionar apenas com mulheres mais velhas. Ele disse que assim não teria drama desnecessário para sua vida.

Fiquei com o coração despedaçado, mas segui em frente. Mostrei para ele que não era uma garota somente para transar. Comecei a ignorá-lo.

Divertia-me com meus amigos, sempre estava bonita, de alto astral. Quando enviava mensagem ou ligava, não obtinha resposta minha.

A pior coisa que tem é nos aprisionarmos em uma relação tóxica, dar poder para o homem nos usar, nos ter quando e onde quiser sem nos impor. Temos que mostrar que nosso mundo não gira em torno do pau deles.

Nós mulheres merecemos ser bem tratadas.

Se for somente uma noite de sexo, não merecemos menos que uma foda incrível, carinho e respeito. E não servirmos de banco

para se aliviarem.

Santos sempre foi um homem muito bonito, inteligente e frio. Sua família, assim como a minha, não era uma das melhores. Isso resultou em um homem desconfiado, que pensava que mulher nenhuma merecia estar ao seu lado.

Não fiquei correndo atrás dele igual uma cadelinha. Pelo contrário. Deixei claro que não era o único homem da face da terra. E assim ele entendeu o recado.

—Ele terminou com o namorado. Na verdade, nem sei se realmente eram namorados. Acabou que cancelou o jantar que faria para nos conhecermos.

—Agora ele está saindo com uma riquinha. Sem querer eu vi num site de fofocas ambos saindo de mãos dadas de um *pub* chique.

—Continue seguindo sua vida, Lola. Não espere o meu primogênito enxergar o que sempre esteve na ponta do nariz dele.

—Estou fazendo isso. Tive um sinal da diva *Dua Lipa*.

—*Dua Lipa*? Gosto das músicas dela.

—Eu estava dentro do Uber pensando em tudo que vinha fazendo para o Mariano me enxergar como mulher...E de repente a música *New Rules* começou a tocar.

—Esse foi o sinal?

—Deus deve ter colocado a música para tocar naquele momento para abrir os meus olhos. Obrigada, *Senhor*!

Olhou para o céu erguendo as mãos para o alto. Foi inevitável não sorrir.

Fomos andando em direção à cozinha.

—Convidei a Laura para irmos a uma boate nesse final de semana.

—Eu tenho uma ideia melhor.

—Amo as suas ideias.

—Sairemos hoje. Duas amigas minhas irão sair para dançar. Em comemoração ao divórcio de uma. Vocês vêm comigo!

—Vamos ter de ficar assistindo sua amiga chorar e encher a cara?

—Não, boba! Ela está feliz. Levou mais da metade do dinheiro do ex-marido traidor.

—Agora gostei.

—Irei ligar para o meu *stylist* providenciar dois vestidos maravilhosos para usarem hoje à noite.

—Acho chique. —sorriu animada. —la esperar a fisioterapia do Gabriel terminar para me apresentar para o negão delícia, mas irei a Arkis chamar a Laura para almoçar e dizer que temos um compromisso à noite.

Antes de sair beijou minha bochecha.

GABRIEL

Minha mãe acompanhou boa parte da fisioterapia assistindo da área externa. As fsgadas de dor nas costas diminuíram levemente. Omar aconselhou eu ir ao médico, pois essas agulhadas desconfortantes poderiam indicar qualquer coisa.

No escritório não consegui trabalhar. Meus pensamentos estão voltados para a Laura. Agora tenho que fazê-la confiar e acreditar que não seria mais inconstante.

—Dona Joaquina já me contou as novidades.

Zenon adentrou meu escritório sorrindo e segurando um envelope.

—Pois é! Esses são os documentos que estavam no cofre do meu padrinho na Suíça?

—Não. Meu pai ainda não retornou de viagem. Está resolvendo um assunto de outro cliente. Como conhece bem seu Calixto, ele é desconfiado com a própria sombra. Não confia em ninguém para trazer os documentos. Se tudo der certo, regressa na próxima semana.

—Certo. Precisamos desses documentos. Temos que estar preparados.

—Pedi para um investigador de confiança fazer um dossiê sobre a vida dos Navarro. Temos que estar um passo à frente.

—Muito bem pensado.

—Isso é o registro do Romeo. O rapazinho é oficialmente seu filho. Sei que havia dito que iria conversar primeiro com a sua namorada, mas tomei a liberdade de adiantar isso com o nosso contato no cartório.

Tirei o registro de dentro do envelope com um sorriso singelo. Espero que Laura goste de saber que agora Romeo é oficialmente nosso.



Solicitei a Delfina que preparasse a mesa na sacada do meu quarto da forma mais romântica possível. Claro, não seria o suficiente para ser perdoado, mas deveria começar de algum jeito.

Após ficar trocando várias camisas a fim de encontrar uma que ficasse melhor no meu corpo desci para o hall de entrada pelo elevador. Aguardarei a minha mulher.

Delfina estar descendo as escadas e ergueu a sobrancelha ao me ver. Retornei a fitar a porta.

—Senhor, precisa de algo?

—Não. Estou esperando a Laura chegar.

—Tem mais de meia hora que a menina chegou.

—O que? Mas ela sempre chega às sete horas.

Deu de ombros.

Bufei com receio que ela tenha se trancado no quarto com o intuito de me evitar. Mereço isso, sem dúvida.

Estava prestes a me direcionar ao elevador quando senti a sua presença. Olhei para o topo da escada e lá estar a morena produzida para a noite. Não me olhou. Está atenta nos seus passos nos degraus.

A cada passo que dá percebi que o vestido *rose-gold* é curto, consequentemente exibindo muito das suas pernas torneadas e morenas.

O corte do decote não mostra muito, mas aposto que se dançar ou abaixar qualquer um iria ver os mamilos de biquinhos rosados que chupei, lambi e mordi demasiadamente.

—Laura...Onde você vai? —indaguei com a garganta seca.

Acho que não estou muito bem.

—Sair com a Lola.

Jesus Cristo! Agora o meu desespero ficou nítido.

—Vocês vão...?

—Boate. Nunca estive em uma. Será uma experiência memorável.

Se estivéssemos juntos iria junto mesmo não curtindo. Faria isso por ela. O pior é que agora nem a acompanhar posso. Mesmo sabendo que não poderia dançar, me divertir como fazia antes quando era andante...Estaria perto dela, cuidando, evitando que algum marmanjo bêbado a tocasse.

Sei que ela pode se defender. Mas não tem nada mais prazeroso para um homem de que cuidar da sua mulher.

—Eu tenho uma surpresa para você. Queria conversar, antes de lhe entregar o presente.

Mordeu o cantinho do lábio carnudo e mexeu o nariz pequeno de um jeitinho que sei que é um hábito seu.

—Preciso conversar com você sobre uma coisa também. Vamos deixar para amanhã.

—Ou hoje! Espero você chegar.

—Chegarei de um jeito que com certeza irei direto dormir. É mais viável conversarmos amanhã.

E saiu andando. Acompanhei o movimento do seu quadril.

Chamei o Balboa para perguntar se Agner estaria com a Laura. Após confirmar o dispensei. Estou inquieto desde a sua saída. Delfina após recolher tudo que preparou na sacada da minha suíte foi para a sua casa. Continuei angustiado, bravo.

—Gabriel! —vociferou o meu irmão ao entrar no meu escritório. —Você sabia que a sua namorada está numa boate?

Desviei minha atenção da tela do notebook.

—Sim.

—Ela está na companhia da Lola.

—Eu sei.

—E está tranquilo?

—Agner está com elas.

—E sabe quem mais?

—Quem?

—Nossa mãe!

Agora estou mais preocupado.

—Laura e eu não estamos mais namorando...

—O papai está tranquilo, pois está no seu jogo de basquete mais os amigos. O problema é que a Laura e Lola são muito meninas, e... Vamos lá, porra!

Sei que era só uma desculpa dele. Possivelmente estar se mordendo de ciúmes da ruiva. E agora que ela não o procura mais, seu humor é infernal.

Fora que nossa mãe é espírito livre. Não se importaria das meninas saírem acompanhadas tendo a certeza de que estão em boas companhias. Céus!

—Você dirige. —falei.



A fila da boate estar quase alcançando a esquina. Era bem conhecida, frequentei poucas vezes com o meu irmão e melhor amigo. Mas nunca viemos em dia de semana.

—Putaquepariu! Estacionaram na vaga de deficiente físico.

—Não tem outra aqui por perto. —afirmei.

—Você desce aqui e me espera.

Meu irmão ligou o pisca-alerta do automóvel e foi buscar minha cadeira de rodas. Com agilidade a posicionou no asfalto e fez minha transferência. Subi pela rampa de acessibilidade para a calçada.

—Podem dá licença?

Pedi para um trio de garotos que estão sentados na rampa que leva para a entrada da boate. Eles parecem bem embriagados.

—Por que faríamos isso? —um deles falou rudemente, me olhando com escárnio.

Dois deles levantaram e um empurrou seu ombro, falando:

—Cara, deixa ele passar.

—Só irei me levantar quando o nosso *fast food* chegar! Se quiser passa por cima.

—Passaria se desse. Agora levanta essa bunda daí e me deixa passar, caralho!

Pelo seu olhar de raiva vi que viria para cima. Iria me defender como pudesse. Quando quis me acertar com um soco, meu irmão

apareceu segurando o seu braço o virando sentido anti-horário.

—Meu braço, porra! Vai quebrar!

—Pede desculpas do meu irmão, moleque!

—Não precisa disso, Mariano. Só quero passar.

—Precisa sim! Nunca vou deixar ninguém de tratar assim!

Bora, filho da puta!

Gemendo de dor e com lágrimas escapando o garoto quase gritou o pedido de desculpas. Chamamos atenção, mas ninguém se intrometeu. Meu irmão o empurrou para o lado e finalmente pude comandar a cadeira a diante.

Agora temos outro problema. O segurança barbudo.

—A área vip está lotada, senhor! Não posso deixá-lo entrar, pois embaixo não temos banheiro próprio para o senhor e nem espaço adequado.

—Viemos apenas buscar três pessoas. Não irei usar o banheiro. Agora libera a minha entrada.

—Senhor, tenho ordens...

—Eu me resolvo com quem seja o dono desse lugar. Agora deixa eu entrar!

—Não posso...

—Farei um escândalo dizendo que não me deixou entrar por ser cadeirante.

—Estou pronto para filmar. —proferiu meu irmão segurando seu celular. —Vai viralizar rapidinho.

O segurança bufou e permitiu minha entrada.

A sorte estar tanto do meu lado que uma mulher se desequilibrou e derrubou a bebida do seu copo em cima de mim. Meu irmão a ajudou se levantar, logo apareceu uma outra mulher falando que era amiga dela e, a levou.

—Avistou elas? —perguntei, puto da vida.

—Não.

Por estar sentado não consigo ter uma visão ampla. Ignorei alguns olhares curiosos. Parecia que era anormal um paraplégico vir a uma boate. Continuei procurando a Laura com os olhos de um falcão.

E então a vi. Ela está dançando e sorrindo com a Lola. Por alguns instantes sorri por vê-la mexendo o quadril, os braços, o cabelo e rebolar. Era uma mulher jovem, cheia de vida, louca para conhecer o mundo que tanto seus pais a privaram por questão de segurança.

Laura é vida. É a minha vida.

Parecia errado ter vindo aqui. Mas eu não briguei com um cara na entrada para entrar e nem derrubaram bebida à toa em cima da mim para chegar aqui e desistir.

Sem me importar comande a cadeira até a multidão. Ela me viu e parecia não acreditar que estava me vendo a poucos metros de distância. E então se virou de costas dançando, me ignorando. A ruiva se afastou da amiga entrando entre o mar de pessoas.

Continuamos ligados a teia de sedução.

Nem por um caralho irei perder a minha mulher.

Já errei o suficiente. Aprendi a lição, mas a minha paciência é curta. Não tenho controle o suficiente para a ver se afastar de mim, ignorar, mostrar que está seguindo em frente.

Não me importe de estar atrapalhando as pessoas dançarem e de algumas estarem esbarando na cadeira. Irei chegar até a Laura.

Finalmente parei pertinho dela. Quando ficou de frente parou de dançar me olhando com seu olhar marcante. Peguei na sua mão. E ela abaixou o tronco para ficar com o rosto quase colado ao meu.

—Se não veio atrás de mim para dizer que sente muito por tudo, que nunca mais vai agir como um babaca e vai se dedicar tanto quanto eu para o nosso relacionamento dar certo...É melhor voltar para casa.

Sussurrou no meu ouvido, tocando os lábios no lóbulo da minha orelha. Arrepiei-me todo.

Agarrei sua cintura a puxando para o meu colo com um pouco de força. Segurei-a pela nuca encarando seus olhos, querendo que note o quão apaixonado eu sou por ela.

Laura coube tão direitinho dentro do meu coração que não tenho palavras o suficiente para descrever tudo que essa menina trouxe para a minha vida.

Passei os meus lábios por cima da sua boca carnuda, a mantendo firme pela nuca, proferi no seu ouvido:

—Sinto do fundo do meu coração por ter magoado você, meu amor. Estou pronto para ser o homem que precisa, que vai te amar, apoiar, estar com você em todos os momentos.

Ao olhar nos seus olhos castanho-escuros os vi emocionados.

—Não brinca comigo, Gabriel...

—Estou falando sério, pequena.

E então a beijei sofregamente, me deliciando com os seus lábios macios e cheios, misturando seu sabor com o meu. Suas mãos vieram para baixo da minha clavícula. Desci minha outra mão para a lateral da sua coxa, apertando com força, sentindo o tesão crescer desfreado.

—Vamos para casa?

Falei assim que paramos de nos beijar lentamente.

—Vamos ficar mais um pouco. —pediu, manhosa.

—Então ficarei a admirando de longe enquanto dança.

—Não. —jogou os braços envolta dos meus ombros. —Iremos ficar aqui curtindo a música, nos beijando, aproveitando.

—Laura, não tem que ficar comigo. Dance, se divirta que olho você.

—Nós vamos nos divertir juntos. Vamos abusar da nossa imaginação.

—É mesmo?

—Sim, meu amor. Fecharemos os olhos e vamos imaginar nos dois dançando agarradinhos, você tocando onde quiser...

—Laura...

—Feche os olhos. —contrariado fiz o que pediu. —Agora imagine nos dois dançando... —parou de falar, distribuindo beijos molhados no meu pescoço, atrás da minha orelha.

Segui o conselho da Laura. Minha imaginação fez o impossível acontecer.

CAPÍTULO 25

LAURA

*Quando o silêncio não é quieto
E parece que está ficando difícil de respirar
E eu sei que você sente como se estivesse morrendo
Mas eu prometo que vou levar o mundo a seus pés
E mover montanhas
Nós vamos sair disso
E mover montanhas
Música Rise Up – Andra Day*

Eu não esperava que o Gabriel viesse atrás de mim. Sinceramente queria muito, pois isso iria demonstrar o quanto se importa, o quanto ficou mexido por ter saído para me divertir sendo que fazia pouquíssimo tempo que havia terminado nosso relacionamento.

Segui os meus instintos e os conselhos da dona Joaquina. E deu certo.

A música anima as pessoas na pista de dança. E eu continuo sentada no colo do Gabriel com a sua mão apertando a minha cintura e, a outra firme na minha coxa exposta.

Continuei acariciando seu rosto másculo, distribuindo beijinhos, cheirando seu pescoço, mimoseando a região atrás da sua orelha, dando mordidinhas no seu lóbulo —percebi que esses pequenos carinhos, o deixa afoito, sedento.

Permiti que minha imaginação fluísse. De repente nos vi na pista de dança, suados, suas mãos inquietas no meu corpo, minhas costas coladas no seu peitoral duro. Nós dois presos em uma dança sensual, sem nos importar com mais nada. Somente nós dois.

Estou conhecendo o amor sublime, diferente de tudo que cogitei um dia ter conhecido no passado.

Quero conhecer o mundo, viver aventuras, sair para lugares diversificados. Mas almejo fazer tudo isso tendo o Gabriel como meu parceiro.

Sou conhecedora que um dos seus maiores receios em relação ao nosso relacionamento, além da diferença de idade. É a questão de sua deficiência não dar liberdade para o que ele acredita que eu preciso.

O amo do jeitinho que é.

E para tudo tem um jeito. Só o fato de estarmos juntos aplaca quaisquer dúvidas.

GABRIEL

Estou emocionado com o cuidado e consideração que Laura estar tendo comigo. Nunca senti isso antes. Ela me ama do jeito que sou. Minha deficiência aos seus olhos é apenas um detalhe. Não a incomoda. Tenho que confiar nesse amor para conseguir me libertar das inseguranças.

A morena saiu do meu colo. Notei que seu vestido subiu mais do que deveria, não consegui controlar meus dedos. Quando vi estavam puxando o tecido para baixo.

Ela sorriu com uma carinha sapeca. É um mulherão da porra com rosto de menina.

Abaixou para selar nossos lábios em um selinho longo. Logo, saímos da pista de dança.

As pessoas tiveram educação em me dar espaço. Fomos para um canto da boate, longe da movimentação e agitação.

—Lola estava dançando comigo. Sumiu do nada!

Tenho quase certeza que meu irmão deu um jeito de encontrar a Lola. Agora saber o que estão fazendo era outra coisa. Além disso, a ruiva não é nada fácil.

—Mariano veio comigo. Deve ter ido procurá-la. —falei, a fim de não a deixar preocupada.

—Espero.

Continuou olhando para a pista de dança a fim de encontrar a amiga. Um ou outro cara ousava olhar para a minha mulher descaradamente. Meu olhar feio e áspero servia para desmotivar quaisquer chances que tinham de se aproximarem.

Estou com muita vontade de puxar a Laura para sentar no meu colo. No entanto, não seria certo agir como um homem das

cavernas. Se bem que se for por uma boa causa, não veria problema...

—Ele também pode ter ido atrás da minha mãe.

Minha menina me encarou com uma expressão de surpresa.

—Sua mãe parece muito bem...Perto do DJ.

Em câmera lenta olhei em direção ao palco. Estou acostumado passar vergonha com a minha mãe desde que eu me entendo por gente. Não seria diferente na fase adulta.

O DJ, um jovem tatuado e loiro, parece estar gostando de tê-la ao seu lado. O som eletrônico deixou de preencher nossos ouvidos para dar lugar a músicas dos anos oitenta. Bem a cara da dona Joaquina. O público parece aprovar, pois continuam se divertindo freneticamente.

Joaquina dança, sorrir e se arrisca a tocar um pouco no equipamento profissional. Poderia ser pior. Nada supera o que ela fez o Mariano e eu passarmos nas apresentações de mães e filhos do colegial. Santo Deus!

—Acho que devo alertar você sobre o tipo de avó que minha mãe é.

A morena de olhos expressivos me olhou sem entender. Revelei:

—Quando o Romeo quiser praticar esportes radicais provavelmente dona Joaquina será sua parceira e maior incentivadora.

Laura riu, creio eu, acreditando ser uma brincadeira. Quase ri quando arregalou os olhos se dando conta de que não foi nenhuma gracinha da minha parte.

—Jesus!

—Foi assim comigo e com o meu irmão.

—Estou hiperventilado.

Puxei-a para o meu colo. Beijeí sua bochecha demoradamente.

—Vamos para casa? —indaguei, inalando o cheiro de seu cabelo macio e sedoso.

—Quero ter certeza que a Lola e sua mãe ficarão bem.

—Se duvidar as duas sabem se cuidar melhor do que nós. Mariano com certeza ficará com elas.

Laura ponderou, por fim acabou concordando comigo.

Adoro o cuidado que ela tem com sua amiga doidinha e minha mãe. Beije o canto da sua boca, sorrindo.



Agradei o Agner, após posicionar a cadeira de rodas do jeito que consigo me transferir sem precisar de ajuda. Pedi para ele regressar a boate e ficar à disposição da minha mãe. Ele tentou negar o bônus que daria, contudo, o convenci. Afinal, agora é funcionário da minha mulher.

—Onde pensa que vai? —indaguei, parecendo um garotinho manhoso.

—Para o meu quarto...

—Não seja muito dura comigo, pequena. Durma comigo?

Sorriu docemente.

—Eu irei. Mas prefiro tomar um banho rapidinho no meu quarto.

—Pode tomar comigo?

Mordendo o cantinho do lábio, sibilou:

—Vamos deixar para amanhã.

Estou sentindo que ela está aprontando. Porém, não sou eu que irá destruir os seus planos.

Na cama —de banho tomado —tomei meus remédios seguido de um grande gole de água. A fisioterapia realmente fez cessar a intensidade das dores nas costas. Mesmo assim iria ao médico para investigarem. Agora mais do que nunca quero ter a melhor qualidade de vida possível.

Afastei as costas dos travesseiros para capturar meu celular na mesa de cabeceira, contudo, recuei quando vi a Laura se aproximando. Ela está usando um robe que tem o único objetivo de mexer com a minha libido. É praticamente transparente da cintura para cima exibindo seus mamilos durinhos.

Ela segurou no dossel de madeira apoiando a perna no colchão. Seus longos cabelos estão úmidos. Não tem nada mais lindo que uma mulher natural, sem maquiagem, exibindo sua feminidade.

—Melhorou das dores das costas?

Desviei a atenção dos seus peitinhos maravilhosos para encarar sua face e responder:

—Sim.

Seus dedos foram para a tira do tecido preto acetinado.

—Quero muito tentar algo novo...Para mim.

Meus dedos estão apertando o lençol que cobre o colchão. Limpei a garganta, indagando:

—O que seria?

Depois de alguns minutos, respondeu após suspirar:

—Chupar você.

Quase perdi o fôlego. Não consegui dizer nada. Principalmente quando desfez o laço do robe indecente exibindo seu corpo nu.

Por muito pouco não babei no seu corpinho cheio de curvas, a cor morena, os mamilos que cabem direitinho dentro das minhas mãos; a bocetinha com poucos pelos, gordinha, pequena.

Em nosso momento de entrega no banheiro, a última coisa que fiz foi reparar detalhadamente no seu belo corpo. Tinha noção do que suas roupas escondiam. E puta que pariu! Nunca irei me acostumar com a sua beleza.

Laura subiu na cama e veio para cima de mim igual uma gatinha. Agarrei sua cintura, fazendo colar o corpo nu e cheiroso no meu peitoral. Meu pau vibrou quando sua bocetinha encostou descaradamente no meu abdome.

Beijei-a cheio de desejo, paixão. Sorvi sua língua, viciado no seu gosto. E mal posso esperar para ter seu mel na minha boca. A safada rebolou, empurrando sua bunda para trás, torturando o meu pau ganancioso.

—Não faz assim, pequena.

—Eu quero assim...

Aquiesceu quando sentiu meu dedo encontrando sua bocetinha apertada. Gemi fascinado por ela estar molhada, ambiciosa. Melei seu clitóris com sua própria lubrificação, começando a massagear lentamente. Laura começou a empurrar contra o meu dedo, movimentando o quadril, arrastando a bunda no meu pau dolorido.

—Não quero gozar agora.... Gabriel.

—Quero dar prazer para você, amor.

—Hoje será primeiro você.

—Laura...Caralho.

—Depois pode me comer do jeitinho que quiser.

Fiquei mais duro do que poderia imaginar.

Que mulher é essa?

Laura passou a ponta da língua na minha boca, e começou a beijar meu pescoço. Antes de eu ficar parapléxico não me importava tanto com carinho nas zonas erógenas. Desde que fiz amor com a Laura notei o quanto fiquei sensível nessas regiões do corpo, o quanto me causam prazer.

Depois de ter explorado bastante meu pescoço, desceu para o peitoral. Fechei os olhos urrando, quando lambeu e mordiscou o meu peito. Foi descendo com as carícias, finalizando abaixo do meu umbigo.

Ergueu sua coluna com uma mão de cala lado da cintura da calça de moletom. Apoiando as mãos no colchão solevei para que pudesse puxar o meu pijama. Jogou-o no chão e veio se aproximando, plantando beijos nas minhas pernas, joelhos, coxas.

Era como pequenas borboletas pousando em uma pétala de uma flor. Sentia quase nada. No entanto, minha memória não permitia que eu perdesse o desejo, me ajudava a lembrar da sensação de sentir ser tocado nessas partes quando era andante.

Fiz o possível para não deixar a insegurança dominar o momento que estou vivendo. Ainda não me sentia cem por cento confortável com a aparência das minhas pernas, as cicatrizes. Laura beijou todas, sem exceção.

Pela primeira vez estou me sentindo amado de verdade.

Meu pau estar quase passando do umbigo. Olhando nos meus olhos, a pequena safada beijou a cabeça robusta, melando seus lábios com o meu fluído natural.

E então puxei o lençol com mais força quando abaixou a cabeça o aquecendo com sua boquinha carnuda. Que visão do caralho. Comecei a respirar em haustos assistindo minha mulher engolir meu membro rente, enquanto sua mãozinha a ajuda.

Seus olhos de ônix estão lagrimando devido ao seu esforço, dedicação.

—Que gostoso...Chupa, morena! Com força...Isso.

Sua boca fazia o sonzinho erótico a cada vez que tentava o engolir mais.

—Vou gozar, pequena...Não tem que...

Laura massageou os meus testículos, sem tirar o meu pau da sua boca cobiçosa. Que boquete maravilhoso. E então gozei, sentindo meus músculos estremecerem violentamente.

Queria ter conseguido me segurar. Mas eu estou muito sensível. Acabei gozando antes do tempo.

Como se não pudesse me desarmar mais, a morena engoliu meu gozo. Ao afastar sua boca do meu membro, passou o dedo indicador no cantinho dos seus lábios levando o que escapou do meu sêmen para dentro da sua boca. Sem pudor.

Eu acho que vou morrer.

LOLA VENEGAS

Uma das melhores coisas que fiz foi ter deixado a minha pequena cidade natal. Meus pais não ficaram contentes, mas entenderam que em Buenos Aires teria mais chances de entrar na universidade, conseguir independência.

Minha avó amou e odiou. Dona Delfina desde que me pegou no colo desconfiou que eu não seria uma mocinha comportada do interior. Ela acertou em cheio.

Aproveitei bastante minha infância e adolescência. Não tenho de que reclamar. Sempre fui arteira, nada fácil.

O problema foi quando comecei a me dar conta que meu corpo estava mudando. Já não pensava apenas em diversão com

amigos.

E meu maior erro foi ter me apaixonado pelo filho mais velho dos Arkis.

Mariano é o tipo de homem que chama atenção de longe. Alto, másculo da cabeça aos pés, olhar marcante e esverdeado, pele bronzeada, sorriso capaz de balançar qualquer estrutura feminina e masculina, inteligente, educado. E para ferrar de vez tem postura de *bad boy*.

Poderia continuar listando as qualidades dele...

Assim como os demais membros de sua família me trata bem. Mas não conseguia o olhar sem demonstrar meu nítido interesse. Nunca fui boa em esconder meus sentimentos.

Contava os dias para as férias. Era minha época favorita, pois vinha para Buenos Aires ficar com a vó Delfina. Nada boba sabia que a alegria demasiada que carregava por ajudá-la no trabalho tinha nome e sobrenome.

Mariano gostava de conversar comigo. Enquanto ele falava minha atenção estava na sua feição, na sua boca carnuda, o jeito que gesticulava com as mãos e dedos grandes. Meus Deus, até o som da sua risada rouca me cativava.

Ele não era bobo. Quando de fato notou meus possíveis sentimentos românticos, tratou de se afastar. Isso me magoou. Afinal, sua amizade era uma das coisas mais importantes que tinha, me fazia um bem danado. E nem isso tive mais.

Conjecturei que tinha algum problema mental, pois coloquei na minha cabeça que iria provar para ele que o sentimento era recíproco. Posso ser tudo, menos louca.

Sempre soube que era pansexual. Ele mesmo havia me explicado quando perguntei sobre sua sexualidade. As pessoas fofocavam bastante em relação a isso.

Mariano explicou que sente atração sexual, romântica ou emocional em relação as pessoas, independentemente de seu sexo ou identidade de gênero. Havia ficado confusa a respeito, porém após pesquisar tive uma compreensão melhor.

Em uma das incontáveis conversas que tive com a dona Joaquina, disse que seu primogênito teve certeza de ser pansexual

aos quinze anos de idade.

Ela contou que Mariano estava estranho após ter chegado do aniversário de um amigo. Desconfiada de que poderia ser algo relacionado a sexo conversaram abertamente. Na manhã seguinte o acompanhou ao psicólogo. Afinal, seu filho ainda estava confuso quanto a sua orientação sexual. E então veio a confirmação.

No fundo sabia o que via nos olhos do Mariano. Principalmente na primeira vez que me declarei. O homem ficou desesperado. O que o afastou quase por definitivo foi ter ficado excitado enquanto assistia eu trocar de roupa no complexo dos funcionários. E não adiantou nada revelar que havia armado para me ver nua.

Fiz e ainda faço muitas coisas sem pensar nas consequências. Talvez, esse seja meu pior defeito.

E desde então não tenho medido meus atos ao tentar fazer o Mariano admitir o que sente por mim. É horrível ser telespectadora da vida dele. Assistindo seus relacionamentos tóxicos e confusos com o único intuito de esfregar na minha cara que tudo não passa do fruto da minha imaginação.

Não era justo.

Eu sou mais otária ainda por ter insistido tanto tempo em um homem que tem medo de admitir para si mesmo que é apaixonado por uma mulher vinte anos mais nova.

Por ser homem não sofreria com comentários negativos. Agora se fosse uma mulher vinte anos mais velha que seu parceiro as pessoas abririam a boca para metralhar. A sociedade sofre de hipocrisia aguda.

Felizmente o único tratamento para essa doença é quando as pessoas são desconstruídas mentalmente, se esforçam para serem seres humanos sem preconceitos.

Depois de ter começado a escutar músicas femininas empoderadas e preferido ler romances onde as protagonistas são fortes e determinadas. Amadureci meus pensamentos e sentimentos.

Eu amo o Mariano desde os meus quinze anos. E se ele não quer, tudo bem. Tenho que continuar minha vida, correr atrás dos meus sonhos e quando estiver preparada conhecer um novo amor.

Não tenho que me diminuir, ou continuar impondo minha presença quando claramente não quer.

Dona Joaquina é uma excelente conselheira. E nunca passou pano para o seu primogênito. Pelo contrário, incentivou a não continuar me doando e vivendo na esperança que em um belo dia de verão o Mariano vai se dar conta do meu amor e estará pronto para admitir o que sente.

A vida passa num piscar de olhos.

Quando vi o Mariano me encarando como se quisesse me matar, afastei-me da Laura, pois sabia que teria um momento fofo com o seu namorado.

Enfiei-me no meio do mar de pessoas que não param de dançar, a fim de escapar do idiota.

Cheguei no bar e pedi um Gim Tônica. Não bebi nada alcoólico desde que chegamos à boate. Apenas drinques sem álcool. Pensei que teria que cuidar das amigas descontroladas da dona Joaquina, mas as mulheres se superaram.

—Não vai tomar tudo de uma vez.

Escutei a voz rouca pertinho da minha orelha. Deixei o copo em cima do balcão para fitar o desconhecido. Muito bonito. Alto, porte atlético, ruivo. Acho que sexo quente e gostoso seja tudo que eu esteja precisando.

—Tenho costume.

—Está acompanhada?

O moço é direto. Bem melhor assim de que ficar soltando cantadas ridículas.

—Estou com as minhas amigas.

—Não está interessada em ir comigo para o meu apartamento? Prometo valer a pena.

Sorriu exibindo as covinhas. Mandaria a placa do carro e endereço do ruivo via mensagem para a Laura. Por questão de segurança.

—Espero que não me arrependa. Vamos lá!

Ao sairmos passamos pelo caixa. Ele quis pagar minha comanda e não vi problema nisso. No exterior do prédio fomos

andando para o estacionamento, conversando. O ruivo se chama Álvaro e está no segundo ano de residência de anesthesiologia.

Assustei-me quando puxaram o braço.

—Perdeu o juízo, porra?

Mariano. Quis revirar os olhos pela afronta.

—Qual o seu problema, cara? Poderia ter machucado ela.

—Se manda, moleque!

Soltei meu braço do aperto do Mariano e fiquei entre os dois. A última coisa que quero é ver uma briga de testosterona.

—Álvaro, eu o conheço. Pode esperar só um pouquinho...

—Ela é menor de idade, caralho! Cai fora! —vociferou Mariano.

Ele mentiu na cara dura. Álvaro nem esperou eu dizer nada. Seguiu seu caminho rapidamente. Ótimo. Ao menos me livre de ter transado com um babaca.

—Você é tão esperta que ia sair com um cara que nunca viu na vida...

Virei de costas o deixando falar sozinho. Mariano pensa que sou a mesma Lola bobinha que vivia correndo atrás dele. Cansei dessa merda.

—Para onde você está indo?

—Estou pedindo um Uber. —falei, sem olhar para ele.

Continuei prestando atenção no que fazia na tela do celular.

—Isso é ridículo. Eu levo você!

—Não pedi carona sua.

Bufou e tirou o celular das minhas mãos. Ao menos tinha dado chance de confirmar o pedido.

—Lola, você iria sair com um desconhecido, porra! Sabe o quanto de pervertidos parecem ser boas pessoas?

—Eu estava o conhecendo, Mariano. E você estragou uma noite que tinha grande probabilidade de terminar com chave de ouro. Agora devolve o meu celular e sai da minha frente.

Um vinco se formou entre suas sobrancelhas grossas. Parece que o bonitão de vinte dois centímetros não acreditou no que eu disse. Pela primeira vez não tinha uma Lola correndo atrás dele.

—Lola, se está fazendo isso para chamar a minha atenção...É sério, é melhor parar.

—Tá vendo uma melancia na minha cabeça?

—Não.

—Então a última coisa que estou fazendo é querer sua atenção. Deveria estar feliz, afinal, não tem mais uma obcecada o cercando com mensagens e presença.

Ele parecia desesperado ao passar a mão pelo cabelo curto.

—Olha, Lola...

—Deveria estar comemorando por eu não estar mais o perseguindo. Não era isso que queria? Estou seguindo em frente, conhecendo pessoas novas, me divertindo.

—Então...Percebeu que não me ama?

Amo. Muito, aliás. Mas cheguei no meu limite. Respondi confiante:

—Eu descobri que me amo mais.

Tive vontade de cantar a música da *Dua Lipa*, mas me contive. Ficaria perfeito se estivéssemos em uma cena de um filme onde a protagonista tem o seu clímax na história.

—Nunca quis magoar você, Lola.

Entregou-me o celular.

—Esses anos todos você tem me magoado. Mas tenho grande parcela de culpa nisso. Eu quis viver naquela situação. Agora acabou. Entendi que não me quer em sua vida.

—Não é assim, Lola. Pelo contrário. Eu só não posso me comprometer da forma que deseja.

Vi nos seus olhos esverdeados uma luta intensa que está travando consigo mesmo. O desejo, paixão, tudo transparecendo no seu olhar.

—Eu também entendi que não é homem o suficiente para mim.

Seu olhar me queimou. Continuei proferindo:

—Se diz ser um homem evoluído, porém tem medo de represália caso assuma um relacionamento comigo. E quer saber? Quem não estar mais interessada sou eu.

O carro do aplicativo encostou próximo a calçada. Entrei no automóvel segurando minha emoção. Nada de ser fraquinha. Estou fazendo o certo.

CAPÍTULO 26

LAURA

Sexo é uma das melhores coisas da vida. E estou descobrindo que pode ficar cada vez melhor. Gabriel sabe o que fazer, sua pegada forte e bruta me deixa de um jeito que não tenho nem vergonha na cara.

Viva ao sexo!

Tivemos um belo fim de noite e início de madrugada nos amando, nos descobrindo e conhecendo mais. Era como se já nos conhecêssemos. Nunca pensei que fosse possível amar tão rápido uma pessoa. Na minha concepção isso só acontecia em livros de romance.

Por ele teríamos continuado transando, porém decidi parar — por mais que quisesse muito —, pois notei sua expressão de dor. Ele tem suas limitações e não pode exagerar além da conta. As pontadas de dor nas costas são a prova disso.

Obviamente pode ter uma qualidade de vida excelente, mas para isso deveria ter se firmado na fisioterapia. Agora tem que ir atrás do prejuízo que causou a si próprio. Só o fato de ter iniciado a fisioterapia me encheu de orgulho.

Sorri preguiçosamente sentindo os lábios quentes do meu namorado nos meus ombros. Seus dedos descem perigosamente a linha da minha coluna até o cóccix, causando um arrepio gostoso.

—Podemos começar o dia da melhor forma possível, pequena. —murmurou, rouco.

Desfiz o meu sorriso ao lembrar que não tomei a pílula do dia seguinte e que novamente transamos sem camisinha.

Qual é a porra do meu problema?

Eu estava tão absorta na teia de sedução do moreno de olhos azuis reluzentes que nem pensei em sexo protegido. Claro, confiei em sua palavra de que está limpo. No entanto, a grande questão é: gravidez.

Gabriel apertou a poupa da minha bunda, enquanto cheira o meu pescoço. Mesmo sendo uma safada, amando sentir sua barba beliscar a minha pele e sua mão grande apertando onde mais gosta...Se eu não fizer nada iremos transar outra vez sem preservativo.

Espantei a preguiça do meu corpo para fugir das suas garras de gavião. Praticamente dei um pulo para levantar da cama. Como se as coisas não pudessem piorar trouxe o lençol junto comigo. Só não tinha percebido que havia se enrolado nos meus pés. O que fez eu cair de bunda no chão.

Passar vergonha parece ser o meu carma.

Gabriel arrastou-se um pouco mais para o meu lado da cama e quis morrer de vergonha. Ele claramente não entendeu a minha atitude.

—Pequena, você está bem?

Ao olhar para ele quis chorar. Chorar de tesão, raiva por ser absurdamente bonito e ter um pau monstro.

—Se cobre, por favor. Esconde esse negócio.

Será que não entende que sou um perigo para ele? E estando da forma como veio ao mundo só piora as coisas.

—Laura, estou ficando preocupado. Não gostou de algo que eu fiz...?

Cacete! Ele me fez gemer e gozar mais vezes que pensei que faria na minha vida toda. Essa indagação não tem sentido algum.

—Primeiro se cobre. Temos que conversar.

—Vai ficar sentada aí no chão? Meu Deus, você se machucou?

Puxou um dos travesseiros para o seu colo. Agora irei me concentrar melhor. Levantei-me e ajeitei o *baby doll* de algodão no meu corpo—busquei a peça de dormir e vesti após nossas estripulias.

—Estou bem.

—Agora explica o que acabou de acontecer?

Cruzei os braços tentando parecer confiante.

—Transamos sem camisinha.

Para a minha surpresa o grandão encostou-se nos travesseiros e colocou os braços atrás de sua cabeça exibindo os músculos naturais. Seu olhar ficou de sonhador e pelo sorrisinho sacana que está sombreando seus lábios deveria estar lembrando nossas cenas de sexo.

Fui para frente da cama o encarando sem acreditar. Questionei:

—Sabe o que isso significa?

—Que foi gostoso pra cacete.

O olhei abismada.

—Gabriel, eu posso estar grávida. Não planejamos, fomos irresponsáveis.

—Sinceramente não sei se ainda posso ter filhos. Comentei isso com você. Minha mãe marcou com o urologista para saber minha atual situação. —falou sério.

Seu tom de voz triste não passou despercebido por mim. Sentei-me ao seu lado na cama o fitando.

—Se eu não puder ao menos fui de alguma forma abençoado por você ter o Romeo. O amo de verdade. Aliás, tudo que vem de você. Não teria como não o amar independentemente daquele mal-entendido no hospital.

Desarmou-me completamente.

—Você é maravilhoso. —afirmei, sendo sincera. —De qualquer forma, acho que o certo é eu tomar a pílula do dia seguinte. Não planejamos, nem conversamos sobre isso...Tem o Romeo, tem tantas coisas...

—O corpo é seu, mas com todo respeito peço para você não tomar. Existe uma chance de você estar grávida...Se estiver vou me sentir o homem mais feliz desse mundo. Daremos conta de tudo. Eu cuido de vocês.

Eu sou muito boba. Estou querendo chorar diante a declaração do meu namorado. Se isso for um sonho não quero acordar.

Gabriel descruzou os braços atrás da cabeça e capturou minhas mãos que estavam em cima do seu peitoral. Pegou-me pela nuca para tomar os meus lábios num beijo ávido, profundo. Quando

estava ficando sem ar sugou meu lábio inferior, me fazendo gemer baixinho.

Usando sua força agarrou minha cintura com objetivo de me puxar para cima do seu colo. E conseguiu. Gabriel jogou o travesseiro que cobria seu membro para longe, mas rapidamente puxei o edredom para esconder sua nudez.

—Pensei que já tínhamos terminado a conversa.

—Você foi bem fofo, amor. Acredite. Porém, não vamos transar sem camisinha, pelo menos até eu estar com algum método contraceptivo.

—Não quer ter um segundo bebê comigo?

—Te darei quantos bebês quiser, Gabriel. Mas agora não é o momento.

Ele ponderou, acariciando minhas coxas com as suas mãos e dedos.

—E se estiver grávida? Tem uma mínima chance de você estar com um novo bebê. Vai tomar a pílula? — perguntou parecendo um garotinho pidão.

Suspirei o olhando. Por fim respondi:

—Não. Se eu estiver grávida...Teremos essa criança.

Apertou forte minhas coxas, e disse:

—Eu tinha preparado um belo jantar romântico para nós ontem.

Fiquei com pena, preciso admitir. Entretanto, não posso simplesmente ser caridosa quando ele fez o mesmo comigo quando eu estava tentando nos reaproximar e dar um rumo digno ao nosso relacionamento.

Claro que tudo que fiz foi de caso pensado. Ele mereceu meu gelo.

—Se não tivesse sido um idiota...

Gabriel riu, em seguida puxou um pouco os lábios entre os dentes.

—Eu mereci. —meneei a cabeça concordando. —Tenho uma surpresa. É sobre o Romeo.

—Diz logo que estou curiosa.

—Romeo Fuad Navarro passou a ser oficialmente Romeo Fuad Navarro Arkis.

Meu coração começou a bater mais forte. Claramente por causa da emoção. Gabriel havia assumido o meu filho diante de uma situação inusitada, depois afirmou que seria o pai do Romeo e agora oficializou.

Só percebi que estava chorando quando começou a limpar minhas lágrimas com os seus polegares.

—Espero que esteja chorando de felicidade.

—Claro que são lágrimas de felicidade. Gabriel, tem noção do que fez?

—Fiz o que qualquer pai de verdade faria. Romeo é nosso.

—Eu nem sei o que dizer. Como te agradecer...

—Você existe...Você trouxe o Romeo para mim...Tudo isso é mais do que cogitei ter.

O abracei emocionada, recebendo seu carinho.

MARIANO DUAMAN ARKIS

Meu irmão estar realmente feliz. Nos corredores da empresa seu namoro com a Laura era a novidade do momento.

Tentei prestar atenção no que o contador dizia sobre as últimas contas tributárias da Arkis. No entanto, meus pensamentos estão voltados para uma diabinha ruiva.

O que dizer sobre a Lola?

Minhas primeiras lembranças dela é de quando era uma garotinha curiosa que vinha passar as férias com a avó. Meus pais sempre trataram a Delfina como membro importante da família. Gabriel e eu não fazíamos diferente, muito menos com a Lola.

Só que a garotinha esperta foi crescendo, seu corpo se desenvolveu mais rápido que sua idade. Por diversas vezes me senti culpado e sujo por ter começado a pensar nela como mulher. E não como a menina que era.

Sentia-me acuado quando era emparedado por ela, pela sua sinceridade e formas de chamar minha atenção. Não era certo um cara vinte anos mais velho dar corda para uma menina de quinze anos.

Em momento algum a culpei. Eu que deveria me colocar no meu lugar, ver que era errôneo até imaginar uma relação amorosa entre nós dois. As pessoas falariam, iriam nos julgar.

Palavras tem um poder surreal de nos machucar.

Será que a Lola aguentaria a pressão? Ou pior, será que seus pais seriam contra o nosso relacionamento? Eu não poderia interferir na sua relação familiar.

Minha orientação sexual nunca foi um problema. Eu sou atraído por todos os tipos de pessoas, independentemente do seu sexo, gênero ou apresentação. Simplesmente acontece.

Tive certeza que era pansexual aos quinze anos. Na verdade, já estava em dúvida desde os treze anos. Justamente na época que começa a pressão do primeiro beijo. Meus amigos todos deixaram de ser virgem de boca e faziam de tudo para eu deixar de ser. Mas não queria. Escolhiam as garotas mais populares, o que não ajudava muito, para eu ter minha primeira experiência. Não sentia vontade e nem curiosidade. Queria conhecer primeiro, conversar, saber do que gostava de fazer. E foi quando começaram a achar que eu era gay.

Para piorar as coisas espalharam esse boato. O restante do meu fundamental e médio foi marcado por essa “polêmica”. E se eu fosse homossexual? Qual seria a porra do problema? O mau das pessoas é se incomodarem demais com a vida dos outros.

Aos quatorze anos me interessei por uma garota da minha sala. Rolou meu primeiro beijo em nossa terceira ida ao cinema. Foi natural, sem pressão. Infelizmente ela foi embora da cidade, pois o pai havia arrumado um emprego melhor em Nova Iorque.

No aniversário de um dos meus poucos amigos, Marcus, fiquei atraído por um garoto que descobri mais tarde ser irmão de um colega nosso em comum. Aconteceu o beijo e sexo, tudo fluiu normalmente. Nada de dúvidas. Cogitei que pudesse ser bissexual. Contudo, tive certeza que não era quando minha mãe me levou ao psicólogo para sanar todas as minhas dúvidas. O especialista confirmou o que eu tinha quase certeza.

Minha mãe não ficou desesperada. Ela tanto quanto eu queria tirar a dúvida que pairava sob a minha cabeça. Tenho muita sorte por ter pais mente aberta, sem preconceitos e discriminações.

Nunca tiveram vergonha de falar abertamente sobre tudo relacionado ao sexo. Do nosso dever em relação ao nosso parceiro ou parceira. Meu irmão caçula não curtia, mas eu adorava. Achava engraçado e tirava sarro dele.

Uma das situações mais vergonhosas foi em um evento para mães e filhos no auditório da instituição privada, onde mães deveriam escolher um tema para debate. A maioria das mães falaram sobre drogas, livros educativos, educação.

Dona Joaquina falou sobre sexo. Foi um escândalo, pois muitas mães ameaçaram tirar seus filhos da escola. Gabriel faltou se desmanchar de vergonha. E eu só lamentei por não estar com um celular para filmar minha mãe amada dando um show. Meu pai lamentou pelo evento ter sido especificamente para mães e filhos.

Suspirei melancólico ao lembrar do dia que a Lola armou para eu vê-la nua. A sardenta virou uma ninfa. Sua imagem nua ainda povoa a minha mente pervertida de uma maneira insana.

—Mariano, já acabamos!

Despertei-me com a voz do meu irmão. O contador já não estava mais na sala. Desbloqueei a tela do meu celular e constatei mais uma vez que não tinha nenhuma notificação da ruiva.

—Irei almoçar.

—Não vai almoçar com a gente?

—Se fosse só com a Laura com certeza iria considerar.

Gabriel é um poço de ciúme. Sorri para ele.

—Cretino! —moveu-se com a sua cadeira, mas parou ao me olhar e falar: —Está bem disperso hoje.

—Apenas o trabalho.

—Claro que não é o trabalho. Isso tem a ver com a Lola. Meu Deus, como você é idiota!

—Olha quem fala.

—Por que não para de besteira e assume que gosta da garota.

—Ela só tem vinte anos.

—A Laura tem vinte e dois. Tem que confiar no que sente e mandar o resto pra casa do caralho!

—Esse é o seu mantra?

—Um dos mais importantes.



Por algum motivo decidi vir almoçar no shopping...Ah, mentira! Eu dei um de *Joe* da série *You*. *Stalkeei* o *Instagram* da Lola e vi no seu último *story* que estar no shopping *Alto Palermo*. Um dos mais antigos da cidade. Nunca pensei que estaria no papel de um *stalker* obsessivo.

Parece que os papéis se inverteram...

Eu posso fingir um esbarrão, forçar uma coincidência para não deixar tão óbvio que estou atrás dela.

Quer dizer, estou preocupado com o seu sumiço...Dane-se!

Depois de ficar igual um tonto tentando a encontrar a vi perto de um quiosque de sorvete. Meu plano foi por água abaixo quando notei que o cara usando chapéu e trajes de caubói a entregou uma casquinha de sorvete.

Então quer dizer que alguém já está no meu lugar?

Pressupus que iria embora, mas mudei de ideia. Quando dei por mim já estou os seguindo como um psicopata. Quem é esse moleque metido a caubói? Lola está cheia de sorrisos para ele, parecem ter bastante intimidade.

Porra, até um dia desses ela jurou me amar.

A diabinha ruiva realmente está seguindo em frente?

Eles param para verem algo na vitrine e freei os pés. Lola toca no braço dele, vez ou outra o desconhecido beija sua testa. Isso não está certo!

Quando entraram em uma loja de roupas, os segui espiando a interação deles. Tenho cuidado em manter uma distância segura.

Fingindo estar olhando um vestido feminino que não faço de ideia de onde começa e termina, recusei ajuda de uma vendedora que veio querer me atender.

—Acho que tem que ser um mais decotado. —escutei o cara falar, enquanto olham alguns modelos. —Quanto mais mostrar... Melhor.

Filho da puta!

—Um que não precise de sutiã e calcinha. —diz Lola sem um pingão de vergonha.

Eu estou hiperventilando.

—Você me conhece como ninguém.

Como é que é?

Quando o cara virou na direção que eu estou, rapidamente fiquei de costas tentando ser o mais natural possível. Disfarçadamente virei para onde estavam e não os encontrei.

Quando os avistei estavam indo em direção aos provadores. Nem pensar que o moleque vai entrar com ela.

Caminhando desesperadamente quase fui atropelado por dois garotinhos que estão correndo dentro da loja. Por obra do destino esbarrei em um manequim que foi ao chão antes que eu pudesse impedir, tentei segurar o outro sem sucesso. E então todos começaram a cair num efeito dominó.

Juro que não estava esperando chamar atenção de todos dessa forma. Culpa dos pirralhos!

O Cara lá de cima parece que me ama mesmo.

—Mariano...

Fechei os olhos por alguns instantes ao escutar a voz da Lola. Será que dá tempo de cair e fingir ser um manequim?

CAPÍTULO 27

MARIANO

Lola quer me matar. Vejo isso nos seus olhos verdes de gata.

—Nossa...Que coincidência. —falei.

Claramente abortei a ideia de cair no chão e fingir que sou um dos manequins.

—Eu acho que ele estava nos seguindo. —disse o caubói me olhando com ânsia de atacar.

—Não estava! —menti.

—Conheço esse bobão, Diego. Vai indo na frente que já encontro você.

—Tem certeza, pimentinha?

Pimentinha? Ele já tinha apelidado a Lola. Cacete!

—Absoluta. Mariano só late.

Antes de seguir o caminho para os provadores me avaliou querendo dizer nitidamente que bastasse um grito da Lola para vir para cima de mim. Era só o que faltava.

Pedi desculpas das funcionárias que começaram a juntar os manequins do chão.

Lola segurou no meu braço e fomos para um canto mais reservado dentro da loja.

—Quem é esse cara metido a cantor *country*?

—Diego. E para sua informação ele canta e toca violão muito bem.

E as coisas só pioram...

—Então é assim? Já está de namoradinho novo?

—Qual é o problema? Sou solteira, livre e desimpedida.

—Eu quero entender como me esqueceu tão rápido.

—E eu quero entender porque jogou o meu amor fora.

Isso doeu no fundo do meu coração. A resposta era óbvia. Fui um covarde, estava mais preocupado com os julgamentos das pessoas do que sentia.

—Lola, se tem uma coisa que me arrependo é de não ter tido coragem o suficiente para assumir o que sentia no passado, por a ter afastado sem pensar nos seus sentimentos.

—Você quebrou o meu coração. —murmurou. —É algo que não pode ser mudado. Já foi!

—Mas posso mudar o presente. O nosso presente e futuro.

Por alguns instantes seus olhos verdes estavam com aquela paixão carregada que sempre mirava para mim. E então ergueu o rosto e vi que não cederia.

Mereço. Sei disso.

—É bonitinho você falar assim. Agora que me desprendi do amor que sinto por você, talvez esteja caindo a ficha que não era amor.

—Lola...Porra...

—Estava vivendo para te conquistar. Sabe quantas vezes chorei assistindo você desfilando com seu parceiro da vez? É um sentimento horrível.

—Sinto muito, Lola. Fui um imbecil.

—Foi mesmo! Mas agora estou bem. Seguindo em frente, conhecendo pessoas novas e que valem a pena.

A ruiva se afastou e não pude impedir. Segurei as lágrimas. Agora me dei conta do quanto a magoei durante esses anos.

GABRIEL

Depois do Zenon ter avisado que a polícia estar querendo arquivar o caso do assassinato do meu padrinho e sua esposa, precisei recorrer a outros meios. Marsal—um CEO de sucesso no ramo de segurança e tecnologia—o mesmo que eu havia marcado um encontro, mas devido sua agenda cheia não chegamos a nos encontrar pessoalmente. Porém, meu melhor amigo já havia pedido para fazer um dossiê da vida dos Navarro.

E agora estou em choque com tudo que acabei de ler.

Raf Navarro nada mais é que um monstro. Um homem sem escrúpulos.

—Raf está tendo problemas financeiros cerca de dois anos. Creio que vem conseguindo disfarçar devido ao fundo de emergência

que está usando. —disse Zenon.

Folhee algumas folhas para verificar as informações financeiras.

—Temos que quebrar o filho da puta! Até ele não ter escolha a não ser vender o império por um preço bem abaixo do mercado.

—Sugiro que você entre como sócio em algumas petrolíferas. Ele continua sendo o maior dono de todo o petróleo da América Latina. Porém, do jeito que está se afundando em empréstimos bancários, dívidas e mais dívidas para manter o status não vai demorar muito para cair.

—Temos um problema maior. —falei com a voz cortante.

—É melhor você preparar a Laura. Mais do que nunca vai precisar do seu apoio.

Fechei o dossiê sentindo aflição, controlando a vontade de pegar a Laura e nosso filho para irmos para bem longe. Um lugar onde nunca seremos encontrados e que seguiremos felizes longe da maldade humana.

—Nem sei como dizer a minha mulher que seu pai biológico é Raf Navarro. E que temos quase certeza que foi a mando dele que assassinaram os seus pais. Pior...Que seu progenitor abusou sexualmente da sua mãe quando era uma adolescente. Caralho!

Bati os punhos na mesa sentindo o sangue esquentar nas artérias.

—Infelizmente sobre o estupro não podemos fazer mais nada. Aconteceu a mais de vinte anos e Claudia não está viva.

—Peça para o Marsal continuar à frente. Se precisar ir ao inferno que vá. Tudo para termos provas para colocar Raf atrás das grades.

—Ele cobra uma fortuna para fazer o que faz. Acredite, está valendo a pena cada centavo. Vamos confiar que tudo dará certo.

—Outra coisa que gostaria muito é que Marsal conseguisse cópia do processo de interdição da senhora Cristal Navarro. Pelo que consta no dossiê Raf interditou a mãe alguns anos antes de ela ser diagnosticada com *Alzheimer*.

—A senhora Navarro detinha quarenta por cento das ações do império. Acho que isso explica muita coisa. No entanto, como

levaremos tudo a justiça futuramente nada melhor que comprovar todos os crimes do Raf.

—Seu pai chega quando mesmo?

—Amanhã. Felizmente deu tudo certo com o outro cliente dele.

—Ótimo! Mais do que nunca quero saber o que tem nos documentos que estavam no cofre da Suíça. Pode ser muito útil agora.

—Penso o mesmo.

Agora entendo o motivo do meu padrinho ter abandonado tudo em Buenos Aires. Desde pequeno sofria com a pressão psicológica, com os maus tratos e ensino militar que o próprio Eugênio criou dentro da sua mansão para os seus dois filhos: Vicente e Raf.

Claudia começou a trabalhar na mansão Navarro, após ser indicada pela sua tia. Ela dividia seu tempo entre os estudos e trabalho. Infelizmente começou a ser perseguida pelo Raf, acredito que por ter sido rejeitado, virou questão de honra para o primogênito dos Navarro conquistar a Claudia.

Cruelmente a violou. E como se não bastasse continuou a perseguindo. Ela o denunciou com apoio do Vicente —que até então tinham uma amizade verdadeira. —, mas os policiais pareciam céticos quanto aos relatos.

Cheguei a essa conclusão, após ler a ocorrência. Fizeram perguntas inapropriadas para a vítima de abuso sexual. Pelo menos naquele momento não deveriam terem sido feitas. Foi um descaso.

Fiquei imaginando quantas vítimas de abuso sexual são tratadas com descrença pela polícia. E o pior, são atendidas por homens insensíveis que são incapazes de enxergar sua dor naquele momento tão difícil. Só quem sabe o que passou é a vítima.

Eugênio entrou em ação e não permitiu que o nome da sua família fosse manchado. Vicente ao descobrir que sua amiga estava grávida da sua sobrinha, não pensou duas vezes em assumir todas as responsabilidades de pai. Claudia decidiu prosseguir com a gestação.

Inteligente e astucioso meu padrinho manteve Claudia e a Laura longe das garras dos Navarro. Vicente era gay. Escondeu sua orientação sexual da mídia, familiares e amigos próximos devido as ameaças frequentes do pai ditador e preconceituoso.

Vicente passou a viver pelas duas mulheres da sua vida. Meu padrinho e sua amiga morreram protegendo a filha deles.

LAURA

Encontrei com a Lola no andar de Publicidade e Propaganda da Arkis. Asli disse que dependendo da campanha contratam uma empresa para ajudar na propaganda dos veículos.

—Mariano realmente estava seguindo vocês?

—Meu primo percebeu. Eu só soube quando o abestalhado derrubou todos os manequins. E eu pensando que era a rainha dos micos.

Estou esperando o diretor de arte geral, Eliot, terminar a seleção das modelos que se inscreveram para o teste. Segundo as meninas da presidência o loiro natural não gostou nada de ter perdido a Natasha.

Não vou negar. Estou satisfeita pelo o meu namorado ter tomado essa atitude.

Em mãos tenho uma pasta arquivo cheia de documentos que o diretor precisa assinar para finalmente serem arquivados.

Ainda bem que a minha amiga doidinha veio contar os últimos acontecimentos pessoalmente. Estamos perto de um dos veículos da Arkis o qual as modelos que passaram da primeira etapa começaram a fazer a segunda prova da seleção.

—Devo dizer que se escutasse o que o Mariano escutou, pensaria que você e seu primo são íntimos. Como o coitado iria adivinhar que estavam comprando roupas sensuais para a fazendeira gostosona que ele está namorando?

—Para o torturar mais não esclareci nada. Ele está pensando o quê? Que o fato de ter vinte dois centímetros, ser gostoso pra cacete e ter uma boquinha carnuda deliciosa...Vou ceder igual uma mocinha ingênua? Não. Ele tem que sofrer mais. Se eu perdoar...É claro.

Segurei a risada. Seja qual for a decisão da Lola irei apoiar.
Continuamos batendo papo.

Paramos de falar quando vimos o Mariano entrar com nítido desespero para falar com o diretor de arte. Eliot abriu o leque das cores da bandeira *LGBTQ/+* —*LGB*, diz respeito à orientação sexual do indivíduo e *TQ/+*, diz respeito ao gênero. —, e começou a abrandar o calor. Estranhei, pois a empresa toda é climatizada.

—Nenhuma se encaixa, Mariano! Sabe o que vai acontecer? Não teremos uma nova propaganda! Recuso-me a manchar minha carreira. —bradou, levantado da cadeira.

—Eliot, tem que achar uma garota rápido. Não podemos atrasar nossa publicidade.

—Acha que estou brincando aqui, Mariano? Estou quase um mês atrás de uma garota. Arrumaram a Natasha que não era lá essas coisas, mas aceitei porque se encaixou nas minhas ideias. Mas agora não encontrei nenhuma outra...

Parou de falar quando pousou os olhos sobre nós. Fitei a minha amiga que demonstrou a mesma incerteza. O diretor começou a caminhar em nossa direção fazendo seu sapato impecavelmente customizado e brilhoso ecoar no piso.

—Você é a namorada do Gabriel. —disse, me avaliando. Não era um olhar maldoso. —E você...? —fechou o leque apontando para Lola.

—Lola. Amiga da Laura.

Minha amiga estendeu a mão para cumprimentar o diretor. Como resposta continuou a avaliando em silêncio, ignorando seu cumprimento.

—Na minha terra quando ficam nos encarando assim, não demora muito para cairmos na porrada. —sussurrou Lola, arrancando um sorriso meu.

—Preciso que o senhor assine esses documentos...

—Silêncio! —exclamou e logo seus lábios começaram a se esticarem num grande sorriso. —Encontrei!

Mariano se aproximou de nós. Não estava com uma expressão fácil boa. Ele falou para o Eliot:

—Eliot, não comece com as suas loucuras. Não vou deixar que as perturbem para depois mudar de ideia.

—Mariano, *baby*, encontrei as duas garotas que farão a propaganda. Podemos agora mesmo fazer o teste. Nunca erro! Antes queria apenas uma. Entretanto, ao ver a morena e ruiva juntas...As ideias vieram!

—Senhor Eliot, não sou modelo.

—De quantos dólares seria o pagamento? O peso argentino não está lá essas coisas. Desde a última eleição as coisas não andam fáceis.

—Querida, garanto que o pagamento será satisfatório. Exijo apenas um contrato de exclusividade para o tipo de propaganda que farão conosco. —proferiu Eliot, animadíssimo.

—No caso, senhor Eliot...

Ele me interrompeu:

—Toda vez que fala senhor uma nova ruga aparece no meu lindo rosto. Apenas Eliot. Já que trabalha na presidência, ao lado do todo poderoso, cuide do contrato. Ligue apenas para a minha secretária solicitando o modelo do contrato exclusivo.

E saiu deixando meu queixo no chão.

—É uma ótima oportunidade de trabalho. Pensem antes de assinarem. Irei resolver outros assuntos. —sibilou Mariano.

Mariano demorou longos segundos antes de sair, pois seus olhos estavam na Lola que fez bem o papel de o ignorar.

—Onde eu assino? —perguntou Lola.

Céus!

GABRIEL

Estamos escutando o texto que a minha mãe preparou para a despedida dos pais da Laura. Zenon ligou no fim do expediente avisando que os corpos foram liberados e que logo chegariam na cidade. Rapidamente comuniquei a dona Joaquina que havia se comprometido a realizar a cerimônia.

Com a permissão da Laura, estão sendo enterrados no jazido da minha família. E acredito que não poderia ter um lugar melhor.

Os raios solares ainda estão fraquinhos. São quase sete horas da manhã. Fomos buscar o Romeo ontem mesmo para dormir em casa com a gente e explicar que iríamos nos despedir dos seus avós.

Graças a Deus o nosso rapazinho está reagindo bem ao tratamento. O que mais almejo é que vença de uma vez por todas essa doença maldita.

Com o meu filho sentado no meu colo, mantenho minha mão entrelaçada com a da minha menina. As lágrimas descem pelas suas bochechas, uma atrás da outra.

Para deixar a situação mais delicada meu melhor amigo informou quase as onze horas da noite que Marsal conseguiu localizar a origem de duas ligações que Raf Navarro fez uma semana antes da morte dos pais da Laura. O investigador particular tem quase certeza que Raf encomendou a morte do irmão e cunhada.

Nem sei como irei dizer a minha mulher que seu tio, que é seu progenitor era a razão pela qual seus pais saíram de Buenos Aires. O motivo pelo qual deixaram tudo para trás sem pensar duas vezes.

Minha proteção está tomando dimensões que jamais estiveram presentes antes. Estou crente que seremos protagonistas de uma pequena batalha.

CAPÍTULO 28

LAURA

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;”

Eclesiastes 3:1-4

Dona Joaquina encerrou o texto que preparou com a passagem bíblica de Eclesiastes. Gabriel mantém sua mão entrelaçada a minha, passando apoio e carinho. Todos os dias quando acordo me dou conta do quanto o amo, do quanto desejo que nós dois sejamos felizes com o nosso filho e outros que pretendemos ter.

Quem sabe já não estou com nosso segundo filho no ventre...Só teremos certeza quando fizer o exame.

Romeo desceu do colo do pai e juntou sua mãozinha com a minha para irmos juntos deixar as rosas brancas no túmulo. Enquanto eu viver irei lembrar dos meus pais, de todos os nossos momentos. Não poderia ter tido pais melhores.

Meu objetivo é exigir justiça pelo que fizeram com os meus pais.

Recusei-me acreditar que os assassinos sairão impunes.



Lola estar se dando muito bem com o Romeo. Na verdade, meu macaquinho vem criando um laço forte com a ruiva. A chama de: tia Lola. Minha amiga adora, fica toda boba. Impossível alguém não gostar da doidinha.

Deixei a xícara de chá de erva-doce em cima da mesinha de centro quando vi o Gabriel se aproximando acompanhado de um

senhor de cabelo grisalho que contrasta com sua pele preta, baixa estatura e trazendo consigo uma maleta. É o pai do Zenon.

Ontem nem tive tempo de conversar direito com o meu namorado sobre a proposta que o Eliot fez. A notícia que os corpos dos meus pais finalmente foram liberados e que chegariam dentro de algumas horas, deixou qualquer outra coisa para segundo plano. Fiquei abalada, principalmente por saber que a polícia iria arquivar o caso. Foi um golpe de tristeza e injustiça.

Controlei-me quando o Gabriel afirmou que estar cuidando das investigações no particular. Contratou um dos melhores investigadores e tendo contribuição do Zenon e, de seu pai —que sempre foi advogado do meu pai.

Esfreguei as palmas das mãos no jeans sabendo que finalmente iria descobrir o motivo dos meus pais terem abandonado tudo para passarem a vida refugiados, escondidos.

Desde ontem senti que o meu namorado queria contar algo, mas deixou de lado para cuidar de mim e do nosso filho que está conosco.

A única coisa boa nesse momento tão delicado é saber que Romeo está reagindo bem. O tratamento vem fazendo efeito, notei sua melhora, apesar dos efeitos colaterais.

—Amor, esse é o Calixto.

Levantei-me para cumprimentar o homem com um abraço. O senhor da terceira idade foi pego de surpresa. Não tinha outra forma de o receber. Se meu pai confiou nele, eu não o trataria de forma fria. Pelo contrário. O quero na minha vida, na vida do meu filho. Tenho gratidão por esse senhor que nunca vi antes na minha vida, simplesmente pelo fato de ter sido fiel ao meu pai.

—É muito bom conhecer o senhor.

—Menina, desculpa não ter chegado a tempo do funeral. Mais tarde irei com calma para me despedir do meu amigo e de sua esposa.

Meneei a cabeça, segurando a emoção.

—Temos muito que conversar, explicar e planejar. Melhor fazermos isso no escritório.

—Concordo. Vou chamar o Zenon que está no jardim com os outros.

Antes de sair selei nossos lábios rapidamente.

No jardim vi minha amiga deitada na rede com o Romeo que está lendo um gibi para ela. Meu sogro —Santos —joga sal e tempero na carne que pretende colocar na grelha da churrasqueira mais tarde. Ele sorriu de algo que sua esposa falou ao pé de seu ouvido.

Chamei o Mariano e Zenon para irmos ao escritório. Falei que iria logo atrás. Sem resistir fui até a rede e enchi meu menino de beijos e cheirei seu pescoço.

Prestes a entrar dentro da mansão, parei e olhei para a dona Joaquina. Tendo certeza que sua presença será de extrema importância para mim, comecei a andar em sua direção.

—Joaquina, gostaria muito que tivesse comigo.

—Nem precisa terminar, Laura. Serei um dos seus alicerces.

Sorri agradecida.

Entrei no escritório com a dona Joaquina. Sentei-me no sofá para ficar pertinho do Gabriel.

—É do conhecimento de todos que Vicente deixou procurações para o Gabriel administrar uma parte da herança. Sendo assim, Gabriel se tornou o tutor legal de sessenta por cento do dinheiro. Enviei essas procurações assim que ele me solicitou. O que estava no cofre da Suíça, eram esses documentos.

Calixto abriu a maleta e tirou uma pasta grossa para me entregar. Prosseguiu:

—São documentos que te dão direito as ações que seu pai tem na indústria petrolífera da família. Basta apresentar esses documentos para pegar o que é seu por direito. Fora isso, tem os outros quarenta por cento da fortuna que Vicente deixou. Está dividida entre três bancos. Sendo dois na Suíça e outro na Irlanda. Cartões, senhas e tudo que precisa para ter acesso consta nas documentações.

Folhee querendo acompanhar as informações.

—Além dos documentos, estava essa caixa de veludo.

Tirou da maleta a caixa de veludo azul-marinho retangular. Seu Calixto continuou:

—São joias da família do seu pai que ele recebeu da mãe dele. —entregou a caixinha de joias.

Em momento algum estava pensando em dinheiro, joias. Nada disso. Coloquei tudo no lugar vazio ao meu lado, e falei:

—Calixto, não tinha nenhuma pista de quem estava querendo matar os meus pais? Meu pai nunca falou nada?

O suspiro alto do meu namorado chamou minha atenção. O olhei sabendo que tinha novidades a respeito.

—Marsal, o investigador que falei que está fazendo as investigações, descobriu a razão pelo qual seus pais fugiram.

Gabriel segurou minha mão e me encarou ao revelar:

—Vicente não era o seu pai biológico. Sua mãe trabalhava na mansão dos Navarro. E infelizmente sofreu abuso sexual do Raf. Vicente e ela eram muitos amigos. Diante da crueldade e perseguição do Raf com Claudia, Vicente tomou a frente para a proteger, ou melhor, para proteger vocês duas.

Inspirei e expirei sentindo tristeza no fundo do meu âmago. Fechei os olhos por alguns minutos, permitindo que as lágrimas molhassem minhas bochechas. Estou com um gosto amargo na boca, ânsia, nojo.

Eu sou fruto de um estupro. Raf Navarro é um monstro.

—Laura...Estou com você, pequena. —a voz grossa do Gabriel alcançou os meus ouvidos.

—Ele matou os meus pais. —afirmei.

—Temos quase certeza. Ontem Marsal conseguiu localizar a origem de duas ligações que Raf fez uma semana antes da morte dos seus pais. É quase certeza que planejou e mandou executar os seus pais. Prometo a você que esse ardiloso irá pagar por tudo que fez.

—Raf sempre teve muita inveja do Vicente. Quando não era o velho Eugênio que espancava o Vicente, era o demônio do Raf. — falou dona Joaquina com a voz chorosa.

—Vicente é o meu pai. Esse monstro não vai manchar a imagem que tenho dele, muito menos fazer eu me sentir uma

escória. —funguei. —Meu pai salvou minha mãe e eu daquele desgraçado. Ele poderia ter me contato, ter falado a respeito...Não teria sido incompreensível. Eu juro.

—Meu amor, seus pais queriam manter você em uma redoma. Sem saber dos verdadeiros motivos, tudo por amor. Por você.

—O que mais descobriram? —indaguei ao meu namorado.

—Sua avó vive reclusa dentro da mansão Navarro. Raf a interditou antes de ela ter sido diagnosticada com *Alzheimer*.

—Foi o que o miserável disse para a mídia, anos atrás em uma coletiva de imprensa. Nunca mais saiu fotos da Cristal na mídia. Os únicos que aparecem são o Raf, a esposa submissa, a enteada e genro postiço. —sibilou dona Joaquina, sentando no braço do sofá.

—Eu posso vê-la?

—Com certeza. Raf não pode a impedir de visitar a senhora Cristal.

—Meu pai não era de falar muito sobre a família. As poucas vezes que me lembro de ele ter tocado no nome da sua mãe era para narrar uma lembrança saudosa da infância. Sei que não teve uma infância fácil, o questionava sobre as cicatrizes nas costas, mas não tinha resposta.

Lembrei-me que Joaquina comentou que meu pai e seu irmão eram tratados de forma insana pelo pai. Fazia deles soldados, os feria com palavras, os agredia.

—Tem uma coisa que não contei sobre seu pai.

Fitei a minha sogra esperando que prosseguisse.

—Não tem relevância, porém nesse momento é bom que saiba de tudo. Seu pai era gay. E foi o que mais sofreu nas mãos do filho da puta do Eugênio, pois era machista, preceituoso, homofóbico. O maior medo dele era descobrirem a orientação sexual do seu filho mais novo. Para ele seria o fim da reputação da sua família.

—Essa informação tem no dossiê que Marsal fez sobre os Navarro, Laura. —confirmou Gabriel.

—Vicente sempre foi mais inteligente que o irmão mais velho. Foi o primeiro da turma no colegial e da faculdade. Era bom em tudo. Só não gostava de esportes e chegou a praticar alguns somente por

pressão do pai. Eugênio não era burro. Sabia que não poderia renegar o filho gay, pois a indústria não duraria muito tempo nas mãos do seu primogênito. Raf odiava estar sempre em segundo lugar, ser a última opção do pai. E esse ódio, inveja e rancor se estendeu para o Vicente. —proferiu dona Joaquina, me encarando.

Afastei as lágrimas com os dedos querendo me manter forte.

—Ele passou a sentir ciúmes da amizade do irmão com a Claudia. Sua mãe o rejeitava, não dava nenhum tipo de intimidade e só continuou trabalhando por conta do salário compensador. Raf ficou mais obsessivo quando soube que Vicente estava apoiando a Claudia em todo o processo contra ele. O fim da picada foi quando descobriu que eles haviam fugido juntos. Ele não sabe que você é filha dele...

—Eu não sou filha desse monstro, Gabriel. Sou filha da Claudia e Vicente. E quero que continue assim. Não vou dar o gostinho do maldito saber que sou fruto da violência que cometeu.

—Concordo com você, pequena.

—Outra coisa importante que estava no cofre. São documentos que comprovam o envolvimento do Raf com lavagem de dinheiro. Isso vai nos servir muito para lutarmos contra ele no tribunal. Verifiquei todos e estão válidos. Quando tivermos as provas que ele mandou matar os seus pais, tenho certeza que será sentenciado à prisão perpétua.

—Não espero menos que isso, Calixto.

—Estamos confiantes. —disse o Zenon.

Coloquei minha mão em cima do joelho do meu namorado, mesmo sabendo que não tem sensibilidade nessa região. Era um gesto carinhoso e adorava o tocar, demonstrar afeto.

—Quero fazer uma Procuração para o Gabriel ser administrador de tudo. Ele já é tutor de grande parte dos bens que meus pais deixaram. —comuniquei decidida.

—Laura, posso ensinar você a administrar, entender melhor como estar funcionando os investimentos, as aplicações em imóveis, bolsas de valores, bancos.

—Eu irei aprender, Gabriel. Mas agora não quero lidar com isso. Meu único objetivo é que o mandante e os executores paguem

pelo que fizeram aos meus pais. —disse, agora acariciando sua mão grande.

—Se prefere assim... Tudo certo.

—Assim que finalizar algumas questões legais poderá ir a indústria Navarro assumir seu lugar que está desocupado.

—Não quero pisar naquele lugar.

—Temos um plano. Se concordar, agiremos dessa forma.

—Estou escutando, amor.

—Marsal descobriu que Raf há dois anos está tentando driblar a crise financeira da indústria. Obviamente isso está afetando sua vida financeira. Tem buscado dinheiro nos fundos de emergência da empresa, feito empréstimos bancários absurdos, enfim. Ele pode quebrar a qualquer momento. Então é aí que Zenon irá entrar no jogo.

Zenon limpou a garganta e se levantou do sofá para apresentar o plano:

—A partir de amanhã terei a missão de entrar como sócio na maior quantidade de indústrias petrolíferas que conseguir. Serei um magnata em ascensão. Até que chegarei na indústria Navarro mostrando grande interesse em comprar a empresa. Para isso vocês terão que entrarem lá anunciando que irão vender, pois sabem que as condições da empresa não está uma das melhores. Isso fará os acionistas temerem.

É tudo que eu queria. Acabar de uma vez por todas com o império dos Navarro.

Com o dinheiro irei abrir um centro de ajuda e proteção para vítimas de violência sexual. Seremos diligentes com as vítimas, dar todo suporte necessário para conseguirem seguirem em frente. E principalmente: só trabalharão mulheres no centro. Nada de homens.

—Estou de acordo. Faremos isso.

—Depois Zenon passará tudo para nós. E então a decisão do que faremos estará nas suas mãos. —falou o Gabriel, confiante.

Sua força e coragem me fortalecem.

—Usaremos o dinheiro para abrir um instituto de ajuda para vítimas de abuso sexual. Eu também desejo ajudar os hospitais públicos que oferecem tratamento contra leucemia. Graças a Deus,

Romeo sempre teve os melhores especialistas e hospitais. Mas sei que grande parte dos doentes não tem esse privilégio. E além disso, quero colocar em prática projetos de acessibilidade e um centro de fisioterapia gratuito para paraplégicos, tetraplégicos.

Gabriel sorriu emocionado e levou minha mão aos seus lábios, a beijando demoradamente.

Poder, ambição, inveja e obsessão acarretaram para o aniquilamento dos meus pais. Eles fugiram disso para me proteger, para eu ficar em segurança e longe de toda essa podridão.

Não faria sentido algum continuar mantendo um império que trouxe disputada e emulação.



Passamos a manhã inteira com o Romeo. Estava planejando dormir com ele no hospital. No entanto, ao falarmos com o doutor sobre as últimas atualizações do tratamento do nosso filho ficamos felizes por saber que em breve ele fará a última quimioterapia do ciclo de tratamento.

—Terminando essa quimioterapia. O pequeno terá um período de descanso. Os últimos exames apresentaram taxas positivas. — disse o doutor com um sorriso. —Não vejo porque não o liberar para ficar em casa com os pais. Continuarei o acompanhando de longe. Mas qualquer efeito colateral que acharem fora do normal, ou qualquer outra coisa, não pensem duas vezes em me contatarem. Deixarei meu número particular caso liguem para o hospital e eu esteja de folga. Depois desse período de descanso ele terá alta. Porém ficaremos o acompanhando para termos certeza que o pequeno alcançou a remissão completa da doença.

—Romeo vai amar. —falei, animada e cheia de esperança.

—Falta pouco para levarmos nosso filho por definitivo para casa.



Aproveitando que não iremos a empresa hoje. Meu namorado disse que gostaria de me levar no mirante do *Palácio Barolo*.

Revelou que costumava vir bastante para apreciar a vista da cidade.

Enquanto Balboa dirige. Gabriel fala mais sobre o prédio que foi considerado um dos mais altos da América Latina. O moreno explicou que o arranha-céu é cheio de referência à *Divina Comédia*.

Lembrei-me que li esse livro de *Dante Alighieri* a pedido da professora de literatura do colegial para fazermos um resumo. A história é basicamente sobre a conversão de um pecador ao caminho de Deus. Bem forte, bem humano.

Balboa estacionou e rapidamente saiu para pegar a cadeira de rodas do Gabriel no porta-malas. Sai e meu moreno habilidoso se transferiu para a cadeira motorizada.

—É incrível!

Admirei a construção de arquitetura belíssima. Têm algumas pessoas tirando fotos em frente ao monumento, que se tornou um edifício de escritórios.

—Tem certeza que ninguém vai nos barrar?

—Quem teria coragem de fazer isso com um pobre cadeirante?

O encarei quase não acreditando no seu humor ácido. Gabriel sorriu e pude voltar a respirar aliviada. Parece que o meu lindo namorado estar aprendendo a cada dia aceitar sua condição. Começou até fazer piada.

Sentei-me no seu colo de lado e passei o braço por trás dos seus ombros.

—Espero que não se importe de me dar uma carona. Não esqueça que ainda não o perdoei totalmente.

Brinquei recebendo um cheiro e arranhar de barba na curva do meu pescoço.

—Vamos, meu único amor. Quero que aprecie à vista.

No elevador ignorei os olhares estreitos de três pessoas que nos encaram. Acredito que por estarem desaprovando eu estar sentada no colo do meu namorado. Ainda bem que não preciso da aprovação de ninguém. Muito menos deixarei de fazer algo que tenho vontade por conta da opinião alheia.

Saímos no último andar e fomos para o farol. Levantei-me do colo do moreno motorizado encantada com à vista. As pilastras

romanas passam da minha cintura. Encostei as mãos na proteção, impressionada com a paisagem que temos da cidade.

A mão do Gabriel entrou por baixo do meu vestido parando na minha coxa. Não era um toque sexual, mas sim de intimidade, carinho.

—Quando descobriu esse lugar?

—O amigo do meu pai tinha um escritório alugado aqui. Aproveitava para explorar o lugar. E acabei encontrando o caminho do farol.

Soprou brandamente e proferiu:

—É uma vista linda, não é?

GABRIEL

Devido a minha realidade não posso apreciar como fazia antes quando era andante.

Para a minha surpresa Laura veio para trás de mim e empurrou minha cadeira até encostar nas colunas de proteção. Sibilou animada:

—Você vai se erguer, segurar nas pilastras e mantereí você em pé por alguns minutos para apreciar à vista. Será jogo rápido.

Seu cuidado de me incluir em tudo me comove. Mas...

—Laura, não acho que seja uma boa ideia. Sou pesado. Tem certeza que vai aguentar?

—Tenho sim. Quando se erguer serei a sua coluna, amor.

Putá merda! A mulher adora fazer eu chorar.

—No três...Eu levanto. Não vou conseguir ficar em pé por muito tempo. —avisei, engolindo a emoção.

Contei até três e usei toda força que tenho nos braços para me erguer. Segurei rapidamente nas pilastras e escutei quando Laura empurrou a cadeira de rodas e fechou as mãos em frente do meu abdome como se fosse um cinto de segurança.

Era bom estar de pé, literalmente.

Não consegui conter as lágrimas e nem segurar o sorriso. Afinal, não tinha porque fazer isso. Estou feliz. Fechei os olhos por alguns segundos quando senti o beijo da Laura nas minhas costas.

—É exatamente como lembrava.

—Quando quiser sentar me avise. Rapidamente puxo a cadeira.

—Ainda posso aguentar por alguns minutos. E você?

—Tenho que concordar que é bem pesado. —senti sua risada.

—Mas sou uma mulher forte.

—Muito forte.

A ventania, a luz do dia, tudo estar perfeito.

—Obrigado por isso. —agradeci.

Não estava preparado para o que indagou:

—Gabriel, casa comigo?

O tremor que passou pelo meu corpo, não identifiquei se era pelo esforço, ou pelo seu pedido. Provavelmente as duas coisas.

—Espero que não tenha escutado errado.

—Casa comigo, moreno? Podemos casar amanhã mesmo no civil e depois faremos uma grande festa de casamento para nós, nossa família e amigos. Quero tudo com você, Gabriel.

—Preciso sentar.

Com agilidade minha coluna humana desfez o abraço para puxar a cadeira. Afastou-se sem me soltar, posicionando a cadeira motorizada certeira. Assim que sentei a puxei para o meu colo a pegando desprevenida, arrancando risadas suas.

—Não brinque comigo, menina. Você pediu para eu ser seu marido. E quando isso acontecer, porra...

Emoldurei seu rosto angelical. Passei o polegar pelos seus lábios entreabertos, o escorrei para sua pintinha que acho quente pra caralho.

—Foi um sim?

Beijou o meu polegar quando voltei a acariciar seus lábios carnudos, os manchando com seu batom vermelho.

—Com certeza quero casar com você.

Segurei-a pela nuca e mordisquei sua boquinha gostosa. Começamos a nos beijar lentamente, um beijo de língua delicioso, quente, longo. Seu hálito fresco mesclando com o meu, me inebriando com seu gosto.

Se eu sobrevivi ao acidente é porque Deus ainda tinha um propósito para mim. Mesmo quando o julguei, o desafiei, desacreditei

por ter tirado meu filho de mim, por ter ficado paraplégico...Tinha um propósito.

Agora consigo enxergar as coisas com mais clareza.

CAPÍTULO 29

LAURA

Gabriel está bebendo os meus gemidos. Respirei profundamente quando contornou minha boca com a sua língua. Que homem!

—Podemos ir para casa comemorar? —perguntou cheio de segundas intenções. O que eu adoro.

—Preciso comprar nossas alianças.

—Agora estou me sentindo a mulher da relação.

Fez uma expressão fofa. Beijeí seu nariz, rindo.

—Sou uma mulher empoderada. Nada de ficar esperando o meu namorado ter atitude.

Pisquei e ele apertou minha coxa.

—Ok. Então vamos escolher nossas alianças.

—Podemos almoçar em algum restaurante italiano?

—Onde você quiser, amor.

—Aproveito para falar da proposta do Eliot.

Seguindo a sugestão do meu noivo fomos a joalheria da *Bvlgari*. Gabriel disse que os designs tradicionais e inovadores da marca é o que quer para nós. Sinceramente não entendo nada. Se eu gostar irei levar.

Fomos atendidos por um consultor. Gabriel pediu que nos levasse a parte de peças exclusivas. Tenho que concordar que a vaidade subiu alguns degraus, pois teremos alianças que nenhum outro casal terá igual.

O consultor nos encaminhou para uma sala reservada. Nos ofereceu champanhe. Recusamos ficando somente na água mineral. Ele começou a expor as peças exclusivas da nova coleção e contando a história da criação do design.

Parei de prestar atenção quando tirou uma aliança grossa que foi inspirada no anfiteatro mais famoso do mundo: *Coliseu*. O espiral é tão bem trabalhado que chega a ser surpreendente. O anel tem

quatro aros em ouro amarelo dezoito quilates com *pavê* de diamantes.

—É esse!

—Foi o que mais chamou a minha atenção. —concluiu o Gabriel.

Tiramos as medidas dos nossos anelares e esperamos o consultor confirmar se tinha os nossos tamanhos a pronta entrega. Minutos depois nos foi entregue as alianças dentro da caixinha que a própria marca confecciona. Tudo bem chique.

Gabriel efetuou o pagamento e saímos da loja deixando o consultor com um sorriso de orelha a orelha. A comissão seria muito boa para ele.

GABRIEL

Vimos almoçar em um bistrô italiano que costumava a frequentar bastante. Agora consigo enxergar o quanto fui tolo me condenar pelo acidente. Deixei de fazer muitas coisas como forma de punição.

Agora tudo isso ficará no passado. Darei o meu melhor para manter uma qualidade de vida, ficar forte e saudável para ser um exemplo a ser seguido. E claro, aproveitar cada momento da vida com a Laura e nosso filho.

Meu Deus, fui pedido em casamento pela minha menina. A morena é corajosa, um mulherão.

Tirei minha atenção da Laura quando senti meu celular vibrar no bolso do jeans. Era o meu fisioterapeuta lembrando nossa sessão de hoje.

—Algum problema?

—É o Omar. Está lembrando o horário da fisioterapia. —falei, terminando de ler a mensagem dele. —Ele disse que vai levar um *personal trainer* que trabalha apenas com paraplégicos. Ele acredita que o *crossfit* irá ajudar bastante meu condicionamento físico.

—Meu amor, isso é incrível! —sorriu animada.

—Acho que a fisioterapia é o suficiente.

—Nada disso, Gabriel! Se o seu fisioterapeuta tem certeza que vai ser bom para a sua saúde, fará. Estou ansiosa e curiosa.

Quero ir assistir você exibindo seus músculos, suado e muito sexy se exercitando. —murmurou.

Como é safada. Amo isso.

—Está certo. —tomei um gole do suco natural de laranja e falei: —Agora conte sobre a proposta do Eliot.

—Antes de conversarmos, sobre isso, acho que tomei uma decisão. Bom, quero sua opinião.

—Nem pense em voltar atrás no pedido. —sibilei humorado. Sorriu docemente.

—Bobo, não é isso! É sobre o meu curso. Não irei conseguir estudar todos os conteúdos para as provas. Estou pensando em trancar e voltar no próximo semestre.

—Se preferir, pode migrar para uma faculdade presencial.

—Ocuparia bastante meu tempo. Quero trabalhar, cuidar do Romeo, ter tempo para nós. Continuarei estudando à distância. Fora que assim que nosso plano for concluído, me dedicarei aos institutos de ajuda. Estou pensando em chamar a Lola para trabalhar comigo na administração.

Capturei sua mão pequena por cima da mesa. Não poderia estar mais orgulhoso dos seus projetos sociais.

—Pequena, a última coisa que tem que fazer é se sobrecarregar. Porém, não adie tanto seus estudos. Falta pouco para se formar. Educação é uma das coisas mais valiosas que existem.

—Concordo. E sei que meus pais não aprovariam a desistência. Preciso apenas de um tempo até as coisas se organizarem.

—Agora fale sobre a proposta do Eliot.

—Basicamente jogou o radar criativo dele em cima de mim e da Lola. Quase exigiu que fossemos as garotas propagandas do novo lançamento da Arkis.

O garçom chegou com nossa refeição. Agradecemos e começamos a comer.

Não sou capaz de mentir que minha insegurança foi trancada a sete chaves. Laura é jovem, lindíssima, chama atenção por onde passa, mesmo que não perceba.

Percebi os olhares masculinos cravados em nós. Como se achassem injusto um deficiente estar acompanhado de uma mulher tão linda. A maioria das pessoas são maldosas, preconceituosas ao ponto de acharem que a Laura pode estar comigo por interesse.

Julgamento e mais julgamentos.

Porém, tenho que ser o homem que prometi ser. O preconceito e julgamento alheio irei mandar sempre para a casa do caralho. Nada de ficar me acovardando, vitimizando.

Eu sou o homem da Laura. E ela é minha mulher.

—O que achou?

—Estranho. Gabriel, não sou nenhuma modelo. Você conhece o meu corpo, não sou o padrão...

—É gostosa pra cacete.

Laura quase se engasgou. Tive o cuidado de não falar alto.

—Lola pareceu animada. Você se incomodaria?

—Se a propaganda não tiver homem sem camisa tocando em você... Parece uma excelente proposta.

—Então irei aceitar. Como não preciso do dinheiro, mandarei minha parte para a conta da Lola.

Sorri orgulhoso dela.

LAURA

Ao chegarmos em casa Delfina nos informou que o fisioterapeuta do Gabriel e o *personal* estão o aguardando na academia. Irei o conhecer, mas antes vou para a suíte mais o Gabriel.

—Ele é pontual.

—Adiantado. —bufou o Gabriel.

Peguei a sacola de papel da joalheira e sai em direção ao closet para guardar. Comecei a me despir desejando um banho. Levantei as solas dos meus pés do chão ao sentir a mão pesada do meu noivo estalar na minha bunda.

—Ardeu... —resmunguei.

—Culpa sua por exhibir essa gostosura.

Seu olhar carregado de malícia deixou claro sua intenção. Tratei de dizer:

—Vai se atrasar para a fisioterapia.

—Só irei depois de fazer você gozar. Fica de costas.

Nunca recusaria prazer.

Segurei-me nas prateleiras quando seus dedos puxaram o elástico da calcinha a rasgando de um lado para depois puxar o outro lado. Apertei os lábios com força quando segurou meus dois montes, resvalando seu nariz na linha que os separa.

Misericórdia.

O pingo de vergonha que tinha se dissipou ao sentir sua língua me saboreando sem frescura. Tremi quando sua mão pesada escorregou pela minha virilha se fechando em concha na minha boceta melada. Estou excitada demais. Não sei como isso é possível...Ele me deixa nesse estado tão facilmente.

Encostei a cabeça na divisão das prateleiras quando seu dedo começou a entrar e sair da minha vagina. Ronronei quando sua língua entrou no meu buraquinho, enquanto seu dedo fodia minha boceta. O moreno segue uma sincronia perfeita.

—Porra, Gabriel...

Gabriel mordeu minha bunda no exato momento que seu polegar começou a trabalhar ferozmente no meu clitóris durinho.

—Você tem um rabo tão gostoso, pequena. —outra mordida.

Meus joelhos estão virando gelatina. O moreno me puxou para o seu colo. Colei minhas costas no seu peitoral e seus dedos continuaram masturbando... Tão gostoso. Uma camada fina de suor começou a escorrer pelos os meus mamilos duros.

Meu noivo passou o meu braço direito para atrás dos seus ombros. E logo sua boca engoliu o meu seio. Ele está mamando, chupando e mordiscando o meu peito sem piedade. Estou perto de gozar.

—É disso que minha menina gosta, não é?

—Só mais um pouco... —gemi.

—Mais tarde quero que sente essa boceta cheirosa na minha cara. Vou chupar e sugar até não aguentar mais ser fodida pela minha boca.

—Gabriel...Deus!

Tomou minha boca num beijo profundo, molhado. Gozei deliciosamente com ele manipulando o meu clitóris. Arfei com a respiração oscilando.

Fui voltando ao meu estado normal sentindo seus beijos no meu pescoço, ombro e bochecha.

—Agora preciso trocar de roupa para ir fazer a fisioterapia.

—Quando estiver pertinho de acabar darei um pulo lá para assistir e conhecer seu fisioterapeuta.

—Para que quer conhecer o Omar?

Tão ciumento.

Ajeite-me nas suas coxas.

—Quero conhecer todos que fazem parte da sua vida, ciumento. —beije de leve seus lábios. —Agora irei tomar um banho.

Quando levantei ganhei outro tapa na bunda. Ele sorriu e direcionou sua cadeira para a parte do closet onde ficam suas roupas esportivas.

CAPÍTULO 30

LAURA

Deitada de bruços na cama, retornei as minhas pesquisas sobre vida sexual dos cadeirantes. Queria que o Gabriel tivesse o mesmo prazer que eu, que não pensasse apenas em mim.

Lendo avidamente relatos pessoais em blogues, meus olhos se iluminaram ao lerem: *IntimateRider*. É uma cadeira de balanço projetada com movimento natural, conforme a forma que o cadeirante estiver a utilizando. Além disso, acompanha um dispositivo de posicionamento sexual para a parceira ou parceiro.

Ambos os produtos —que são vendidos em conjunto— apresentam uma estrutura de aço e pernas antiderrapantes para estabilidade em qualquer tipo de piso. Mordi os cantos dos lábios deixando minha imaginação tarada compor Gabriel e eu transando loucamente ao ar livre, em algum lugar romântico, exótico. Só nós dois.

Suspirei e continuei lendo sobre a cadeira mágica.

As áreas de assento e posicionamento parecem confortáveis e fáceis de limpar. O que mais gostei de saber é que o conjunto tem durabilidade, além de ser dobrável, possibilitando levarmos em viagens.

A cadeira de sexo foi criada por um homem quadriplégico para melhorar a qualidade de sua própria vida pessoal e, a vida de muitos outros casais que vivem com os efeitos de uma deficiência.

Esse gênio merece o mundo.

Cliquei na parte: compre aqui. Preenchi todos os dados de entrega e rapidamente busquei o cartão de crédito dentro da minha bolsa. Após terminar de preencher a parte do pagamento, recebi um alerta no meu e-mail com o recibo e prazo de entrega. Viria dos Estados Unidos.

Seria nosso presente de casamento.

Estou sentindo minhas bochechas esquentarem apenas imaginando o quanto iremos aproveitar a cadeira mágica...

Aproveitei para entrar no sistema da universidade para solicitar o trancamento do curso. Mesmo que quisesse, não teria como focar nos meus estudos com tudo que está acontecendo.

Meu pai foi totalmente altruísta. Deixou sua vida para nos proteger do infeliz do Raf. Obviamente, saber que minha mãe ficou grávida de mim da pior maneira possível mexeu comigo. Ainda estou abalada, mas não é momento de fraquejar.

Mais do que nunca tenho que ser fria diante do plano que meu noivo traçou.



Senti o cheirinho de pão saindo do forno. Para o meu deleite era recheado com Presunto de Parma. Belisquei um pedacinho que Delfina cortou para experimentarmos. Um verdadeiro manjar dos deuses.

Sai em direção a academia que fica quase em frente à piscina. Pela parede de vidro assisti meu noivo exercitando os membros superiores. Estar suado à beça.

O fisioterapeuta o incentiva e corrige a maneira que deve prosseguir no exercício. Que vontade de colocar o meu homem dentro de um potinho.

Acenei para ele quando notou minha presença. Seu sorriso não durou muito, pois apertou os lábios engolindo o esforço físico.

Alguns metros de distância de frente para o Gabriel tem um homem com cabelo estilo samurai sentado na cadeira. Acredito que seja o *personal*.

Eu sou totalmente a favor do Gabriel fazer todas as atividades que irão o ajudar se fortalecer fisicamente. Principalmente a melhorar sua qualidade de vida.

Mas tenho que concordar que o fato de ele ir para a academia pode gerar um ciuminho de leve. Nem eu sabia que era uma cadela ciumenta. Contudo, jamais seria louca de colocar em jogo algo que o ajudará a melhorar.

Confio no meu moreno.

Entretanto, posso muito bem o acompanhar vez ou outra no *crossfit*.

Entrei quando escutei o fisioterapeuta encerrar os exercícios. Uma hora e meia de fisioterapia.

—Boa tarde.

—Amor, esse é Omar, meu fisioterapeuta. —apontou para homem preto e bonito. —Esse é o Clécio, meu pessoal.

Cumprimentei os dois profissionais com um aperto de mão. Fui para perto do Gabriel e não me importei de beijar o canto da sua boca. Até seu gostinho de suor é afrodisíaco para o meu paladar.

—Gabriel concordou em fazer o *crossfit* duas vezes por semana sendo acompanhando individualmente pelo Clécio. Como exige muito esforço não iremos abusar muito. —disse o Omar.

—A partir de amanhã iniciarei a fisioterapia na piscina. —avisou o Gabriel um tiquinho contrariado.

—E na próxima semana o *crossfit*. Irei fazer o cadastro do Gabriel na academia e reservar os horários. —avisou o Clécio.

Não tenho dúvidas que o meu noivo estar em boas mãos.

—Estou orgulhosa. —proferi o olhando com toda paixão que faz morada no meu coração. —E não liguem quando ele reclamar.

Eles sorriram.

LOLA

Encontrei-me com a Laura no estúdio de teste do Eliot. Era gente para todo lado seguindo as ordens do loiro estiloso e audacioso. Minha amiga disse que o contrato ficará pronto até o final do dia.

Estamos sendo maquiadas por maquiadores profissionais. Nunca me senti tão diva.

—Você nunca me decepciona, Laura.

Quem diria que a minha amiga com carinha de anjo e alma de safada iria pedir o namorado em casamento. Adorei.

—Faremos a cerimônia no civil o mais rápido possível. E depois faremos uma grande festa de casamento.

—Amo aniversários e casamentos.

Estou feliz pela Laura. Sua felicidade chega em mim de forma pura.

Sei que saber que seu progenitor foi um monstro que abusou da sua mãe a abalou. Mas a mulher tem fibra de aço. Ela não se revoltou, não ficou lamentando. Pelo contrário. Irá agir para acabar com o Navarro endemoniado.

Os maquiadores terminaram o belo trabalho e rapidamente girei minha cadeira para ficar de frente para a Laura. Curiosa, logo perguntei:

—Imagina você entrando de noiva e buchudinha na igreja. Será muito fofo.

—Buchudinha?

—Vai que esteja grávida.

—Não tem como eu saber. Pelo menos, não por agora.

—Quando sua menstruação vem?

—É um pouco irregular. Pode vir no final do mês, no começo...
—fez uma carinha de preocupada.

—Não quer ter um bebê agora? Estranho, já que você e o Gabriel estão na velocidade da luz. Imagine se ele andasse. Capaz de estarem no quarto filho.

Brinquei tirando um sorriso bonito dela.

—Eu quero. Não agora, pois não acho que seja o momento. Mas estou tão certa do que quero para a minha vida, que um bebê agora seria bem-vindo. Gabriel quer isso. Contudo, senti seu receio de não conseguir mais ter filhos biológicos.

—No caso, se for negativo será mais decepcionante para ele.

—Exatamente. —bufou.

—Aconselho a não ficar pilhada. Se atrasar faça o teste.

Recebemos um pequeno texto para interpretarmos. Apesar do Eliot ter gostado de nós duas, teremos que trabalhar duro para provarmos que somos eficientes.

Em frente às câmeras e sendo alvos da equipe, começamos a encenar após o metido do Eliot liberar. Ainda bem que o texto não era longo, pois se não, não teria conseguido decorar.

Desconcentrei-me um pouco quando vi o cafajeste do Mariano parado na entrada do estúdio nos assistindo. Na verdade, seus olhos

esverdeados estão fixos, acompanhando cada gesto meu.

Espero que o pau dele nunca mais fique duro...

Ainda estou muito magoada. Demorou para cair a ficha de que precisava erguer a cabeça e mostrar para o Mariano que não iria continuar rastejando atrás dele.

Toda mulher merece ser devidamente respeitada. Eu sei que passei dos limites, *stalkeando*, chamando sua atenção. Porém, agia por impulso, agia como uma gata borralheira apaixonada pelo seu primeiro amor. Coloquei um fim nisso.

Não preciso de macho. Apenas de um excelente vibrador.

—Pausa! Meninas gostei do entrosamento. Laura, deusa, você está um pouco travada, mecânica. Naturalidade. —falou o Eliot, se abanando com o leque. —Voltamos em dez minutos. Estou tendo novas ideias.

Torcendo internamente para que não seja nenhuma mirabolante.

—Vou pegar um café, você quer?

—Cachaça seria uma boa, mas como é de manhã um café está de bom tamanho.

Ela saiu sorrindo.

Sentei-me na cadeira de frente para o espelho. A maquiagem continua intacta. Parei de mexer nos fios ruivos quando o Mariano se aproximou e parou bem do meu lado. Que perfume gostoso.

—Você, foi muito bem.

Poderia ser grossa...

—Obrigada. —murmurei seca.

—Lola, gostaria de jantar comigo hoje à noite?

Ok. Estava esperando a enxurrada de explicações sobre as suas atitudes acovardadas. Cansei de escutar suas desculpas. Quero ação, atitude. Porém, não posso ser boazinha, agora tem que provar que me merece.

—Tenho compromisso.

Sua feição mudou drasticamente. Quase tive pena.

—Com algum amigo?

—Um encontro com um carinha que conheci no aplicativo de namoro.

Ele não tem que saber que meu compromisso é ir no bingo das amigas da minha avó. Dona Delfina utilizando do seu drama que corre nas veias da nossa família, me convenceu a ir com ela. Segundo ela sua rival de décadas atrás inventou que ao menos uma vez ao mês fariam bingos com os netos.

E para constar não tenho nenhum aplicativo de namoro. A maioria só tem *héteros* egocêntricos.

—É o mesmo do shopping?

—Não. É outro.

Puxou a respiração e saiu sem falar mais nada.

CAPÍTULO 31

LOLA

Laura trouxe o meu café e beberiquei. A expressão de derrota e ciúme do rosto do Mariano não saem da minha cabeça. Meu sonho era ele ter percebido a tempo o que tanto negou sentir por mim. Teria sido perfeito.

Mas agora a situação é outra. Não quero simplesmente o aceitar para depois correr o risco de ser magoada novamente. Eu o amo muitíssimo. Todavia, agora penso em mim em primeiro lugar.

—Está no mundo da lua.

—Acha que estou sendo muito dura com o Mariano?

—O desespero dele por você é nítido. Você está certa em pensar em si mesma depois de anos correndo atrás dele. Porém, eu acho que tem que tomar uma decisão.

—De que tipo?

—Lola, uma hora ele pode desistir de vez. Vai aceitar que te perdeu e torcer para que seja feliz com quem realmente a mereça.

—Não quero isso...Eu acho.

Paramos de conversar quando o loiro chegou chamando a atenção de todos. E novamente nos preparamos para a segunda etapa do teste.



Estou quase dormindo no bingo das amigas da minha avó. Preferia um milhão de vezes ir ao clube de mulheres com elas, assistir os *boys* sarados e suados dançarem na nossa cara e beber.

Mas a dona Delfina me chamou para isso? Claro que não.

—Que divertido. —alfinetei.

—Um fiasco. Mas tenho que fingir que estou gostando. Não vou dar esse gostinho para a Margarida.

Minha avó e Margarida tem uma rixa das antigas.

—Vai ver essa implicância toda que vocês têm é paixão incubada.

—Repreendo! Você fala cada bobagem, Lola. Puxou para a família do seu pai.

Mentira! A parte da minha família desbocada vem da parte da família da minha mãe.

—Estamos numa década moderna, vovó. Tudo bem a senhora gostar de colar o velcro. O importante é ser feliz.

Ela me beliscou evitando chamar atenção das suas amigas da terceira idade. Esfreguei a região onde pinicou.

—Isso é jeito de falar comigo, Lola!

—A senhora me bateu!

Olha a rainha do drama dando as caras.

Delfina revirou os olhos e bufou. Tão eu esse maracujzinho.

—Bem que merecia umas palmadas.

Aproveitando que a senhora que está rodando a bola de sorteio estar numa lentidão, decidi falar de outro assunto com a minha avó:

—A senhora acha que estou sendo dura demais com o Mariano?

Ela sabe sobre nossa história. Nunca aprovou as minhas atitudes. Acredita que eu deveria ter agido de forma mais madura, mas entendia que era uma adolescente impulsiva, imatura e muito apaixonada.

—Filha, quis tanto que ele reconhecesse o amor que sentia por você. Estou numa idade que penso que devemos aproveitar todos os momentos possíveis e não perder tempo.

—Eu o amo. Mas ele merece sofrer mais.

—Sei que ele te machucou, Lola. E isso me afetou, pois tudo que fazem com você me atinge. Porém, tem que pensar o que quer.

—Que ele sofra mais.

—Então, saiba que pode chegar um momento que ele vai acreditar que não terá mais chance e vai desistir. O amor verdadeiro é altruísta.

E mais uma vez minha avó tem razão.

Entediada e morrendo de fome, sai do meu lugar para assumir o lugar da velhinha que estava anunciando as bolas que sorteadas. Caso contrário passaríamos uma semana nesse bingo.

GABRIEL

Laura veio comigo para a minha consulta com o doutor Hinata. Nada de a deixar de fora. E juro que não tem nada melhor que estar com quem você ama em todos os momentos. Sejam bons, ou ruins.

Seguindo o conselho do meu fisioterapeuta vim investigar as fisgadas de dores nas costas. Desde que passei a ser cadeirante sentencieei a não fazer mais o tratamento, não seguir as regras para ter uma qualidade de vida melhor.

Eu estava amargo, sofrendo o luto de perder meu filho e não fazia sentido me preocupar com o meu tratamento. O que fiz, assim que sai do estado de choque foi tudo por causa dos meus pais e irmão que não me deixaram sozinho por um só segundo.

Fiz a bateria de exames que o doutor Hinata solicitou antes de prosseguirmos com a consulta. Laura me acompanhou em todos que poderia entrar acompanhante. Notei sua carinha de preocupada.

Adentramos o consultório elegante do doutor Hinata e apresentei a Laura como minha noiva. Tendo sua mão pequena fechada com a minha...Estou pronto para escutar o doutor.

O doutor fez um resumo do meu histórico médico desde o acidente, ressaltando a lesão medular que sofri na T6. Em determinado momento parei de olhar para o doutor Hinata para prestar atenção na feição da Laura.

Minha morena linda estar interessada, acompanhando tudo que o médico diz. Tenho certeza que irá pesquisar na internet. É o tipo de pessoa que se entregava de corpo e alma.

—Os exames não mostraram nenhuma anomalia. As fisgadas mais fortes que está sentindo nas costas é resultado do tempo que ficou sem fisioterapia, se prejudicou muito, Gabriel.

—Eu sei disso, doutor.

—Basta seu fisioterapeuta focar nos exercícios com tratamento de condicionamento físico e fortalecimento muscular. Não irei passar nenhum remédio, além do que toma que são os necessários. Irei passar uma vitamina a mais das que já toma diariamente.

—Tem certeza absoluta que a fisioterapia vai resolver? — indagou minha noiva.

—Sim. Mas para isso o Gabriel terá que compensar o tempo perdido. Não é algo que vai passar da noite para o dia. Requer dedicação, tempo e paciência.

Agora tenho esses três itens. Tudo pela minha família.

CAPÍTULO 32

LAURA

Tentei ao máximo passar segurança para o meu noivo disfarçando meu nervosismo diante da bateria de exames que fez para finalmente consultar com o doutor Hinata. Eu não gosto de hospitais. Desde que meu pequeno foi diagnosticado com LLA — leucemia linfóide aguda—e passarmos nossa maior parte do tempo no hospital.

Definitivamente estou aliviada.

—Obrigado por ter me acompanhado.

Agradeceu capturando minha mão com a sua. Sorri para o moreno, feliz.

—Agora estarei na sua cola. —brinquei.

Balboa estar dirigindo, estamos a caminho da Arkis. Ontem o assunto que rolou durante o jantar foi eu falando da minha experiência como atriz e modelo de propaganda. Gabriel se divertiu com os meus relatos. Segundo ele, Eliot está na sua melhor fase.

—O que acha de nos casarmos daqui duas semanas?

—Perfeito. Romeo estará em casa com a gente, se recuperando da última quimio.

—Ótimo. Cuidarei de tudo.

—Depois que derrotarmos o infame do Raf. Exijo que nosso casamento no religioso seja uma grande festa com tudo que merecemos.

Aconcheguei-me mais nos braços do Gabriel. Fechei os olhos quando beijou minha cabeça.

GABRIEL

Entramos no último processo de fabricação do novo modelo da Arkis, a montagem. Os primeiros modelos que ficaram prontos estão passando por toda a vistoria e testes de segurança. Todos os nossos veículos ficam em primeiro lugar nos testes de segurança. Algo que precisamos.

Após as finalizações dos testes os técnicos responsáveis ainda farão um pente-fino, no qual conferem se a montagem ocorreu de forma perfeita. Por fim estarão prontos para serem transportados para as concessionárias.

Assim que chegamos na empresa pedi que a minha morena deixasse seus documentos pessoais comigo, pois Zenon viria buscar para cuidar da parte civil para nos casarmos. Era coisa rápida.

Quem diria que eu iria me casar com a filha do meu padrinho. Deus não brinca em serviço.

—Quando ia contar que estar pensando em se casar?

Mariano adentrou o escritório com uma cara péssima. Sua barba cerrada que costuma estar sempre cuidada, está maior. Meu irmão é um cara vaidoso, não ao extremo, porém gosta cuidar da sua aparência e saúde.

—Está sofrendo de amor mesmo.

—Não fode, Gabriel. Estou com um humor horrível, fora o trabalho que está me cansando demais.

—Sua falta de humor é novidade. Agora sobre o trabalho você sempre reclamou. —praticamente se jogou na cadeira, soltando um suspiro alto. —Laura me pediu em casamento.

Rapidamente se animou exibindo um sorriso enorme.

—Mano, a Pocahontas é um mulherão. Que atitude.

—Daqui duas semanas iremos nos casar no civil. A festa com tudo que ela merece será após resolvermos a situação com o Raf.

—Laurinha está sendo bem forte.

Sorri orgulhoso.

—Depois que tudo isso passar, faremos uma viagem.

—Isso que eu chamo de amor.

—Nada de se resolver com a Lola?

—Parece que ela está seguindo em frente. Pensei que teria alguma chance, mas talvez seja o momento de respeitar a decisão dela, ou...

—Ou mostrar para ela que a ama de verdade. Corre atrás do prejuízo, irmão.

Sua feição deixou um pouco o ar derrotado.

Mariano não ia desistir. Ele está mal, sofrendo, mas é destemido o suficiente para provar a Lola que a ama.



Minha mãe ligou nos intimando a ir jantar na casa dela para comemorarmos o noivado. Achei desnecessários, pois preferira ter um jantarzinho romântico com a Laura e depois a encher de prazer. Contudo, sabia que minha menina não iria recusar um convite da dona Joaquina.

E cá estamos na casa dos meus pais. Uma bela propriedade em um condomínio privado num dos bairros mais nobres de Buenos Aires.

Laura tocou a campainha e ficamos esperando abrirem a porta. Lembrei-me da cópia da chave que minha mãe deixou comigo em caso de emergência. Nunca saiu do porta-luvas do carro. Pedi para a minha mulher buscar, pois seria mais rápida que eu com toda certeza.

Abri a porta e dei passagem para a Laura entrar primeiro. Em seguida tranquei jogando a chave no aparador. A voz do vocalista do *Pear Jam* estar alcançando nossos ouvidos conforme avançávamos para a cozinha. É a banda preferida do meu pai.

Ao passarmos pela porta automática que dá acesso à área externa parei a cadeira a tempo de puxar a Laura para o meu colo e impedi-la de assistir meus pais transando loucamente na hidromassagem.

Perdi as contas de quantas vezes peguei os dois coelhos...Deveria ter desconfiado que por não terem escutado a campainha só poderiam estar fazendo o que mais gostam: sexo.

—Gabriel!

—Confia em mim, amor. Não vai querer ver!

—Oh, céus! —rindo, escondeu o rosto no meu pescoço. — Vamos sair daqui!

Alguns minutos depois estamos na sala com a Lola que acabou de chegar. Laura abriu a porta para a amiga. Pensei em ir embora, mas era capaz dos meus pais aparecem lá em casa.

—Pegaram os dois fazem ao vivo. —afirmou Lola, jogando a bolsa cheia de chaveiros no sofá.

—Gabriel impediu que eu visse. Ainda bem. —sussurrou Laura.

A ruiva começou a gargalhar. Quando se recuperou proferiu:

—Quero envelhecer igual eles. Transando.

—Fácil, falar, pois não são os seus pais. —falei.

—Deveriam se inspirar neles.

Meus pais aparecem trajando roupões e avisam que se trocarão rapidamente.

Mariano avisou que não viria, ficaria em casa trabalhando. Ele está louco para lançarmos o novo veículo e assim poder relaxar um pouco. Lola não perguntou por ele. Entretanto, comuniquei à ausência do meu irmão.

Ela disfarçou bem, contudo, notei sua carinha de decepção. Uma hora esses dois irão se entender. Disso tenho certeza.

Meus pais cozinham divinamente. E como sempre gostam de fazer refeição fartas.

Minha morena estar tomando o vinho tinto que meu pai abriu para harmonizar com o jantar. Fiquei apenas na água. Estou dirigindo e por conta dos remédios não é recomendável eu tomar bebidas alcoólicas. Prefiro que a Laura se divirta e aproveite o jantar, cuido dela.

—Nem acredito que meu bebê vai casar. A lista de convidados é enorme. Irei ajudar vocês. Conhecemos muitas pessoas...

A interrompi suavemente:

—Mãe, por favor, não exagere tanto. Será uma grande festa, porém não queremos que seja extravagante.

—O que acha, Laurinha?

—Que...Vou querer sua ajuda, assim como irei querer a da Lola. Vamos convidar as pessoas mais próximas do ciclo social de vocês.

—Já consigo ver o Romeo entrando com as alianças. Jesus, irei desidratar de tanto chorar.

Meu pai sorriu beijando a bochecha da sua amada esposa.

Olhei para a minha menina quando tocou na minha mão.
Laura estar feliz.

CAPÍTULO 33

GABRIEL

Hoje é um dia especial, difícil, mas especial. É a última quimioterapia do Romeo. E se Deus quiser a última do ciclo do seu tratamento.

Quando o meu rapazinho retornar do seu período de descanso —o qual permite que seu corpo se recupere da quimio — fará novos exames e tenho certeza que sairá vitorioso dessa maldita doença.

Romeo entrará na estatística de crianças que obtiveram a cura.

—Sua mão está fria, amor.

Laura estar mordendo parcialmente seus lábios. —um dos seus tiques. Claramente nervosa, ansiosa e angustiada. Nem posso imaginar como foi para ela receber o prognóstico, lidar com a pior notícia que um mãe e pai pode receber sobre seu filho. Nós que somos pais, não pensaríamos duas vezes em aniquilar a dor do nosso filho.

—Costumo ficar assim... Nas sessões de quimio.

—Agora não carrega tudo sozinha nas costas. Estou com vocês. Romeo é meu filho.

Sorriu enternecida apoiando a mão no meu ombro.

—Nosso maior presente. —sussurrou.

Esperei ela sair primeiro do elevador e logo direcionei a cadeira para irmos ao quarto do Romeo. Laura parou na enfermaria do andar e entregou as oito embalagens de trufas de chocolates que compramos no caminho para cá; para que a enfermeira chefe distribua entre os plantonistas da ala infantil.

Fui o primeiro a entrar no quarto do meu filho. O enfermeiro estar verificando o Cateter Venoso que foi implantado no Romeo na semana passada. As veias dele estão fraquinhas, então por questão de segurança e para não ocorrer o risco de adiar a última quimio, concordamos que o cateter seria mais seguro.

—Pai... —sorriu genuíno. —Ney, esse é o meu pai. Viu como ele é grandão.

O enfermeiro sorriu olhando para o meu garotinho, disse:

—Quase não acreditei. Tenho que confessar que estou bem surpreso.

—Então anda falando bastante sobre mim, campeão.

—Todos que trabalham nessa ala sabem que o pai do Romeo é o Herói Motorizado.

Romeo parece envergonhado por ter o segredo revelado. Que coisa fofa, meu Deus. Meu filho em sua inocência aderiu minha deficiência como parte de quem eu sou, me tornando seu herói.

Porra, e eu sou. Sempre serei.

—Gostei do apelido, filho.

Parei a cadeira no ladinho da cama hospitalar.

Em frente da sua cama tem uma que solicitei que colocassem para a Laura poder dormir mais confortável nas noites que viesse ficar com o Romeo.

—Enfermeiro Ney, se importaria de puxar aquela cama para perto dessa?

—Claro que não, senhor Herói Motorizado.

Troquei um sorriso com o Romeo.

Quando a Laura adentrou o quarto o enfermeiro havia terminado de juntar as duas camas. O profissional da saúde saiu avisando que iria buscar a medicação do Romeo na farmácia.

—Excelente ideia. —disse a morena.

Usando o braço mecânico da cama a abaixei até o limite para conseguir me transferir. Laura deixou a cama do Romeo da mesma altura.

Deitei-me ao lado do meu menino que ficou acolhido nos meus braços. O aparador de soro juntamente com o aparelho que controla a medicação ficou atrás.

O enfermeiro retornou, desta vez com a medicação. Atrás das duas camas ministrou o aparelho e o ligou ao cateter. Laura deitou do outro lado do Romeo.

Romeo começou a resumir o último quadrinho que leu. Notei que a mão pequena da Laura tremia de leve. Tive mais certeza

quando ajeitou o cobertor em cima do nosso rapazinho.

Comecei a acariciar seu cabelo. Olhou-me com os seus olhos brilhando por estar segurando as lágrimas.

Laura tem amor de mãe. O poderoso amor de mãe. Ela gerou, trouxe ao mundo e, o ama incondicionalmente. Seu maior medo é o perder. Entendo o seu sentimento. Talvez, não com toda sua magnitude. Por que simplesmente mãe é mãe. Porém, já passei pela dor de perder um filho. Pior coisa que existe no mundo.

—Mamãe, pode contar a música da Dona Aranha.

Segurei o sorriso pela expressão contrariada do meu filho. Essa música é uma tática da Laura se acalmar. Uma música que meu menino tem vergonha de cantar em público, pois acha a canção de bebezinho.

—Eu estou bem, filho.

—Sempre estar, mãe. Mas sei que não vai demorar muito para chorar.

—Juro que irei me controlar. É sua última quimio.

—Então, acho que podemos chorar todos juntos, não é? Mas não vamos contar para ninguém.

Beije a cabecinha careca do Romeo com o peito inflando de orgulho.

—Será de alegria. —concluiu, entrelaçando seus dedos com o da sua mãe. —Sonhei com os meus avós. Disseram que eu vou ficar bem. E eu acredito.

Laura tentou engolir a emoção. Contudo, falhou. Era impossível ser forte em um momento desse que mexe com a nossa alma.

LAURA

Meu macaquinho estar com a boca seca. Mantive sua garrafinha de água cheia para o hidratar.

Antes de saímos de casa pedi a Delfina para comprar alimentos orgânicos na feira que vendem alimentos livres de agrotóxicos. Queria a geladeira e despensa cheia para continuar preservando a alimentação saudável do Romeo.

Romeo dormiu e sem conseguir me conter levei a palma da mão na sua testa para verificar se tinha febre.

—Ele não está com febre, morena.

—Era só para ter certeza.

—Está quase acabando.

—Finalmente.

Encarei o Gabriel com todo meu amor. Seu amor, apoio e cuidado tem sido tudo para mim e nosso filho.

Ele voltou a fazer cafuné na minha cabeça e fechei os olhos tentando descansar.

Escutar o meu filho dizer que seus avós falaram que ele ficaria bem tocou no fundo da minha alma. Finalmente o meu menino vai ter uma infância fora do hospital. Irá brincar, estudar, fazer novos amigos...Crescer saudável.

Parece que um novo ar preencheu os meus pulmões quando a quimio do Romeo chegou ao final. Queria muito que os meus pais estivessem aqui conosco. Abraçamos o Romeo muito emocionados, felizes por estarmos encerrando essa etapa do tratamento.

Romeo estava sem apetite, porém se esforçou para tomar um pouquinho da sopa. Principalmente pelo fato de seu pai o estar alimentando.

Minutos após terminar a refeição fez uma carinha estranha. Fraquinho, não saiu rápido como gostaria ao banheiro. O ajudei e percebi que seu corpo estar tendo outro efeito colateral da quimioterapia: diarreia.

Gabriel quis entrar no banheiro para o ajudar no banho, mas Romeo estava envergonhado. Por este motivo e para não trazer mais drama para esse momento disse ao pai do meu filho que cuidaria dele no banho. A contragosto Gabriel concordou soltando um suspiro. Além disso, não tem espaço o suficiente para sua cadeira de rodas. Então contornei a situação.

GABRIEL

Meu filho melhorou da diarreia. Sei que ficou envergonhado por estar na minha presença. Uma bobagem. No entanto, Romeo quer mostrar o melhor de si para mim no intuito de me impressionar.

O rapazinho não tem ideia do quanto me orgulho dele.

—Amor, é melhor ir para casa descansar. Eu passarei a noite com Romeo. Amanhã Agner ou Balboa podem vir nos buscar.

—Ficarei com vocês.

—Você tem que tomar os seus remédios, tomar banho. Hoje não fez a fisioterapia. Amanhã tem *crossfit*. Tem que manter sua rotina.

Como essa mulher é maravilhosa.

—Depois compenso. Amanhã Romeo deixará o hospital e faremos isso com ele.

—Eu gostei da ideia. —disse o meu filho sorrindo.

Laura está em pé de frente para a cama. Parece que fará de tudo para manter sua ideia. De repente a porta foi aberta pelo *Homem de Ferro*, literalmente. Logo atrás, meus pais trazendo balões coloridos e a *Mulher-Maravilha*. O cabelo ruivo revelou a identidade da heroína.

—Não estou acreditando... —exclamou Romeo.

LAURA

Assim que o *Homem de Ferro* falou reconhecemos a voz do Mariano. Meu cunhado é inacreditável. Abracei meus sogros com alegria e depois foram acarinhar o neto. Quase esmaguei a doidinha com um abraço de urso. Murmurei:

—Você não existe, Lola. Eu te amo!

—Não faz eu chorar. —disse baixinho. —O mico de vir fantasiada dentro do metrô valeu a pena só pelo sorriso do Romeo. Esse príncipe merece.

—Não combinou com o Mariano?

—Fiquei tão chocada quanto os ovos das galinhas dos meus pais. —rimos. —Tivemos a mesma ideia.

—Que conexão.

—Péssima! Igual o plano de internet do meu celular.

Acabei rindo outra vez.

—Agora deixa eu ir ser a tia preferida do príncipe Romeo.

Meu filho passou ser o centro das atenções. Gabriel retornou para sua cadeira motorizada e quando parou ao meu lado sentei no

seu colo. Suas mãos pousaram em cima das minhas coxas.

—Pedirei a Delfina para separar minha medicação, nossas necessaries e muda de roupa para o Balboa vir deixar.

—Ok, teimoso.

—Além disso, pedi para ela arrumar suas roupas, sapatos, acessórios...Tudo no closet, do agora, nosso quarto.

Dei um beijo na ponta do seu nariz.

CAPÍTULO 34

GABRIEL

Ontem passamos o primeiro dia pós-quimioterapia do Romeo com ele. Nós três em casa, nos curtindo, sendo a pequena família que somos.

—Isso mesmo, Gabriel! Continue assim, cara!

Omar não tem pena, muito menos é atingido pelo meu mau humor. É um excelente profissional. Tenho que concordar que fazer natação tendo um homem de quase dois metros de altura auxiliando, não foi fácil. Não por eu ser machista. O desconforto inicial foi causado justamente por me sentir vulnerável.

Estou aprendendo a confiar no Omar a cada sessão.

Aprendi a ter controle do corpo na água, a usar todo o meu corpo da cintura para cima para nadar. Não como antes, é claro. A técnica de *Crawl* foi a palavra-chave para conseguir dominar meu corpo durante o nado.

Estamos quase finalizando a fisioterapia. Meu corpo estar em flutuação dorsal e relaxamento. Omar mantém suas enormes mãos firmes como alicerces atrás da minha cabeça para eu não me afogar. Estou tendo dificuldade, porém estou determinado a passar por essa etapa com sucesso.

—Muito bem. Trabalharemos mais a flutuação dorsal.

Nadei até o suporte para sentar na plataforma feita de um material especial para ficar na água.

—Nos vemos na sexta-feira.

—Acho que vou desmarcar...

A voz doce da mulher da minha vida, me interrompeu:

—Nem pensar! Nosso casamento será por volta das dez horas. E seu horário com Omar começa às sete horas. Tempo de sobra!

Omar soltou uma gargalhada aprovando a determinação da minha esposa em manter minha rotina de treinos.

—Isso mesmo, Laura. Não o deixe sair da linha.

—Omar, esperamos você na recepção do nosso casamento no civil.

—Não perderia. Agora vou me trocar, tenho outro paciente. Ótimo dia para vocês!

Os cabelos pretos e ondulados voam conforme a brisa que nos atinge. O vestido simples com pequenas folhas verdes emoldura seu corpo perfeitamente. Sem maquiagem, usando sandália baixinha, os pés delicados com as unhas bem-feitas pintadas de rosa-bebê. Parece brincadeira um homem como eu ter essa mulher toda.

Laura é muita areia para o meu caminhão.

Descalçou os pés e sentou na borda da piscina os colocando na água cristalina. Apoiei meu braço na sua coxa torneada e olhei fixamente para a sua barriga lisa coberta pelo tecido leve do vestido.

Não tocamos mais no assunto sobre uma possível gravidez. Tenho a observado, tentando encontrar algo que encha meu coração de esperança quanto a estar gerando um outro filho meu. Ultimamente me pego pensando que adoraria que tivéssemos uma menininha que fosse toda a Laura.

Todavia, sei que não é o momento. Em breve colocaremos nosso plano em ação contra o maldito do Raf. No momento nossa atenção estará voltada para isso. Fora que almejo que Laura invista nos seus estudos, obviamente tomaria bastante seu tempo. Então, nada de bebês agora.

Amanhã à tarde tenho a consulta com urologista. A secretária dele ligou na terça-feira para desmarcar e remarcar uma nova consulta para esta semana. O doutor precisou reorganizar sua agenda devido a um problema pessoal.

—Com fome?

Sua pergunta não teve malícia, mas não perdi a oportunidade. Falei:

—Muita. —beijei seu joelho e deixei uma mordidinha. —Louco para comer a minha morena gostosa.

Laura colocou os dedos na água a jogando um pouco no meu rosto. Ri.

—Você é um tarado.

—Por você, meu amor.
—Quero essa disposição toda até ficarmos velhinhos.
—Exijo o mesmo.
—Amanhã acompanho você no *crossfit*.
—Adoro quando marca território. Uma gata selvagem.
—Não vou para espantar as curiosas de perto de você. Estou indo...Quer saber? Sim, tenho ciúmes. Mas antes disso faço questão de o acompanhar para dar apoio.

—O melhor do mundo, pequena.
Escorreguei os lábios pela sua pele macia. Pedi manso:
—Vem namorar um pouco com o seu futuro marido?
Omar já havia ido embora. Então estamos com toda privacidade.

—Delfina está na cozinha.
—Quando estar só nós dois ela não vem. Sabe disso.
—Romeo pode acordar e vir...
—Então vem logo, pequena! Vamos aproveitar o tempo que temos.

A morena pegou na base do vestido o passando pela cabeça. Os mamilos que tanto amo ficam livres e estremecidos devido ao vento fresco. Só de calcinha entrou na piscina abraçando seu corpo e sorrindo.

Laura ficou em pé —a água bate na altura do seu umbigo —, entre minhas pernas. Desci minhas mãos pelas suas costas e esmaguei sua bunda durinha com os dedos, apertando forte e com gosto.

Minha mulher gemeu, mas não dei tempo para ronronar. A beijei de língua com calma, profundo, mudando o ângulo conforme o desejo aumenta. Laura entrelaçou meu pescoço, colando seus peitos no meu peitoral molhado.

Perfeita *pra* mim.



Eliot estar neurótico com a campanha do novo lançamento da Arkis. Considero sua equipe verdadeiros anjos na terra. Para o

aguentar durante o período de pré-campanha tinham que ter muita paciência.

Minha mulher e sua amiga assinaram o contrato e estão ensaiando os textos das três propagandas que sairão para o lançamento do novo veículo.

Não quis atrapalhar o seu ensaio, então decidi ir à consulta com urologista sozinho. Sei que estou correndo o risco de ela ficar brava comigo —quando souber que fui sem sua presença —, porém saberei domar a gata selvagem.

No fundo estou com medo de saber o resultado. Eu sou grato por ter o Romeo, mas adoraria ter mais filhos. Claro, tem a opção da adoção o que sou totalmente a favor. Mesmo assim adoraria ver a Laura carregando outro filho meu. Infelizmente não a conheci a tempo de vê-la gestante do nosso rapazinho.

Meu queixo caiu quando vi a dona Joaquina toda produzida sentada na recepção da clínica do doutor Varela.

—Pela misericórdia, mãe.

—Filho, pensou mesmo que o deixaria sozinho. Ainda bem que é pontual. Somos os próximos.

Minha mãe começou a falar sem parar das ideias que está tendo para a festa de casamento. Laura e eu não decidimos uma data para a cerimônia no religioso. A única coisa que temos certeza é que será depois de acabarmos com o Raf.

—Estou falando com as paredes. Fique calmo, filho. Doutor Varela é o melhor urologista. Se o resultado não for como esperamos, podemos estudar opções de fertilização, adoção.

—Eu sei, mãe. É que sonho muito ver a Laura grávida. Pode soar bobo...

—Não é, meu bem. Você é muito paternal.

A secretária do doutor Varela comunica que podemos entrar no consultório.

Cumprimentamos o doutor alto e bigodudo que tem um sorriso simpático ao nos receber. Enviei para o e-mail da secretária do doutor o meu histórico médico, assim nossa primeira consulta será mais produtiva.

—Gabriel, como deve saber a integridade da medula como um todo é fundamental para a saúde reprodutiva. Estudei seu histórico, mas nenhum apresentou um exame específico que comprove sua infertilidade.

—Não procurei um especialista na época, doutor. Fiquei recluso, não pensava em constituir uma família novamente.

—Entendo. —ajeitou os óculos de grau e voltou a me encarar, indagou: —Consegue ejacular?

—Muito. Principalmente agora...

—Mãe!

—O quê? Estou respondendo o doutor.

Doutor Varela sorriu e sibilou:

—Sente dificuldade na hora da ejaculação?

—Não. Estou normal nessa parte... Sinto que não sou o mesmo de antes, mas acho que estou normal.

—Isso é ótimo, Gabriel. —digitou algo no seu computador e retornou sua atenção para nós. —Fará um Espermograma completo daqui três dias. E nesse período não pode fazer sexo e nem se masturbar. Pode afetar a quantidade e qualidade do seu esperma. E evite bebida alcoólica, sei que não é fumante, pois está no seu prontuário.

Meneei a cabeça concordando. O quanto antes eu saber o resultado melhor.

—O exame é feito aqui na clínica. Ao sair, já pode agendar seu horário. Quando tivermos o resultado saberemos como prosseguir.

O doutor passou mais algumas recomendações e saímos do seu consultório. Minha mãe tomou a frente para agendar o dia do meu exame. Estou ansioso para saber o resultado.

—Tenho certeza que terá resultado positivo. Estou orando por isso de joelhos. E não tem nada mais forte que oração de mãe, meu filho.

Joaquina me abraçou beijando a minha cabeça.

LAURA

Esses dias tem sido de abstinência para o Gabriel. Não estou totalmente, pois ele tem me fodido com sua boca, língua e dedos. E por ter perícia sexual, sabe exatamente como fazer, como usar e como agradar sua quase esposa.

Finalmente irei sextar em grande estilo. Sendo oficialmente a senhora Arkis. Casando com o homem que amo demais.

Dona Joaquina cuidou dos preparativos da recepção. Quase todos os convidados chegaram. Optamos em fazer a cerimônia no civil na casa dos meus sogros por ser menos distante que a nossa morada.

—Está lindíssima. —disse Lola ao fechar o zíper do meu vestido.

É um modelo longo, tecido bem trabalhado e caro com caimento romântico. Os enfeites que tem no vestido de cor creme são pedrarias pequenas nos ombros e nos decotes laterais que exibem minha cintura. Delicado e sensual.

—A maquiagem ficou perfeita. Obrigada, Lola.

Cogitei em contratar profissionais para cuidarem do meu cabelo, maquiagem —não só de mim, mas como da minha amiga e sogra —, todavia quero tudo isso no meu casamento no religioso. Que seja grandioso, lindo e perfeito.

—Será que Gabriel já chegou mais o Romeo?

—Chegaram! —respondeu Joaquina ao entrar no quarto. — Porra! Como você está maravilhosa.

Minha sogra começou abanar as mãos perto dos seus olhos, disse:

—Não quero borrar minha maquiagem. Nem tirei foto ainda, poxa!

Sorrimos para ela.

—Então vamos descer. Estou pronta.

Conjuntei que conseguiria manter uma expressão de tranquilidade diante dos convidados. Porém, não conheço a família toda do Gabriel. E pelo que estou vendo são pessoas bem chiques.

Sorri para o meu noivo quando se aproximou com os seus olhos da cor do céu tirando quase o meu ar de tão intenso. Abaixei o

tronco para alcançar seus lábios. Um selinho singelo que o safado quis aprofundar. Entretanto, o contive.

—Você está linda...Perfeita, pequena.

—E você um gatão. Adorei o novo corte de cabelo.

Toquei seu rosto apreciando o corte moderno que deixou o cabelo baixinho nas laterais e em cima deixou com as mechas onduladas para o lado, um pouco maiores.

Será que aguento esse homem? Senhor Jesus!

—Onde está o Romeo?

—Com o meu pai. Está apresentando seu neto para os amigos.

Dona Joaquina me buscou cedo em casa. Gabriel ficou fazendo sua fisioterapia, com nosso filho, seu pai, irmão e melhor amigo. Desde ontem que tentei decorar o máximo de informações possíveis sobre seus familiares. Afinal, quero que ser bem recebida por sua família.

Gabriel não levou muito a sério, pois disse que não tenho que agradar ninguém. Apenas continuar sendo eu mesma. Apaixonei-me mais pelo moreno.

Levaria um tempo para conhecer todos os familiares do Gabriel. Consegui gravar alguns nomes. O fotógrafo profissional tirou fotos de nós dois com os familiares e demais convidados.

As borboletas fizeram festa em meu estômago quando a aliança grossa deslizou no meu anelar. Tentei ao máximo conter as lágrimas ao escorregar a aliança no dedo do Gabriel. Assinamos os documentos e finalmente pudemos selar o compromisso com um belo beijo.

Sentei-me nas pernas do Gabriel sentindo sua mão grande agarrar a minha cintura, tendo contato direto com a pele exposta pelo decote.

Tendo como trilha sonora aplausos e assobios, nos beijamos.

—Agora todos sabem que é casado. Muito bem casado, aliás.

—sussurrei para o meu marido que gargalhou.

—Só você mesmo, amor.



Depois do almoço irei para a empresa. Ficarei mais com o meu filho. Dona Joaquina ficará cuidando dele e entrevistará as Cuidadoras Infantis que foram recomendadas pela agência. Confio totalmente na minha sogra para fazer isso e muito mais.

Após o nosso casamento e recepção na casa dos meus sogros fomos para nossa morada. Aproveitamos a piscina, lanchamos, depois fomos assistir um filme da *Marvel*. Romeo está bem mais disposto, nem tanto. A última quimioterapia ainda era recente.

Passamos o final de semana em casa fazendo programas caseiros. Nunca estive tão completa.

Gabriel foi ao *crossfit* —tenho que confessar que estou mais tranquila, pois a aliança grossa pode afastar as assanhadas—, assim que chegou tomou banho, se arrumou e fizemos a primeira refeição do dia juntos.

Ele irá fazer o exame espermograma. Quero muito que os resultados sejam positivos.

Estou esperando a minha menstruação descer para quando o período terminar ir me consultar com uma ginecologista e estudar qual método contraceptivo será o ideal para mim. Depois meu marido e eu decidiremos quando iremos aumentar a família.

Bom, isso se vier final do mês...

Eliot encheu minha caixa de entrada do e-mail com os novos textos para a propaganda. Na próxima semana iremos iniciar o ensaio fotográfico e as melhores fotos irão estampar revistas, *outdoors*, sites e redes sociais.

Na recepção cumprimentei alguns funcionários que passavam por mim. Agora todos sabem que eu sou a senhora Arkis. Estão me tratando com mais zelo. Ainda bem que as meninas da presidência e Eliot não mudaram o comportamento comigo.

Uma bela mulher ruiva parece estar a um fio de perder a paciência escutando algo que a recepcionista fala. Tem dois seguranças perto dela. Querendo evitar um escândalo fui em direção à recepção principal.

—Garota, não estou mentindo! Ligue agora mesmo para o Gabriel!

Estreitei o olhar ao escutar o que a ruiva disse. Inquiri:

—Algum problema?

A mulher me mediu com seu olhar minucioso. Ajeitou sua postura e falou:

—Estão impedindo a minha entrada. Eu sou a senhora Arkis.

Melissa—a recepcionista— claramente ficou sem jeito. Como se culpa da falta de lucidez da desconhecida fosse dela. Estalei a língua dentro da boca. Gabriel só tem uma esposa.

—Você não é.

—Eu sou sim. Chame ele para confirmar.

—Não será preciso. Prazer, Laura Arkis. Esposa do Gabriel.

Entreabriu os lábios e buscou apoio no balcão da recepção. Para ela ter se apresentado como esposa do Gabriel, só poderia ser a...

—Alma. —murmurou com a voz trêmula. —Ex-esposa do Gabriel.

O incomodo bateu forte em mim. Ela fez parte da vida do Gabriel; É a mãe do seu primeiro filho...Tiveram uma longa história juntos.

Não poderia agir como uma menina boba. Mesmo com ciúme, insegura e temendo o resultado do reencontro deles teria que tomar a atitude mais sensata no momento.

—Entregue o cartão de visitante para ela, Melissa. Acompanho você até o escritório do meu marido.

Alma pareceu surpresa com a minha atitude. Não tinha como evitar o reencontro deles. Respeito e confiança estão em primeiro lugar. No entanto, qualquer sinal seu de que veio com intenções maliciosas...Agirei.

CAPÍTULO 35

LAURA

O elevador é espaçoso, mas agora parece uma caixinha de sapato. E isso se deve ao fato de estar dividindo o espaço com a ex do meu marido.

—Desculpa ter falado que era esposa do Gabriel. Eu não esperava que ele tivesse seguido em frente.

—Não se preocupe com isso.

—Invejo ele por ter conseguido seguir em frente. Por um tempo acreditei que conseguiria, porém foi apenas uma ilusão.

Nem posso imaginar e muito menos quero passar pela dor de perder um filho. Viver com a sombra dessa hipótese sob minha cabeça desde que Romeo teve o prognóstico de LLA —Leucemia Linfóide Aguda —quase me devastou. Precisei ser o mais forte que podia para cuidar do meu filho. Então não cabe a mim julgar essa mulher.

Alma e Gabriel tiveram uma história. Não posso agir como uma cadela ciumenta.

Por pouco os olhos da Asli e Carmita não pularam para fora. Posso estar exagerando um pouco, mas ambas não souberam disfarçar o espanto.

—Meu marido está ocupado? —perguntei.

São raros os momentos que me refiro ao Gabriel como meu marido para as meninas. Trabalho com elas, temos uma amizade. Entretanto, por estar com a ex do moreno fiz questão de deixar em ênfase minha posição —mesmo que seja do seu conhecimento.

—Não está, senhora Arkis. —disse Asli atuando como uma atriz. Dificilmente as meninas da presidência me chamam de: senhora Arkis. —Pedi que assim que chegasse fosse ao escritório dele.

—Obrigada.

Mantive o equilíbrio em cima dos saltos altos. Pai Amado, não posso vacilar. Não hoje com a ex super elegante e bonita do meu

marido.

Abri a porta dando passagem para a ruiva. Pela maneira que estar analisando o imenso e sofisticado escritório notei que poderia estar puxando lembranças dos momentos que viveu nesses metros quadrados com o Gabriel e o filho deles.

Impossível ser indiferente.

—Gabriel...

Meu marido me interrompeu:

—Pequena, você e nosso rapazinho almoçaram bem? Queria muito ter almoçado com vocês. Entretanto, não tinha como adiar a última reunião de pré-lançamento.

Meu marido danou a falar sem desviar atenção de uma pilha de documentos que ler atentamente. A ruiva fixou o olhar na estante embutida e vi alívio por ver a foto do Gael com Gabriel —creio eu no mesmo lugar que sempre estive. Não demorou muito e seus olhos foram para os outros porta-retratos onde tem foto solo minha, fotos minhas com o Gabriel, fotos do nosso casamento no civil e fotos nossas com o Romeo em várias ocasiões.

Gabriel tem melhorado a cada dia. As fotos do Gael voltaram para os porta-retratos da morada e escritório. Não causam tanta dor como antes. Apenas a saudade infinita.

De repente me senti a usurpadora da história. Antes essa estante deveria estar repleta de fotos dela com Gabriel e Gael.

Diante do meu silêncio peguei o momento que o meu marido ergueu a cabeça com um lindo sorriso enfeitando seu rosto anguloso. Assisti seus lábios se unindo dramaticamente ao se dar conta de quem mais estar no escritório.

Eles se encararam. E nesse exato momento a vontade de sair correndo foi tão forte que abri e fechei a mão.

Entendo perfeitamente que o meu marido tem um passado. E mesmo o respeitando e sendo compreensiva, o bichinho do ciúme mesclou com a insegurança.

Controlando ao máximo para não chorar, falei:

—Encontrei com a Alma no hall. Ela veio falar com você.

Os olhos oceânicos do moreno me fitaram. E precisei ser mais forte ainda quando os vi brilhando. Por alguma razão ele estar

emocionado. Agora estou mais abalada do que segundos atrás.

Forcei um sorriso e disse o mais firme que consegui:

—Vou deixá-los conversar à vontade. Estarei no estúdio.

Sai o quanto antes do escritório. Passei pelas meninas, escutei uma delas me chamarem, porém ignorei. Não quero estar trazendo drama desnecessário. Contudo, vi o quanto a presença da Alma mexeu com o Gabriel.

Ao entrar no estúdio fui quase correndo para o banheiro. Lola tentou me alcançar, mas fui mais rápida. Tranquei a porta e encarei o reflexo no espelho inspirando e expirando.

Estava tudo perfeito...

—Laura, abre essa porta! Quer me matar do coração?

—Estava muito apertada, Lola. Já eu saio.

—Deu tempo de ver sua carinha de choro. Abre, entro e você pode usar meu ombro amigo.

—Preciso de um tempinho sozinha.

—Estou tirando o grampo do meu cabelo para abrir a merda dessa porta. É questão de minutos. Apreendi esse truque num vídeo do *Youtube*.

Sei que a doidinha era capaz disso. Então abri a porta. Lola colocou o grampo de qualquer jeito no seu cabelo ruivo e sentei na tampa do sanitário me sentindo uma tonta, idiota.

—O que aconteceu, Laura?

—Encontrei a ex do Gabriel na recepção querendo se passar por esposa dele.

—Viu a Alma *Penada*?

Se as circunstâncias fossem outra, juro que estaria rindo.

—Ela é linda. Realmente parece uma atriz de tão bonita, fina.

—Sem autodepreciação, por favor.

—Não é só a questão física. Eles tiveram uma história forte. Constituíram família, tiveram um filho e infelizmente dividem a dor da perda do único filho.

—Olha, é algo que tem que conviver.

—Sei disso. É que o jeito que se olharam, não sei...

—O pouco que me lembro eles tinham uma relação complicada. Alma era muito ciumenta ao ponto de o sufocar. Em

momentos pareciam muitos felizes em outros nem tanto. Acho que se não fosse o Gael eles não teriam se casado e insistido na relação.

—Eu estou sendo uma idiota.

—Você não é perfeita. Ninguém é. Nem todos se sentem confortáveis em situações assim. Agora ergue a cabeça, vamos trabalhar e depois iremos tomar umas cervejas.

—Irei ao grupo de apoio com a dona Joaquina.

—Então irei com vocês e depois vamos beber.

Lola é bem convincente.

GABRIEL

Pressupus diferentes maneiras de como seria meu reencontro com a Alma. Por mais que não quisesse sabia que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde.

Quando nos divorcíamos foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Queria seu apoio, queria que tivéssemos buscado juntos curar a dor de termos perdido nosso Gael.

Porém, seguimos sozinhos. E tenho consciência que a grande parcela de culpa do fracasso do nosso casamento foi minha. Estava em absoluto estado de dor, rejeição e martirizando cada segundo do meu dia sendo amargo.

No passado a julguei por ter me largado. Mas eu não estava fazendo bem para ela. Se tivéssemos continuado juntos isso iria nos corroer ferozmente.

Continuamos nos encarando engolfados nas lembranças da pequena família que tínhamos. A amei muito.

A voz calma da minha esposa não conseguiu disfarçar o quanto estar segurando para se manter firme. Notei assim que proferiu:

—Encontrei com a Alma no hall. Ela veio falar com você.

Olhei para a Laura tentando ao máximo passar segurança, mas falhei miseravelmente. Foi perceptível assim que forçou um sorriso tentando se manter neutra e forte.

—Vou deixá-los conversar à vontade. Estarei no estúdio.

Deveria ter ido atrás dela. Todavia, a melhor coisa que posso fazer nesse momento é resolver, seja lá, o que a Alma veio

conversar comigo.

—Ela é bem jovem.

Não saiu como um sarcasmo. Apesar de parecer magoada.

—Sente-se e diga o que a trouxe aqui.

—Você. —respondeu assim que sentou.

Recordações do dia que nos conhecemos, de quando começamos a namorar, o nosso noivado, viagens, eu sentado na primeira fileira do teatro assistindo ela brilhar sendo a atriz talentosa que sempre foi, o dia que descobrimos juntos que estava grávida, sua gestação, nossas mãos entrelaçadas no nascimento do nosso filho, aniversários do Gael. Depois brigas, discussões, ciúmes, desconfianças, traição e tragédia.

Alma trouxe ao mundo uma das pessoas que mais amei na vida. Não terminamos de forma amigável, mas a respeito. E se ela estiver precisando de algo farei isso pelo Gael. Somente por causa dele.

—Está precisando de algo? Voltou a trabalhar?

—Tentei, mas preferi sair dos holofotes. Outra coisa que tentei fazer foi seguir em frente, constituir uma nova família. Agora vi que você se saiu melhor do que eu.

Não foi algo que busquei assim que nos separamos. Muito pelo contrário. Estava apenas vivendo no meu casulo, vindo a empresa somente quando minha presença era extremamente necessária. Eu não sorria. Meus dias passavam, pedia silenciosamente para o dia da minha morte chegar e poder reencontrar o meu primogênito.

E então Laura e Romeo aconteceram na minha vida.

—Depois de alguns anos, Laura começou a fazer parte da minha vida e voltei a ser um homem que gosta da vida.

—Adotaram uma criança?

Fitou a estante que contém vários porta-retratos. As nossas fotos deixaram espaços vazios alguns meses após nos divorciarmos. E por alguns anos só tinha fotos do Gael, depois as tirei devido as lembranças serem dolorosas, assim como fiz na mansão.

Porém, agora as fotos do Gael voltaram a preencher o meu escritório e morada. E agora tem fotos da minha pequena família.

—Eu adotei. Romeo é filho biológico da minha esposa.

—Pensei que estaria como eu. Sem rumo.

—Estive assim. Mas estou melhor. A saudade e a dor da perda sempre estarão no meu coração, nas memórias.

—Deveria ter ficado, Gabriel. Ter buscado um jeito de nos recuperarmos juntos. Fui uma egoísta. Uma vaca por ter colocado a culpa nas suas costas. Perdoe-me.

Fungou devido ao choro.

—Não pense no que deveria ou não ter feito. Vamos apenas continuar vivendo, nos esforçando. Pelo Gael.

—Você está feliz. Acredito que mais do que era comigo.

—Sem comparações. Não é justo com a nossa história.

—Tomei coragem de ver você depois de anos acreditando que poderíamos recomeçar. Mas não nos faríamos bem.

—Merecemos a felicidade. E não teríamos como fazer isso juntos. —a encarei com carinho. —Que bom que veio. Estamos tendo a conversa que não tivemos quando nos divorciamos.

Sorriu entre as lágrimas.

Peguei sua mão em cima da mesa e segurei.

—Você será muito feliz, Alma.

—E desejo que continue sendo esse Gabriel. O que me apaixonei e o que era um pai maravilhoso para o Gael.

Enfim, poderemos finalizar essa página da nossa vida.

CAPÍTULO 36

LAURA

Concentrei-me o máximo que consegui para desempenhar o papel que farei na propaganda. As sessões de fotos serão adiadas para amanhã. Já posso imaginar o Eliot dando chique por eu não estar dando o melhor de mim.

Depois do longo ensaio finalmente teremos um intervalo de dez minutos.

Esse tempo todo só consegui ficar imaginando se Gabriel continuava conversando com a sua ex.

—Irei atacar a mesa de bolinhos. —avisou Lola.

Sentei-me na cadeira giratório de frente para o espelho do espaço que montaram para ser o nosso camarim. Peguei o celular tentada a ligar para alguma das meninas da presidência e perguntar se a Alma ainda estar com o Gabriel.

Sem paranoia. Eu sou a esposa do Gabriel, nos amamos e confiamos um no outro.

Franzi o cenho ao perceber que todos estão deixando o estúdio. Inclusive a Lola que saiu carregando a cesta de bolinhos. Antes de levantar da cadeira vi o meu marido se aproximando com toda sua intensidade.

—Agora sei porque saíram. —murmurei.

—Alma foi embora há bastante tempo. Pensei que iria subir, mas por saber que estar chateada logo descartei essa possibilidade.

—Não estou chateada... —o fitei irritada. —Entendo que tiveram uma história juntos. Acontece que o jeito que olhou para ela...

—A presença dela não me afetou do jeito que está pensando, pequena.

—Vocês ficaram se olhando intensamente. Senti-me invadindo a história de um casal.

—Que absurdo, Laura. —falou com certo desespero.

Acho que estou exagerando. Guiada pela coragem, indaguei:

—Não ficou nem pouco mexido?

Puxou a respiração lentamente.

Se a resposta dele foi um sonoro “sim” irei cair dessa cadeira, tenho certeza. Ou posso quebrar alguma coisa para extravasar. Meus olhos passeiam pela estante a procura de algum objeto, mas nada é grande o suficiente para fazer um belo estrago.

—Laura, seria impossível não me emocionar. Alma deu o meu primeiro maior presente. Apesar dos apesares, não teria como ser indiferente.

Gabriel consegue ser um príncipe quando quer. Rendida sentei no seu colo encostando minha testa na sua.

—Não quis ser insensível. Eu só me senti insegura.

—Minha menina. —apertou minha coxa ao sussurrar rouco: —
Você é o amor de toda a minha vida.

Que vontade de fazer amor com o Gabriel, misericórdia. Encarei seus olhos oceânicos tendo certeza de suas palavras. Estamos juntos e nada mais importa.



Estamos a caminho do local onde acontece as reuniões do grupo de apoio. Agner estar dirigindo enquanto estou atenta nos currículos que minha sogra selecionou após a seleção das interessadas ao cargo de Cuidadora Infantil.

Aprovei as que captou serem as melhores. Agora falta conversar com o Gabriel a respeito e decidirmos.

Chegamos ao prédio onde acontece as reuniões do grupo de apoio para deficientes físicos. Hoje especificamente ocorre as reuniões voltadas para pessoas paraplégicas e tetraplégicas.

O diferencial é que não era um grupo voltado somente para deficientes, mas também para familiares, amigos e companheiros. Todos assinam um documento legal se comprometendo a manter sigilo. Assim fica assegurado e, os participantes tem mais confiança.

Dona Joaquina nos apresentou para algumas de suas colegas de grupos. Incluindo uma linda moça paraplégica que está gestante de quatro meses. Sua áurea é tão alegre que seu sorriso nos acolhe.

Sentamos nas cadeiras que formam um grande círculo. A psicóloga começou cumprimentando todos no geral e esclarecendo que quem está participando pela primeira vez não precisa se apresentar, muito menos falar caso não se sinta à vontade para isso.

Uma mulher de cabelo curtinho foi a primeira a falar:

—A maioria já me conhece. Chamo-me Alessandra, tenho vinte e oito anos e tenho lesão na T7 e T8 após um acidente de moto. —depois de alguns minutos em silêncio, prosseguiu parecendo mais tímida: —Acho que depois de dois anos de lesão tive meu primeiro sexo de verdade. Depois que fiquei paraplégica o meu namorado da época não aguentou a pressão e o sexo com ele, pós-lesão, era seco. Não tinha preliminares. Tipo, colocou e pronto, sabe? Bom, há um ano comecei a sair com um colega de trabalho. E ele é um fofo. —sorriu. —Sthefan insistiu em nós. E cerca de uma semana transamos deliciosamente.

Breves sussurros de felicidades pela conquista dela soaram. Alessandra continuou falando:

—Tive medo de fazer xixi na hora. Quase desisti, contudo, Sthefan me ajudou com a sonda para evitar imprevistos quando finalmente estivéssemos transando. Fiquei com muita vergonha, mas tudo isso se apagou quando ele começou a me tocar com desejo, procurando conhecer o meu corpo. Eu senti prazer.

Impossível não se emocionar.

Outros relatos vieram. Experiências de vidas e superações que merecem serem aplaudidas de pé. Após o lanche —que soube pela minha sogra que ela quem patrocina—regressamos a sentar em silêncio.

Uma morena de longos cabelos cacheados começou a relatar:

—Oi pessoa, eu sou a Isis. Antes era Antônio. *Sou* transgênero, comecei a transição aos dezoito anos. Além do preconceito que passo por ser quem realmente descobri ser, agora estou aprendendo a lidar com a minha nova realidade. Estou mais animado com as fisioterapias, aceitando a sair com meus amigos, nada mais de desculpas. Ainda não estou pronto para me relacionar amorosamente com ninguém. Minha lesão foi causada por arma de fogo há seis anos. Meu ex-namorado atirou em mim por ciúmes.

Suspirou profundamente e continuou:

—Sem dúvida agora estou dando mais valor à vida. No passado deveria ter saído da relação tóxica e abusiva que estava tendo com o meu ex. Mas era nova e romantizava seus pedidos de desculpas após me bater, romantizava suas promessas de que nunca mais iria encostar um dedo em mim. Meu erro foi ter persistido em uma pessoa que nunca iria mudar. Hoje estou melhor do que antes e motivada a continuar melhorando.

Ninguém conseguiu segurar as lágrimas. Que mulher guerreira.

Estou saindo dessa sessão valorizando mais as pequenas coisas da vida. Sendo grata por ser saudável, por ter todos os membros do meu corpo perfeito.

Em um instante tudo pode mudar.



Lola nos trouxe ao clube de mulheres que costuma frequentar mais sua avó e as amigas dela. Enviei uma mensagem para o meu marido avisando que demoraria mais do que o esperado. Claro que fez dengue, o que achei uma graça.

Afirmi mais de uma vez que não tinha nenhum sarado dançando. Hoje não tem apresentações.

—Esqueci que hoje os *boys* não dançam!

—A gente vem outro dia.

Preferi não beber nada alcoólico. Somente uma batida de frutas vermelhas com bastante gelo e mel.

—O vibrador não está dando conta. E com todo respeito Joaquina, amo você, é minha diva empoderada, mas seu filho é um idiota! —sibilou Lola, antes de beliscar o petisco frio.

Minha sogra gargalhou.



Ao chegar em casa descalcei os pés para os meus dedinhos respirarem. Foi um longo dia.

Sem não fosse a pouca iluminação das luzes embutidas estaria totalmente no breu. São quase meia noite. Estendemos a social para um restaurante de comida mexicana.

Subi pelo elevador por estar com preguiça de subir as enormes escadas. Segui para o quarto do meu macaquinho. Deparei-me com Romeo dormindo confortavelmente coladinho no pai. Uma cena linda e que se tornou rotineira.

Larguei os sapatos no cantinho da parede e caminhei até eles. Agachei-me e cheirei a cabeça do meu filho, plantando um beijo. Romeo não está mais esquelético, tem se fortalecido e começado a ter grande apetite.

Aproximei-me do meu marido gostoso e comecei a acarinhar seu cabelo sedoso. Amei o seu novo corte. Espero que mantenha por bastante tempo esse estilo.

—Vamos para o nosso quarto. —sussurrei.

—Que horas são? —indagou ao despertar completamente.

Afastou cuidadosamente Romeo dos seus braços. Usou a força dos membros superiores e sentou.

—Meia noite e alguns minutos.

Notei quando fechou os olhos ao esticar os braços, acompanhado de uma careta.

—Está sentindo dor?

—Um pouco de dor nas costas. Nada fora do normal.

—Posso ajudar a aliviar.

—Pode sim. Muito. —sorri do seu olhar safado.

—Tarado. —falei baixinho.

Gabriel se transferiu para a cadeira e desliguei a televisão deixando apenas o abajur perto da cama com a iluminação fraca. Certifiquei-me de cobrir o Romeo —mesmo sabendo que logo iria se descobrir, involuntariamente —e conferi a temperatura do ar-condicionado.

Por pouco não soltei um gritinho quando o Gabriel me pegou para sentar no seu colo.

—Cacete, Gabriel! —sorriu e mordiscou o meu queixo.

—Eu sou um ótimo pai, pequena. A temperatura do ar-condicionado está ideal, nosso filho está quentinho usando o pijama

mais grosso que tem e meias.

Rodeei meu braço pelo seu pescoço e passei meu nariz na sua barba cerrada, inalando seu perfume de macho gostoso e fazendo carinho na sua nuca.

—Estou melhor das dores das costas.

—Nada disso, papai. Irei tomar um banho e depois farei massagem nas suas costas.

—Hum...Adoro suas massagens.

Como é safado!

GABRIEL

Laura saiu do closet usando um dos seus conjuntinhos de dormir que deixam pouco para a imaginação. O tubo de gel de massagem está firme na sua mão pequena.

Não posso deixar de ficar orgulhoso por ver a aliança grossa enfeitando seu anelar. Minha esposa.

Fiquei de bruços e agarrei o travesseiro. Fechei os olhos, logo minha pequena montou em mim, sentando na minha bunda. Derramou uma boa quantidade de gel nas minhas costas e ronronei quando suas mãos começaram a colocar pressão, pressionando nas regiões onde mais sinto dor.

—Suas mãos são de fada.

Colocou mais força, trazendo alívio para mim. Meia hora depois estou mais relaxado e as pontadas de dores haviam dado uma trégua.

A morena estar se esfregando em mim descaradamente, beijando e mordiscando um dos meus pontos mais fracos: nuca. Apertei o travesseiro com força quando chupou o meu pescoço para em seguida morder, passar a língua.

—Vamos dormir.

Não mesmo!

—Vou virar de frente, amor.

Laura saiu do meu colo para eu girar o corpo e ficar de peito para cima. Ela quis se aconchegar nos meus braços, contudo, agarrei sua bunda a incentivando a me montar.

—Estou ótimo! Quero foder muito você, pequena...

—Vai se esforçar. Hoje o *crossfit* foi pesado. Amanhã podemos fazer o que quiser...

Parou de falar quando pus minha mão por baixo do tecido macio afastando sua calcinha para passar meu dedo entre seus montes fartos. Amo sua bunda. Ela não tem ideia de como me sinto.

—Então vamos apenas namorar.

A morena pegou a barra do tecido curto o tirando do seu corpo cheio e macio. Os mamilos soltaram livres fazendo eu salivar. Com a mão livre agarrei seu seio esquerdo com gana, beliscando o biquinho rosa entumecido.

Minha mulher abaixou o tronco tomando minha boca num beijo molhado, profundo. Gemeu com a boquinha carnuda grudada na minha quando alisei seu buraquinho morrendo de tesão.

—Ainda temos que dá um jeito de eu comer esse cuzinho.

Laura ficou ereta me olhando de um jeito que está quase impossível segurar a vontade de rir.

—*Tá doido, homem!* Sabemos que é avantajado. Não nasci para você me pegar por trás. Tenho certeza disso!

Minha esposa começou a quicar no meu colo devido ao meu ataque de risos.

—Não farei de qualquer jeito, amor. Serei cuidadoso, conforme formos praticando ficará mais prazeroso.

—Gabriel, não vou dá a bunda para você.

Abracei-a rindo do seu jeitinho. Como amo essa mulher.

—Vai mudar de ideia.

—Até parece!

—Quando fica com tesão vira uma gata selvagem.

Mordeu o cantinho do lábio. Absoluta certeza que sua imaginação fértil estar a levando a inúmeras situações sobre o sexo anal.

A distraí voltando a alisar seu buraquinho apertado. Para apimentar as coisas parei a carícia e pedi:

—Cospe no meu dedo.

Suas bochechas estão mais rubras que o normal. Ela fez o que pedi e levei o dedo melado da sua saliva para alisar seu cuzinho. Coloquei mais pressão ao pressionar seu orifício com o dedo do

meio, o melando mais com sua saliva quente. O tirei e estendi meu dedo a sua vagina que para meu deleite estar toda molhadinha. Peguei sua lubrificação natural para melar seu ponto.

A morena começou esfregar sua bocetinha no meu pau que está babando pela dona.

—Vire de costas e coloca a boceta na minha cara.

—Ergue um pouco o quadril que puxo o moletom.

Amo meia-nove.

Sentei-me e suspendi o quadril usando as mãos como alicerces. Rapidamente Laura puxou minha cueca e calça de moletom.

Montou de costas no meu colo e saiu esfregando a boceta molhada no meu peitoral até chegar na minha cara. Morena safada. Beije seus lábios vaginais admirando a boceta pequena, lisinha e cheirosa.

O som da minha boca chupando a vagina da minha mulher se mistura a toada da Laura sugando o meu pau ao mesmo tempo que me masturba.

E só estamos começando.

CAPÍTULO 37

GABRIEL

Iniciamos o dia na clínica do doutor Varela. Não consegui disfarçar o meu nervosismo. Laura veio comigo e sua presença nesse momento que poderá ser decisivo tem o poder de fortalecer.

Quando meu nome é anunciado pela secretária do doutor, espero minha esposa levantar para começar a guiar a cadeira para dentro do consultório.

—Os valores dos seus parâmetros seminais estão dentro do normal, Gabriel. A porcentagem da sua vitalidade está boa. Costumo pedir um novo exame para comparar os valores e termos certeza. Concorda em fazer novamente?

—Claro que sim, doutor. Por que as taxas eram baixas? Jurei que não poderia ter mais filhos biológicos.

—Praticamente havia acabado de sofrer um grande trauma físico e psicológico. Deveria estar em um estado de estresse excessivo, elevado. Tudo isso alterou negativamente. Bom, basta marcar com a minha secretária para daqui quinze dias realizar o exame novamente.

Após marcar a nova data do exame fomos em direção ao carro. Laura está sorrindo. Nem acredito que os resultados foram positivos.

Balboa abriu a porta para a minha esposa entrar. Esperou-me fazer a transferência e fechou a cadeira para a colocar no porta-malas.

—Agora temos que ser cuidadosos. —piscou, segurando o sorriso.

Segurei sua mão que está descansando em cima da minha coxa.

—Tem grandes chances de estar grávida.

—Estou tentando não pensar nisso para não ficar neurótica. —admitiu. —O mês está quase acabando, minha menstruação pode vir...Ou não.

—Sei que não é o melhor momento para aumentarmos a família, mas se acontecer, porra vou ficar muito feliz.

Laura beijou o meu queixo e disse:

—Acho que agora quero tanto quanto você.

E ela consegue continuar me surpreendendo.

LAURA

Eliot estar mais estressado do que costuma ser normalmente. Lola parecia querer pular no pescoço do loiro, porém a contive a lembrando que não seria nada legal ir parar numa delegacia.

Depois que resolver a situação com o maldito do Raf, irei colocar meu plano de usar o dinheiro para criar um grande instituto de apoio para mulheres vítimas de abuso sexual e tantos outros projetos sociais voltados para deficientes físicos e crianças que lutam contra o câncer; farei o convite para Lola trabalhar comigo. Serão duas mulheres à frente de projetos grandiosos.

Finalmente terminamos a primeira etapa do ensaio fotográfico. Eliot escolherá as melhores para serem as principais a estampar os anúncios.

—Você está bem? —inquiri ao pegar um sanduíche natural na mesa de guloseimas.

—Estou perfeitamente bem.

—Mesmo?

—Estou com fome. Só isso.

Lola tem se alimentado de um jeito que parecia que estava há dias sem comer. Claro, assim como eu, a minha amiga tem um apetite grande. Só que parece que estar perdendo o controle.

—Parece ansiosa.

Atacou outro bolinho.

—Mariano. Ele tem sido gentil comigo, sabe? Envia flores, chocolates, compartilha músicas de grandes significados para o meu *WhatsApp*.

—E qual o problema?

—O cachorro está sendo o que eu sempre quis no passado. Não quero fraquejar. Minha avó deu conselhos, Joaquina, você, mas

não quero o perdoar assim tão fácil. Poxa, foram anos levando fora dele.

—Não tem que o perdoar se não quiser, ou se não estiver pronta.

—Estou lutando contra mim mesma, Laura. O meu lado cadela no cio está doidinha para se jogar em cima do homem. Porém, a outra que é uma fada sensata chata pra cacete, diz para eu esperar mais.

Inevitável não rir dela.



Assim que finalizamos os ensaios passei rapidamente no escritório do Gabriel para o beijar e dizer que iria para casa. Por estar trabalhando temporariamente como modelo decidi focar apenas nisso. Assim não ficarei sobrecarregada e vou ter muito mais tempo com o Romeo.

Entrei na mansão sabendo que meu filho estar no jardim com seus avós. Dona Joaquina enviou um áudio do Romeo o qual diz que irá aprender a pintar igual sua vó Joaquina. Meus sogros tem passado bastante tempo com o Romeo, o que gosto muito.

Delfina está distraída cortando várias frutas tropicais.

—E esse banquete?

—Lanchinho para o nosso menino. Farei uma salada de frutas de comerem chorando de tão bom que vai estar.

Abracei-a com carinho e fui ao jardim.

Romeo estar todo respingado de tinta. Seu rosto, mãos, braços e roupas. Uma graça. Joaquina não ficou atrás, sinceramente está mais melada de tinta do que o neto. Santos parece o único ter talento para a arte.

—Uau. —exclamei chamando atenção deles.

—Vem ver o meu desenho, mamãe.

Meu menino pintou o pôr do sol do seu jeitinho. Claro, que para mim está lindo. Falei orgulhosa:

—Um *Picasso*.

Enchi sua bochecha de beijos.

—Vovó quebrou três telas.

Encarei a dona Joaquina sabendo que era bem o estilo dela.

—A tela não estava lisinha o suficiente e meus desenhos estavam saindo um desastre.

—Culpa da tela, pois minha mulher tem um talento enorme para a pintura. —debochou seu Santos.

Ajudei Delfina a arrumar a mesa de refeição do jardim com o lanche da tarde. Ela quis voltar para a cozinha, mas insisti para que comesse conosco.

Enquanto comia prestava atenção no meu filho. Romeo estar se recuperando muito bem da última sessão de quimio. E estou orando para que quando retornarmos ao médico os novos exames continuem sendo positivos.

Já posso o imaginar indo para a escola, fazendo amigos, participando de todas as atividades da escola que sejam do seu gosto e preferência. E eu participando das reuniões, assistindo suas apresentações.

—Combinei a entrevista com as que selecionei para amanhã.

—Muito obrigada, Joaquina. Gabriel vai participar também. Conversamos e nas duas primeiras semanas ficarei em casa acompanhando de perto a interação da Cuidadora com o Romeo.

—E seus compromissos?

—Na próxima semana iremos gravar a propaganda. Ficarei livre. Mas como futuramente irei administrar o instituto que irei fundar é bom que o Romeo esteja familiarizado com a Cuidadora. E mesmo quando estiver trabalhando, pretendo transformar um dos cômodos em um escritório para mim. Assim posso fazer *Home Office*, ficar perto do meu macaquinho, ser presente.

—Posso ajudar você, querida. —disse o seu Santos. —Tenho um conhecido arquiteto que trabalha exclusivamente com projetos para escritórios.

—Acho que não é para tanto, Santos. Basta um computador, mesinha...

—Faço questão. Será uma grande mulher de negócios e tem que ter um escritório bem estruturado e confortável.

Por fim aceitei a ajuda do meu sogro.

GABRIEL

Finalmente é sexta-feira. A Arkis está uma loucura com os últimos detalhes para o lançamento do novo veículo. Hoje à noite terei um programa bem casazinho com a minha esposa. Porém, ela enviou uma mensagem enigmática dizendo apenas para eu chegar mais cedo e que tem outros planos.

Meus pais ficariam com o Romeo até regressarmos. Agora não sei quais são os planos que minha morena programou para nós.

Entrevistamos as Cuidadoras que a minha mãe selecionou. Todas têm um currículo impecável. Mas sentimos que deveríamos dar uma chance para Augusta. Uma mulher de trinta anos que por estar se divorciando e sendo mãe de três filhos, a escolhemos. Augusta começa na segunda-feira.

Laura tomou a decisão de trabalhar em casa, assim não passará tantas horas longe do nosso filho. O que me deixou mais orgulhoso ainda, pois sei a mãe dedicada que é. E minha vontade de aumentar a família só aumenta. Na verdade, agora é algo que está partindo de nós dois.

Estranhei o silêncio da morada. Entrei no elevador e sai quando parou no primeiro andar. Passei no quarto do Romeo constatando que não estar em casa. Segui para a suíte principal.

Estanquei a cadeira de rodas quando vi uma cadeira posicionada perto da cama e de frente uma esteira. Nunca vi nada parecido antes.

—Laura...?

Ela saiu do banheiro parecendo uma ninfa. Seus cabelos sedosos e longos estão soltos, um robe transparente que não impede de ver seu corpo a cobre até a altura dos joelhos. Sexy pra caralho.

—Ainda bem que estou sentado, se não...Porra!

Meu humor ácido fez presença.

A morena sorriu e começou a andar em minha direção. Quase babei assistindo o balançar dos mamilos naturais e cheios.

—Pare de olhar para os meus seios e presta atenção na nossa nova aquisição.

Foi para trás de mim e apoiou as mãos nos meus ombros. Entendi que nossa nova aquisição era justamente o que prendeu minha atenção assim que adentrei o quarto.

—E, o que exatamente é isso?

—Cadeira mágica.

—Está falando sério?

—Apelidei ela assim.

—Amor, diz logo que mágica essa cadeira faz.

—Você vai sentar na cadeira e ficar livre para balançar, enquanto faz o que quiser comigo deitada na sua frente.

—Agora sabemos como irei comer...

Laura tampou minha boca com a mão impedindo que eu terminasse de falar.

—Nada disso! Vamos com calma, amor. Vai tomar um delicioso banho, que estarei aqui ansiosa para estrearmos a cadeira mágica.

Espero que essa cadeira seja mágica mesmo.

Não prolonguei muito no banho. Comecei a me enxugar ainda na cadeira de banho, depois fiz a transferência para a outra. Coloquei a toalha úmida no meu colo e sai do banheiro.

—Eu que deveria estar nervoso. —proferi humorado.

Encarei a tal cadeira mágica e me transferi. Ajeitei-me da melhor forma, constatando que é confortável. A surpresa de poder mexer facilmente meu corpo o impulsionando brandamente me fez sorrir.

—Caramba! Isso é demais! —exclamei.

Parei de movimentar quando a minha bela esposa sentou na esteira de frente para mim. Acompanhei seus dedos desfazendo o laço do robe. Fiquei o assistindo escorregar pelo seu corpo.

Toquei nas suas coxas nuas no exato momento que brincou com a minha boca passando seus lábios por cima dos meus.

—Agora podemos fazer de tudo...

—Não provoca, morena. —puxou meus lábios entre seus dentes.

—Apenas falando a verdade.

—Certeza que essa cadeira é segura? E esse assento vai aguentar você, enquanto faço os movimentos?

—Totalmente segura! Li tudo sobre ela.

—Só você mesmo, Laura.

Beijei seus lábios os sugando devagar. Aprofundamos o beijo delicioso. Tomei seus gemidos que soaram assim que toquei sua bocetinha com os meus dedos. Agarrei sua nuca a mantendo firme, presa nos meus lábios, enquanto meu polegar fazia círculos longos no seu clitóris.

Respira irregularmente esfregando a boceta nos meus dedos. Introduzi um suavemente a sentindo quente e melada. Buscou ar assim que paramos o beijo, arrastou os lábios macios pelo meu maxilar, passando pela curva do meu pescoço e alcançando um dos meus pontos fracos: orelha.

Urrei quando tocou no meu pau que estar começando a ficar ereto. Chupei seu ombro sabendo que ficará marcada. Continuei a masturbando, girando o dedo dentro do seu canal, tirando e colocando, apertando seu grelinho.

—Goza, morena safada. —peguei uma boa quantidade do seu cabelo com força, o puxando. —Vai, amor! Goza.

Fincou as unhas nos meus braços. Com o corpo tremendo, febril e gemendo alcançou o orgasmo. Laura se deitou ficando totalmente exposta para mim. Continuei estimulando seu clitóris durinho, assistindo, pegando todos os detalhes.

Acaricieei meu pau rente sem deixar de dar atenção para a bocetinha da minha mulher. Laura segura firme nas laterais do apoio da esteira, ronronando.

—Só vem, amor... —rogou.

Encostei a cabeça do meu pau na sua boceta. Laura Apertou os olhos fechados, respirando em haustos. Segurei firme no seu quadril avantajado e, a penetrei com calma. Quero prolongar ao máximo. Gemi rouco quando a senti me apertar.

—Assim não vou aguentar muito, amor.

—Com força! Ah...

Essa cadeira realmente é mágica. Caralho, estou movendo o meu quadril no ritmo que quero. Meti, tirei um pouco e entrei

novamente arrancando seu ar. Minha esposa é pequena, toda delicada. Balancei com mais força a cadeira, a comendo do jeitinho que gosta, sentindo suas paredes me apertarem, sugarem.

Enterrei-me todo dentro dela, alucinado, suado.

—Que delícia, morena. Você é toda gulosa.

—Isso...Não para. —choramingou.

Segurei seu mamilo o acariciando, apertando e beliscando, metendo duramente sem pena, aumentando a velocidade. Laura estremeceu gozando e sem conseguir segurar cheguei ao orgasmo. Tirei o meu pau de dentro dela, derrabando o líquido viscoso entre seus lábios vaginais. Que visão do paraíso.

Lânguida se sentou e nos beijamos lentamente, sem pressa.

—Mais?

Gargalhei, cheirando seu cabelo.

—Quer mesmo acabar comigo.

—Temos muito que explorar essa cadeira.

—Concordo, amor.

Tomei sua boca num beijo cheio de gana e paixão.

CAPÍTULO 38

GABRIEL

Tivemos um final de semana tranquilo. Romeo se mostrou curioso quanto ao Gael. Peguei alguns álbuns de fotos que comecei a montar desde que meu primogênito nasceu. Ele sabe que seu irmão está no céu, assim como seus avós maternos.

Segui a rotina de fazer a fisioterapia em seguida fui tomar banho para depois fazer a primeira refeição do dia com a minha esposa e filho. Laura não tem nenhum compromisso na Arkis — referente a propaganda do novo lançamento—além disso, estar ansiosa para ver como Augusta se sairá.

Eliot agora está decidindo onde irão gravar ao ar livre. E pelo que conheço será uma longa caminhada até ele ter certeza absoluta que a propaganda ficará perfeita.

—Senhor Arkis, temos reunião com o os japoneses às dez horas. Organizei a sala de reuniões, as pautas estão impressas, o *slide* pronto. Às duas horas temos reunião com os alemães da concessionária que enviou a proposta de parceria em um lançamento futuro, e...

Parei a cadeira de rodas motorizada quase fazendo a Elisa bater na base.

—Você tomou café, Elisa?

—Dois copos enormes. O senhor quer?

—Quero que se acalme. Está igual uma metralhadora, mulher. Sempre damos conta do trabalho. Então respire, evite cafeína e depois venha na minha sala para passarmos a agenda.

Suspirou sacudindo a cabeça.

Liguei o computador e comecei a ler o primeiro documento de uma pilha que estão na minha mesa para eu despachar. Meu celular vibrou ascendendo a luz da tela. É o Marsal. Atendi:

—Alguma novidade?

—As duas ligações que Raf Navarro realizou uma semana antes da morte dos pais de sua esposa me trouxe a *La Plata*. Falei

com um contato meu que trabalha nessa mesma rede telefônica móvel e encontrei o endereço do cara.

—É o executor?

—Sim.

—Caralho, Marsal! O entregue para a polícia.

—Têm mais três envolvidos. Ele disse que Raf contratou o serviço do amigo dele para assassinar seu padrinho, esposa e filha. Ficaram vigiando a família em *El Bolsón* cerca de duas semanas, sem chamar atenção dos moradores da pequena cidade. A princípio era para matarem somente Claudia e Vicente, mas descobriram a existência da Laura. Eles não sabem sobre o Romeo. Raf triplicou o valor da encomenda. JP, o que encontrei, disse que entrou nessa por dinheiro, obviamente. Mas que seu costume era de pequenos furtos, falsificação, nunca antes esteve envolvido em algo desse tipo. O que não faz muita diferença.

Eu sou um homem vivido. Sei que o tal do JP deve ter pedido algo em troca dessas informações, ou estar querendo.

—O que esse delinquente quer?

—JP falou que Raf não pagou o valor que prometeu, o que enfureceu o cabeça do grupo José. Ele disse que se entrega e conta toda a verdade no tribunal. Porém, quer garantia que a esposa e os quatro filhos tenham uma casa segura, em um bairro longe do subúrbio e emprego para a mulher.

É paradoxal um assassino negociar, sendo que é o menos que merece misericórdia—nesse caso em específico.

—Onde estão os outros dois bandidos?

—JP perdeu o contato com eles. Expôs que José quer matar o Raf por ter o enganado. O outro assassino se chama Tetê.

Contarei a Laura as últimas informações. No entanto, preciso tomar uma decisão agora. Zenon comprou pequenas indústrias de petróleo, se tornou sócio em grandes indústrias e vem perpetuando no mercado petrolífero. O xeque-mate deixaremos para o final. Mas queremos mais.

Raf não pode ficar simplesmente falido. Tem que pagar na justiça a crueldade que cometeu junto com os outros três delinquentes.

—Irei transferir dinheiro para sua conta. Compre um imóvel mobiliado num bairro de classe média, bem localizado e perto de alguma escola. Faça a compra no nome da esposa do JP. E peça para ela ir à concessionária Arkis da cidade para ser orientada pela chefe de Recurso Humanos. Ela vai ganhar o suficiente para manter a casa e os filhos.

—Tem certeza disso, senhor Arkis? Posso usar outro meio.

—Minha mulher não aprovaria. Ela mais do que ninguém deseja que a justiça seja feita da maneira certa.

—Entendi. Ligo para avisar o dia que estaremos regressando para Buenos Aires.

—Certo. Faça o mais rápido que conseguir.

Encerrei a chamada.

Acessei minha conta bancária pelo computador e transferi o dinheiro que seria o suficiente para comprar uma boa casa mobiliada.

Liguei para o Balboa recontratar a segurança que ficava de vigia no quarto de hospital do meu filho. Assim que começarem a sair as fotos do novo lançamento a mídia vai fuçar a minha vida como adoram fazer. Descobriram que a garota propaganda é minha esposa e não vai demorar para saberem da existência do nosso filho —apesar de que cuidarei para que não consigam nenhuma foto do Romeo para expor.

Raf Navarro descobrirá o paradeiro da Laura. Entretanto, não terá coragem de armar nada, pois apesar de não ser um homem muito inteligente é um covarde. Vamos derrubar seu império que estar como um castelo de areia: frágil.

LAURA

Iniciamos a tarde fazendo massa de biscoito caseiro. Estou longe de ser uma cozinheira de mão cheia. Contudo, com o tempo e paciência da Delfina irei me aperfeiçoando. E agora com o meu macaquinho colocando a mão na massa comigo é um incentivo a mais.

Augusta é simpática. Romeo e ela estão interagindo muito bem. Meu filho é uma criança contagiante, esperto e conversador. E

agora tem se fortalecido mais. Não vejo a hora de escutarmos do doutor que Romeo venceu a batalha contra o câncer, depois de anos lutando como um guerreiro espartano.

—Posso colocar bastante granulado?

—O tanto que quiser, meu amor.

—Vai ficar delicioso! Não esquece que os maiores são do papai.

—Impossível! Você disse isso um milhão de vezes.

Romeo sorriu, jogando mais granulado por cima da massa crua dos biscoitos amanteigados com gotículas de chocolate.

A campainha tocou e sabia que era a minha sogra. Mesmo achando cedo para começarmos os preparativos do casamento no religioso, ela fez questão de iniciar. Não me impus. Enviou mensagem ontem à noite comunicando que viria nos ver e trazer as novidades do mercado casamenteiro.

Adentrou a cozinha e abraçou o neto o enchendo de beijinhos nas bochechas.

—Vamos jogar videogame, vó?

—Depois, querido. Preciso falar com a sua mãe antes.

Pela sua feição percebi que a conversa era séria.

—Augusta pode colocar as formas no forno, por favor?

—Claro que sim, senhora.

Era estranho ser chamada de senhora sendo que sou mais nova que ela. Contudo, Augusta é bem profissional. E por estarmos começando a conviver acho que com o tempo poderemos deixar as formalidades.

—O que aconteceu? —indaguei assim que saímos da cozinha.

—Querida, soube a pouco que Cristal Navarro faleceu.

Com as pernas bambas, rapidamente sentei no sofá.

—Mas...Como?

—Estava no shopping com uma amiga que encontrou a prima da esposa do nojento do Raf. Ela disse que Cristal teve um ataque cardíaco hoje de madrugada. Tentaram a reanimar, mas nada mais podia ser feito.

Cobri meu rosto com as palmas das mãos sentindo as lágrimas umedecê-las.

Iria a conhecer depois de enfrentar o Raf. Deveria ter a procurado, mas isso despertaria a atenção do maldito sobre nós, desconfiaria dos nossos planos.

—Sinto muito, Laura. —disse, acariciando as minhas costas.
—O enterro será amanhã de manhã às sete horas. Tem todo direito de ir.

—Eu só vou ver o desgraçado do Raf quando for a empresa e no dia do seu julgamento. —falei chorosa, tirando as mãos do rosto.
—Irei levar flores a Cristal amanhã à tarde.

—Como quiser, filha.

Algumas semanas depois...

Chegou o grande dia de irmos à indústria Navarro. Minhas mãos estão transpirando de tão nervosa que estou. O castelo de areia do Raf Navarro vai desmoronar a qualquer momento.

Meu marido informou que Marsal negociou com o JP —um dos assassinos dos meus pais —garantindo que contaria tudo no tribunal. Gabriel deu o que pediu em troca e Marsal o trouxe até a delegacia de Buenos Aires.

O problema é que Raf tem grandes advogados que estão, até o momento, conseguindo o manter em liberdade. Fora que os outros dois executores não foram encontrados. Entre a palavra de um homem que tem uma longa ficha de crimes que cometeu e um homem rico, casado e de boa família...JP continua sendo o único que tem a corda envolta do pescoço.

As provas sobre lavagem de dinheiro que Raf estava fazendo na época —e que meu pai guardou no cofre—denunciaremos à polícia assim que vendermos o império Navarro. Não deixaremos de fora a questão da interdição que fez com a minha avó. Sabendo o tipo de homem desprezível que é, possivelmente pode ter comprado o juiz e médicos.

—Já podemos ir.

Alisei as palmas das mãos na calça de linho.

Gabriel assobiou, brincalhão.

—Está uma executiva sexy.

—Só você para me fazer sorrir quando estou para entrar em combustão de tão nervosa.

—Vem aqui, pequena.

Sentei no seu colo passando meu braço pelo seu pescoço.

—Estamos perto de colocar um fim nisso.

—Sim... Estamos.

Ontem Calixto foi à Navarro levar os documentos que comprovam a minha porcentagem legalmente. Assim que saiu veio em nossa morada nos informar que Raf agiu da pior maneira possível. Ameaçou, xingou, disse que os advogados dele não permitiriam uma coisa dessas. Se acontecer de nos barrarem acionaremos a polícia. Para garantir Calixto irá conosco, além de estar levando os documentos.

Delicadamente beijei sua boca.

GABRIEL

Entrelacei minha mão com a mão pequena da minha esposa sentindo o seu suor. Faltam poucos minutos para ficar de frente com o algoz que destruiu sua família. É totalmente aceitável seu estado. Laura é muito corajosa e destemida.

Saímos do elevador com o Calixto ao nosso lado.

Passamos pela recepção da presidência se nos apresentar. A secretária levantou, mas não disse nada. Acredito que esperava por isso, após a visita do Calixto.

Nosso advogado abriu a porta da sala de reuniões, entrou e segurou a porta. Laura me olhou como uma criança que pede colo. Peguei sua mão, beijando o dorso. Meneei com a cabeça afirmando que temos que enfrentar o demônio.

Laura entrou no covil das cobras sem perder a postura. Sisuda, séria, atenta. Direcionei a cadeira e segui o caminho que pretendia fazer apenas uma vez.

Quinze pares de olhos sob nós. E lá estar o verdugo mantendo uma calma ilusória, sentado na cadeira de couro e olhando fixamente para a minha mulher. Dever estar impressionado com a semelhança de Laura com a mãe.

—Ao menos são pontuais. —a voz do Raf quebrou o silêncio.

Ele está velho, acabado e com grandes olheiras profundas abaixo dos olhos. Porém, é notável o quanto se empenha para continuar com a postura ativa.

—Não se esqueça que não pode decidir nada sem nós. Nossa presença é primordial.

Raf fechou a cara. Ele está se segurando para não mostrar o miserável que é. Capturei os olhos cor de mel fitando a minha mulher quase sem piscar. Diferente dos outros que estão a olhando por curiosidade, ele continua a encarando com ímpeto.

Laura devolve o olhar com espanto. Eles se conhecem.

Sentindo a garganta seca e os batimentos cardíacos aumentarem veio a memória que Romeo tem exatamente a mesma cor dos olhos que o desconhecido encarando minha esposa.

Será possível tanta coincidência?

Respeitei o fato de a Laura ser mãe solo e não querer compartilhar quem é o progenitor do Romeo. Agora a resposta parece estar bem na minha frente.

Não faria uma cena, nem agiria como um homem das cavernas. Eu sou melhor que isso e, minha esposa de forma alguma passará por esse constrangimento.

Estamos casados. *Sou* o pai do Romeo de coração, alma e legalmente. Se ela não quis contar quem era o progenitor do nosso rapazinho deveria ter os seus motivos. Não é esse cara que vai mudar nossa vida.

Mas o ciúme...É um filho da puta.

CAPÍTULO 39

LAURA

Jurei que poderia estar em um pesadelo. O que fazia sentido. Afinal, estou diante do Raf e do progenitor do meu filho. A ânsia aumentou de forma assombrosa. Minha vontade era de pedir para o Gabriel me tirar daqui. Entretanto, tem muita coisa em jogo.

Mas nada me preparou para ver o Ruan Muniz Rangel. Romeo herdou os traços do homem que tirou a minha virgindade e que acreditei que estava tão apaixonado quanto eu, na época.

Esperaria o momento certo para contar ao meu filho sobre o Ruan. Gabriel o assumiu como seu de coração e alma, mas não poderia esconder do meu primogênito a verdade. Mentira nunca é um bom caminho para seguir.

Antes é claro, teria que conversar com o Gabriel sobre essa parte do passado que me envergonho. O problema não é eu ter sido mãe solo ainda na adolescência. E sim a maneira que permiti ser guiada por um homem mais velho, experiente e ter acreditado facilmente.

Julguei-me muito por ter sido tão tola. No entanto, vi que era uma garota solitária, cheia de expectativas com o primeiro amor e que sonhava em sair da redoma que os pais criaram. Hoje sei e entendo perfeitamente os motivos dos meus pais terem me protegido tanto.

Calixto tirou uma cadeira —das três que estão vagas — abrindo espaço para o meu marido estacionar sua cadeira de rodas. Gabriel tocou na minha cintura incentivando-me a andar. Despertei-me dos meus pensamentos, pronta para continuar com o nosso plano.

Quando sentei, olhei para o meu marido que está compenetrado, sério. Ele com certeza havia percebido o olhar do Ruan na minha direção. Gabriel respeitou quando disse que era mãe solo. Deixei claro que não queria falar sobre o progenitor do Romeo. Porém, agora não tem como fugir disso.

Por alguns anos imaginei de diversas formas como seria meu reencontro com o Ruan. Admito que no começo idealizei momentos românticos, apesar do coração partido, a ideia de sermos uma família rondou minha cabeça por um tempo. Principalmente pelo Romeo.

Depois percebi que não estava fazendo bem ficar me subjugando. Ruan foi um covarde, não merece ser pai de uma criança tão amorosa como o meu filho.

Seus olhos cor de mel caíram sobre a aliança que carrego com orgulho no meu anelar. Por curiosidade devolvi o olhar tendo certeza que é casado. Deve ser com a mesma mulher que estava noivo na época que se envolveu comigo.

As peças começaram a se encaixar.

Deveria ter lido o dossiê até o final. Mas fiquei tão cego, que meu único alvo era o Raf. Analisando a situação percebi que tem uma grande probabilidade de o Ruan ser genro do maldito do Raf Navarro. Minha sogra comentou que os únicos que apareciam na mídia era o Raf, sua esposa, enteada e genro posticho.

E suas recentes aparições são dele sendo escoltado pelos seguranças para fugir da mídia, devido sua participação no assassinato do irmão e cunhada. Os veículos de comunicação estão em cima do magnata do petróleo.

Não vejo a hora de ele cair em ruínas, colhendo o mal que plantou.

—Podemos começar. —disse o meu marido ao mesmo tempo colocou a mão na minha coxa.

Gabriel está comigo. Não estou sozinha.

—Seria interessante escutar os planos para contornarmos a crise de vocês. —sibilou Raf com o veneno quase escorrendo pelos cantos da sua boca.

—Começaremos propondo um novo presidente. É de conhecimento de todos que está sendo acusado de diversos crimes. Posso citá-los se quiser.

As narinas do Raf se dilataram. Ele estar se segurando.

—Está muito convencido, rapaz. Meu irmão foi muito idiota de ter deixado parte da herança para você. E agora que é casado com

uma das maiores acionistas da Navarro. —me fitou com ódio e concluiu: —Deve estar louco para colocar as mãos no império da família.

—*Sou* um homem bem-sucedido fazendo a empresa da minha família crescer ano após ano. Não podemos falar o mesmo de você que está levando essa indústria para o buraco.

Raf bateu na mesa com força espantando alguns sócios.

—Como ousa vir até minha empresa fazer acusações...

—É só questão de tempo para a verdade vir à tona. A justiça dos homens pode até falhar, mas a Deus...Nunca falha. —falei encarando o algoz. —Sabendo que a Navarro pode entrar a qualquer momento em declínio, é bom que todos vocês. —fitei os demais acionistas, continuei: —Saibam que talvez tenha chegado o momento de sair fora antes que não reste mais nada.

—Mas que porra é essa? Veio me boicotar? —vociferou Raf.

—Não admito que fale alto com a minha esposa. Preste bem atenção nas suas atitudes de merda, Raf. —advertiu meu marido.

—Qual a proposta de solução de vocês? —perguntou um senhor barbudo. É um dos acionistas.

Encarei quase todos, menos o Ruan. E anunciei:

—Venderei minha parte para o primeiro comprador que aparecer. Claro um que seja magnata do ramo, que esteja por dentro dos negócios.

—Perdeu a cabeça? Esse negócio está há décadas na nossa família, garota!

—Aconselho a venderem enquanto ainda valem alguma coisa. Sabemos que o mercado muda gradualmente.

—Então venda para mim!

—Acha que *sou* burra? Confesse para eles que está no vermelho, que está usando o fundo de emergência. Seja homem uma única vez na porcaria da sua vida! Irei vender, estou fazendo isso pelos meus pais Claudia e Vicente. Eu juro por eles que irá pagar por tudo que fez. Você roubou a vida dos meus pais, sua ganancia, inveja.

Falei quase sem respirar com o coração batendo forte a cada segundo. Lutando contra as lágrimas e a vontade de pular no

pescoço dele e, o ferir, prossegui:

—Um dos assassinos está preso. É questão de tempo para encontrem os outros dois. Mas você...É um nada, o pior fruto que a sociedade pode colher. Raf Navarro, você não ficará impune. Nem que eu passe todos os dias da minha vida lutando por justiça.

Olhei para os demais acionistas, falei:

—Não queiram arriscar continuando sócios de um homem invejoso, ganancioso e assassino. Ele vai levar todos vocês juntos, pois se essa empresa continuar carregando o sobrenome Navarro irá parar na lama. O lugar dele! O primeiro empresário do ramo que aparecer querendo comprar minha parte irei vender.

Não podia sair até chegarem a um acordo. Apoie-me no braço do meu marido e falei cansada psicologicamente:

—Preciso de um minutinho. —murmurei com a voz trêmula.

—Eu vou com você.

—Fica. Irei apenas ao banheiro.

Sai da sala de reuniões sem olhar para trás. Parece que estou presa em uma roleta russa. Perguntei da secretária onde fica o banheiro e segui em direção ao corredor.

Apoiei as mãos no mármore sentindo a ânsia voltar novamente. Estar diante do estuprador —da minha mãe —e assassino dos meus pais não abalou somente o meu psicológico, meu estado físico também.

Molhei as minhas mãos, sacudi-as para tirar o excesso de água e cobri minhas bochechas. A saliva amarga e náusea veio forte, rapidamente abri a porta do compartimento individual erguendo a tampa do sanitário. Vomitei o pouco que consegui comer no café da manhã. Dei descarga e regressei para perto da pia. Coloquei água na boca, gargarejando. Cuspi, lavei minhas mãos e peguei dois papel-toalhas.

Encarando meu reflexo no espelho fiz as contas mentalmente. Minha menstruação ainda não veio. As últimas semanas foram voltadas para o nosso plano. A possível gravidez ficou de lado. Acho que agora posso considerar as náuseas que venho sentindo como um dos primeiros sintomas.

Sorrio sozinha, pois sei o quanto Gabriel e eu queremos aumentar a família.

Raf vai ser preso, pagar pelos seus crimes e poderei seguir em frente com a minha família.

Ajeitei o cabelo amarrado no rabo-de-cavalo, determinada retornar à sala de reuniões. No corredor vi Ruan encostado na parede larga. Notou minha presença e rapidamente começou a andar em minha direção.

—Laura...Tem que me escutar.

—Não quero!

—Eu sei que a magoei, mas tinha que voltar. Não podia assumir você, na época...

—Estava noivo. Li na internet. Você é enteado do miserável?

Abaixou a cabeça por alguns segundos. Quando ergueu a cabeça vi a resposta estampada no seu rosto. Agora tenho certeza.

—Sim. Eu sou casado com a enteada do seu tio.

—Quando se envolveu comigo sabia quem eu era?

—Sabia! Mas juro que não contei nada para o seu tio.

Fez menção de tocar no meu braço, contudo, afastei a tempo o impedindo.

—Ele mandou matar meus pais e eu. Escapei por pouco, meu pai gritou...E corri. —segurei as lágrimas.

—Descobri os planos do Raf depois. Fui totalmente contra...

—Você sabia do plano maquiavélico? Tenho nojo de você, Ruan. É pior do que pensava!

Segurou os meus braços pressionando meu corpo na parede.

—Solte-me, agora!

—Tem que me escutar! Tenho provas da parceria do seu tio com os criminosos. Não teria como ele se defender, nem o melhor advogado do mundo seria capaz de o ajudar.

—Você é cúmplice...

—Não vou ficar aqui por mais tempo! Irei embora. Antes posso entregar as provas que precisa para o Raf ter prisão perpétua. Quero duas coisas em troca. Dinheiro e uma última noite com você. Tenho certeza que aquele aleijado não dá conta...

Cuspi no seu rosto. Ruan sorriu malicioso, começando a aproximar seu rosto do meu. Ergui o joelho acertando seu membro com força. Ele gemeu, arfando de dor. Deixei-o para trás, saindo apressadamente.

Reprimi os passos ao chegar na recepção e ver o Gabriel comandando sua cadeira de rodas. Estagnou quando me aproximei.

—Ele foi atrás de você? —perguntou, cético.

Ruan apareceu com a face vermelha. Cogitei que passaria direto. Entretanto, fez questão de destilar maldade.

—Laura e eu nos conhecemos. Muito bem, aliás.

—Seria ótimo enfiar um processo no seu rabo. Se envolveu com a Laura quando era uma adolescente.

Por alguns instantes Ruan recuou. Porém, sua cólera era evidente. Eu só podia estar cega quando me envolvi com esse homem.

—Não a obriguei. E veja a forma como fala comigo! Não pense que por estar nessa cadeira irei ser piedoso...

—Você que não pense que não sou capaz de fazer nada! *Sou* mais homem que você, disse tenho certeza!

Ruan deu um passo à frente na direção do Gabriel. Rapidamente fiquei em frente do meu marido. O moreno não gostou nada da minha atitude. Um homem como o Ruan não tem escrúpulos, é um covarde. E não permitiria que abusasse da condição física do meu marido para sair vitorioso.

Calixto saiu da sala de reuniões. Olhou bem sério para o Ruan, anunciou:

—Vou adorar o processar, Rangel.

Antes de sair Ruan me olhou com furor.

—Os acionistas pediram para a votação ser a amanhã. Para evitar transtornos aconselho a eu vir no seu lugar Laura.

—Estou de acordo. Nunca mais quero colocar os pés aqui.

Gabriel entrou no elevador calado. É do meu conhecimento que estar chateado com a situação. Nós nos despedimos do Calixto no estacionamento.

Balboa abriu a porta do carro para mim. Gabriel se transferiu para o banco do veículo com agilidade. Alguns minutos passaram e

nada do meu marido trocar uma palavra sequer comigo. Nem que fosse para exigir explicação.

—Eu não sabia que Ruan era genro do Raf. Nem passou pela minha cabeça. Se soubesse seria o primeiro a quem diria.

—Tocou em você?

Poderia evitar que ficasse mais irritado, mas a verdade tem que vir em primeiro lugar. Mesmo que enfureça mais o meu marido.

—Tentou me beijar.

—Filho da puta!

—Chutei ele e sai.

—Nunca mais se coloque na minha frente para me defender. O certo é eu cuidar de você. Posso parecer indefeso, mas sei me virar usando a cintura para cima.

—Ele é um covarde! Não o deixaria te machucar.

—Estou pedindo, Laura. É melhor conversarmos depois.

Respeitei seu pedido. Ser geniosa e insistir para dialogarmos não resolveria a situação, talvez piorasse.

Pela janela do carro vi Romeo usando luvas e avental de jardinagem. Passamos a ajudar Delfina a cuidar do pequeno plantio de rosas e da horta que fica em uma parte reservada da área de trás. Têm feito bem para nós.

Meu macaquinho veio correndo para os meus braços. Faltam duas semanas para fazer os exames e termos a resposta final do médico. Sua vitalidade, energia e apetite estão melhorando a cada dia.

—Chegou a tempo de nos ajudar na hora, mamãe.

—Irei apenas trocar de roupa.

Enchi a curva do seu pescoço com beijos estalados.

—Combinamos que só vai me beijar no meu quarto, mãe. *Sou* um rapaz. —sussurrou.

Sorri ao lembrar da promessa que fiz a ele. Simplesmente não consigo me controlar.

Gabriel já está na sua cadeira de rodas. Nem parece que está chateado. Sua feição máscula serena e alegre é direcionada para receber o nosso filho no seu colo.

É lindo de ver os dois tão unidos e carinhosos.

Respeitando seu espaço decidi subir direto para o quarto. Até a noite espero que esteja disposto a conversar. Não suportaria dormir com o meu marido sem ter o seu contato e ainda por cima brigados. Seria horrível.

Se até a noite não demonstrar interesse em falar comigo, irei resolver do meu jeito. Sendo geniosa.

CAPÍTULO 40

LAURA

Gabriel saiu do escritório quando o nosso filho o chamou para almoçarmos. Evitou contato visual comigo, sua atenção estar inteiramente no Romeo. Nossas refeições nunca são silenciosas. Estamos sempre conversando com o Romeo, o escutando e rindo das suas curiosidades.

Tentei puxar assunto, mas seu jeito cético não abriu espaço para mim. Novamente respeitei, não faria uma cena. Muito menos na frente do nosso filho.

Ao longo da tarde fiz atividades didáticas com o Romeo, tendo a participação da Augusta. Preparamos o lanche da tarde —o qual fez questão de levar para o pai no escritório —montamos o quebra-cabeça de mais de mil peças na mesa do jardim, sentindo o ventinho da tarde.

Como estou em casa liberei Augusta duas horas antes do seu horário. Esperei o Romeo terminar seu banho quase colada na parede. É algo que não consigo evitar. Agora está mais fortinho e faz questão de ser independente com coisas simples que antes não fazia por estar fraco.

Saiu usando seu roupão azul-claro fazendo a caretinha engraçada sabendo o que estou prestes a fazer.

—Nada de abraço de urso.

Abracei-o antes que entrasse no closet. Meu macaquinho resmungou, entretanto, não demorou para se entregar aos meus carinhos.

—Mãe, eu vou jogar um pouco de videogame...

—Espero que continue sendo paciente comigo. Estou começando a entender.

Romeo sorriu e falou:

—Eu fico jogando e a senhora vai conversar com o papai.

—Não temos nada para conversar, macaquinho.

—Então podem ficarem se olhando até saírem de mãos dadas, sorrindo e melosos como costumam ser.

Ok. Minha criança percebeu o clima tenso que está sob nossas cabeças.

Entramos no closet.

—Filho, seu pai e eu estamos bem.

—Mamãe, senta aqui.

Apontou para o pufe baú no centro do closet. Sentei-me e meu filho começou a discursar:

—Papai está triste, mesmo querendo parecer feliz para mim e a senhora também. Conversem e fiquem bem, pois assim continuaremos sendo uma família feliz.

—Como eu te amo, macaquinho.

Romeo encostou a testa na minha e ficamos quietinhos por alguns minutos.



Gabriel não estava no escritório. Então só poderia estar no seu lugar de meditação. Na área externa fitei a pirâmide de madeira e vidro. Respirei fundo ao ver o meu marido olhando para a paisagem infinita do terreno. Assim que entrei inalei o cheirinho de maçã com canela. Amo essa essência.

—Laura, realmente quero ficar sozinho.

—Não iremos dormir sem nos resolver. Tem que saber a verdade. —suspirei. —Ruan deixou claro que sabia dos planos do Raf. Ele é cúmplice!

O moreno dirigiu sua cadeira a parando pertinho do enorme estofado preto. Travou as rodas, descalçou os pés ficando apenas de meias e se transferiu. Tirei as sandálias baixinhas, sentei ao seu lado cruzando as pernas. Puxei uma almofada para o meu colo.

—Você sentiu alguma coisa quando o viu? —inqueriu taciturno.

Ele está sentindo a insegurança que senti quando presenciei o reencontro com a sua ex-esposa.

—Claro que não, Gabriel. Fiquei pasma por vê-lo na Navarro. Nunca passou pela minha cabeça que o Ruan trabalhava na indústria, muito menos que fosse genro do Raf.

—Você não leu o dossiê todo. —assegurou.

—Deveria ter lido para não ter sido pega desprevenida.

—Teria contado se soubesse?

Encarei seus olhos azuis entendendo perfeitamente suas dúvidas. Não contei quando nos conhecemos, pois não sabia que seríamos um casal e era algo que cabia apenas ao meu filho quando decidisse o momento certo para revelar a verdade.

Quando começamos a nos envolver sabia que essa parte da minha história não poderia continuar oculta. Gabriel e Romeo deveriam saber. Somos uma família.

—Sim. —disse convicta.

Para não ficar lacunas relatei como conheci o Ruan. Enquanto relatava percebia mais o quanto fui uma boboca apaixonada. Nada como o tempo para nos fazer amadurecer e enxergar nossos erros como aprendizados.

O alívio veio quando a mão grande pegou a minha, entrelaçando-as.

—Eu sou o pai do Romeo.

—Você é. Não irei contar ao Ruan sobre o Romeo. Ele é cúmplice daquele maldito. Claro, um dia teremos que sentar e revelar tudo ao nosso filho...E então a decisão de conhecer o progenitor estará nas mãos dele.

—Estou de acordo. Ele confessou ser cúmplice do Raf?

—Ele sabia dos planos do Raf e disse que tem provas.

—O que o infeliz pediu em troca?

Minha feição de desconforto não passou despercebido pelo Gabriel. Falei:

—Dinheiro e...

—Só fale de uma vez, Laura.

—E uma última noite comigo.

Gabriel fez esforço para iniciar sua transferência, mas espalmei as mãos no seu peitoral o impedindo.

—Calma, amor. Escuta...

—Laura, tenho sido bonzinho. Nada mais me impede de ligar para o Marsal. Ele tem uma equipe que faz o trabalho sujo.

—Nós não somos como eles, Gabriel. Todos pagarão na justiça pelo que fizeram.

—Putá que pariu! —bufou, fechando os olhos.

Joguei a almofada para o lado e subi no seu colo. Peguei suas mãos grandes as trazendo para cima do meu ventre.

—Eles não irão escapar. Nunca aceitaria as condições do Ruan. Agora vamos esquecer um pouco esse assunto. —suas mãos tentaram escorregar para a minha cintura, no entanto, as segurei. —Tenho quase certeza que estou grávida.

—Pelo amor de Deus, não brinca com isso.

—Seu último espermograma estava com as taxas ótimas, assim como o primeiro. Então comecei a ficar com maiores expectativas.

—Fez o exame de farmácia? Espera, está sentindo algum sintoma...?

—Enjoo. Inclusive a minha ida ao banheiro da Navarro, resultou em vômito. Por alguns instantes acreditei que tinha a ver com o fato de estar naquele ambiente, enfrentando o desgraçado do Raf. Mas a minha menstruação não veio ainda. É quase certeza.

—Vamos fazer o exame de farmácia.

—É melhor esperarmos um pouquinho. Estou ansiosa, nervosa e curiosa. Sabe que quero tanto quanto você um bebê.

—Certo. Que fique claro que se não estiver grávida, continuaremos tentando. Ou podemos dá uma pausa e voltamos a tentar quando decidirmos. Juntos.

O beijeii fortemente sendo abraçada por ele.



Fui acordada pelo meu filho e marido que preparam um delicioso café da manhã para o meu desjejum. Gabriel estava suado devido à fisioterapia. Curtimos um pouquinho juntos e depois meu marido foi tomar banho.

Segui a rotina com Romeo em casa. Optamos por evitar sair com o nosso filho de casa até Raf e seus cúmplices estarem atrás das grades. Além disso, não queria correr o risco de o Ruan desconfiar sobre a paternidade do Romeo.

Será uma decisão do meu filho em querer conhecer ou não seu progenitor. É ponto final. Ainda mais agora que sei que o Ruan não passa de um ambicioso covarde e aproveitador.

Lola disse que virá passar a tarde conosco. Romeo já tem planos com a sua tia Lola. O que acho uma graça.

Minha amiga e eu estamos de folga do nosso trabalho como modelos. Finalizamos as filmagens das duas propagandas que irão ao ar no próximo mês sendo exibidas na festa de lançamento e no outro dia estará circulando pelo mundo inteiro.

Levantei-me do tapete para ir buscar mais brinquedos didáticos no quarto do Romeo que comprei recentemente para suas atividades de aprendizado.

No primeiro degrau da escada escutei o telefone residencial tocar. Augusta fez menção de levantar para atender, mas fiz sinal de que atenderia. Peguei o telefone sem fio, atendi:

—Alô?

—Laura, *sou* eu.

Acelerei os passos nas escadas, tensa.

—Como conseguiu o número da minha casa? Não ligue mais! Não quero escutar nada o que tenha...

—Escuta, porra! Eu preciso do dinheiro. Seu tio não é burro. Está ferrado, sabe que não terá dinheiro o suficiente para manter os advogados...Estou indo embora antes que sobre para mim.

—Você é cúmplice! Vai sofrer as consequências.

Sua risada rouca preencheu a linha do telefone.

—Não será assim! Estou planejando a minha fuga há alguns meses. Tenho gravações do seu tio relatando o plano e o telefone pré-pago que utilizou para manter contato com o trio de bandidos. Raf era obcecado pelos seus pais. A maior revoltada dele foi a sua mãe ter fugido com o irmão gay. Ele ficou confuso, principalmente por terem casado e terem tido você. Isso nunca entrou na cabeça dele.

Encostei-me na parede do corredor. Raf é um demônio.

—Não ligue nunca mais para a minha casa...

—Esquece a minha outra exigência. Apesar de achar um absurdo perder a oportunidade de ter prazer de verdade, pois claramente não tem isso com o aleijado...

—Seu estúpido! Meu marido é muito mais homem que você.

—Sem essas provas que possuo deixará o Raf livre. E será derrotada. Quer mesmo passar anos da sua vida lutando para o ver atrás das grades? Pode acabar com isso, Laura.

Não desistiria até ver o Raf pagando pelos seus crimes. No entanto, seria exaustivo viver em função disso, ter medo de sair de casa, criar uma redoma de segurança envolta do meu filho impedindo que posso finalmente ser uma criança como qualquer outra da sua idade. Somando a isso posso estar grávida, quero paz. Almejo concluir o ensino superior, edificar meus projetos, ser feliz e leve com a minha família. Porém, nada disso será possível se continuar vivendo somente para conseguir colocar o miserável atrás das grades.

—Quanto você quer? —indaguei.

—Dez milhões.

—Para quando?

—Hoje à noite. Irei te passar o endereço do hangar particular. Estarei esperando você às seis horas.

—Não vou conseguir esse dinheiro todo. Nenhum gerente bancário liberaria tanto em um dia só.

—Pegue o máximo que conseguir. Não dê uma de esperta, Laura! Venha sem ninguém saber. Será rápido.

—Como posso ter certeza que tem essas provas?

—Colocarei uma parte da gravação para escutar.

Meu sangue ferveu ao escutar a gravação do Raf falando com o líder do trio. Engoli o choro, cólera.

—Estarei lá com o dinheiro.

—Boa garota!

Ruan passou o endereço e encerrou a ligação.

O almoço foi como um borrão. Pedi a Lola para ficar em casa com o Romeo —mesmo tendo Augusta e Delfina. Ela estranhou o

fato de eu estar abstraída. Disse que contaria tudo quando retornasse do meu compromisso.

Digitei a senha do cofre do closet. Tirei os blocos de dinheiro jogando-os dentro da bolsa de viagem. Recordei-me que Gabriel disse que dentro desse cofre havia cem mil *ARS*, em peso argentino. Desci segurando a bolsa até o escritório do meu marido. Coloquei a senha numérica e peguei os blocos de dinheiro. Neste cofre tem cem mil dólares.

Sai de casa e pedi para o Agner dirigir até o Banco *La Nación Argentina*.

Usaria da influência do sobrenome para conseguir falar com o gerente sem ter marcado um horário. Identifiquei-me para secretária afirmando estar precisando falar urgentemente com o gerente. Fiz questão de ressaltar meu sobrenome.

—Senhora Arkis, não costumo atender clientes sem que marquem um horário com antecedência. Como a senhora e seu marido são um dos clientes especiais não a deixaria de atendê-la.

—Obrigada. Gostaria de saber qual o valor máximo para saque?

—De quanto estamos falando?

—Dez milhões.

O gerente se engasgou. Pediu alguns minutos e começou a preparar os trâmites de saque.



Sai com uma mala fornecida pelo próprio banco com cinco milhões de reais. O máximo que consegui. O gerente quis ligar para o meu marido, porém afirmei que estava totalmente de acordo. Invenitei que seria para um novo investimento.

Agner abriu o porta-malas e guardou a mala. Quando sentou no banco do motorista passei o endereço do hangar. Quase meia hora depois chegamos ao local.

—É melhor eu ir com a senhorita.

—Agner se passar dez minutos e ainda não tiver voltado, ligue para a polícia.

—Dessa vez não escapo do senhor Arkis.

Comecei a andar puxando a mala e segurando a bolsa.

—Está atrasada! Trouxe o dinheiro todo?

—O sistema do banco não permitiu o saque do valor que exigiu. Cadê as provas?

Tirou do bolso da calça um *pen drive*.

—Quero escutar.

—Não estou mentindo, Laura. Quero mesmo que o Raf se foda na prisão.

Aproximou-se e estendeu o material que deixará o Raf sem escapatória. Peguei o *pen drive* da sua mão.

—Pode vir comigo, Laura. —me olhou com gana. —Estou indo embora sozinho.

—Nem se estivesse louca!

Guardei o *pen drive* no bolso da frente do jeans.

O sorriso do Ruan se desfez quando escutamos as sirenes policiais. Seu olhar foi de assustado para puro ódio. Ele rapidamente pegou a mala e bolsa do chão. Pronta para correr parei ao ver os oficiais surgirem rapidamente dando voz de prisão ao Ruan.

Com diversas armas apontadas para ele largou o que tinha em mãos se rendendo. Seus protestos não serviram de nada. Seu corpo foi pressionado contra o chão e suas mãos algemadas.

—A senhora está bem?

—Sim...Eu estou. Como souberam...?

Ao longe vi meu marido comandando sua cadeira de rodas. Comecei a caminhar em sua direção. Não esperei a resposta do oficial.

—Gabriel...Eu sinto muito. —proferi sentindo o gostinho salgado das lágrimas entre os meus lábios.

—Vem aqui.

Abriu os braços para mim. Aconcheguei-me no seu colo, tremendo.

—Eu só queria que acabasse logo. Ruan ligou e disse que queria o dinheiro em troca das provas. Temi que Raf não recebesse o que realmente merece por falta de provas.

—O gerente do banco me ligou. Soube na hora o que faria. Rapidamente pedi para o Marsal falar com o seu contato na polícia e conseguiram montar essa operação de última hora. Acabou, pequena.

Passei meus braços envolta dos seus ombros me sentindo segura, amada e protegida.

CAPÍTULO 41

Três dias depois...

MARIANO

Estou comandando a empresa sozinho há três dias. Meu irmão avisou que ficaria alguns dias em casa com a esposa e filho. Laura se arriscou em ter aceitado encontrar o Ruan—que agora sabemos ser o pai biológico do Romeo. Ela contou há dois dias quando fizeram um jantar para a família.

Tudo ocorreu bem. Gabriel foi ágil em ter acionado o Marsal que logo contatou seu contato na polícia e foram preparados para prender o Ruan.

Marsal conferiu as gravações contidas no *pen drive* juntamente com Calixto e Zenon. É uma prova que não deixará dúvidas para o júri e muito menos ao juiz da culpa do Raf.

Finalmente a Pocahontas seguirá em frente. A justiça será feita.

Encarei o celular conjecturando que seria uma excelente ideia chamar a Lola para jantar. A diaba ruiva tem me evitado, sei que não quer ceder. É orgulhosa, está pensando em si e nas consequências. E com razão.

Essa distância tem me corroído. Estou escutando músicas melosas, assistindo romances clichês, entupindo minhas veias de gorduras saturadas e chorando até o nariz entupir.

Dei espaço para não a pressionar e não ficar maçante minha presença constante. Entretanto, agora quebrei a sensatez da linha tênue que estava me segurando.

Graças aos céus encontrei uma floricultura aberta próximo à avenida *Santa Fé*. Pedi para a senhorinha caprichar na montagem do buquê. Por fim me entrou os lírios de várias cores.

Coloquei o buquê com cuidado no banco do carona.



Estacionei o carro em frente à casa da Delfina. Fica localizada em um bairro de classe média, bem familiar.

O automóvel esportivo —um dos modelos mais caros da Arkis —chamou atenção das crianças que estavam brincando na rua e de algumas mulheres que estão papeando. Com o ramo de lírios, abri o portão baixinho.

Trouxe Delfina várias vezes em casa.

Toquei a campainha esperando ansioso pela ruiva. Espero que ela esteja sozinha. Cacete! E se o cara metido a caubói estiver com a minha ruiva? Por favor, isso não.

—A senhora esqueceu a chave...Mariano?

A fitei sentindo meu coração galopar tão forte que pensei estar escutando os batimentos acelerados.

Lola está sem maquiagem nenhuma. Apenas trajando uma camiseta simples, sem sutiã —o que ficou bem claro devido os biquinhos estarem marcados na malha —short folgado, descalça e o cabelo ruivo parecendo uma cortina de tão sedoso.

—São para você.

Ela demorou um pouco para pegar o ramo. Se gritasse na minha cara que não queria, fingiria um desmaio. Para mim seria a melhor saída.

—Obrigada. São realmente lindas.

—Pensei em ligar antes, mas...

—Entra, Mariano.

Estou surpreso. Muito.

Reparei o *notebook* aberto no sofá. Ela deveria estar ocupada.

—Atrapalhei você?

—Estava lendo o programa da universidade onde a Laura estuda. Tem cursos de graduação à distância bem interessantes.

—Vai estudar à distância?

—Acredito que seja a melhor opção. Laura irá abrir os institutos, apesar de ter dito que fará o pedido de trabalho formalmente para mim, lógico que já aceitei. Poderei conciliar melhor estudo e trabalho.

—Vejo duas grandes *CEOs*.

Ela sorriu arrumando os lírios dentro de um vaso com muita facilidade e tranquilidade. Rapidamente foi à cozinha, trouxe em mãos um jarro com água natural e, o derramou dentro do vaso que colocou os lírios.

— Seremos grandes mulheres de negócios.

— Não tenho dúvidas disso. — domado pela coragem, declarei: — Lola, sei que tem me evitado e com razão, mas estou afundado em arrependimento. Sei que nada que eu disser irá mudar minhas escolhas do passado, só que desejo muito um recomeço... Com você.

— Você confia na Katriona?

— O quê? Lola, olha sei que a magoei...

— Katriona me chantageou por muito tempo, Mariano. De alguma forma ela conseguiu nudes meus, que infelizmente tinham o meu rosto e, usava isso para me controlar. Para ficar longe de você.

— Filha da puta! Por que nunca me contou isso?

— Sinceramente preferia resolver sozinha. Foram exatamente os que havia enviado para você.

— Espera, não está achando que...

— Você não faria isso comigo e nem com mulher nenhuma. Joaquina e Santos souberam criar vocês, apesar de achar que nasceu tapado. — alfinetou.

Ok. Mereço isso.

— Isso é crime. Podemos ir agora mesmo na delegacia.

— Acredito que ela não fará mais nada com as fotos. E se fizer irei à justiça. Antes agi como uma boba apavorada, pensando que meus pais nunca mais iriam falar comigo e que seria uma vergonha. Aprendi a lição. — suspirou. — Nunca mais mando nudes mostrando o rosto.

— Meu Deus, Lola. — sorriu, descontraída.

De qualquer forma irei confrontar a Katriona e ter certeza que se desfez das fotos da Lola.

— Estive pensando muito sobre nós dois.

Para evitar cair no chão, dependendo do impacto da notícia, sentei na poltrona rosa-*pink*.

— Espero que de uma forma boa.

—Foi um verdadeiro cafajeste, covarde, tolo, estúpido...

—Entendi, Lola. Vai direto ao ponto.

—Juro que pensei em seguir em frente de verdade. Mas fiquei pensando que poderia olhar para trás daqui alguns meses, anos...E perceber que o orgulho não foi a melhor opção, nesse caso. Então decidi que merecemos uma segunda chance.

Caralho, não quero chorar.

—Lola...Prometo recompensar o tempo que fiz a gente perder.

—Vai mesmo! Espero ansiosa por grandes orgasmos, lírios, passeios românticos, massagens e principalmente lealdade.

Sorrindo levantei da poltrona a pegando no colo com furor. Beijeí sua boca carnuda, saboreando seu gostinho, arrancando gemidinhos, enquanto sungo sua língua.

LOLA

Um, dois, três orgasmos vieram. E estou prontíssima para o quarto.

Ainda bem que minha avó foi para a sua noite de pôquer.

—Linda...Vou morder você todinha.

Estamos suados, nosso cheiro mesclado...Estamos uma bagunça. Valeu à pena a espera. Vinte dois centímetros cheiroso, grosso e que sabe usar. Aleluia!

Tremi sentindo suas mãos grandes apertarem os dois montes —que com certeza estão com as marcas dos seus dedos —, passando o nariz na linha que os separa. Quente pra caralho. Uma delícia ter um homem sem frescura.

Agarrei o estofado com força, estragando a capa recente que minha avó comprou para o jogo de sofá.

Apertei os lábios com força quando beijou onde jamais sonhei ser beijada. Passou a língua morna, misturando sua saliva com a minha lubrificação natural. Ronronei quando começou a chupar e massagear o local com língua.

Estou pronta para partir, sério. Não vou aguentar muito.

—Eu te amo, Lola. Tanto...Tanto.

Minha respiração ficou suspensa.

—Não diga coisas bonitas agora, Mariano. Estava tão perto.
—virei de frente. —Eu também te amo. Muito.

Puxou-me para o seu colo. Beije sua boca sedenta ao sentir seu pau enorme entrar na minha vagina bem devagar. Só depois iremos aumentar, tenho que me acostumar com seu tamanho.

Seu dedo desceu tocando intimamente no meu orifício. Seria ótimo o sentir me pegando por trás, basta saber se aguentaria. Como se adivinhasse meus pensamentos., disse:

—Podemos tentar quando estiver pronta. —murmurou rouco.

—Vamos tentar agora. Estava pensando nisso.

Estou muito excitada. Espero que não tenha sido precipitada. Adoro sexo. E sem dúvida quero fazer tudo que não fiz antes com o Mariano.

Foram anos sonhando com isso.

Com o pau todo melado brincou com a cabeça na minha entrada fazendo pressão. Deveria abortar a ideia, mas *sou* tão louca que estou decidida a fazer a experiência.

—Ai, meu Deus...Talvez, com sorte entre dez centímetros. — murmurei entre os gemidos.

—Porra...Não me faz rir agora.

Senti seu corpo forte vibrar devido aos risos.

—Melhor rir do que chorar...Não me arregaça, Mariano. Tenha cuidado.

—Ah...Agora que está ficando gostoso.

Seus dedos começaram a massagear meu clitóris me deixando mais encharcada ainda. Fechei os olhos sentindo seus beijos e mordidinhas nas minhas costas suadas.

Estava quase no mundo do orgasmo quando escutei a porta abrindo. Mariano parou de mexer o quadril contra minha bunda. Rapidamente tirou o pouco que conseguiu colocar no meu buraquinho.

Ao virarmos de frente nos deparamos com uma dúzia de senhoras nos encarando...Chocadas. Escondemos nossas partes íntimas como conseguimos com as almofadas.

O mico corre feroz nas minhas veias. Merda!

—Vovó...

—Eu vou fechar os meus olhos e quando abrir minha neta não estará dando para o Mariano. E se abrir e ainda estiverem protagonizando a sem-vergonhice os dois vão apanhar.

Rapidamente começamos a recolher as peças de roupas espalhadas. Depois saímos correndo para o meu quarto.

Que situação, *Senhor*.

EPÍLOGO

Seis meses depois...

LAURA

Finalmente o dia do julgamento dos assassinos dos meus pais chegou. contei os dias para esse momento desde que Calixto nos comunicou a data que foi marcada.

Com as provas contidas no *pen drive*, depoimentos e novas queixas registradas na delegacia. Duas semanas depois, após a prisão do Ruan, prenderam o mandante do assassinato.

Cuidei do meu estado emocional, evitando ficar obcecada com o julgamento. Apesar de não ter conseguido conter tanto a ansiedade por este dia.

—Se sentir qualquer coisa avise, pequena. Tem que pensar em vocês duas.

Sorri ao sentir a mão grande do meu marido acariciando o meu ventre. Estou carregando nossa menina.

Um dia após o último dia que era para minha menstruação vir e não veio, decidimos fazer o exame de farmácia. Os três deram positivo. Para não ficar dúvidas realizei o de sangue. Gabriel não conteve as lágrimas em nenhum dos resultados.

Quando soubemos que é uma menina não seguramos a emoção. O moreno participa de tudo ativamente. Estar em todas as consultas, atende os meus desejos, cuida de nós duas com todo amor.

Romeo tem sido bem cuidadoso comigo e sua irmãzinha. Já fez vários planos de passeios.

Há cinco meses quando Romeo retornou ao médico e fez os exames, confesso que meu coração estava quase na boca. Porém, a fé tinha me sustentado a tanto tempo que continuei presa a ela. Escutar do doutor que meu menino venceu a batalha contra o câncer me fez chorar e agradecer a Deus.

—Estamos bem. Com fome, talvez.

Gabriel sorriu beijando a minha bochecha.

Meu marido se propôs fazer um projeto com veículos adaptados para deficientes. Não uma adaptação simples, convencional. Mas fabricado de acordo com a necessidade do cliente deficiente.

O lançamento do novo modelo —o qual Lola e eu somos garotas propagandas —ainda está sendo um grande sucesso de vendas.

A festa de lançamento foi incrível do começo ao fim. Infelizmente os jornalistas perguntaram sobre as acusações formais que fiz ao Raf Navarro. Desviei de todas as indagações a respeito. Não estragaria a noite falando de coisas que me causaram mal.

—Pedi para a Delfina preparar uma lasanha deliciosa com bastante molho como você gosta. Aliás, como você e Eloah gostam.

—Já sabemos que a nossa filha tem bastante apetite.



O julgamento iniciou. Olhar para o Raf sempre me causaria dor. Usando o uniforme de detento, barba grande, cabelo grande nem de longe era o renomado magnata do petróleo. Raf ficou sem nada.

Há quatro meses os outros dois bandidos foram encontrados tentando encaparem pela fronteira que faz divisa com a cidade Foz do Iguaçu, Brasil. Estavam sendo procurados desde que JP confessou tudo a polícia.

Os quatro algozes terão suas sentenças. Ruan seria julgado separadamente. Eles estão com dois advogados públicos. Raf foi abandonado pelos seus advogados renomados quando parou de pagá-los. Está falido.

Zenon comprou a parte dos acionistas da indústria Navarro. A esposa do Raf —que agora é ex-esposa—vendeu sem pensar duas vezes ao Zenon. Depois ele nos vendeu por um valor simbólico. Em seguida mercamos para o magnata do petróleo árabe.

O império Navarro findou.

Fiz o juramento, relatei em detalhes o dia que meus pais foram assassinados e, o que descobri do Raf. As provas foram apresentadas pelo advogado. A verdade foi revelada deixando claro para todos que os quatro homens mereciam a pena máxima.

Além de passar por esse julgamento Raf enfrentará outro devido a interdição ilegal que fez contra a própria mãe. Inclusive um dos médicos que assinou o laudo está sendo procurado pela justiça.

Quando o juiz determinou prisão perpétua para os quatro as lágrimas começaram a molhar minhas bochechas. A justiça dos homens não falhou. Muito menos a de Deus. Acarínhei a minha barriga, sabendo que a partir de hoje poderei finalmente ser feliz de verdade.

Meu marido pegou a minha mão a levando aos seus lábios.

Dez meses depois...

Chegou um dos momentos mais esperados da minha vida. O meu casamento no religioso. Foram mais de um ano de organização. Decidi esperar a Eloah nascer, pois assim aproveitaria mais a festa. Minha bonequinha está com seis meses. Nasceu dia treze de dezembro.

Gabriel quase teve uma síncope de tão afoito e nervoso. Em meios aos meus gemidos de dor quis discutir com a minha médica dizendo que o melhor seria eu fazer cesariana.

Todavia, entre uma contração fortíssima apertei seus dedos o deixando vermelho de tão forte e exigi que fosse parto normal. A não ser que na hora a doutora Felícia percebesse que teria que ser cesariana.

Meu marido tirou três meses de férias. Na verdade, só ia a Arkis para participar de reuniões importantes, mas logo retornava para casa.

O quarto da Eloah foi planejado em tons pastéis. E todos os móveis, desde o berço, trocador e cômoda solicitamos que fossem do tamanho certo para o Gabriel não ter obstáculos em acessar as principais coisas da filha, assim podendo cuidar dela sem restrições.

A reforma do banheiro demorou mais. Gabriel pediu ao arquiteto que aumentasse a banheira e colocasse os suportes para

poder entrar e sair da banheira sem dificuldade.

A hora do banho da Eloah é uma festa. O moreno entra e entrego nossa menina para ele. Quando terminam o banho, a pego para enxugar.

—Filha, deixa a mamãe colocar a presilha de lacinho no seu cabelo?

Ela soltou seu gritinho infantil e quis começou a morder a cabeça da boneca de borracha, antialérgica e totalmente recomendado para sua idade. Gabriel é muito cuidadoso quando compra brinquedos, roupas, sapatos, jogos o que for para os nossos filhos.

—Sua filha não quer usar esse treco, Laura.

Lola entrou na suíte usando um lindo vestido de alças finas no tom verde-água. É minha madrinha de casamento.

Convencida pegou a presilha delicada que contém um laço da cor do seu vestido e uma pedrinha de diamante. Gabriel fez questão de mandar fazer esse acessório da nossa filha.

Impossível não reparar o anel de noivado no anelar da ruiva. É um enorme diamante cor pêssego. Lola e Mariano ficaram noivos há três meses.

—Pelo menos até as fotos.

—Vou tentar. Se Eloah não deixar, vamos respeitar.

Eloah não gosta de usar nada no seu cabelo preto lisinho. Mas hoje Gabriel e eu decidimos tentar a sorte. Minha menina tem os olhos azuis como os do pai.

—Romeo está pronto? Não se sujou?

—Gabriel está de olho no príncipe...Depois de quase implorar para ele ficar limpinho até a cerimônia.

Romeo se adaptou bem à escola. O primeiro mês não se entrosou muito com os colegas, mas aos poucos começou a criar laços de amizade.

Gabriel achou melhor contratarmos uma professora particular para o auxiliar nos deveres com mais precisão. Romeo não iniciou no colegial como a maioria dos seus colegas, então seria perfeitamente normal sentir dificuldade.

No seu aniversário fomos surpreendidos por ele ter convidado uma menina três anos mais velha que estuda na mesma escola.

Gabriel ficou emocionado por reconhecer a Freya. Meu marido disse que menininha de cabelo loiro era amiguinha do Gael. Fui apresentada ao casal de amigos do Gabriel —pais da Freya—os recebendo na minha casa com todo carinho e respeito que tenho pelo Gael. Ele sempre estará no coração do pai, dos irmãos e do meu, pois fazemos questão de mostrar fotos do primogênito Arkis. E meu marido se sente bem contando sobre o pequeno para seus filhos caçulas.

Encarei a minha filha pasma por ela não ter tirado a presilha de lacinho que Lola colocou do lado direito do seu cabelo.

—Que filha da mãe! —falei, sorrindo.

—Ela ama a tia. Mas é sacanagem, né? Quase arregaçou você no parto.

Eloah nasceu com quase quatro quilos. Quis esganar o Gabriel.

—Tem que agradecer à Deus por ela não ter nascido com cinco quilos igual ao pai. —disse dona Joaquina entrando com o meu buquê.

—Só por curiosidade... Com quantos quilos o Mariano nasceu?

—Cinco quilos e cem gramas.

—Iremos adotar! Está decidido! —falou Lola, sentando na cama.

Começamos a rir da cara de assustada da ruiva.

—Vim ajudar você colocar o vestido, querida. Está tudo pronto.

Lola ficou cuidando da Eloah, enquanto trajo o vestido de noiva dos sonhos.

O vestido foi feito exclusivamente por uma estilista italiana que reside em Buenos Aires há dez anos. Tornou-se uma das maiores estilistas do ramo. Pedi que o vestido fosse tomara-que-caia, acentuado até a cintura e um pouco de transparência entre os bordados que foram feitos à mão, abaixo do busto até a cintura.

—Agora pode virar.

Respirei fundo para não começar a chorar. Estou me sentindo uma princesa. Meu Deus, como gostaria que os meus pais estivessem aqui comigo. Vivendo esse momento comigo.

—Você está incrível, amiga.

Lola se aproximou com a Eloah no colo que logo estendeu às mãos gordinhas para mim. Peguei-a nos braços cheirando seu pescocinho.

Minha sogra ajeitou a tiara que contém pequenas pedrinhas de diamantes conferindo o caimento do véu longo.

Pensamos em casar na igreja, mas por conta da distância da nossa casa —onde é a festa—e por causa das crianças, decidimos que faríamos a cerimônia religiosa no mesmo local da festa. Porém, ambientes separados, muito bem organizados pela equipe da cerimonialista.

GABRIEL

Estou tentando parecer o mais calmo possível. No entanto, nitidamente não estou conseguindo.

—Já são casados. Não tem aquele suspense de a noiva fugir, desistir...

Meu pai deu uma cotovelada discreta no Mariano.

—Sem gracinhas, Mariano. Deixe para depois da festa.

Sorri igual um bobalhão quando vi a minha mãe vindo em nossa direção com a Eloah no colo. Minha filha amada. Fazendo barulhinhos agudos veio para os meus braços. A coloquei em pé em cima das minhas pernas, admirando o quanto está linda usando um vestidinho que foi feito pela mesma estilista do vestido de noiva da minha mulher.

—Como você está linda, meu amor.

Beijei sua bochecha gordinha, sendo alvos das suas unhas —que estão cortadinhas —na minha barba cerrada. Sentei-a no meu colo com cuidado para não amassar muito seu vestido.

—Laura está vindo. Ficarei sentada com a Eloah. Está certo da surpresa?

—Pela milésima vez...Sim, mãe.

—Não se esforce muito.

—Venho treinando na fisioterapia justamente para surpreender a Laura, mesmo que seja por alguns minutos.

—Ainda bem que Omar veio. Qualquer coisa acabo com ele.

Essa é a minha mãe.

Romeo fez graça para a irmãzinha arrancando gargalhadas da pequena. A cerimonialista veio buscar meu filho, antes de ir beijou a testa da Eloah e piscou para mim. Um pequeno lorde.

LAURA

Romeo segurou a minha mão com um belo sorriso no rosto. Paramos no começo da estrutura de madeira que foi montada em toda a área para facilitar a locomoção da cadeira de rodas do meu marido.

Nossos familiares e amigos estão todos presentes. Os musicistas estão alguns metros de distância do o altar. A área da cerimônia foi montada perto das enormes árvores; a luz do dia traz uma paz e plenitude a mais.

Começaram a tocar a marcha nupcial. Estou prestes a chorar de emoção mesmo que tenha determinado a segurar até o último momento.

Porém, quando meu sogro ficou do lado esquerdo do Gabriel e meu cunhado do direito, perdi os compassos da respiração ao ver que Gabriel passou os braços por cima dos ombros deles e se ergueu da cadeira de rodas.

Ele está em pé. Estar me esperando em pé.

Parei na sua frente me sentindo pequena. Abracei sua cintura sem ligar para o buquê. Não estava esperando por isso. Ele beijou minha cabeça. Ficamos agarrados por alguns minutos. Senti seu corpo tremer e sabia que era o momento de voltar a sentar.

O moreno tão emocionado quanto eu, abraçou nosso filho prometendo que continuará cuidando de nós. De mãos dadas começamos a escutar o juiz de paz.

Meu príncipe não veio num cavalo branco, nem dirigindo um carro, nem pilotando uma moto e nem andando...Ele veio na cadeira de rodas.

E isso é apenas uma extensão dele.

GABRIEL

Continuaremos usando a aliança do nosso casamento do civil e uma outra bem fininha por cima, de ouro branco. Laura sentou no meu colo e pudemos nos beijar após falarmos pela segunda vez: sim.

Sob as chuvas de pétalas de rosas brancas comecei a comandar a cadeira de rodas para fora do tapete de madeira.

Uma grande tenda feita de luzes românticas e vintage foram estendidas. A pista de dança e toda a área tem um piso de madeira sem intercalações para não atrapalhar minha independência ao comandar a cadeira de rodas.

Tiramos muitas fotos, cumprimentamos os convidados recebendo as felicitações.

Romeo trouxe a irmãzinha no colo tendo meu pai como segurança. Eloah abriu o berro querendo mamar. Fomos para a mesa dos noivos. Peguei a fralda de pano dentro da bolsa da minha filha para cobrir parcialmente o seio da minha mulher.

—Irei a colocar no outro peito que está muito cheio e dolorido.

Com agilidade impedi que alguém espiasse o mamilo farto da minha esposa cobrindo a visão de qualquer pessoa com a fralda.

—Exagerado... —cantarolou.

—Sou cuidadoso com as minhas meninas.

—Muito. —sorriu.

Quando Eloah se deu por satisfeita a peguei no colo para a fazer arrotar. Laura aproveitou para comer. Ao longe vi o Romeo brincando com outras crianças.

Convidei os pais da Freya. Nunca passou pela minha cabeça que meu filho e Freya iriam se aproximar, principalmente por serem de séries diferentes.

Era vizinho dos pais da Freya. Havia se tornado rotina nos encontrarmos no parque ecológico do condomínio. Freya e Gael tinham quase a mesma idade. Começaram a fazer parte um da vida do outro desde meses de idade. Fiquei emocionado quando a vi no aniversário do Romeo.

—Muito bem, meu anjo. Será que quer um pouquinho de água?

Laura pegou a mamadeira dentro da bolsa térmica a entregando para mim.

—Depois da nossa dança, irei trocar o vestido. Quero comer de tudo um pouco que tem no *buffet* e usando esse vestido não será possível.

Gargalhei com a sua confissão. Essa é a minha mulher.

Primeira semana de julho.

Passamos duas semanas no Havaí. Eloah e Romeo foram conosco. Augusta foi com a gente para nos ajudar a cuidar das crianças e podermos aproveitar um pouco. Laura não queria, pois pensou nos filhos da Cuidadora. Mas ela disse que sua mãe ficaria com as crianças sem problemas, assim poderia nos acompanhar.

Falta uma semana para voltarmos a rotina. Romeo está animado com a volta às aulas. Estamos prontos para irmos ao *Bosques do Palermo* fazermos piquenique. Meu filho veio segurando seu boné do *River Plate*. Nosso time do coração.

Guardei para mim sobre acreditar que Romeo seja a reencarnação do Gael. Ambos tem a mesma cicatriz no antebraço e desde que vi Romeo senti que tinha algo diferente que me cativou. Preferi guardar minhas crenças sobre essa possibilidade.

No próximo final de semana iremos assistir um jogo deles no estádio. Meu pai, Calixto, Mariano e Zenon também irão conosco.

Laura saiu na frente para colocar nossa filha em segurança na cadeirinha —que ela não gosta nenhum pouco. É necessária muita distração para Eloah ir comportada na bendita.

Com a cesta de piquenique no meu colo estava prestes a sair quando escutei o telefone tocar. Pensei em ignorar, mas decidi atender:

—Gabriel Arkis falando.

—Senhor Arkis, é o diretor da penitenciária...

Coloquei o telefone sem fio em cima da mesinha quase sem reação.

Raf Navarro foi cruelmente assassinado na lavanderia da penitenciária. José e Tetê foram os responsáveis pelo crime bárbaro. Ainda relatou que Ruan se enforcou na cela com o lençol. Tudo isso

aconteceu ontem à noite. Resolveram nos informar hoje, após os responsáveis confessarem.

—Vamos, amor! —minha esposa me chamou.

Eu poderia estragar nossa manhã ao noticiar o que acabei de saber. Porém, não farei isso. Contarei à noite, quando estiver nos meus braços.

Laura ajudou Romeo a passar o cinto de segurança. Em seguida entrou no automóvel sentando no meio dos dois. É uma mãe e tanto. E mesmo começando a trabalhar nos institutos, estudando para concluir seu curso superior, tem tempo para nossos filhos e para nós dois. A morena é incrível.

Não seria justo conosco estragar o nosso dia em família ao contar o que aconteceu com os algozes.



Romeo está suado brincando de bola com a mãe. Eloah está empolgadíssima olhando para eles, claramente querendo participar da brincadeira. A mantenho entre minhas pernas, babando e mordendo os brinquedos de borracha. Com as costas encostadas no tronco largo da árvore me divirto olhando para minha esposa e filho.

Abracei a minha pequena, inalando seu xampu de bebê no seu cabelo. Ergui o rosto e olhei para o lado vendo vários casais caminhando, crianças brincando com seus pais e amiguinhos.

Só não esperava ver a Alma sorrindo de algo que um o homem alto fala. Os dois estão de mãos dadas e ela leva sua mão para a sua barriga. Alma está grávida. Sorri por vê-la tão feliz, de saber que encontrou o homem certo e será mãe novamente.

Como se percebesse que estar sendo observada olhou ao redor até seus olhos pararem em mim. Parou de andar e sorriu ao ver a menininha no meu colo. Acenou timidamente. Retribui o cumprimento para ela e o homem que sorriu simpático para mim. Depois voltou a caminhar conversando e acariciando sua barriga.

—Cansei! Agora vamos comer de novo. —disse Laura sentando pertinho de mim.

—Quero o sanduíche.

Nunca me senti tão completo. Pensei que não alcançaria a felicidade depois de ter perdido o Gael no acidente, me culpar e sentenciar minha própria pena. Contudo, nunca sabemos o dia de amanhã. E de uma coisa tenho certeza. Aprendi a dar valor para as coisas simples da vida, a ser uma pessoa melhor e fazer feliz quem me faz tanto bem.

—Amo você, pequena. —murmurei ganhando um sorriso lindo da Laura.

—Eu te amo, moreno. Muitíssimo.

Selamos nossos lábios num beijo delicado.

—Não, Eloah! Jesus!

Começamos a gargalhar. Em um momento de distração do Romeo, sua irmãzinha de mãos teimosas levou seus dedinhos danados até o bolo que ele equilibrava para tirar outros potes de dentro da cesta.

FIM!

CAPÍTULO EXTRA

Enquanto eu respirar.

Vinte e um anos depois...

ROMEO FUAD NAVARRO ARKIS



Formei-me em medicina na Universidade de Buenos Aires. A terceira melhor instituição da América Latina. Realizei minha inscrição no *CBC*—ciclo básico comum—assim que iniciaram as inscrições.

Na época, já sabia que queria ser médico. Então me dediquei mais aos estudos. Fiz o *CBC* presencial, li todos os livros obrigatórios com gosto, pois realmente sou um leitor assíduo. Fui aprovado em todas as disciplinas iniciais com notas excelentes.

Estou prestes a me formar oficialmente. Completei os sete anos de estudos com louvor. No entanto, ainda preciso trabalhar por seis meses no hospital. Optei em concorrer a uma das vagas que

abriu no *Hospital Rivadavia*. É um dos hospitais que integra o sistema público de saúde de Buenos Aires.

Não foi surpresa alguma quando contei a minha família que pretendia trabalhar no setor público. Poderia pegar o dinheiro que tem na minha conta e abrir uma clínica, investir em alguma rede de hospital. Porém, não quero nada disso.

Quero ajudar os menos favorecidos, fazer a diferença sendo um excelente médico para o sistema de saúde pública. Sou um privilegiado por vir de uma família rica. Dediquei-me aos estudos, me esforcei para entrar na UBA e sou o primeiro da turma por empenho próprio.

Farei minha especialização para ser cirurgião cardiovascular. Entretanto, antes passarei esses seis meses na clínica do hospital. Em seguida seguirei com o meu plano de carreira tendo o doutor Miranda como mentor. Um renomado cirurgião da área. Ganhou prêmios importantíssimos, além de reconhecimento internacional e nacional.

—Sua prima vai à festa hoje? —indagou Tristan.

Somos amigos desde o colegial. Compartilhamos o mesmo sonho em termos uma carreira sólida e prestigiada. Ele optou pela área da oncologia pediátrica.

Muitas vezes me questionei por não ter optado pela oncologia, especificamente a oncologia pediátrica. Foi difícil lutar contra a LLA —leucemia linfóide aguda. O processo doloroso marcou minha vida. Entrei na porcentagem de crianças que chegaram à cura.

Agora percebi que poderia ser um grande gatilho eu trabalhar na área da oncologia. Não seria saudável. Ser voluntário, divertir as crianças e participar de atividades era totalmente diferente de ser o médico delas.

—Cara, amo as minhas primas como se fossem minhas irmãs. Então, saiba que se magoar a Macarena terá quatro homens e dois piralhos Arkis querendo seu pescoço.

—Fala sério, Romeo. Parece que não me conhece.

—Estou avisando justamente por conhecer você.

Tio Mariano morre de ciúmes das gêmeas. Ester e Macarena estão com dezoito anos e ingressaram na UBA. Herdaram o cabelo

ruivo e gênio difícil da mãe. Amo a tia Lola, mas a mulher é pura gasolina quando está com raiva, ou quando algo não sai do jeito que gostaria.

Minha irmã Eloah está cursando Ciências Econômicas, além de fazer um curso de aperfeiçoamento de desenho. Ela é mais centrada, tudo tem que sair do jeitinho que organiza. Por ter sido uma criança arteira jurei que daria trabalho na adolescência, o que não aconteceu.

Diferente da Antonella, minha irmã do meio, que adora uma festa. O que mais preocupa o meio pai —e a família toda —é que seus namorados não passam um pinga de confiança. Abraham, meu irmão caçula, aos quatorze anos cumpre seu dever de ser um bom aluno na escola, faz parte do time de futebol da escola, é bastante social e carinhoso. E se dá muito bem com o nosso primo Luis Miguel —caçula dos nossos tios.

—Prometo que irei ficar longe da Maca.

—Bem melhor assim.

—Vamos à festa do Andrea. As gatas estarão...Ok, lembrei que você é o Senhor Certinho.

—Não sou! Curto festas, só não gosto de ficar bêbado até esquecer meu nome, consumir drogas e transar com uma, ou várias garotas.

—Você ainda é virgem, Romeo! Sério, não entendo sua decisão de esperar até o casamento.

Estou quase chegando aos vinte e oito anos e ainda não fiz sexo. E para mim está tudo certo. Decidi esperar até o casamento, uma decisão que tomei sozinho. Vamos as missas quase todos os domingos, participo de programas de jovens, gosto de fazer parte desses projetos. Não tive influência da religião, não totalmente, apenas quero esperar.

Decidi perder a virgindade com a mulher que me casar por me sentir mais confortável assim. Uma escolha que fiz aos dezenove anos.

Como todo adolescente na puberdade conheci meu corpo, tive a famosa conversa sobre “sexo” com os meus pais e umas explicações mais avançadas com a vó Joaquina. Masturbei-me

muitas vezes, faço ainda quando sinto a necessidade bater no meu corpo.

Sou um homem que se controlou para não transar, por estar esperando a pessoa certa, a qual irei me casar. Não tenho problema com isso.

—Se bem que a Freya não deixaria você ir sem ela.

Freya e eu estamos namorando a um ano e meio. Ela insistiu em nós, após termos nos beijado no carro quando a levei para casa. Sendo três anos mais velha está com a vida mais encaminhada.

Somos amigos desde o colegial. E foi uma adorável notícia saber que era amiga do meu irmão mais velho —o que não conheci. Infelizmente Gael faleceu no acidente de carro que sofreu com nosso pai e sua mãe. Teria adorado o conhecer. E ter Freya ao meu lado e ser seu amigo se tornou uma tarefa fácil. Principalmente quando fala um pouco que se lembra do meu irmão.

Mas acho que me equivoquei em ter direcionado nossa relação de amizade para amorosa. Freya sempre será importante e minha melhor amiga. Porém, não acho que sejamos realmente compatíveis. Enxergo que se esforça para tentar me acompanhar nas coisas que curto. E não é bem isso que quero.

Todos têm que ter sua própria identidade, um não tem que viver em função do outro. E no decorrer do nosso relacionamento tem se mostrado bem ciumenta, desconfiada e controladora.

—Ela está na Argentina. Volta amanhã à noite. De qualquer forma, não irei. Tenho que estudar.

—Juro que se não fosse sua avó sua vida seria um tédio.

Sorri lembrando que ontem aproveitei a folga e fomos praticar canoagem com o grupo de pessoas que fizemos amizades. Conhecemos eles em uma das escaladas. Minha avó criou um grupo de *WhatsApp* para nós.

—Dona Joaquina é vida!

Tristan riu.

Estacionei em uma vaga no estacionamento dos funcionários do hospital. Segui para o lado que funciona a clínica de cardiologia e Tristan para o seu caminho rotineiro.

Cumprimentei a Lucero —secretária. Logo entrou no consultório para passar os recados. Quase implorou para eu atender as ligações do senhor Juanes. O mesmo estar a deixando louca de tantas mensagens, ligações e e-mails exigindo refazer seus últimos exames. Ele acredita veementemente que tem algum problema no coração. O senhor Juanes é saudável. Muito.

Atendi quinze pacientes. Resolvi atender os seis idosos que confundiram o horário da consulta. Para não darem viagem perdida, ultrapassei meu horário deixando a Lucero chateada. Ela me perdoou assim que nossa refeição chegou. Fiz questão de pedir no melhor restaurante italiano da cidade.

Após terminar o almoço joguei as embalagens recicláveis no lixo comum. Peguei meu *kindle* dentro da bolsa, minha garrafa de água térmica e fui para o terraço da ala norte.

Estou ansioso para retornar a ler o livro *A Paciente Silenciosa*. A protagonista matou o marido com cinco tiros e nunca mais falou. E então o psicoterapeuta forense Theo Faber se determinou a tratar da Alicia —a protagonista—, meio que ficou obcecado por saber que tantos outros especialistas da área falharam. De uma coisa tenho certeza: nem Theo e nem eu, estamos prontos para ouvir o que a Alicia tem a dizer. Várias teorias estão na minha cabeça.

Passando pelo hall principal estranhei quando vi alguém em pé no teto de vidro. Será que a pessoa está pensando em se jogar? Como ninguém parece preocupado o natural seria não me importar. E se a pessoa for depressiva? Sou médico, porra!

Cheguei ao terraço que dá acesso ao teto de vidro respirando em haustos. Vim correndo pelas escadas que por alguns instantes pareceram infinitas.

É uma garota.

Seus cabelos cacheados acobreados balançam conforme o vento os ataca, medem até o meio de suas costas. Ela é pequena, branquinha e despojada. Seu par de *vans* preto surrado, a calça jeans um pouco folgada para o seu corpo, porém a camiseta simples de manga curta abraça perfeitamente seu corpo marcando a cinturinha, demonstram isso.

Seria inútil chamar sua atenção. Tem enormes fones de ouvidos tampando suas orelhas. Coloquei meu *kindle* e garrafa de água no chão. Assustá-la seria pior, poderia forçar o vidro, ir para frente e cair. Nem sei quanto que a estrutura aguenta.

Pisei no teto com cautela. Tenho que apenas caminhar e perguntar que caralhos está fazendo em cima do teto de vidro.

Toquei no seu ombro à fazendo virar de frente. Ela tem as alças da máscara hospitalar descartável nas orelhas, arriada abaixo da boca.

Seus olhos esverdeados me olham com diversão. Não estou a olhando com malícia, mas é impossível não reparar na sua beleza angelical, natural. Ergueu os braços finos para colocar os fones envolta do pescoço. Minha atenção ficou nas suas mãos cobertas por luvas de látex.

Não estar usando nenhuma identificação. Poderia ser paciente, acompanhante, visitante. Rapidamente comecei a buscar na memória doenças que exigem proteção dentro de hospitais.

—Você está bem? Parece...Assustado. —seu tom de voz é bem agradável.

—Sabe que está no teto de vidro?

Olhou para baixo sorrindo. Respondeu divertida:

—Costumo vir bastante aqui. Bom, quando venho ao hospital. Temos uma vista linda da Avenida *General Las Heras*.

Meneei a cabeça concordando. Ergueu a sobrancelha e proferiu:

—Espera, pensou que eu ia me jogar, ou que...?

—Não tinha certeza se o teto era seguro. Agora sei. Está aguentando nós dois.

Sorriu exibindo duas covinhas nas bochechas.

—É muito seguro. Você é médico, enfermeiro, técnico?

—Eu sou...

—Rosalía! Por Deus, menina! Sua mãe está atrás de você igual uma louca.

Fitei a enfermeira baixinha que a chamou com certo desespero. Rosalía subiu a máscara protegendo boca e nariz. Acenou e passou por mim.

Observei-a sair do terraço com a enfermeira falando sem parar. Sai do teto de vidro e peguei minhas coisas do chão. Olhando para a vista, busquei as possibilidades de a garota estar usando proteção individual dentro do hospital.

Ela parece tão frágil, delicada...

Fechei os olhos por alguns minutos, buscando no meu cérebro doenças que exigem proteção dentro do ambiente hospitalar. Ela parece bem, mas é tão pequena, um pouco pálida. Ou a garota pode ser do tipo de pessoa que acha melhor se prevenir.

Pensei, pensei e pensei. E nada.

Nota

Leitores “*Enquanto eu respirar*” poderá ser um *spin-off* ou um conto. Ainda estou decidindo e conto com a opinião de vocês. Quero deixar claro que “*Quero Você*” é volume único e essa ideia do capítulo extra surgiu com força na minha cabeça. Foi inevitável.

Para esclarecer não terá *spin-off* e nem conto da Lola e Mariano. Eles são personagens secundários, uns dos mais divertidos que escrevi e criei, porém não quero esticar a história deles. Tiveram um bom desfecho.

Livro Físico

Pretendo iniciar a pré-venda do livro físico em julho. Fiquem de olho no meu Instagram onde irei anunciar tudo com maiores detalhes.

O livro passará por uma nova revisão. No físico será o livro com dedicatória +marca-página tradicional +brinde extra.

Contato

INSTAGRAM: @dudaahfonsecaautora

Link: <https://bit.ly/3deZ9FW>

Playlist do livro no Spotify: Quero Você (volume único)

Link: <https://spoti.fi/2LZI0Ek>

Grupos de WhatsApp e Telegram:

Basta entrarem em contato comigo pelo Instagram que passo o link dos grupos.

Obras

LIVROS DA SÉRIE O Juiz Tatuado:

DELINQUENTES POR AMOR – Três metros acima do céu. O início de tudo. História do Eduardo e Selenia.

Link: <https://amzn.to/2XTselK>

O JUIZ TATUADO. Livro sobre o primogênito dos Lacerda. História do Luís Eduardo e da Maria Flor.

Link: <https://amzn.to/2VLvE7t>

O JUIZ TATUADO: Para sempre o seu Tatuado. Segundo livro sobre o casal Luís Eduardo e Maria Flor.

Link: <https://amzn.to/2KpuERc>

CATIVADO. História do doutor Alex Severo e da Eleonor Lacerda

Link: <https://amzn.to/2VqBTOX>

O MERITÍSSIMO TATUADO. História do Juiz Samuel Medeiros e da Agatha.

Link: <https://amzn.to/2XUUT9S>

O DESTEMIDO TATUADO. História do Enzo e da Jasmim.

Link: <https://amzn.to/2RXc1bf>

OBSTINADO TATUADO. História do Miguel e da Nayara.

Link: <https://amzn.to/2VtXeXX>

O DELEGADO TATUADO. História do Elordi Medeiros e da Arizona Severo. Previsto para julho/agosto de 2020.

Duologia Rio de Janeiro

O EXECUTIVO (livro 1 da duologia Rio de Janeiro)

Link: <https://amzn.to/3btqoMd>

O MEU JEITO DE AMAR (livro 2 da duologia Rio de Janeiro)

Link: <https://amzn.to/3avCyCR>

Série Os Falcão (são 4 livros)

O PREÇO DO PODER (livro 1 da série Os Falcão)

Link: <https://amzn.to/2RWL9YU>

MINHA PARA PROTEGER (livro 2 da série Os Falcão)

Link: <https://amzn.to/3bsG2Yk>

PARA AMAR E PROTEGER (livro 3 da série Os Falcão)

Link: <https://amzn.to/2RVHAIT>

MEU PARA AMAR (livro 4 e último da série Os Falcão)

Link: <https://amzn.to/2yvAZaT>

Novela Irmãos Ferrara

NOSSO ÉDEN (livro 1 da trilogia Irmãos Ferrara)

Link: <https://amzn.to/2KpwOAi>

Livros de Volumes Únicos

QUANDO EU AMO É SEM LIMITES (volume único)

Link: <https://amzn.to/3bteGkG>

CLÃ (volume único)

Link: <https://amzn.to/2Kr4Val>

LAÇOS DE AMOR: a redenção de um homem (volume único)

Obs: Sairá em físico pela editora Destaque Editorial.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à Deus por mais um trabalho realizado. Um agradecimento em especial para todos os meus leitores dos grupos do *WhatsApp* e *Telegram*, vocês são incríveis. Claro, não poderia esquecer da minha maior apoiadora minha mãe, dona Maria José.

Obrigada por me proporcionarem tudo isso. Amo todos vocês!